REVISTA

DO

INSTITUTO ARCHEOLOGICO

E

GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO

N. 45





PERNAMBUCO
TYPOGRAPHIA DO «JORNAL DO RECIFE»
47—Rua 15 de Novembro—47

1894



O BRASIL PREHISTORICO

(FRAGMENTOS DE UM LIVRO INEDITO)

A America quasi que vai deixando de ser *um grande mysterio* como, na sua obra *O Homem Prehistorico*, a qualifica Wilson, o sabio escriptor inglez.

As investigações da sciencia, as descobertas archeologicas têm principiado a levantar a ponta do véo que envolvia o *Novo Mundo*, nas epochas precolombianas: e hoje estão mais ou menos esclarecidos muitos pontos, que anteriormente se consideravam obscuros.

Si, porém, tem sido grande e proficua a cruzada levantada com relação á America do Norte e á Central, na America do Sul as investigações dos sabios estrangeiros se têm estendido, de preferencia, a outros paizes que não ao Brasil, o qual, a não serem os trabalhos de Barbosa Rodrigues, Ladisláo Netto e Lacerda, só recebe de soslaio algum raio da luz que se vai fazendo para as demais regiões do continente americano.

Entretanto devia elle occupar o primeiro lugar nos estudos prehistoricos, porque, muito antes que a Europa, a Africa e a Asia surgissem das aguas, muito antes que a America do Norte e a do Sul se desvendassem aos olhos do mundo, para em seu sólo erguerem-se os palacios, as fortificações, as pyramides, os tumulos e outros monumentos, cujas ruinas ainda hoje admiramos, já o Brasil se ostentava como uma terra existente no meio do oceano.

E não somos nós que o dizemos: dil-o o profundo geologo dinamarquez Dr. Guilherme Lund, esse espirito culto que passou entre nós a maior parte de sua vida, consagrado ás investigações da sciencia; esse sabio, que, penetrando nas grutas e cavernas do nosso paiz, mais deslumbrante do que

a luz dos archotes, reflectindo nas estalactites e estalagmites, trazia a luz de sua intelligencia esclarecida pelo estudo.

E de feito, segundo a sua abalisada opinião, a ausencia de depositos secundarios no *plateau* central do Brasil prova que elle já se achou elevado acima do mar n'uma epocha anterior ao tempo, em que principiou a formação dos depositos submarinos ; ou em outros termos que já existia, como um continente extenso, a parte central do Brasil, quando as mais partes do mundo estavam ainda submergidas no seio do oceano universal ou surgiam apenas como umas ilhas insignificantes ; tocando assim a elle o titulo de ser o mais antigo continente do nosso planeta.

. . . .
. . . .

Os dolmens do Brasil

Dolmen, segundo Mauricio Lachatre, no seu — *Novo Diccionario Universal* — é um altar ou tumulo druidico formado por uma grande pedra, erguida perpendicularmente ou horisontalmente collocada sobre duas ou mais pedras menores.

Nadaillac, apresentando a etymologia da palavra, fal-a derivar do celtico *daul* mesa e *maen* pedra ; pelo que significa mesa de pedra.

Os dolmens estão espalhados por toda a superficie do globo, pois elevam-se na Europa, na Asia, na Africa, onde apenas a sua fórma varia de modo pouco sensivel, e são igualmente observados no continente americano.

Refere Darwin, na obra *Viagem de um naturalista em roda do mundo*, haver encontrado um dolmen na Patagonia ; e o festejado autor do livro *Os Primeiros Homens* nos falla de numerosos quadros que no Congresso prehistorico, reunido em Paris no anno de 1867, expoz Mr. Squier, representando os tumulos peruvianos, em diversas epochas, e mostrando a evolução destas sepulturas desde a pedra tumular até o dolmen completo ; o que prova que, como os *mounds* na America do Norte, na do Sul tem sido encontrados aquelles monumentos prehistoricos.

E si nas duas regiões meridionaes do Novo Mundo, a Patagonia e o Perú, são elles frequentes, ha toda a probabilidade para suppor-se que existissem no Brasil, ou como monumentos religiosos ou simplesmente funerarios.

A obra *Lamentação Brasilica*, escripta por um homem que narra despretenciosamente o que vira e o que lhe informaram, refere no Ceará e no Rio Grande do Norte a existencia de pedras dispostas de modo a formarem dolmens completos.

Diz essa obra que no primeiro daquelles Estados, no sitio Bom Jesus, entre Caminhadeira e Bôa-Vista, no caminho de Aguas Mortas vê-se uma pedra quadrada ou faceada, assentada sobre trempe de pedras menores e perto della descobrem-se differentes letreiros.

O mesmo se observa no lugar *Lagôa Pintada*, junto a serra dos Côcos, onde, proximo de uma pedra, em que se acha esculpida uma cruz e outros desenhos, se encontra uma lapida assentada tambem sobre trempe.

E si do Ceará passarmos ao Rio Grande do Norte veremos que ahi, no sitio *Cova dos Defuntos*, dir-se-hia ter-se levantado um desses monumentos que o general Feidherbe considera o dolmen typo, pois, segundo a descripção do autor da *Lamentação Brasilica*, consta elle de *lapidas fixadas umas ao correr das outras, feitas em quadro, á maneira de curral e em que ha repartimentos para sepulturas*; faltando-lhe apenas a pedra que o devia ter coberto e que talvez seja a que diz elle alli existir, inclinada para um serrote, em redor do qual se veem letreiros.

Notam-se ainda sobre um lagedo do lugar *Lanchinhas*, no mesmo Estado, duas lapidas grandes quadradas, com fórma de *mesas*; accrescentando o referido escriptor que estas foram evidentemente feitas por mãos humanas e bem assim que os lagedos desse lugar estão assignalados por muitos caracteres desconhecidos.

Affirma igualmente o conego Bernardo de Carvalho de Andrade, mencionado pelo Dr. I. Joffily no seu livro—*Notas sobre a Parahyba* existir na serra do Teixeira desse Estado uma pedra collocada sobre outra, formando uma trempe.

Não menos interessante é a que o autor da obra citada descobriu em Inhamuns no sitio *Carcará*, no Estado do Ceará, a qual tem o aspecto de um *barco pequeno com a popa sentada em terra e a prôa levantada para o poente, encostada sobre outras pedras menores e toda cheia de inscripções*; parecendo-me assignalar ella um dolmen de configuração especial, que ahi se tivesse erigido; o que não é muito fóra de proposito, pois, como menciona Nadaillac, a pedra Martina, que serve de mesa de um monumento daquelle genero per-

to de Livernon (Lot) apresenta tambem a fórma de um batel; sendo bastante o simples impulso da mão para fazel-a balançar sobre as duas pedras, que a sustentam por um milagre de equilibrio.

O visconde de Porto Seguro, ainda que ligeiramente, allude tambem á existencia de um dolmen encontrado por elle no Estado de S. Paulo, embora não o classificasse depois entre essa ordem de monumentos.

Descrevendo, n'um trabalho seu, intitulado *Ethnographia Indigena*, a excursão que fizera por aquelle Estado e partilhando da crença de que um dia o acaso fará descobrir na vasta extensão do Brasil alguns monumentos de outra geração anterior e mais civilisada que a raça degenerada que a povoava na epocha do seu descobrimento, refere o illustre historiador ter visto de longe, á esquerda do caminho de quem vai do povoado de Ponta Grossa a freguezia de Palmeira, diversas pedras collocadas com tal ou qual symetria, á semelhança dos *monumentos druidicos* da Europa; sendo para sentir que não as examinasse elle de perto, o que si fizesse, talvez se convencesse de que se tratava não de uma simples casa de pedra, como posteriormente lhe pareceu, depois que viu a collecção ingleza de Purchas, mas de um verdadeiro dolmen, desses que os druidas construiam e que tinham as vezes o aspecto exterior de uma casa; como o que se achou em Antequera, na Hespanha, o que se descobriu perto de Esse, no departamento de Ille Villainee sobretudo o denominado da pedra turqueza, proximo de Pariz, do qual apresenta Buchner o curioso *fac-simile* na sua obra—*O homem segundo a sciencia*.

Mais importantes, porém, do que esses são os que, sob a fórma de altares, se elevam em varios pontos dos Estados de Pernambuco e Parahyba.

Ferdinand Diniz, occupando-se das antiguidades de Pernambuco e parecendo acreditar que o territorio deste Estado já foi habitado por uma nação mais adiantada em civilisação do que todas as que existem no Brasil, pois tinha alguns rudimentos de architectura, recorda-nos ligeiramente o que refere Barleus com relação ao grande numero de pedras, evidentemente amontoadas pela mão dos homens e que Elias Herckman encontrou na sua viagem ao sertão daquelle Estado.

E de feito, consultando-se a obra do erudito hollandez, intitulada—*Historia dos successos que occorreram no Brasil e*

em outros lugares durante os oito annos do governo do conde Mauricio de Nassau, vê-se que o illustre historiador, na parte em que descreve a excursão de Herckman pelos desertos de Copaóba, nos falla de dolmens construidos nos sertões deste Estado e do da Parahyba; pois outra ordem de monumentos não representam essas pedras enormes (*magnæ molis lapides*) que aquelle viajante encontrou em seu caminho amontoadas pelo esforço humano (*humano labore congesti*) e de forma tal que dir-se-hia imitar altares (*ea formâ ut aras referre videantur*) pedras que, pela sua grandeza, não se acreditaria que para alli tivessem sido transportadas por mãos humanas (*quos nulla vectatione, nulla vi illuc deportari potuisse ob magnitudinem credas*).

No seu precioso livro—*A America Prehistorica*, o sabio Nadaillac, opinando que tudo parece provar que os Guaranis tiveram como predecessora ou contemporanea uma raça mais civilisada, allude a esses raros megalithos, descobertos por Elias Herckman; e mais recentemente o litterato portuguez A. Lopes Mendes, que percorreu a America do Sul, faz delles menção na sua excellente memoria, intitulada —*O Oriente e a America*, apresentada ao Congresso Internacional dos Orientalistas em Lisboa; pensando que se trata de verdadeiros dolmens e accrescentando que, como as *antas* em Portugal e na India os *houris* dos Pandáos, tambem em Minas Geraes e principalmente no Piauhy se encontram desses monumentos prehistoricos.

Comparando-os com outros, diz Barleus que os megalithos que Elias Herckman descobrira eram iguaes aos que se vêem na região do Drenthe na Belgica; comparação esta contra a qual nada prova a observação de Mortillet de não existirem dolmens em toda a região occupada pelos belgas, desde a embocadura do Drenthe até os limites da Normandia, porquanto, como judiciosamente pondera Nadaillac, é muito possivel que estejam hoje destruidos alguns desses monumentos, que existiam outr'ora não só naquella região, como em outras apontadas por Mortillet; o que é tanto mais admissivel quanto entre a epocha em que escreveu Barleus e a em que escreve o sabio archeologo francez medeiam duzentos annos, espaço de tempo este mais que sufficiente para operar-se a destruição dos dolmens, que ainda se conservavam de pé na epocha do escriptor hollandez.

O que cumpre, entretanto, averiguar é a existencia, em nosso paiz, dessa especie de monumentos descobertos no se-

culo 17 e ainda no actual por diversos viajantes; pois que, si por um lado a falta de investigações e estudos necessarios sobre essas pedras, dispostas de modo todo particular, autorisa a supposição de estarem alli collocadas por um mero acaso ou como um capricho da natureza, por outro o facto de acharem-se quasi sempre letreiros proximos dellas e a circumstancia de não haver nas suas visinhanças alguma curiosidade, a que possam elles referir-se, parecem estar indicando a existencia de verdadeiros monumentos prehistoricos, pertencentes á cathegoria dos dolmens, attenta a forma especial, que elles apresentam, forma que, por certo, não lhes foi dada sem significação pelo povo que os construiu.

JOÃO BAPTISTA REGUEIRA COSTA.

AMERICA

I

Em 1492 foi descoberta a America pelo genovez Christovam Colombo.

Existisse ou não a lendaria Atlantida de Platão; tivessem os povos da antiguidade conhecimento do continente americano; admittidas como reaes as relações dos egypcios e da raça tartara, na idade media, com esta parte vastissima do mundo; acceito como verdade que já no seculo X os audazes piratas scandinavos, guiados por Erico Rauda e os dous islandezes Bioern Hersuefson e Leif Erikson, e no fim do seculo XIV e principio do seculo XV os irmãos Zeno, cujas viagens foram seriamente contestadas, houvessem chegado aos mares e terras do novo mundo, a estrella brilhante do immortal Christovam Colombo não poderia empallidecer por esses acontecimentos incertos e fugitivos do, mesmo modo que seis annos mais tarde a gloria, grande, immensa, de Vasco da Gama, que incontestavelmente foi o primeiro que conseguiu a circumnavegação do continente africano, não foi prejudicada pelas problematicas tentativas dos gregos e dos phenicios, celebres navegantes da mais remota antiguidade, além das columnas de Hercules; pelas excursões dos genovezes e dos carthaginezes que mais se aventuraram no Oceano; pelas correrias dos arabes até ao cabo *Bojador*, e de Gil Eannes além da costa de *Sahara*; pelas longas viagens dos portuguezes, sob a valiosa protecção do infante D. Henrique — o navegador, — que se extenderam á *Serra Leoa*, finalmente pelo grande feito de Bartholomeu Dias, que em 1486, no reinado de D. João II — o perfeito, — chegou ao cabo das *Tormentas*, ao qual aquelle rei deu o nome de cabo da *Bôa Esperança*.

A presente noticia do descobrimento da America, escripta em 1892, foi em grande parte extrahida de importantes documentos publicados por occasião das festas do quarto centenario.

Os precursores de Vasco da Gama prestaram, entretanto, serviço inolvidavel fazendo com que se desvanecessem os preconceitos da ignorancia que reputava inavegavel o mar *Tenebroso* e o povoava de verdadeiros prodigios e monstros capazes de atterrar os mais afoutos homens do mar, e a que o proprio Séneca, cujo testemunho é invocado por Latino Coelho, chamava *mare immotum, pigra moles, confusa lux alta caligine et interceptus tenebris dies, nulla aut ignota sidera.*

***

A maior aspiração do seculo XV era descobrir caminho mais facil e menos arriscado para a India, alvo deslumbrante da cobiça dos povos do occidente, perfeitamente materialisada pela fabulosa expedição dos argonautas em busca do vello de ouro.

Aquellas regiões maravilhosas foram bem pouco conhecidas pela antiguidade; seus mysterios começaram a ser devassados pelos gregos no tempo de Alexandre, de cujas façanhas e viagens, mais de trezentos annos antes de J. C., fez o itinerario minucioso Arríano, historiador do seculo II.

Sahindo o grande conquistador de *Pela* na Macedonia e depois de atravessar diversas regiões da Europa, passou pelo Egypto onde fundou na antiga *Rakotis* dos Pharaós a cidade *Alexandria*, nome que deu a mais de setenta lugares por onde abriu caminho sua espada triumphante; conquistou facilmente a Palestina e depois de descrever na carta da Asia verdadeiros arabescos penetrou pela *Persia* até *Polala* no extremo do delta do *Indus* onde abriu um porto; além começavam os desertos.

Concorreram para conhecimento dos referidos lugares os companheiros de Alexandre e entre elles Nearco, seu general, que seguindo pelo braço direito do *Indus* fez novos caminhos até á embocadura do rio *Euphrates*.

Seguiram-se as explorações dos egypcios na dynastia dos *lagides* ou dos *Ptolomeus*, as quaes se extenderam até trinta annos antes de J. C., após longa interrupção das que por parte d'aquelle povo, no reinado de Ramasses II no seculo XVII da mesma era, tiveram lugar nas margens do mar *Erythreo*, segundo Herodoto—o pai da historia.

As expedições dos romanos não passaram do rio *Euphrates* que desce das montanhas da Armenia até ao *Tigre;* e sómente depois que se tornaram elles senhores do Egypto, vinte e nove annos antes de J. C., abriram communicação

até ao *Malabar*, na costa do *Decan*, partindo do *Erythreo* como então se chamavam o mar das *Indias* e o mar *Vermelho*.

Os christãos que desde o anno trinta e tres da nossa era se espalharam por toda a Asia, deram causa as novas relações com o oriente e a importantes estabelecimentos no seculo VI em *Malabar* e no *Ceylão*.

Aos arabes a quem no seculo IX se deve o maior desenvolvimento do commercio com a India, succederam no seculo XII os venezianos e os genovezes; no seculo XIII o maravilhoso veneziano Marco Polo durante vinte e seis annos —1271 a 1297—de peregrinação pela Asia até aos seus confins traçou o caminho para *Pekin*, visitando a *China*, *Cathay*, *Manghir*, a *Conchichina*, *Malacca*, a *Persia* e o *Japão* (Cipango), sendo nessa empreza gigantesca substituido por seu compatriota Nicoláo Conti.

Já nesse mesmo seculo XIII o italiano João Duplan de Carpino, arcebispo de *Antivari*, mandado por Innocencio IV á *Kaptchak* para entender-se com o Kan dos tartaros sobre as perseguições por elle exercidas contra os christãos, havia publicado uma curiosa *Relação de suas viagens*, de 1245 a 1247, pelas terras dos mongoles occupadas então por Gaiuk, neto de Gengiskan.

***

Varios eram os caminhos procurados, durante tantos seculos, por esses povos a que nos temos referido. O oceano *Indico*, o golfo *Arabico* ou mar *Vermelho* até ao isthmo de *Suez*, cujo canal se julgou impraticavel antes da titanica empreza de Fernando Lesseps, cuja velhice foi tão dolorosamente perturbada em razão de projecto semelhante no isthmo de *Panamá*; o golfo *Persico* entre a *Persia* e a *Arabia*; os mares internos *Caspio* entre a Europa e a Asia, *Ponto Euxino* ou mar *Negro*, e até Alexandria o rio Nilo que os antigos egypcios tomavam por uma emanação divina de Knuphis, eram os caminhos pelos quaes se fazia o transporte das mercadorias vindas do oriente e das que para alli eram levadas em escambo. Os pontos intermediarios eram ligados por caravanas, entre outras as do mar *Vermelho* até *Koptos*, moderna *Kept* e d'alli para *Memphis*, antiga capital do Egypto onde nasceu Moyses e reinou Joseph, e em cujas ruinas existe por terra o colosso de Ramasses II e para *Alexandria* celebre na antiguidade por possuir a maior bibliotheca do mundo e ainda hoje importante entreporto commercial da Europa com o Egypto; as de *Tanais*,

ou *Iaxarte*, onde Alexandre fundou *Alexandreschata*, da antiga *Sarmacia* no rio *Don*, para as mercadorias dos genovezes e venezianos; as de *Bassora* no golfo *Persico* e as do mar de *Azof*, antiga *Palus Meotis*, golfo do mar *Negro*, para a capital da China que levavam um anno de viagem.

Os grandes embaraços resultantes dessas longas travessias augmentaram no meado do seculo XV, no dominio dos turcos que prohibiram a passagem pela Asia Central e no principio do seculo XVI, quando tornando-se elles senhores do Egypto interromperam as communicações pelo mar *Vermelho*.

A necessidade que ha tantos seculos se fazia sentir de se estabelecerem novas relações com as regiões orientaes, exigiu então solução urgente, prompta. O transporte pelas rotas já batidas era, como já dissemos, arriscado, demoradissimo e acarretava tão enormes dispendios com os fretes excessivos e pesados tributos que as fazendas chegadas ao seu termo só podiam ser vendidas por preços exorbitantes.

***

Christovam Colombo com a sua longa pratica dos mares, pois que ainda muito moço havia já corrido quasi todas as partes do mundo conhecido, e com o estudo serio que fizera da geographia, propunha-se a encontrar esse caminho tão desejado.

Em sua carta de 13 de setembro de 1501, antes de sua terceira viagem, escripta aos reis catholicos, dizia elle:

« De muy pequeña edad entré en la mar navegando, é lo he continuado fasta hoy. La mesma arte inclina á quien la prosegue á desear de saber los secretos deste mundo. Yá pasan de cuarenta años que yo voy en este uso. Todo lo que fasta hoy se navega todo lo he andado. Trato é conversacion he tenido con gente sabia, eclesiasticos y segulares, latinos y griegos, judios y moros, y con otros muchos de otras setas. »

Chegou a convencer-se de que navegando sempre para o occidente, procurando o levante pelo poente, depois de mil leguas atravez do mar *Tenebroso*—o legendario Atlantico—iria deparar com as Indias que denominaria de orientaes: primeiramente o imperio de *Cipango*, depois as vastas regiões de *Catay*, além a florescente provincia de *Manghir*, logo depois as ilhas da *Especiaria*, *Ceylão* com suas perolas e *Ophyr*—de onde Salomão extrahiu tanto ouro;—e por

fim, escreve Patricio Montojo, illustrado autor do *Ensaio Critico das primeiras terras descobertas por Colombo*, para si, pobre marinheiro de *Genova*, a gloria de haver descoberto o accesso de tão portentosas regiões, a estima dos reis catholicos e o respeito dos seus contemporaneos.

Excitavam-lhe a viva imaginação as narrações maravilhosas de Marco Polo no seculo XIII, de quem já tivemos occasião de nos occupar.

A dar-se credito á obra publicada pelo celebre veneziano e da qual nos escreveu noticia minuciosa Eduardo Leon y Ortiz, distincto professor da universidade de Madrid, *Catay*, *Manghir*, e *Cipango* comprehendiam a China septentrional, a meridional e o *Japão*. Em *Cambalú* (Pekin) capital da esplendida *Catay*, residia o *Kan*, nome dado aos grandes chefes tartaros, descendentes do afamado conquistador Gengis-Kan, imperador dos mougoles.

Era estupendo, não póde ter outra qualificação, o seu commercio de pedras preciosas, perolas, perfumes e dos mais delicados tecidos de seda. O palacio do *Kan* que se compunha de varios edificios na extensão de mais de uma legua, era de riqueza deslumbrante.

Manghir, igualmente possessão do principe tartaro, dividia-se em nove governos sujeitos a reis tributarios; tinha doze mil cidades e seu commercio era de ouro, prata, sedas, especiarias e perfumes. Em *Kinsay*, sua capital, havia doze mil pontes com arcos tão elevados que por debaixo delles passavam os navios sem tirar os mastros. Seiscentas mil familias occupavam as mais bellas residencias e magnificos palacios. Sómente banhos publicos contavam-se tres mil!

Em *Cipango* abundavam o ouro, as perolas, e as pedras preciosas. Entre *Cipango* e *Manghir* existiam mais de sete mil ilhas, nas quaes cresciam as arvores privilegiadas, de que se extrahiam os mais finos perfumes. No palacio do rei, as paredes, os tectos das salas, as telhas, as portas e janellas eram cobertas de ouro!...

Tanta maravilha, tantos palacios de ouro, accrescenta Leon y Ortiz, teriam provocado da parte dos leitores a mais decidida incredulidade, si Marco Polo e seus companheiros não houvessem exibido provas irrefragaveis das riquezas existentes nos lugares por onde peregrinaram, levando comsigo para a Italia os mais preciosos specimens.

***

Christovam Colombo foi induzido a emprehendimento tão gigantesco, reputado naquelle tempo um acto de rematada loucura, por uma grande verdade e por um grave erro.

A verdade por elle reconhecida era a esphericidade da terra e consequente existencia dos antipodas, até certa epocha contestadas pela cosmogonia religiosa, mesmo depois da doutrina de Pythagoras no seculo XI antes de J. C. e dos astronomos gregos que foram os primeiros a fazer um estudo serio dos astros.

O erro, que Martim Ferreiro, illustre secretario perpetuo da Sociedade Geographica de Madrid, qualifica de transcendencia providencial, provinha das dimensões dadas por Ptolomeu, no seculo II antes de J. C., á circumferencia do meridiano, reduzindo na razão de 40 para 29 o calculo de Hipparco, nascido em Nicea no mesmo seculo, calculo que muito se approximava da verdade.

O grande navegante genovez acreditava, por essas dimensões de Ptolomeu, e guiado pelo mappa do medico de Florença Paulo Toscanelli, reprodusido no globo do allemão Martin Behaim, ser a terra muito menor e que as costas da Asia estavam muito proximas da Europa e da Africa.

Não contava, por certo, que além do Atlantico com seus cem milhões de kilometros quadrados pela medida hodierna, existiam de permeio um grande continente e depois delle o immenso mar *Pacifico*, que sómente em 1513 foi avistado pelo hespanhol Vasco Nunes de Balboa que teve morte tão tragica em 1517.

***

Não obteve Colombo os recursos de que carecia para levar a cabo o projecto grandioso que lhe occupava o pensamento noute e dia, nem na Italia que chegou a dominar o mundo antigo no imperio de Octavio e que mesmo naquella epocha ainda era notavel pelos excellentes nautas que sahiam de seus portos no *Mediterraneo* e no *Adriatico*; nem tão pouco os obteve em Portugal, famoso no seculo XV por suas vastas conquistas.

Eis as palavras que Lope de Vega, autor de mais de duas mil peças de theatro no seculo XVI, attribue a D. João II, quando rejeitou a proposta de Colombo para descobrir novas terras, de cuja existencia estava convencido, além de outras razões, pela declaração que no Funchal capital da ilha da Madeira, lhe fizera na hora da morte um ma-

rinheiro muito pratico, Perestello seu sogro, que dos lugares por elle conhecidos em suas excursões tirara duas cartas que entregou ao genovez :

No sé cómo te he escuchado,
Colon, sin aver reido,
Hasta el fin, lo que has hablado ;
El hombre más loco has sido
Que el cielo ha visto y criado.
Un muerto com frenesi
Te pudo mover ansi
Con dos borrados papeles :
Si de engañar vivir sueles,
Como te atreves á mi !

Desanimado pelo frio acolhimento que á principio recebera da côrte de Hespanha, chegou Colombo em 1484 ao convento da *Rabida* em *Palos* de *Moguer*, a pé e tão pobre que para seu filho menor Diogo que o acompanhava, pediu aos frades pão e agua e para ambos hospedagem.

Confiou seu plano ao medico do lugar Garcia Fernandez e a Fr. João Perez que lhe dispensaram valiosa coadjuvação e meios de chegar elle á presença dos reis catholicos Fernando e Isabel que por seu casamento haviam em 1469 reunido sob o mesmo sceptro as coroas de Castella e Aragão.

Aos franciscanos parecia que não era para ser desprezado um projecto que importava a possibilidade de propagar-se a sua religião até aquellas regiões ignotas, entregues ao gentilismo.

Si o filho do fabricante de pannos de Genova encontrou bôa vontade em muitos, deparou tambem com a incredulidade e perseguição de outros, sendo por isto obrigado a demorar-se na Hespanha desde 1485 até 1492 com o fim de remover os grandes embaraços que lhe eram oppostos ; e como em todas as acções magnanimas tem sempre cabimento o amor da mulher, não faltou n'aquelle tempo quem attribuisse tão extraordinaria demora na Hespanha á sua paixão por Beatriz de Aranha.

Afinal os meios de que necessitava Colombo para realisar a transformação do mundo, recebeu elle dos reis catholicos, cuja generosidade, depois tão tristemente desmentida, foi ainda mais admiravel, porque justamente naquelle anno de 1492 a Hespanha lutava com os mais serios embaraços para consolidar a unificação da patria reconquistada,

e tinha suas finanças compromettidissimas em consequencia da guerra sustentada contra os mouros, que havendo fundado o reino de Granada no principio do seculo XIII, delle estiveram de posse até então, sendo depois de longo cerco expellidos; com a fuga de Boabdil, seu chefe que foi morrer assassinado na Africa, ficou extincta a dynastia dos naserides.

E provava o estado precario do thesouro dos reis catholicos a necessidade que teve a rainha D. Isabel, segundo era crença daquelle tempo, fundada em documentos de cuja authenticidade não era licito duvidar, de empenhar em 1487 suas joias, depositando-as no convento de S. Jeronymo de Cordova, para fazer face a despesa de um milhão cento e cincoenta mil maravedis, custo da expedição de Colombo, além do dinheiro fornecido pelos mercadores de *Sevilha* e de *Huelva* na importancia de mais de meio milhão de maravedis.

Tambem no anno de 1491 os reis de Hespanha, Fernando e Isabel, tiveram precisão de obrigar-se por escriptura publica a pagar a D. Diogo de Azevedo sete contos de maravedis de ouro e prata que haviam tomado emprestados para despezas da guerra contra os mouros.

***

Em tres frageis embarcações atreveu-se Christovam Colombo a affrontar o mar *Tenebroso* que tanto terror inspirou aos povos da antiguidade; eram as seguintes: a nau *Santa Maria*, chamada até então a *Gallega*, servindo de almiranta por ser a de maiores proporções; pertencia a João de la Cosa, que como mestre della acompanhou o genovez nessa sua primeira viagem; a *Pinta* de propriedade de Martin Alonso Pinzon que com seu irmão Vicente Yañez Pinzon tanto concorreu para o feliz exito da empresa, na qual ambos tomaram parte, sendo Martin o capitão da caravela; e finalmente *Santa Clara* ou *Nina* que era a menor e devia o nome ao seu dono João Nino, que com seus irmãos Pedro e Francisco foi na expedição, o primeiro como mestre, o segundo piloto e o terceiro simples marinheiro.

***

A nau *Santa Maria*, naufragada, como mais adiante veremos, no dia 25 de dezembro d'aquelle anno de 1492, em frente da ilha *Hespanhola*, foi depois de quatrocentos annos

fielmente reproduzida, segundo o modelo das caravelas do seculo XV, correndo sua construcção por conta do governo hespanhol, no arsenal de *Carraca*; lançada n'agua em *São Fernando* no dia 26 de junho de 1892, sahiu d'alli para *Huelva* no dia 31 do mesmo mez para tomar parte nas festas do centenario; as outras duas, a *Pinta* e a *Nina*, igualmente reproduzidas em Barcelona á custa do governo americano, depois das festas do dia 3 de agosto, foram rebocadas para New-York e d'alli para Chicago.

***

No dia 3 de agosto do referido anno de 1492, acompanhado dos celebres marinheiros — Pinzons — os argonautas modernos, como os denomina um escriptor notavel, partio Christovam Colombo de *Palos* de *Moguer*, a antiga *Olanligi* dos phenicios, *Pal[illegible] Eneph* dos romanos, afamado porto do Mediterraneo.

Quizeramos acompanhar de perto o illustrado Emilio Castellar em suas excellentes *Ephemerides do descobrimento da America*, relativas aos mezes de agosto a desembro; mas uma descripção minuciosa como a que nellas se contem, excederia os limites que temos traçado para este tosco trabalho, cujo fim unico é não deixar que passe inteiramente desapercebido entre nós o grande facto que com festas tão magnificas está sendo commemorado actualmente em quasi todo o mundo.

De Cadiz o famoso nauta zarpou para as Canarias — Insulæ Fortunatæ — como as denominou o papa Clemente VI na doação que dellas fez a D. Luiz de Lacerda, neto do infante de Castella D. Fernando, bisneto de D. Affonso — o sabio.

Foram essas ilhas conhecidas na antiguidade pelos phenicios e pelos carthaginezes; nos tempos medievaes pelos genovezes em data ignorada e pelos francezes em 1330. Em 1403 cahiram sob o dominio dos hespanhoes, consolidado sómente em 1512 por occasião do exterminio dos indios que as occupavam. Entretanto os historiadores portuguezes affirmam, com muito bôas razões, que já antes de 1344, data da cerebrina doação do papa, havia o rei de Portugal D. Affonso IV mandado gente sua explorar as Canarias, não continuando no mesmo proposito por causa da guerra que foi obrigado a sustentar contra os mouros e contra os castelhanos.

Chegando Colombo ás *Canarias* no dia 10 de agosto, teve necessidade de demorar-se ahi durante um longo mez para concertar a caravela *Pinta* que logo no terceiro dia de navegação perdeu o leme, uma vez que em Gomera, uma das ilhas do archipelago, não lhe fôra possivel adquirir uma outra embarcação, como pretendia; e aproveitou-se desse tempo para substituir por velas quadradas as velas da *Nina* que eram latinas.

Dizemos que foi longo o mez de demora forçada que tanto o devia ter contrariado, por não desejar elle, por forma alguma ser alcançado pela esquadrilha que em sua perseguição fizera seguir o rei de Portugal que já muito tarde conheceu não ser o genovez o louco que suppunha.

De *Gomera* sahiu Colombo a 6 de setembro e depois de alguns dias de calmaria que lhe atrasou a navegação, entrou, por fim, no mar ignoto, com grande repugnancia dos marinheiros que nunca se haviam afastado mais de duzentas leguas das costas do Mediterraneo, onde com lagrimas da mais pungente saudade deixaram as familias que muitos não tornaram mais a ver, como succedeu a quasi todos aquelles que Colombo deixou no forte da *Natividade* de que mais adiante fallaremos.



Ia na frente da frota a *Pinta*; de perto seguia-se a nau almiranta com as insignias de commando e por fim a *Nina*.

Foi penosissima a travessia de quarenta e dous dias, depois que partiram das *Canarias*; durante ella correu maior risco a vida de todos, principalmente a daquelle para quem estava reservada a gloria de fazer conhecida porção tão importante da terra, envolvida até então nas mais espessas sombras; foi elle por mais de uma vez ameaçado pela tripulação alvorotada em razão dos mais cruciantes incommodos e privações proprias de semelhante navegação, e pelo facto até aquelle tempo quasi ignorado da variação da bussola.

A 16 começaram a apparecer no mar as hervas que acreditavam todos desprendidas da terra, e a 20 a esvoaçar por cima das caravelas passaros, indicadores de que não estava ella muito afastada; a 21 foi vista uma baleia que ainda mais confirmou a convicção geral, porquanto é sabido que esse cetaceo não separa-se para muito longe das costas.

A esperança de que approximava-se o termo da angustiosa viagem, deu causa a que por vezes se illudisse o proprio Martin Alonso Pinzon, apezar de sua longa pratica do mar, tomando por terra a cerração ; e foi tal no dia 18 de setembro a sua persuasão, que aproveitando-se da ligeireza da *Pinta* tomou a dianteira das outras caravelas para ser o primeiro a chegar.

No dia 25, consultando o mappa de Toscanelli, chegou a convencer-se de já se achar no mar das *Indias* e a 7 de outubro a *Nina* disparou suas peças e arvorou a bandeira de bordo em signal de regosijo, por lhe parecer que se avisinhava da terra, que entretanto continuava a fugir diante delles, como miragem enganadora.

Desde 22 de setembro notava-se a bordo descontentamento surdo da companha. Não lhe alentavam o espirito nem os indicios animadores a que nos referimos, nem a conhecida experiencia e calma imperturbavel do almirante, que muito de industria diminuia o numero de leguas já andadas ; crescia, e crescia cada vez mais a descrença dos marinheiros, vendo assustadissimos que as sondas não achavam fundo com duzentas e mais braças e que o chefe da expedição não accedia á proposta de Pinzon de mudar para o sul o rumo que elle teimava em dirigir para o poente, onde parecia-lhe ver brilhar em todo o seu fulgor a estrella que devia conduzil-o ao novo mundo e portanto á immortalidade, com que desde tanto sonhava.

Naquelle dia terrivel—10 de outubro, quando tão proxima se achava a realisação de seus mais ardentes desejos, fez explosão o descontentamento que já não podia ser sopitado. Os marujos, em gritos pavorosos, exigiram que o *extrangeiro* fosse lançado ao mar e que Pinzon, tomando a direcção dos navios, os conduzisse para Castella.

Não perdeu Colombo a presença de espirito, que em semelhantes occasiões não abandona os homens de merecimento superior. Com muito trabalho e auxiliado pelos Pinzons conseguiu restabelecer a ordem á bordo das caravelas, as quaes não deixou elle de encaminhar no mesmo rumo que com ligeiras modificações adoptara desde o começo da viagem.

Afinal na noite de 11 avistou o almirante uma luz denunciadora da presença do homem e ás 2 horas da madrugada de 12 do alto das vergas da *Pinta* gritou—*terra pela proa*—o marinheiro Rodrigo de Trianna, a quem devia caber

o premio de dez mil maravedis promettido ao primeiro que avistasse a terra desejada.

Nunca aos ouvidos dos miseros navegantes soaram palavras mais harmoniosas...

Entretanto para grande numero delles aquellas terras remotas, desconhecidas do resto do mundo, iam servir de sepultura...

Naquella occasião, porém, foi immenso o jubilo de todos, que de joelhos ao redor daquelle a quem tanto tinham offendido, deram as mais fervorosas graças a Deus pela conclusão da trabalhosa viagem.

Com seus empregados, todos em trajo de cerimonia, desembarcou o almirante levando desfraldado o estandarte real de Castella e de Leão, e os capitães as bandeiras das caravelas, brancas com a cruz verde e as iniciaes F. Y—e na presença dos indios, que correram a admirar gente tão differente delles na côr e nos vestidos, teve lugar a posse da terra descoberta a que o almirante deu o nome de *S. Salvador*, do que lavrou o termo do estylo o escrivão Escabedo, sendo nessa mesma occasião reconhecido Colombo como vice-rei e legitimo representante dos reis catholicos, recebendo de todos o juramento de obediencia que lhe era devida.

Era a ilha *Guanahani*, como a denominavam os indigenas, situada nas Lucayas ou archipelago de *Bahama*, separada do mar das *Antilhas* por um canal; rasa com grande vegetação, e tendo no centro uma lagoa de agua doce, rodeada de outras menores.

Eis como Christovam Colombo descreveu o que alli encontrou:

« Yo porque nos tuviese mucha amistad, porque conosci que era gente que mejor se libraria y converteria a nuestra Santa Fé con amor que no por fuerza, les di á algunos de ellos unos bonetes colorados y unas cuentas de vidrio que se ponian al pescuezo y otras cosas muchas de poco valor con que hobieron mucho placer y quedaron tanto nuestros que era maravilla. Los cuales despues venian á las barcas de los navios adonde nós estabamos, nadando y nos traian papagayos y hilo de algodon en ovillos, y azagayas, y otras cosas muchas, y nos las trocaban por otras cosas que nós les dabamos, como cuentecillas de vidrio y cascabeles. Enfin todo tomaban y daban de aquello que tenian de buena voluntad. Mas me pareció que era gente muy pobre de todo.

Ellos andan todos desnudos como su madre los parió y tambien las mujeres, aunque no videm as de una farto moza, y todos los que yo vi eram todos mancebos, que ninguno vide de edad de mas de treinta años; muy bien fechos, de muy fermosos cuerpos, y muy buenas caras; los cabellos gruesos cuasi como sedas de cola de caballos traen por cima de las cejas, salvo unos pocos detras, que traen largos, que jamás cortan; dellos se pintan de prieto, y ellos son de la color de los canarios, ni negros ni blancos, y dellos se pintan de blanco, y dellos de colorado, y dellos de lo que fallan, y dellos se pintan las caras, y dellos todo el cuerpo, y dellos solo los ojos, y dellos solo el nariz. Ellos no traen armas ni las cognocen, porque les amostré espadas y las tomaban por el filo y se cortaban con ignorancia. No tienen algun fierro; sus azagayas son unas varas sin fierro, y algunas de ellas tienen al cabo un diente de pece y otras de otras cosas. Ellos todos á una mano son de buena estatura de grandeza, y buenos gestos, bien fechos; yo vide algunos que tenian señales de feridas en sus cuerpos, y les hice señas que era aquello, y ellos me amostraron como alli venian gentes de otras islas que estaban acerca y les querian tomar, y se defendian: y yo creí é creo, que de aqui vienen de tierra firme á tomarlos por captivos. Ellos deben de ser buenos servidores y de buen ingenio, que veo que muy presto dicen todo lo que les decia y creo que ligeiramente se farian cristianos, que me pareció que ninguna secta tenian. Yo, placiendo a nuestro Señor, levaré de aqui al tiempo di mi partida seis á V. A. para que deprendan fablar. Ninguna bestia de ninguna manera vide, salvo papagallos, en esta isla. »

Os dias 13 a 28 seguintes ao da gloriosa data do descobrimento do novo mundo empregou Christovam Colombo em percorrer as ilhas adjacentes e a denominal-as, tomando de todas posse em nome dos reis de Hespanha.

De S. Salvador, hoje *Watling*, sahiu no dia 15 e chegou á ilha *Cay-Run* distante seis leguas; a esta e á que lhe ficava ao poente, deu o nome de ilhas de *Santa Maria da Conceição*.

A 16 deu o nome de *Fernandina* (*Cat*) a uma outra ilha, e a 19 o de *Isabel* (*Saometo*) a que ficava alem do cabo de *Santa Maria*; ao que fazia parte da ilha *Exuma* o nome de *Formoso*.

Sahindo a 24 da *Isabel* chegou no dia seguinte a um grupo de oito ilhas, as quaes denominou de *Arenas* (*Ragged*) em razão da natureza do terreno.

A 27 deixou Arenas e no domingo 28 entrou em *Gibara* o primeiro porto de *Cuba*, a maior das *Antilhas*, e que ainda hoje é possessão hespanhola, tendo por capital *Havana* fundada em 1511 por Diogo Valasquez, que lhe deu a denominação de *Porto das Carenas*.

Todo o mez de novembro e os primeiros dias dezembro passou Colombo em *Cuba*, visitando as costas e portos até ao de *Baracoa*, ao qual deu o nome de *Porto Santo*.

Tanto elle como Pinzon ainda se conservavam illudidos suppondo-se nas Indias, e nesse sentido fizeram ambos pelo interior do paiz minuciosas explorações, das quaes somente lhes resultaram amargas decepções.

De *Porto Principe* continuou Colombo sua excursão até a parte mais oriental da ilha, a que deu o nome de *Cuba Joanna*, em memoria do principe D. João de Hespanha, fallecido na flor dos annos.

Foi em *Cuba* que Martin Alonso Pinzon, dominado pelo desejo de gloria e de riqueza, separou-se com a caravela *Pinta*, esperando descobrir novas regiões e deparar, emfim, com a fortuna oriental, objecto de seus sonhos dourados.

No dia 5 de dezembro chegou o almirante á ilha que os naturaes chamavam—*Haiti*, e á qual elle deu o nome de *Hespanhola*. Todo aquelle mez levou elle a examinar as costas e a explorar o interior; aos portos denominou Colombo de *S. Nicolau*, *Conceição* e *S. Thamaz*. Foi visitado por diversos caciques que lhe fizeram presentes de valor, e quando se dirigia ao *Bohio* para comprimentar a um dos mais notaveis caudilhos do *Haiti*, teve a infelicidade de perder a nau *Santa Maria*, naufragada na noite de 24 para 25 de dezembro em uns baixios de que não pôde ser arrancada.

Com sua gente e carregamento salvo foi Colombo obrigado a passar-se para a pequena *Nina*, que das caravelas era a unica que lhe restava, depois da separação de Pinzon.

Nessa embarcação se conservou até sua volta para a Hespanha onde chegou em março de 1493, tendo antes de sua partida levantado o forte da *Natividade*, nome que recordava o dia do naufragio da almiranta, com a guarnição de 39 homens, sob o commando de Diogo de Aranha, irmão do celebre Beatriz de quem ja tivemos occasião de fallar.

Tanto o infeliz commandante como quasi toda a guarnição ja não existiam, quando Colombo voltou ao *Haiti* em sua segunda viagem.

Em 15 de abril de 1493 apresentou-se Christovam Co-

lombo aos reis catholicos que em 30 do mesmo mez o confirmaram no posto de almirante e de vice-rei das terras descobertas, fazendo-lhe outras muitas mercês e promovendo-lhe grandes festas em Barcelona.

***

Das terras descobertas fez doação aos reis de Hespanha o papa Alexandre VI, bem como daquellas que fossem descobertas ao occidente e ao meio-dia de uma linha imaginaria, traçada entre os dous polos na distancia de cem leguas dos Açores e do Cabo Verde.

O papa suppunha-se com direito a todos os reinos da terra, e por isto os conquistadores procuravam ligitimar seus descobrimentos com a protecção da igreja; sob o pretexto de que tratava-se da conversão dos infieis e propagação da fé Calixto III havia cedido á corôa de Portugal todas as terras descobertas desde o cabo de *Não* até o continente indiano.

A prova acha-se, na seguinte verba do testamento da rainha Isabel:

« Item: Por cuanto al tiempo que nos fuéran concedidas por la Santa Sede Apostolica las islas y Tierra Firme del mar Oceano descubiertas y por descubrir, nuestra principal intencion fué al tiempo que lo suplicamos al Papa Alejandro Sexto, de buena memoria, que nos hizo la dicha concesion, de procurar de inducir y traer los pueblos de ellas y los convertir a nuestra Santa Fé Catolica, y enviar á las dichas islas y Tierra Firme prelados y religiosos y otras personas doctas y temerosas de Dios para instruir los vecinos y moradores de ella en la Fé Catolica y les enseñar y doctrinar buenas costumbres y poner en ello la diligencia debida, segun mas largamente en las letras de la dicha concesion se contiene: Por onde, suplico al Rey mi Señor muy afectuosamente y encargo y mando á la dicha Princesa mi hija y al dicho Principe su marido que asi lo hagan y cumplan y que este sea su principal fin y que en ello pongan mucha diligencia, y no consientan ni den lugar que los indios vecinos y moradores de las dichas Indias y Tierra Firme, ganadas y por ganar, reciban agravio alguno en sus personas ni bienes; mas manden que sean bien y justamente tratados; y si algun agravio han recibido lo remedien y provean por manera que no se exceda en cosa alguna lo que por las Letras Apostolicas de la dicha concesion nos es yunyungido y mandado.»

Para evitar conflictos entre Portugal e Hespanha, por occasião das prodigiosas viagens de Colombo foi que Alexandre VI publicou em 1493 a bulla a que nos referimos, chamada da partilha.

Esse curioso documento pode ser lido em sua integra no segundo livro das obras de J. F. Lisboa.

O illustre maranhense, notando differença entre o que se acha determinado na bulla e o que affirma o coronel Lago com relação a distancia de cem leguas para trezentas, não tinha, talvez, noticia do tratado de *Tordesillas* em 1494, entre o rei de Portugal e o rei de Hespanha, Fernando Catholico, pelo qual a linha de demarcação a oeste do Cabo-Verde foi de duzentas e setenta leguas. Esse tratado foi confirmado pela bulla de 24 de janeiro de 1506.

***

Ainda tres viagens fez Christovam Colombo á America, a que continuava a dar o nome de Indias Occidentaes. Instituindo o morgado de Sevilha em 22 de fevereiro de 1498 escrevia elle:

« La Santissima Trindad....... me puso en memoria y despues llegó a perfecta intelligencia que podria navegar é ir á las Indias desde España, pasando el mar Oceano al poniente, y ansi lo notifiqué al Rey D. Fernando y a la Reina Dona Isabel nuestros Señores, y les plugo de me dar aviamento y aparejo de gentes y navios, y de me hacer almirante en el dicho mar Oceano.

. . . .

E' plugo nuestro Señor Todo poderoso que en el año de noventa y dos descobriese la tierra firme de las Indias y muchas islas, entre las cuales es la Española, que los indios llaman Ayte (Haiti) y los Monincongos de Cipango.»

Na segunda viagem, para a qual partiu elle em 27 de setembro de 1493, descobriu, de 3 a 22 de novembro, as pequenas *Antilhas*: *S. Domingos, Maria Galante, S. Maria Rotonda, S. Maria de Guadelupe, Monte-Serrat, S. Maria Antiga, S. Christovam e S. João de Porto Rico.*

De modo que no mar das Antilhas ou dos *Caraibas*, ficaram naquelle tempo pertencendo á Hespanha tres grandes grupos: as *Lucayas* ou *Bahamá*, que alguns geographos collocam no oceano Atlantico, do qual pode se dizer que é o mar das Antilhas um prolongamento, tendo com elle com-

municação por deseseis estreitos ; as grandes *Antilhas*—*Cuba* e *Haiti*, e as pequenas *Antilhas* que acabamos de enumerar.

Acha-se hoje profundamente alterada a nomenclatura desses lugares que pertencem a diversas nacionalidades ; delles é apenas estado independente o *Haiti*. De S. Domingos pretendem os Estados-Unicos apoderar-se. (*)

Foi durante essa segunda viagem de Christovam Colombo, que seu irmão *Jeronymo*, o mesmo que fora á Inglaterra em 1492 entender-se, sem resultado, com Henrique VII sobre os projectos do genovez, fundou o estabelecimento de *S. Domingos* na margem esquerda do *Ozama* ; destruido em 1504 por uma violenta tempestade, foi reconstruido na margem opposta. E' a capital do estado a que nos referimos no periodo antecedente.

Voltou o vice-rei á Hespanha para justificar-se das graves accusações levantadas contra elle por inimigos adquiridos no cumprimento de seus deveres, attribuindo-lhe a intenção de proclamar-se o soberano das terras descobertas.

***

Em 1498 fez a terceira viagem. Depois de ter tocado na ilha da *Trindade*, uma das principaes das pequenas *Antilhas* na embocadura do Orenoque, que tendo pertencido aos hespanhoes e aos francezes, é hoje possessão ingleza, como quasi todas as Antilhas ; percorreu o continente até Caracas, hoje capital de Venezuela que teve a gloria de servir de berço a Bolivar, o libertador de sua patria.

Tendo os implacaveis inimigos do vice-rei forjado novas accusações contra elle, julgaram os reis de Hespanha conveniente mandar em 1500 syndicar de seu procedimento por Francisco de Bovadilla, que abusando dos poderes que lhe foram outhorgados, apossou-se dos bens de Colombo e remetteu-o preso para a Hespanha com seus dous irmãos Jeronymo e Bartholomeu.

(*) Depois de escripto o que ahi fica, tivemos noticia de que o governo americano, de accordo com o presidente da republica de S. Domingos autorisara varias casas commerciaes de New-York a adquirir 500.000 acres de terreno na bahia de *Samaná*, que correspondem a quarta parte da superficie do estado dominicano. A companhia para esse fim organisada ficará com direito a explorar os bosques e minas, a fazer a navegação fluvial, construir vias-ferreas e crear os estabelecimentos aduaneiros necessarios.

D'ahi para a annexação da ilha aos Estados-Unidos só ha um passo.

4

A opinião publica revoltou-se vendo chegar a Madrid carregado de ferros aquelle que tão grandes serviços havia prestado, e os proprios reis, envergonhados por terem duvidado tão facilmente de quem adquirira para elles e para a nação hespanhola gloria emmorredoura, demittiram a Bovadilla que regressando á patria, morreu em 1502 ao sahir da ilha *Hespanhola*, com seus companheiros, por haver naufragado o navio em que iam.

Sendo-lhe restituido o cargo de vice-rei voltou Chistovam Colombo em 1502, fazendo assim sua quarta e ultima viagem. Descobriu dessa vez a costa do *Veragua* que faz parte hoje do *Panamá*, cuja capital é Santiago. Chegando ao *Haiti* foi repellido por seus antigos companheiros e para escapar da fome e da molestia que o acommetteu, foi preciso recorrer aos indios, cujos serviços obteve annunciando-lhes o eclipse daquelle anno.

Em 1504 regressou para a Hespanha. Já era fallecida a rainha Isabel sua principal protectora ; e o rei Fernando deixou morrer em 1506 em Valladolid, acabrunhado de molestia e de desgostos, aquelle a quem disputaram a gloria de haver dado o nascimento Cucaro, Cologuetto, Savona, Cogoreoe Nervi : com 70 annos de idade perdeu tristemente a vida naquelle mesmo lugar em que trinta e sete annos antes se haviam celebrado com pompa as nupcias de Fernando e Isabel, a cujo serviço se consagrara com a maior dedicação. «Yo viñe, escrevia elle, con amor tan entrañable a servir a questos Principes, y he servido de *servicio* de que jamais se oyó ni vido. »

E com effeito, accrescenta um escriptor eminente, foi o maior serviço que a Hespanha tem recebido não sómente de extrangeiros porém dos nascidos na terra hespanhola « assim como Trajano, nascido na Hespanha, foi o primeiro dos romanos, Colombo nascido na Italia foi o primeiro dos hespanhoes. »

Sómente a posteridade procurou fazer justiça a esses serviços, levantando-lhe monumentos e estatuas, gravando medalhas commemorativas de seus feitos ; colleccionando-lhe os vinte dous retratos espalhados por diversos lugares e os autographos, e decifrando sua complicada assignatura.

Foram seus restos mortaes sepultados em Sevilha, onde foi levantada á sua memoria um grandioso monumento, no qual se lê a seguinte inscripção :

« A Cristóbal Colon — en memoria de — haber estado

depositadas — sus cenizas desde el año de MDXIII a MDXXVI—en la igresia de esta—cartuja de—Santa Maria —de las Cuevas— la marqueza viuda de Peckman—erigió este monumento en MDCCCXXXVII.

Da Cartucha de Sevilha foram seus restos mortaes para a ilha de S. Domingos em 1536, e d'alli trasladados com solemne pompa funebre para a Cathedral de Havana em 19 de janeiro de 1796.

A urna que os contem está encerrada na parede do lado do evangelho no presbiterio e coberto com lapida de marmore, sobre a qual foi collocado em 1822 um medalhão com a seguinte inscripção :

« O Resto é imagen de Colon
Mil siglos duran guardados en la urna
Yen la remembranza de nuestra Nacion.

***

Foi disputada a Colombo a primazia do descobrimento da America por Vicente Pinzon, por João de la Cosa e por Americo Vespucio.

Vicente Yañes Pinzon pertencia a uma familia numerosa e abastada de Palos, da qual era chefe Martin Alonso que acompanhou a Colombo em sua primeira viagem.

Tinha Vicente trinta annos de idade quando lhe foi confiado o commando da caravela *Nina*, á qual conseguiu dar grande volocidade em *Gomera*, mudando-lhe o velame. Com seu irmão Martin compartilhou de todos os trabalhos e perigos da travessia, porém não o acompanhou na separação que teve lugar em *Cuba* ; pelo contrario conservou-se fiel ao almirante, a quem recebeu em sua embarcação, quando se deu o naufragio da *Santa Maria* e nella o conduziu para a Hespanha, como já tivemos occasião de dizer.

Quando Colombo emprehendeu sua segunda viagem no anno de 1493, Martin Pinzon, que chegou á patria depois do almirante e quando em honra deste se celebravam as festas de Barcelona, já era fallecido no convento da *Rábida* ao qual se recolhera rallado de desgostos, por não ter podido participar da mesma gloria ; dessa viagem não fez parte Vicente Pinzon, que sómente em 1493 conseguiu realisar uma expedição por sua conta com quatro caravelas, de uma das quaes tomou o commando.

De Palos sahiu em dezembro para as Canarias e d'ahi para Cabo Verde, de onde tomou o rumo a sudoeste. Foi

o primeiro que passou a linha com grande terror dos marinheiros, quando perderam de vista a estrella do norte, sendo pela corrente equatorial lançado para as costas do Brasil, no prararello do 8° de latitude meridional, na altura do cabo que foi por elle denominado de *Santa Maria da Consolação*, no dia 26 de janeiro de 1500 na opinião de Herrera (dec. I) e na do P. Las Casas (*Historia das Indias*) e no dia 20 na de Navarrete (*Coll. de Viag*).

Continuando sua viagem foi ter á embocadura do rio a que deu o nome de *Santa Maria do Mar Doce*, depois *Maranhão, Orelhana e Amazonas*. Visitou a ilha de *Marajó* e outras menores e observou as pororocas ; tomando o rumo do norte, passou de novo a linha, avistou a *Ursa* e chegou a *Paria*, terra já conhecida de Christovam Colombo.

Ayres de Casal demonstra que o cabo descoberto por Pinzon não é o mesmo conhecido depois por *Santa Cruz* ou *S. Agostinho*, que não podia ser avistado de muito longe, como affirma Herrera, nem dista sómente quarenta leguas *costa abaixo* do rio Amazonas, porem mais de quatro centas leguas *costa acima*.

Dessa opinião compartilha o nosso operoso consocio José de Vasconcellos que tão bons serviços ha prestado á Historia do Brazil.

Pinzon sahiu de *Paria* para a ilha *Hespanhola* e depois de fatigante viagem, durante a qual percorreu setecentas e cincoenta a oitocentas leguas de costa que suppunha ser as de *Catay* ou as *Indias Gangeticas*, perdeu tres caravelas e muito de seus companheiros, e chegou em setembro á *Palos*, onde passou pelo dissabor de ver seus bens embargados e vendidos judicialmente para pagamento dos credores, para cuja satisfação não havia dado o carregamento da ultima caravela que lhe restava.

Reduzido á pobreza não pôde Vicente Pinzon acceitar a magnifica proposta feita pelo rei da Hespanha em 1501 de voltar elle ao cabo da *Consolação*, afim de consolidar a posse das terras descobertas no Brasil.

Sabe-se que em 1493, quando Christovam Colombo fez sua segunda viagem, Pinzon achava-se na ilha *Hespanhola* e que explorou as costas de *Porto Rico*, não podendo ainda dessa vez aproveitar-se das vantagens offerecidas pelo rei catholico ; e que em 1508 fez uma viagem de experiencia com o hespanhol João Diaz de Solis. Sahindo de *S. Lucas* em 29 de junho, chegaram ao cabo da Consolação e seguiram

o rumo do sul até ao rio *Colorado* no parallelo de 40· de latitude meridional, de onde voltaram pelas graves disputas havidas entre os dous chefes da expedição. Em agosto de 1509 estavam elles de volta em Sevilha.

Nada mais ha de certo a respeito da vida de Vicente Yañez Pinzon, nem mesmo da data e lugar de seu fallecimento. Talvez tivesse a mesma sorte de João Diaz de Solis que em 1516 foi devorado pelos indios antropophagos.

Resulta do exposto que, si Vicente Pinzon nas viagens que fez depois de Christovam Colombo, prestou muito bons serviços, não podia, com tudo, pretender a prioridade na descoberta da America, a qual incontestavelmente pertence ao grande navegante genovez.

***

João de la Cosa era cántabro, natural de Santona na provincia de Santander, de Biscaia ; descendia das illustres familias dos Hojos e Haros, Escalantes e Garbijos, Castros e Cadenas. Não se conhece ao certo o anno de seu nascimento que se deu entre 1455 e 1460, nem o principio de sua vida antes da primeira viagem de Christovam Colombo.

Era homem do mar ; dono da nau *Gallega* que serviu de almiranta sob o nome de *Santa Maria*, como já tivemos occasião de declarar, nella embarcou com seus marinheiros e foi o mestre da equipagem.

Tendo naufragado na noite de 24 para 25 de dezembro a sua nau, nas proximidades da ilha *Hespanhola*, voltou com o almirante na caravela *Nina* para a Hespanha, onde foi indemnisado pelo rei do prejuizo soffrido ; tendo, porém, perdido tambem o seu posto de capitão de navio fez parte da segunda viagem de Colombo em 1493, como cartographo ou *mestre de fazer cartas* como então se dizia.

Dessa vez mereceu la Cosa mais importancia do que na primeira viagem, na qual occuparam o segundo lugar os Pinzons. Colombo lhe confiou a parte de mais importancia da navegação, communicou-lhe suas observações e deu-lhe para copiar as cartas e mappas que levantou de todas as regiões por elle percorridas.

Na terceira viagem no anno de 1498 acompanhou-o ainda la Cosa e della fez tambem parte Alonso Ojeda, no reconhecimento da ilha da *Trindade* e no descobrimento do continente de *Paria* e do golpho das *Perolas*.

A observação das riquezas existentes nas paragens vi-

sitadas pelos dous aventureiros, levou-os a abandonar o seu chefe, apenas voltaram á peninsula e a emprehender em 1499 uma viagem por sua conta, fornecendo Ojeda para esse fim quatro caravelas, sob a protecção de D. João Rodrigues da Fonseca, bispo de Badajoz que gozava de grande valimento na côrte e sempre mostrou-se hostil a Colombo.

Foram acompanhados do florentino Americo Vespucio, entendido em cosmographia e cousas do mar; chegaram apenas a *Paria*, lugar já conhecido do almirante desde o anno proximo passado e voltaram para a Hespanha em 1500, recolhendo-se la Cosa á sua residencia no *Porto de Santa Maria* de Sevilha, onde occupou-se em concluir o *mappa mundi* ou *carta de marear* que tem seu nome e foi depois muitas vezes reproduzida, e agora mesmo, em commemoração da descoberta da America, exposta nos salões dos mappas da bibliotheca nacional de Paris entre os documentos graphicos dos seculos XVI e XVII. Nessa carta ja estão figuradas as Antilhas, as costas conhecidas de Venezuela, do Mexico e do Brasil, assim como as terras vistas por Sebastião Cabot, antes de terminar o seculo XV.

Em 1501 fez la Cosa outra excursão por conta de Rodrigo de Bastida, que lhe forneceu dois navios, com fim exclusivamente commercial. Visitou os lugares ja conhecidos, descobriu outros e afinal fundou a cidade e porto do *Nome de Deus*.

Perdendo as duas caravelas foi por terra a *S. Domingos*, onde embarcou na armada em que naufragou Bovadilla, salvando-se apenas um navio com o carregamento de la Cosa e de Bastida e quatro mil pesos pertencentes a Colombo.

Ainda emprehendeu João de la Cosa duas viagens, nas quaes adquiriu novas riquezas, apezar das lutas cruentas que foi forçado a sustentar com os indios, das molestias e alguma vezes até da fome, que lhe dizimaram a guarnição; feita a viagem de 1507, um anno depois da morte de Colombo, foi confirmado no cargo de aguazil-mor de *Urabá*, por elle reconhecido em 1503. A ultima teve lugar em 1509.

Reunindo-se em *S. Domingos* com Ojeda, desembarcou com este em Cartagena, onde foram recebidos hostilmente pelos indios. Em um dos combates foi la Cosa morto pelas flechas hervadas, e accrescentam alguns escriptores que devorado pelos selvagens. Assim acabou tristemente um homem de vida tão activa. Não lhe pode ser attribuida, portanto, a prioridade do descobrimento da America, tendo

feito suas primeiras viagens sob as ordens de Colombo, e as que se seguiram—por sua conta, somente depois de haver este percorrido o continente. Vejamos si Americo Vespucio foi mais feliz.

Americo Vespucio nasceu em Florença em 1451, descedente de uma familia illustre. Em 1490 mudou-se para a Hespanha, onde estabeleceu o seu commercio que consistia no fornecimento de viveres aos navios que se destinavam ás viagens.

Impressionado pelas descobertas de Christovam Colombo, resolveu abandonar o negocio e entregar-se tambem á vida aventureira dos mares. Pretendeu ter feito sua primeira viagem em 1497 com João de la Cosa e Alonso Ojeda, antigos companheiros do immortal navegante, porem ficou cabalmente demonstrado pelos historiadores contemporaneos que essa sua viagem só teve lugar em 1499, e que não passaram elles de *Paria*, algumas centenas de leguas das costas conhecidas por Christovam Colombo no anno anterior em sua terceira viagem, ja estando desde 1492 feita a descoberta das primeiras terras do novo mundo.

Em 1501 e 1502, achando-se ao serviço do rei de Portugal D. Manoel, explorou as costas do Brasil até ás da Patagonia ; fez depois diversas excursões por conta daquelle soberano e do rei de Hespanha e falleceu em 1512, em Sevilha segundo a opinião de alguns historiadores, ou em 1516 na ilha da Madeira na de outros.

O *Diario* de suas quatro viagens, publicado em 1507, lhe grangeou grande nome ; a protecção dos Medicis e o erro dos geographos daquelle tempo concorreram para a falsa gloria de Americo Vespucio, que por uma injustiça revoltante deu seu nome ao novo mundo, que elle somente veio a conhecer sete annos depois do heroico feito de Christovam Colombo.

Hoje essa injustiça já está tão geralmente reconhecida, que dá-se o nome de Vespucio áquelle que se aproveita da invenção em que não teve parte.



Julgamos conveniente antes de concluir este estudo, em que só tem valor o trabalho da investigação, accrescentar que no *Congresso dos Americanistas* de Rabida em 1892, por occasião das festas do quarto centenario, tratou-se da

origem da palavra *America*, a qual se discute ha annos, sendo muitas pessoas doutas de opinião que não foi Vespucio que deu o nome ao novo continente. Das que conhecem a etymologia indigena, uns o attribuem ás altas terras e cordilheiras de *Nicaragua*, chamadas *Amerrica*, outros ás tribus que tem esse nome ou semelhantes das linguas indigenas com as terminações em *marca*, *maraca* e outros da nomenclatura geographica de varias regiões da America. Apezar da discussão havida no *Congresso* de Rabida ficou a questão sem solução, porque até hoje não appareceu quem demonstrasse de modo incontestavel a etymologia da palavra *America*.

Para nós, cuja incompetencia somos o primeiro a proclamar, não ha duvida de que não influiu para a denominação do novo mundo a etymologia indigena; já expuzemos o modo porque se formou a opinião favoravel a Vespucio, cujo nome substituiu ao de *Indias Occidentaes*, dado por Christovam Colombo, que morreu acreditando que as terras por elle descobertas pertenciam aos limites occidentaes da Asia.

Essa substituição começou a vigorar em 1507, quando foi publicada a novellesca narração das viagens de Vespucio e o rei D. Fernando, chamando-o á côrte, lhe deu o titulo de piloto-mor e de examinador dos pilotos.

***

Resta-nos tratar da rectificação da data do descobrimento da America.

No *Heraldo* de Madrid foi publicada uma demonstração feita por Suárez Chiglianes, de que o verdadeiro anniversario do descobrimento da America não é a 12 porem a 22 de outubro, assim como que não foi a 2 porem a 12 de agosto que teve lugar a partida de Christovam Colombo de *Palos* com seus companheiros, em consequencia da reforma feita no almanach em 1582.

A' ligeira noticia do *Heraldo* de Madrid, porém, accrescentaremos o seguinte:

Em 1582 o papa Gregorio XIII fez profunda alteração no calendario organisado no anno 707 de Roma, 47 annos antes de J. C. no tempo de Julio Cesar, para o fim de corrigir-se o calendario romano, confeccionado por ordem de Romulo e melhorado por Numa.

O anno tropico, que é o tempo que leva o sol a voltar ao mesmo tropico, compunha-se pelo systema juliano de 365

dias e mais um quarto de dia, sendo por isto necessario crear mais um dia—o bissextil, de quatro em quatro annos.

Apezar dessa habil combinação, resultava ainda uma differença de 10' e 12'' que produzia um dia no fim de 134 annos e tres dias no de 400 annos; de modo que a contar do anno 325, quando se reuniu o primeiro concilio de Nicéa no tempo do imperador Constantino, até ao de 1582 em que teve lugar a reforma gregoriana, já se notava uma differença de quasi dez dias, vindo o equinocio da primavera, que em 325 cahira no dia 21 de março, a dar-se naquelle anno da reforma, isto é em 1582, em 11 do mesmo mez.

Ordenou Gregorio XIII, para acabar com esse grave inconveniente na medida dos tempos, que nesse ultimo anno se supprimissem dez dias, contando-se o dia 5 de outubro como si fosse 15 do mesmo mez, e para que se não reproduzisse para o futuro differença igual, mandou que sobre cem bissextos somente se contassem 97, desapparecendo assim o augmento de tres dias no decurso de 400 annos.

Foi por esse motivo que Suárez Chiglianes entendeu conveniente publicar no *Heraldo* de Madrid a rectificação á que nos referimos, não obstante ser a data do descobrimento da America muito anterior á da reforma gregoriana.

A. A. DE LUNA FREIRE.



DISCURSO

Lido pelo consocio Major J. D. Codiceira na sessão de 10 de Agosto de 1893

Sr. Presidente — Pedi a palavra para saudar e felicitar desta cadeira ao illustre senador *por este estado*, o Dr. Gaspar de Vasconcellos Menezes de Drummond, pelo brilhante discurso proferido no senado federal, defendendo e sustentando, como digno pernambucano, o direito deste estado, quando alli se votou a proposta *consignando* no orçamento uma quota para se erigir *na capital federal* uma estatua a Tiradentes, como o precursor da nossa independencia nacional.

O luminoso discurso do illustrado pernambucano ficou sem resposta; vencido por uma maioria caprichosa e sem consciencia que esmagou o direito e a razão; foi, portanto, um protesto solemne que ficou lavrado nos annaes do nosso parlamento para a todo tempo attestar esse acto de violencia e esbulho de uma gloria que sómente pertence a Pernambuco. Foi o direito da força, ainda uma vez triumphando contra a força do direito e da razão!!

O seu luminoso discurso não foi contestado, e não podia ser; porque é fóra de duvida, pertencer esta gloria sómente ao immortal pernambucano Bernardo Vieira de Mello; verdade historica, que é attestada em documentos officiaes que se acham registrados nos annaes da historia patria, e que a acção do tempo jámais poderá destruir, inda mesmo que a maioria do congresso decrete uma lei para que sejam todos elles queimados; porque bastará a existencia dessa mesma lei para attestar aos posteros essa verdade, como foi o incendio do templo de Diana, de que nos falla a historia.

Erga-se uma estatua a Tiradentes; que para nós brazileiros, conhecedores da nossa historia, nenhuma significação terá; e para o extrangeiro illustrado, quando tiver de a contemplar, dirá, com um riso de escarneo — *eis ahi mais uma mentira de bronze, levantada pelos brazileiros.*

Roubam-nos a gloria, e não satisfeitos, ainda nos arrancam o dinheiro que é o nosso sangue, para se perpetuar uma mentira ! !

Esmagados com o peso da verdade historica, procuram um derivativo na execução de Beckman a 2 de novembro de 1684.

Só a mais requintada má fé, si não é a ostentação da ignorancia da historia patria, autorisa a ser Beckman apresentado como um martyr da independencia nacional !

O illustre senador pelo Maranhão me obriga a fazer um resumo historico dessa conspiração havida no seu estado no seculo XVII ; afim de que se torne evidente e manifesta a improcedencia e nenhum fundamento, para que seja o seu nome citado como um dos martyres da nossa independencia e liberdade.

A historia não se improvisa, não é o producto de uma imaginação fertil e robusta ; emfim não é um romance ; é a narração de factos occoridos em um certo periodo de tempo, descriptos pelos seus contemporaneos, por aquelles que foram testemunhas presenciaes, e confirmados por documentos, que só pódem ser contestados por outros de igual valor ou maior e por aquelles que tambem os presenciaram.

Seguirei, portanto, o que escreveram Bernardo Pereira de Berredo em sua obra *Annaes Historicos do Estado do Maranhão* ; Francisco Teixeira de Moraes, que foi contemporaneo e testemunha presencial, no seu manuscripto *Relação historica e politica dos tumultos do Maranhão*, e finalmente o distincto e illustrado maranhense João Francisco Lisbôa na sua obra *Apontamentos, noticias e observações para servirem á historia do Maranhão.*

Manoel Beckman ou Bequeimão, como era conhecido e assim assignava-se, nasceu em Lisbôa, de mãi portugueza e pai allemão ; os seus desaffectos diziam descender elle de raça judaica ; veio ainda moço para o Maranhão, onde por sua industria e procedimento se filiou á nobreza da terra, ligando-se a uma das principaes familias de S. Luiz do Maranhão. Juntando cabedal sufficiente levantou um engenho no Meary.

O seu nome encontra-se pela primeira vez no termo do juramento por elle prestado a 14 de janeiro de 1668 para servir de vereador da camara daquelle anno ; mas os seus

infortunios e a celebridade que lhe veio com elles só começaram dez annos mais tarde, quando governava o Maranhão o despotico e violento Ignacio Coelho da Silva.

Tendo este governador de ir para Belém, nomeou para seu substituto o capitão-mór Vital Maciel Parente.

Não tendo esta nomeação agradado a Beckman que a censurou, dizendo ser Vital Maciel bastardo e mameluco, além de outros defeitos que assacava, procurou induzir a camara a fazer uma representação á S. M. contra essa nomeação.

O governador, irritado contra este procedimento, procurou nelle pretexto para accusar Beckman de andar promovendo motim no povo, com o fim de se oppôr á posse do capitão-mór, e o mandou prender e deportar para a fortaleza de Gurupá, que ficava a mais de 200 leguas; e não satisfeito, mandou ainda tirar devassa do facto que qualificou de criminoso, e a remetteu para Lisbôa, acompanhada de um officio, no qual informou que Beckman era grande agitador do povo, e acostumado a sedições e alvorotos semelhantes; que já havia tentado contra os governadores Ruy Vaz de Cerqueira e Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho; indo contra o primeiro com quatro homens do seu engenho, deixando de pôr em execução o seu projecto por não ter a camara querido convir nesse acto; que praticara muitos outros attentados, entre os quaes o de haver morto á falsa fé, no seu engenho, a um pobre homem; de cujo crime ainda não se havia livrado.

O historico destes factos é referido pelo illustrado maranhense João Francisco Lisboa na sua obra já citada— *Apontamentos, noticias e observações para servirem á historia do Maranhão.*

Entretanto, apezar da devassa e do officio em que o governador procurou afear o supposto crime de Beckman, S. M. respondeu em carta régia de 24 de janeiro de 1680, mandando soltar Beckman, por não resultar culpa contra elle, que o obrigasse a livramento; e simplesmente mandou que o governador o reprehendesse pelo *zelo e curiosidade* com que se havia mostrado na escolha que o governador havia feito; sendo bastante para sua correcção o tempo de prisão que já havia soffrido. Beckman foi posto em liberdade.

O governo portuguez havia contractado com Pedro Alvares Caldas e outros capitalistas a organisação de uma companhia na cidade de S. Luiz, tendo como caixa e admi-

nistrador a Paschoal Pereira Jansen. Este contracto era autorisado pelo alvará de 12 de fevereiro de 1682, que concedia a essa companhia o privilegio por tempo de 20 annos, para sómente ella poder comprar todas as mercadorias do paiz e vender as fazendas de qualquer qualidade que viessem de Portugal, assim como a importação de negros da costa d'Africa; pertencendo-lhe tambem a navegação de todo o commercio, isto mediante certas condições estabelecidas no contracto que tomou o nome de Estanco.

Esse contracto foi posto em execução na cidade de São Luiz, com surpresa de seus moradores que mal pensavam no grave damno que lhe podia vir de tão odioso monopolio em favor de uma companhia, com prejuizo de uma população inteira!

Logo no seguinte anno do contracto se principiou a sentir os seus damnosos effeitos, tornando-se cada dia mais graves pelos abusos que commettia a odiosa companhia, que só vendia os generos pelos preços taxados, quando eram falsificados: de 500 negros, que era obrigada a importar annualmente da costa d'Africa, taxado a 100$ cada um, já haviam decorrido dous annos e nenhum tinha sido ainda importado. Muitos dos moradores da cidade de S. Luiz, que antes do contracto se entregavam ao commercio, se viam agora privados deste meio de vida, com esse odioso monopolio.

Beckman, que a esse tempo havia voltado de seu degredo, desgostoso e pouco satisfeito de sua vida, encontrou o povo exaltado contra o odioso contracto do Estanco, e tambem contra os padres da companhia de Jesus, pela preferencia que se lhes havia dado na administração dos indios forros, e opposição que esses padres faziam a todo genero de captiveiro contra os mesmos indios, privando os moradores dos serviços que elles lhes podiam prestar e de que tambem precisava Beckman, a quem faltavam os meios para poder costear o seu engenho do Meary, por isto que com a sua prisão se achava arruinada a sua fortuna; elle via, portanto, neste exaltamento popular uma opportunidade para melhorar de fortuna, si seguisse o partido do povo.

Entretanto pouco confiando ainda na bôa execução do projecto que desde logo concebera, e na falta de constancia dos adeptos, receava pôr-se a descoberto declarando-se com franqueza em favor do movimento; vendo, porém, que nenhuma providencia tomava a bem da ordem publica o ca-

pitão Balthazar Fernandes que então se achava no governo, resolveu-se a dar os primeiros passos, convidando dissimuladamente para divertimentos em seu engenho alguns dos moradores de mais influencia e com quem podia contar pela amizade que os prendia.

Alli em seu engenho, depois do jantar, procurava encaminhar a conversa de modo a provar a fatal ruina que ameaçava a todos os moradores o odioso e fatal contracto do Estanco; assim como o dominio que tinham os padres jesuitas nos indios forros, privando o povo dos seus serviços etc.

Dizia que o remedio seria a nomeação de um procurador intelligente que advogasse perante o principe contra o mal que affligia o povo, e o perigo que ameaçava a ordem publica; mas que esse meio seria ainda inutil; porque sendo o governador prejudicado com a abolição do Estanco, se opporia a essa expedição; e portanto o unico meio que restava era a formal desobediencia ao governador, visto a oppressão em que vivia o povo em sua liberdade.

Tanto foi bastante para que Beckman chamasse ao seu partido todos os seus ouvintes; todos partilhavam os mesmos sentimentos. Resolveram que fosse elle o que tomasse a direcção do movimento, e d'alli partiram logo, com a precisa reserva, as communicações aos demais conjurados, mettendo-se os avisos dentro dos queijos fabricados naquella fazenda; passaram logo á cidade de S. Luiz, afim de tomar o movimento maior vulto.

Estavam na quaresma, e muito aproveitou aos conjurados o sermão que um religioso pregou na 1ª dominga contra o contracto do Estanco, no qual excitou o povo contra elle em taes termos que não se podia duvidar de que aquelle pregador estava disposto a se pôr a frente do movimento.

Essa predica era recebida pelo povo com todo enthusiasmo sem que a nada se movesse o capitão Balthazar Fernandes, que pacificamente se recolhia á sua casa, e nem tão pouco o governador Francisco de Sá que, apezar dos continuados clamores, se conservava no Pará, na persuasão de que bastaria sómente a sua presença em S. Luiz, para que tudo serenasse.

Beckman, aproveitando a occasião, convocou os seus alliados para uma reunião, em sitio solitario e um pouco afastado da povoação, comminando a pena de morte áquelles que revelassem o segredo.

A hora marcada, meia noite, e no lugar da cerca dos religiosos de Santo Antonio, em uma aberta arruinada pela acção do tempo, promptamente se acharam todos reunidos e Beckman, tomando a presidencia, expôz ainda os males que causava ao povo o contracto do Estanco e o poderoso dominio dos jesuitas na administração dos indios forros, e concluiu dizendo « que fechadas as portas do Estanco e abertas as dos religiosos da companhia para os lançar fóra do estado, se governariam segundo os doutos dictames da propria experiencia ».

Geralmente applaudido por todos o seu discurso, foi sómente contrariado por um dos membros presentes que se oppôz á expulsão dos jesuitas; Beckman ardendo em ira lhe declarou que se elle prestava aquelle serviço por intenção propria, lhe custaria a vida, assim como a qualquer outro que o acompanhasse nesse pensamento.

Este conflicto trouxe logo exaltamento de animos, sem consequencia desagradavel, por ter Thomaz Beckman acalmado os animos como mais prudente que era do que o seu irmão, e já se dispunham a dissolver a reunião quando Manoel Serrão de Castro, empunhando a espada bradou—*ou a morte ou a constancia*—dizendo que não se podendo mais occultar aquelle movimento revolucionario, ameaçava maior perigo si recuassem, do que si puzessem em execução o plano da revolta.

Beckman aproveitou-se da occasião, e encorajando-se pôz em campo a revolução, quando já se aproximava o romper da aurora, e arrebatadamente sahiram todos pela brecha por onde haviam entrado, e se dirigiram á cidade, cada um delles guiado pelo barbaro dictame da sua cegueira; buscaram como inimigos do interesse publico, as casas de todos aquelles que não tinham adherido á sua causa; foram menores as mortes que fizeram do que os insultos de outra natureza que praticaram, mas isto ainda não satisfazia ao seu commandante; crescida já a força do povo, buscaram o capitão Balthazar Fernandes, que antecipado com os gritos que ouvira, procurou contel-os com a expedição de ordens, quando já era tarde para conjurar a tempestade; porque não achou quem as executasse, e os proprios soldados de sua guarda o haviam abandonado, uns por medo e outros subornados por dinheiro ou pelo interesse da extincção do Estanco e serviço dos indios.

Vendo o capitão-mór occupada toda sua casa, dispôz-se

a resistir, afrontando a morte para salvar a honra, mas sendo inutil qualquer resistencia, foi afinal obrigado a entregar-se pela intimação que lhe fez Beckman de que teria por prisão a sua propria casa, e a sua mulher como fiel carcereira.

D'alli seguiu Bekman á praça de palacio, onde sómente encontrou o capitão commandante da guarda e cinco soldados que foram logo desarmados sem a menor resistencia; exemplo que seguiram os demais postos de guarda, bem como os armazens de guerra etc.

De posse de toda cidade, dirigiu-se ao largo da Sé, na mesma praça, onde depois de encarecer com pomposos elogios aquelle movimento revolucionario, tratou de tomar as ultimas providencias, para melhor assegurar o seu poder.

Formou uma junta composta dos trez estados, representando o clero o vigario geral Ignacio da Fonseca e Silva, e Fr. Ignacio da Assumpção, carmelitano; a nobreza representada por elle Beckman e Eugenio Ribeiro Maranhão e o povo representado por Francisco Dias Deiró e Belchior Gonçalves.

Organisada esta junta, procuraram a casa mais visinha da cathedral, onde publicaram a resolução que tomaram da expulsão dos religiosos da companhia de Jesus e a abolição do Estanco, que foi recebida com geral acclamação do povo que se achava alli reunido, nomeando em altas vozes seus procuradores especiaes os dous deputados da nobreza Manoel Beckman e Eugenio Ribeiro, isto já ao amanhecer do dia 25 de fevereiro de 1684.

Esperavam os ministros da camara as resoluções da junta, quando foi logo decretada pelos dous deputados e procuradores do povo a prisão do capitão-mór, do juiz de orphãos Manoel Campello de Andrade e de Antonio de Souza Soeiro, ambos da capitania e muito honrados, resolução que foi approvada com grande applauso.

Perguntando Beckman para onde queria o povo que fosse levado o capitão Balthazar, teve em resposta que para a cadeia publica. Observando o juiz de orphãos e Antonio de Souza, com toda a prudencia e moderação, a injustiça e desacato que se fazia á pessoa do capitão, foram insultados pela multidão, correndo risco as suas vidas, si não fôra a intervenção de Beckman, que fez serenar o exaltamento.

O capitão foi mandado para o palacio dos governadores com sentinellas a vista, passando pouco depois para sua propria casa; e os outros dous foram mandados para a en-

xovia, accusados de terem tambem influido para a acceitação do Estanco.

Depois de mais calmo, passou Beckman ao collegio dos jesuitas, onde com toda solemnidade fez publicar, não só a extincção do Estanco, como tambem a reclusão dos padres no seu collegio, sem communicação com o povo, até a occasião de seu embarque, afim de evitar que elles, com as suas praticas, pertubassem o socego publico.

Intentaram violentar a casa do Estanco com o fim de saquear as suas fazendas, no que foram detidos pelos mais bem intencionados, contentando se com o fechamento de suas portas.

Em conclusão foram á Sé dar acções de graça, entoando o Hymno Sagrado !

Na manhã seguinte reuniu-se a junta dos tres estados, e resolveu que se nomeassem tres individuos nobres dos mais conhecidos por sua capacidade, para como adjuntos dos ministros da camara se encarregarem do governo da capitania *até novas ordens da côrte de Lisbôa* ; mas que os dous procuradores do povo assistiriam ao expediente do governo como seus represetantes.

Foram eleitos pela junta, com approvação do povo, João de Souza de Castro, cavalheiro da ordem de Christo e procurador dos defuntos e ausentes, Manoel Coutinho de Freitas e Thomaz Beckman ; e por não terem cabal conhecimento das habilitações de Valerio Ribeiro, escrivão do senado, o substituiram por Manoel Martins da Costa ; prestando todos juramento nas mãos do ouvidor da capitatania Francisco de Almeida, sendo que os dous primeiros nomeados protestaram nesse acto, dizendo que só acceitavam os cargos para que foram eleitos, obrigados pelo povo.

Foram logo depostos todos os officiaes de infantaria da guarnição e nomeados outros em seus lugares.

No dia seguinte fez Manoel Beckman extensiva a sua autoridade até Belém no Pará, solicitando delle a união de toda a capitania, mandando para esse fim emissarios, que se furtaram á execução de sua incumbencia, com excepção de Fr. Luiz Pestana, que alli se apresentou e foi mal recebido pela camara, que de tudo deu sciencia ao governador Francisco de Sá, que alli se achava, declarando que estava prompta a auxilial-o na pacificação do Maranhão. O governador agradecendo a manifestação que lhe fazia a cama-

ra, declarou que estava disposto a ir pessoalmente pacificar o Maranhão.

No domingo de Ramos sahiram os padres da companhia do seu collegio com os ramos reclinados sobre os hombros, e deste modo foram logo embarcados em dous navios, escoltados por soldados que os acompanharam até o embarque, dando ambos á vela immediatamente. Um destes navios arribou a Pernambuco, donde se transportaram alguns dos padres á Lisbôa; o outro não foi tão feliz, por que logo depois de sua sahida, foi presa de uns piratas que, depois de roubarem os padres, os lançaram em terra, na mesma costa do Maranhão, donde foram conduzidos á cidade de S. Luiz, e ahi reclusos em uma casa particular com vigilante guarda, sendo mais tarde transportados para a cidade de Belém.

A esse tempo chegava Antonio de Albuquerque a Tapuytapera, como enviado do governador Francisco de Sá, com a missão de pacificar a capitania, sendo ahi recebido com grande applauso.

Antonio de Albuquerque deu logo sciencia da sua chegada ao governo de S. Luiz, pedindo-lhe licença para lhe communicar negocios importantes e de interesse da capitania; conferencia que lhe foi negada a pretexto de se achar o povo em desordem, tornando-se assim improficua a sua missão.

Nos ultimos dias do mez de agosto chegou do Pará Hilario de Souza de Azevedo, acompanhado do sargento-mór do estado Miguel Bello da Costa, cavalheiro de Christo, que por ordem do governador Francisco de Sá vinha substituir a Balthazar Fernandes no seu lugar de capitão-mór; estes dous, obtendo permissão do intruso governo, entraram na cidade, sendo o primeiro recebido com todas as attenções de que era digno, e animado com estas attenções procurou subornar a Beckman, a quem offereceu quatro mil cruzados e largas promessas de empregos honrosos, assegurando-lhe o perdão geral; o que foi recusado por Beckman, que com tudo *protestou aguardar as ordens do principe, a quem havia recorrido o povo por seus procuradores*; e assim despediu a Hilario que se retirou para Tapuytapera á fazer companhia a Antonio de Albuquerque, recolhendo-se ambos depois ao Pará, divulgando-se logo em S. Luiz a proposta que Hilario havia feito a Beckman. Ficou sómente em S. Luiz o sargento-mór Miguel Bello da Costa.

No dia 1 de setembro do mesmo anno seguiu Thomaz Beckman para a sua commissão á côrte de Lisbôa.

A esse tempo, já a infantaria da praça que se achava aggregada aos revoltosos, se havia reunido debaixo do commando do sargento-mór Miguel Bello da Costa, e os revoltosos mais importantes se haviam retirado á suas fazendas, logo depois da partida de Thomaz Beckman para Lisbôa, no 1· de setembro de 1684, ficando assim abandonado o seu irmão Manoel Beckman; não lhe valendo a sua astucia e os meios que empregou e de que lançou mão para sustentar a revolta.

Neste estado bastava sómente a presença do novo governador para tudo serenar.

Debalde tentou ainda Beckman reunir e incorporar os seus alliados, pelo receio em que estavam do perigo que os ameaçava; indo um delles denunciar ao sargento-mór Miguel Bello da Costa, este desde logo dispôz a infantaria da guarnição da praça, que já lhe prestava obediencia, e Beckman, conhecendo por sua sagacidade deste movimento, tratou de dissimular, prevenindo os seus cumplices; e receioso de ser descoberto, recolheu-se á sua casa, pensando menos na revolução do que no perigo que o ameaçava, em vista do aviso que recebera de um sacerdote autorisado, que lhe recommendou tivesse em bôa guarda a sua vida.

Esta nova commoção de Beckman tinha por fim se fazer eleger pelo povo primeiro commandante da capitania, para assim recuperar o seu prestigio primitivo entre a infantaria, e deste modo se assegurar melhor na opinião e no animo dos revoltosos.

Neste estado se achava a revolução no Maranhão, quando no dia 15 de maio de 1685 appareceu no horisonte um grande navio, que foi obrigado pela regidez do vento a fundear fóra da barra, entre os baixos que lhe ficam proximos; a seu bordo vinha o novo governador Gomes Freire de Andrade revestido da autoridade de capitão general, o qual mandou logo á terra Francisco de Mattos Falcão e Jacintho de Moraes Rego, aquelle morador no Pará e este em S. Luiz, ambos acompanhados de um irmão deste ultimo de nome Gabriel de Moraes Rego, que servindo então de juiz ordinario, encontraria bôas disposições no animo dos revoltosos; todos elles tinham vindo de Lisbôa, em companhia do governador, com o fim de sondarem as bôas ou más disposições dos moradores, com relação á revolta.

Pouco depois voltou Francisco de Mattos com a bôa e lisonjeira nova de que tudo se achava em paz; porque os sediciosos tinham posto todas as suas esperanças nas negociações de que haviam encarregado o seu procurador Thomaz Beckman perante a côrte de Lisboa; approximava-se a noite e o governador adiou o seu desembarque para o dia seguinte.

Logo pela manhã veio á bordo, por parte da camara, uma commissão, composta do procurador e escrivão, felicitar o governador pela sua feliz viagem, e pedir-lhe o adiamento do seu desembarque para o dia seguinte, afim de dispôrem melhor a sua recepção, e com tempo prepararem o seu palacio; ao que não quiz annuir o governador, e os despediu declarando que faria a sua entrada na tarde daquelle mesmo dia, e quanto aos reparos do palacio, ficaria residindo na casa da camara emquanto elles se fizessem.

Quando já se dispunha o governador para o seu desembarque, chegou á bordo uma canôa na qual vinha um filho do procurador da fazenda real da capitania, Francisco Teixeira de Moraes, com aviso de seu pai e do sargento-mór Miguel Bello da Costa, de que Beckman e seus sequazes commoviam o povo para que o governador, antes do seu desembarque, lhes garantisse o perdão geral para todos os revoltosos.

Por esta razão não desembarcou o governador na tarde desse dia, e resolveu que desembarcasse na lancha de bordo o capitão Manoel do Porto com o seu alferes Nicoláo Nunes e 50 soldados, com ordem expressa de tomarem a todo o risco qualquer dos fortes e plata-fórmas que dalli se viam, e se incorporassem á infantaria da guarnição da praça, pondo logo em movimento o navio para fazer a sua entrada na barra.

Grande parte do povo buscava a principal praça da cidade; mas conhecendo as disposições que levava Gomes Freire entrando na barra, e que a infantaria do capitão Porto, achando-se em terra, em breve se reuniria á da guarnição da praça a que assistiam Gabriel Pereira da Silva e o juiz Gabriel de Moraes Rego, com perto de 40 viannezes e outros moradores, trataram os sediciosos de pôr em segurança as suas pessôas, occultando-se nos mattos.

Sem a menor resistencia tomou o governador conta da cidade, onde foi recebido com as formalidades do costume, tomando posse do governo no senado da camara.

Backman desde logo se julgou perdido, mas pretendeu dissimular innocencia no seu passado procedimento; continuando a residir na cidade, até que o governador bem informado de tudo o mandou prender, encarregando a justiça publica de o executar, do que tendo aviso Beckman tratou de se pôr em segurança, o que foi de completo desanimo para os compromettidos que confiavam nelle.

O governador fez logo publicar o perdão que trazia para os compromettidos, exceptuando os cabeças; e vindo em sua companhia o desembargador Manoel Vaz Nunes com alçada para devassar a revolução, este deixou logo de entrar em exercicio por ter chegado doente; entretanto o governador, não querendo perder tempo, tratou de prender os exceptuados no perdão, e tendo denuncia de que Eugenio Ribeiro Maranhão se achava occulto na capitania de Tapuytapera, tendo sido elle um dos deputados por parte da nobreza, e que fizera parte da junta revolucionaria, encarregou de o prender ao capitão Henrique Lopes da Gama, que prometteu remettel-o carregado de ferros.

A esta prisão seguiram-se a de Manoel Serrão de Castro, que na cerca dos frades foi o primeiro a empunhar a espada e animar o rompimento revolucionario, e a de Jorge de Sampaio, que na opinião do governador foi um dos mais turbulentos e mal intencionados.

Na mesma occasião em que partira o governador de Lisboa viera um patacho, que contrariado por máo tempo havia arribado á Cabo-Verde; nesse patacho vinha preso Thomaz Beckman, procurador dos revoltosos, que, aproveitando um ensejo favoravel, havia fugido para terra e se procurara garantir recolhendo-se a uma igreja, d'onde fôra violentamente tirado e novamente preso, apezar das immunidades de que então gosavam as igrejas; este patacho havia chegado ao Maranhão vindo de Lisbôa.

Nesse mesmo dia chegou tambem de Tapuytapera Francisco de Sá de Menezes, certo de já encontrar no Maranhão o seu successor, sendo recebido com todas as attenções devidas á sua pessoa.

O governador Gomes Freire, logo que tomou conta do governo do Maranhão, mandou vir do Pará os padres da companhia de Jesus, que para alli foram mandados pelos revoltosos, e restaurou o contracto do Estanco; restituindo a liberdade com honras especiaes ao juiz dos orphãos Manoel Campello de Andrade.

Quanto ao capitão Balthazar Fernandes já havia fallecido ha muitos mezes na prisão de sua casa; mas a sua viuva recebeu uma honrosa carta da real assignatura.

Beckman do retiro da ilha, onde esteve os primeiros dias de sua fuga, passou cuidadosamente ao seu engenho do Meary, onde se julgou mais garantido; porém o governador, que fazia todo o empenho pela sua prisão, havia offerecido premios em differentes bandos a quem o prendesse.

Existia na cidade de S. Luiz um Lazaro de Mello, que supposto fosse de boa familia, era todavia um ente vil, sem honra e desbrioso; moralmente mais leproso do que physicamente foi aquelle de que nos falla a sagrada escriptura.

Este moço tinha sido pupillo de Beckman e era seu afilhado; sabendo que o governador, entre os premios que tinha offerecido a quem o prendesse, havia o da nomeação de capitão das ordenanças dos nobres, que muito desejava, cego como Judas pelos trinta dinheiros, dirigiu-se ao engenho do Meary, onde tinha certeza de encontrar a sua victima, confiando em que a elle não se occultaria, e levando em sua companhia alguns dos seus escravos de melhor confiança, alli chegou dissimuladamente e batendo á porta da casa do engenho em procura da sua victima, teve em resposta que alli ja não estava e sim na cidade, para onde se havia retirado; esta resposta o desanimou; julgou malograda a sua empreza.

Beckman achava-se occulto em um bosque proximo á casa; mas tendo aviso de que o infame afilhado o procurava, e não podendo esperar desse miseravel mal algum em vista do muito que por elle havia feito, suppôz, com bom fundamento, que elle lhe vinha trazer alguma noticia que lhe interessasse, e mal pensando no fatal perigo que o ameaçava, o mandou chamar, tendo todavia a cautela de o receber de clavina em punho e para elle apontada.

O miseravel infame, queixando-se da pouca confiança que o padrinho nelle depositava recebendo-o por aquella forma, procurou distrahir-lhe a attenção com as novidades que lhe trazia, dando assim lugar a que um dos seus escravos robusto, musculoso e forte, a um seu signal o opprimisse nos braços, privando-o de exercer qualquer acção em sua defesa, e ajudado por elle e os demais escravos o prenderam, ligando-o fortemente com cordas!!...

Aos seus gritos correu em seu soccorro o fiel e honrado

feitor com alguns escravos; mas lhe foi intimado pelo infame afilhado que se contivesse em nome de El-Rei!

Deste modo foi preso e logo conduzido o pobre Beckman para a canôa que aquelle vil e miseravel homem havia postado no porto de embarque da mesma fazenda.

De balde Beckman o accusava da ingratidão com que lhe pagava, por aquelle modo infame, as innumeras finezas e beneficios que lhe tinha feito; o miseravel respondia-lhe augmentando o tormento com o desprezo das suas queixas: afinal pediu-lhe que o aliviasse do tormento dos ferros, afiançando-lhe que para a segurança de sua pessoa empenhava a sua palavra: foi sómente quando se moveu aquella féra, tal era a confiança que elle tinha no generoso animo de Beckman, como lhe provou; porque no decurso de 60 leguas, tendo-se-lhe offerecido muitas occasiões de fugir á morte desastrada que o ameaçava, preferiu a tudo o cumprimento de sua palavra!

O governador Gomes Freire de Andrade, á presença de quem foi levado o preso, cavalheiro como era de sentimentos nobres, sentiu-se mortificadissimo por tão infame e baixa acção, praticada por um miseravel e desprezivel ente, que nem ao menos podia attenuar a sua infamia, allegando constrangimento pelo temor do castigo que o ameaçava por falta da revelação, que naquelle tempo impunham as leis ao que occultavam os criminosos, e os não denunciavam; porque esta pena não tinha sido comprehendida na excepção do perdão geral que o governador havia publicado; e assim dissimulando a impressão desagradavel que lhe causou tão negro procedimento, mandou-lhe passar a promettida patente de capitão da companhia da nobreza, como paga da negra traição que acabava de praticar, e que desde logo lhe serviu de desgosto pela affronta que soffreu no acto de sua posse, á que um só homem não compareceu; e recorrendo ao governador, a quem pediu providencias, este lhe respondeu que já tinha cumprido a sua palavra satisfazendo a nomeação que promettera.

Beckman foi logo trancado na enxovia da cadeia publica, onde já encontrou o seu irmão Thomaz e Jorge de Sampaio, um dos que tinham servido de procuradores do povo.

Foram todos condemnados a morte natural, sendo executados sómente Manoel Beckman e Jorge de Sampaio; á Thomaz Beckman foi comutada a pena pela de morte civil, valendo-lhe para isto a immunidade de que se servira em

Cabo-Verde; Belchior Gonçalves, mister (quasi escravo) a 10 annos de degredo, sendo açoutado pelas ruas publicas da cidade; Eugenio Ribeiro Maranhão e todos os mais que se achavam presos foram postos em liberdade, pagando as custas da alçada; ficou recluso em seu convento o religioso, que do pulpito incitou o povo á rebeldia; e um vigario, que tambem fôra compromettido na revolta, ficou privado do beneficio da sua igreja.

Lazaro de Mello acabou como o Judas do apostolado, malquisto e desprezado de todos que conheciam o seu caracter vil e infame; consumido e perseguido pelo remorso, pôz termo á sua miseravel existencia, enforcando-se depois de alguns annos em uma engenhoca de fazer aguardente.

Por esta resumida exposição, que é a reproducção do do que escreveu Bernardo Pereira de Berredo em sua citada obra *Annaes Historicos do Estado do Maranhão*, se vê que nenhum fundamento politico levou Beckman a pôr em campo essa revolução que lhe trouxe a perda de vida em um cadafalso.

Vejamos o que dizem os demais escriptores que tratarem desse facto.

Teixeira de Menezes em seu manuscripto *Relação historica e politica dos tumultos do Maranhão*, descreve Beckman com um caracter perverso; diz que elle voltou da prisão ainda mais rancoroso e feroz do que quando para alli fôra, em nada emendado, procurava seduzir os plebeus e mechanicos, em quem o ociosidade e a miseria geravam pensamentos aereos e enfatuações de nobreza, com as honras vinculadas na vereação, que as leis então em vigor lhes vedavam, triumphando a sedição; aos inimigos da companhia de Jesus, com a sua expulsão; aos mercadores, com a extincção do contracto do Estanco, que os arruinava; finalmente, a uns com o perdão das sommas que deviam ao mesmo Estanco, e a outros com a promessa de saque e abertura de estradas para os sertões.

Com taes promessas (diz o autor) não podia deixar de adquirir infinitos preselitos; conseguiu, portanto, trazer ao seu partido todos os homens ferozes e perdidos de crimes e dividas.

O illustrado maranhense João Francisco Lisbôa, em sua obra *Apontamentos, noticias e observações para servirem á historia do Maranhão*, contesta que esse fosse o caracter de Beckman; diz que Berredo falla de Beckman com um des-

prezo apaixonado e com exagero. Em todo o caso, não sendo o illustrado maranhense contemporaneo de Beckman e não firmando a seu juizo em documento algum que destrua o que escreveu aquelle autor, que foi contemporaneo e nessa occasião occupava o logar de provedor da fazenda real, o seu juizo precisa de prova para afiançar que aquelle chronista quando escreveu «foi ainda inspirado pelo odio e baixeza que lhe votava, quando ainda fumegava o sangue do sacrificio da victima.»

Seja ou não verdade o que refere o chronista, em todo caso foi com estes elementos que elle pôz em campo a conspiração.

Apoderou-se do governo, e fez intimar aos padres da companhia de Jesus um protesto em forma de manifesto, datado e assignado a 18 de março de 1684.

Este manifesto que vem transcripto na citada obra de J. F. Lisbôa de pag. 233 em diante, por ser extenso deixo de copiar; nelle não se encontra uma só palavra que revele sentimento para a indepenencia nacional.

Trinta e sete padres foram tirados em nome do povo para deixarem pela terceira vez o Maranhão, não porque tivessem dado escandalos no espiritual e sómente no temporal, escandalos, que diziam elles revoltosos, já haviam declarado em queixa dirigida ao *Principe Nosso Senhor que Deus guarde, e que de presente não podiam manifestar a causa de tudo a Sua Alteza por lhes ser necessario tempo e estavam certos de que Sua Alteza os attenderia.*

Pela linguagem deste manifesto todo attencioso á pessoa do *Principe Real*, de quem esperavam ser attendidos, se vê que a conspiração não teve por fim a independencia nacional, e ainda menos estabelecer a forma do governo republicano, como melhor se poderá verificar lendo-se o referido manifesto.

Beckman, desejando tomar vingança da violencia de que foi victima, e ao mesmo tempo vendo que só podia melhorar de fortuna empregando os indios no serviço do seu engenho, aproveitou-se da indisposição do povo contra o Estanco, que tanto o prejudicava, e contra os jesuitas que não consentiam na escravidão dos indios, nem tão pouco que se aproveitassem de seus serviços sem remuneração, e pôz em execução o seu desejo, confiando na clemencia do *Principe Real.*

Leia-se o que escreveu o illustrado maranhense em sua

citada obra de pags. 181 a 276, que não se encontrará um facto ou circumstancia qualquer que autorise ao menos por supposição, que Beckman tivesse por fim a independencia nacional.

Com a deposição dos jesuitas, (diz o mencionado autor) terminou o periodo ascendente da revolução, e os alliados de Beckman o foram abandonando, não lhe valendo os meios que empregava para os animar, recordando-lhes as glorias dos antepassados na guerra hollandeza, da conquista e restauração contra os francezes e a primeira expulsão dos jesuitas; dizia que não era crivel que o *Principe pela sua bondade habitual* a viesse desmentir naquella occasião; e não era de esperar, que *o mesmo Principe com politicos rigores levasse á desesperação vassallos tão fieis e benemeritos a quem a sua corôa devia tanto, e que atrozmente perseguidos podiam demasiar-se em novos excessos, buscando na protecção de algum Rei estranho a justiça com que lhes faltava o natural.* Que em vista do que era attestado no passado se via que não era possivel que lhe faltasse no presente com *o esquecimento e perdão da desobediencia.*

Eis a linguagem do percursor *da independencia nacional e forana do governo republicano,* tão invocado no senado nacional!!

Nem uma palavra que autorise a suppôr-se sentimento occulto de liberdade e independencia!

Ainda mesmo que fossem levados ao desespero, iriam procurar a protecção de um rei estranho; isto é, iriam servir a outro senhor, e não procurariam a independencia nacional!

Foi confiado na clemencia do principe, que mandaram Thomaz Beckman á côrte de Lisbôa como procurador do povo, apresentar-lhe as suas queixas e respeitosamente lhe pedir a satisfação dellas; faltou-lhe, porém, a clemencia do principe, e Beckman preso por um infame traidor, foi condemnado a morte com seu companheiro Jorge de Sampaio. A' Gomes Freire, ao assiguar a sentença de morte de Beckman, tremeu a mão, diz Fr. Domingos Teixeira.

A sentença foi executada a 2 de novembro de 1685.

Do alto do patibulo, como verdadeiro christão pede perdão de todas as offensas que tinha feito ao proximo, declarando que pelo povo do Maranhão morria contente! O que prova que tinha uma alma nobre e soube morrer como

um herói; ao menos *não beijou os pés ao carrasco* como fez Tiradentes!

Eis o que foi o celebre Beckman!

Pela exposição dos factos narrados pelo illustrado maranhense e pelos chronistas citados, se vê que esta conjuração nada teve de politica para a independencia nacional; foi semelhante a outras muitas que tem havido em todos os tempos, quando o povo se vê opprimido com impostos e vexames; igual á da Maria da Fonte em Portugal, e á da lei do censo ou *quebra kilos* dos nossos camponezes e sertanejos, que tiveram a felicidade de nascer quando já não vigorava a Ordenação do liv. 5· que mandava condemnar á morte por qualquer revolta.

Um illustre senador pelo estado de Minas disse, que *Tiradentes* era considerado o precursor da independencia, por ter sido o primeiro martyr que, depois de morto, fôra esquartejado e que soffrera maior martyrio!

Si o illustre senador não desconhece a historia de sua patria, deve ter remorsos de consciencia pela injustiça que fez nessa occasião á memoria de um seu conterraneo, que soffreu maior martyrio do que teve *Tiradentes*, e sem duvida alguma é digno de maior respeito e veneração do que foi esse martyr inconsciente da inconfidencia mineira.

Não se devia esquecer nessa occasião do nome de um seu coestadano, que muito antes de ter nascido *Tiradentes*, já havia soffrido maior martyrio do que elle, sendo dilacerado em vida na praça publica, na tarde do dia 16 de julho de 1720, amarrado ás patas de quatro cavallos bravios, tangidos a chicote!!....

Esse bravo chamava-se *Felippe dos Santos*, e o seu crime foi a parte que elle tomou na sublevação de Villa Rica e Ribeirão do Carmo na noite de 28 de junho de 1720, que teve como pretexto a cobrança dos impostos de quitação e o estabelecimento de casas de fundição no territorio mineiro: sendo os seus principaes cabeças o mestre de campo Paschoal da Silva Guimarães, *Felippe dos Santos*, Manoel de Mosqueira da Roza, seu filho Fr. Vicente Botelho, Fr. Francisco do Mont'Alverne, João Ferreira Diniz e outros.

Eram 11 horas para meia noite quando o povo se amotinou em numero de mais de duas mil pessoas e se dirigiu á casa do Dr. Martinho Vieira, ouvidor geral da comarca,

com intenção de o matar (segundo refere o governador Dom Pedro d'Almeida, conde de Assumar) e como o não encontrasse em casa, os amotinados escalaram e destruiram tudo quanto encontraram, levados pelo espirito de vingança pela severidade com que aquelle magistrado obrigava os poderosos e validos da terra a pagarem suas dividas, o que para elles era um aggravo á seus brios de honra.

D'alli seguiram para a villa do Ribeirão do Carmo, onde se achava o conde governador, a quem apresentaram as suas queixas e reclamações, capituladas em quinze artigos nos quaes pediam a extincção da casa de fundição e cunho da moeda; a prohibição de se fazerem novos contractos, garantindo a S. M. a quem *Deus guarde*, as trinta arrobas que era costume pagar-se, lançando-se sómente a cada negro 1/2 oitava; e no caso de não chegar se obrigavam a lhe inteirar com a contribuição das lojas e vendas; pediam a prohibição da arrematação dos escravos em praça por diminutos preços, sendo que deviam ser entregues aos credores por preços razoaveis, depois de avaliados por homens de consciencia, quando não houvesse lançadores; pediam mais: um regimento de custas para os funccionarios da justiça, de modo que alli não se pagasse mais do que no Rio de Janeiro: providencias para a aferição dos pesos, que evitasse os abusos dos arrematantes e empregados das camaras; a diminuição dos impostos lançados nos generos que expunham á venda; providencias contra os vexames das multas impostas pelas camaras, ; que as calçadas das ruas fossem feitas á custa das camaras e não dos proprietarios; assim como, que as companhias de dragões se sustentassem a sua custa e não do povo; que os contractantes dos dizimos não tivessem privilegio executivo para as suas cobranças si não dentro do exercicio do anno; que nenhum ministro lançasse despachos violentos, ordenando prisões e sómente fizesse de conformidade com o que dispunha a lei do reino; finalmente pediam para que o governador, em nome de S. M. que *Deus guarde*, lhes concedesse perdão geral, sellado com as armas reaes, sendo registrado na secretaria do governo, camaras etc., e que fosse publicado ao som de caixa.

Pela exposição dos mencionados artigos contidos nesse manifesto, se vê que essa conjuração nada teve de politica e somente reclamações justas e razoaveis á bem do povo.

Entretanto o governador da capitania D. Pedro d'Almeida, conde de Assumar dando conta dessa conjuração,

em carta que dirigiu ao governador geral do estado. datada de Villa Rica a 2 de agosto de 1720, disse que a conjuração tomara grande vulto, e chegou mesmo a descobrir, que o intuito do maior dos cabeças (não diz o nome) era formar uma republica e expulsar do governo a todos os ministros d'El-Rei, e não admittir outros que se mandassem. Seja verdade ou exagero do conde governador para dar maior importancia ao serviço que acabava de prestar, o certo é que esta conjuração foi de muito maior valor e importancia do que a tal inconfidencia mineira que *«não passou de um sonho de poetas»*.

Disse ainda o governador que a essa petição não dera logo despacho, e procurou demoral-o por tres ou quatro dias, afim de vender caro esse beneficio e principalmente porque pretendia por este meio ganhar o tempo preciso para tomar as suas providencias de modo a abafar a sublevação; e que muito concorrera para o feliz resultado que obteve, o convencer-se o povo que acompanhava os revoltosos, de que dos seus principaes cabeças tencionava cada um ficar com duzentos negros, pagos a custa do povo e por esta razão foram abandonados os seus chefes.

Disse que Sebastião da Veiga Cabral, sendo um dos principaes conjurados, procurava dissimuladamente afear a situação revolucionaria, fazendo-lhe incutir no animo que se devia retirar para S. Paulo e deixar o governo; mas que elle firme em seu posto de honra, lhe respondera que em quanto lhe corresse o sangue pelas veias, não daria um só passo que revelasse uma retirada.

Sendo a esse tempo avisado de que em Villa Rica se pretendia amotinar o povo na noite de 13 de julho, obrigando-o por força ou por vontade a dar o ultimo golpe decisivo, entendeu que era chegada a occasião de desembainhar a espada e cortar a cabeça da hydra, para ver se aproveitava mais com o rigor do que tinha até então aproveitado com a brandura.

Constando-lhe que Sebastião da Veiga se correspondia com Manoel de Mosqueira da Rosa, ouvidor que havia sido da comarca, e um dos cabeças conhecidos, julgou sufficiente este indicio para o mandar prender, o que effectivamente fez, mandando seguir naquella mesma noite uma companhia de dragões para Villa Rica onde se achavam os conjurados, o mestre de campo Paschoal da Silva Guimarães que era o principal cabeça e autor de tudo, Manoel de Mosqueira da

Rosa, seu filho Frei Vicente Botelho, Frei Francisco de Mont'Alverne, João Ferreira Diniz e outros.

Esta importante diligencia foi logo executada, e produzia um importante resultado; porque no dia seguinte estavam todos presos na Villa do Carmo, menos Sebastião da Veiga, a quem mandou seguir, por ter ido em caminho do Rio de Janeiro.

Ainda na noite de 15 pretenderam os cabeças, com os seus escravos armados, fazer motim na ilha, e como o povo não os quizesse mais acompanhar e fugissem desamparando as suas casas, que ficaram expostas á sua ferocidade, foram arrombadas as portas e janellas, roubando-se tudo o que nellas encontraram, ameaçando ainda aos moradores que se no dia seguinte não se achassem em suas casas para irem tirar os presos na villa do Carmo, os matariam e pôriam fogo a toda a villa.

A esse tempo chegara á villa do Carmo, onde se achava o governador, a gente que elle havia mandado convocar para pôr termo a esses desatinos e castigar os criminosos.

No dia 16 mandou o governador que os presos passassem pela mesma villa em que se amotinaram, e como Paschoal da Silva Guimarães fosse o cabeça mais importante, determinou que á sua vista queimassem a sua casa e a dos seus sequazes! Dizendo em officio, que assim mandara executar, para com este rigor dar um exemplo em uma terra onde eram tidas por brio as sublevações, sem que até aquella data soffressem o menor castigo!

Um illustrado escriptor mineiro nosso contemporaneo, cita este facto com as seguintes palavras. «O general entrou « altivo a frente da cavallaria composta de duas compa- « nhias de dragões reaes que guarneciam a provincia e de « uma infantaria de 1.500 homens. No meio destes vinham « presos os conjurados. Eram quasi todos moradores em « uma das montanhas, cujo dorso ennegrecido flanqueia o « norte da cidade como uma muralha de gigantes. Suas ca- « sas lá erguiam-se sobre a penedia escura e esverdinhada « como um bando de gaivotas do mar, assentes sobre os ro- « chedos que dominavam os abysmos do oceano. O povo « que estava reunido na praça, via no meio de profundo si- « lencio erguerem-se a principio alguns novellos de fumo, « que pouco a pouco tornaram-se mais densos e que afinal « rodearam toda a montanha. De repente um brilho sinis- « tro illuminou com um clarão avermelhado a atmosphera

« carregada de negrume. As chammas dominaram os no-
« vellos de fumaça, devoraram em pouco a povoação inteira,
« os tectos desabaram com estrepito, só as paredes que eram
« de pedras não foram destruidas.

« O viajante que passa pela cidade de Ouro Preto, vê
« ainda hoje essas muralhas ennegrecidas, semeadas ao lon-
« go da montanha; ignorando a historia do passado aponta
« para ellas e diz: alli está a obra estragadora do tempo.
« Não, não foi o tempo que as produziu, foi o despotismo.
« Essas ruinas negrejam ahi como as reliquias sagradas do
« passado, até que o brazileiro menos ingrato para com seus
« maiores vá soletrar nessas pedras fendidas e derrocadas
« pelo incendio uma das paginas mais gloriosas da sua histo-
« ria.»

O illustre senador mineiro não teria tido occasião, como um dos brazileiros menos ingratos para com os seus maiores (servindo-me da phrase do illustrado escriptor) de ir soletrar nessas pedras fendidas e derrocadas pelo incendio do despotismo, «uma das paginas mais gloriosas da historia de sua patria?»

Si teve essa occasião deve sentir remorsos pela injustiça que fez á memoria de *Felippe dos Santos*, esquecendo-se, com a mais negra ingratidão, do sacrificio que fez este heroe, escrevendo com o seu sangue a pagina mais gloriosa da historia de sua patria; e se nunca teve essa occasião, illustrado como é, não tem desculpa a sua falta, porque S. Exc. não está no caso d'aquelles ignorantes que só sabem repetir o que ouvem, sem consciencia do que dizem, sem estudo e criterio.

Continuando o conde governador a narrar os factos dessa conspiração, no mencionado officio, disse que ainda depois de presos Paschoal da Silva Guimarães e seus companheiros, tentaram os demais revoltosos reunir gente no campo da Cachoeira, para tirarem os presos em caminho, e que nessa diligencia fôra preso *Felippe dos Santos*, um dos cabeças que nessa revolta havia praticado os maiores desatinos: pelo que lhe mandara fazer logo summario de suas culpas, e como tudo confirmasse e nada negasse, o mandou arrastar e esquartejar!!....

Dizendo que assim havia procedido, pela necessidade urgente que teve de dar um exemplo de rigor e por estar certo de que, si S. M. estivesse presente, maior seria ainda o rigor do castigo! E foi de tão bom effeito esta execução, accres-

centou elle, que logo tudo serenou, transformando-se a audacia e o atrevimento em medo e socego.

Escreveu ainda o mesmo illustrado escriptor mineiro o seguinte « Dos conjurados um houve que, além de cri-
« minoso, era impenitente. No dia antecedente (16 de ju-
« lho de 1720), foi elle conduzido perante as justiças; os
« outros compraram a vida desculpando-se. *Felippe dos*
« *Santos* com a consciencia de homem que reconhece ter fei-
« to um voto de heroismo, levantou-se sereno perante o juiz
« e confessou *de pleno* (diz o general) todos os *seus crimes.*

« A ultima scena do drama sombrio que imos escreven-
« do foi a elevação dos postes nos diversos lugares em que
« os conjurados se haviam reunido, e nos quaes foram er-
« guidos os membros esquartejados desse *primeiro—martyr.*

« Aos demais presos se procedeu no summario de suas
« culpas, confiscando-se os seus bens para a fazenda real;
« sendo todos remettidos para Portugal, onde acabaram os
« seus amargurados dias na prisão.»

Assim terminou a conjuração de 1720.

Já vê o illustre senador mineiro, que *Tiradentes* não foi o primeiro esquartejado; antes delle ter nascido ja *Felippe dos Santos* havia sido em vida despedaçado horrivelmente!

Um jornalista nosso contemporaneo, commemorando a data de 16 de julho de 1720, em que foi dilacerado em vida o heroe *Felippe dos Santos*, diz que elle foi o unico dos conjurados que confessou o plano da organisação de um novo governo, com exclusão de todas as autoridades portuguezas.

Depois de sua confissão o conde de Assumar o mandou amarrar ás patas de quatro animaes bravios e esquartejal-o na tarde de 16 de julho de 1720, descrevendo do seguinte modo essa scena de horror e de sangue:

« Com o rosto altivo, com os labios frios e mudos, cami-
« nhou o heroe para a praça publica. A multidão apinha-
« va-se. Queria ver ainda uma vez o spartano que ia tro-
« car a febre da vida pela frieza da morte. O povo idolá-
« tra a novidade e é sempre novidade o assassinato em nome
« da lei, a barbaria nas vinganças, o cadafalso ou o esquar-
« tejamento nas praças. A tarde *Felippe dos Santos*, o mais
« nobre e o mais bravo dos conjurados, ja não existia. Os
« raios frouxos do sol poente, que douravam o céo illumi-
« naram lugubremente o horisonte e levaram á historia o ul-
« timo—*adeus do primeiro martyr.*»

Assim acabou o desventurado *Felippe dos Santos* os seus

amargurados dias por ter querido estabelecer em sua patria, em 1720, o que dez annos antes, em 1710, havia pretendido estabelecer na sua o heroe pernambucano Bernardo Vieira de Mello, soffrendo o martyrio mais horroroso e estupido até hoje conhecido, com a serenidade de espirito que só sabem ter aquelles que morrem pela liberdade de sua patria! A sua memoria desappareceu e foi consumida com a maior ingratidão nessas chammas que « brilharam em si« nistro clarão avermelhado, quando devoraram a sua casa « e as dos seus companheiros de infortunio, e essas ruinas « negras que ainda hoje existem, como reliquias sagradas do « passado glorioso para attestar aos posteros o mais descom« munal despotismo» ainda não acharam um brazileiro *menos ingrato* para com os seus maiores, que fosse solettrar nessas pedras fendidas e derrocadas pelo incendio, o que nellas escreveu com o seu sangue o desventurado *Felippe dos Santos!* A sua gloria é hoje roubada para se dar a *Tiradentes* sem o menor protesto! Não, não o será!!

Felizmente existe esta patriotica associação, que tem como um dos seus deveres apurar a verdade historica de nossa patria, tendo por divisa o trabalhar *um por todos e todos por um*, concorrendo cada qual com o esforço de sua intelligencia e o subsidio de que dispõe para chegarmos ao fim que almejamos. E' para isto que aqui nos achamos reunidos.

Seja, portanto, eu, um dos mais obscuros membros desta associação, *o brazileiro menos ingrato para com seus maiores*, o que levante neste momento um brado de solemne protesto contra a precedencia que o illustre senador mineiro quer dar á *Tiradentes*, por ter sido o primeiro que soffreu maior martyrio, sendo esquartejado depois de morto.

Si prevaleceu esta razão, peço ao illustre senador que comigo solettre *naquellas pedras fendidas, ennegrecidas e derrocadas pelo incendio o nome de Felippe dos Santos*, alli escripto com o seu proprio sangue em 1720, vinte e oito annos antes de ter nascido *Tiradentes!*

Embora assim procedendo, seja accusado de perseguidor de *Tiradentes*, fazendo-lhe depois de sua morte um novo summario de suas culpas.

A isto responderei com a calma de minha consciencia que a tanto sou obrigado pela pertinacia daquelles que, ignorando a historia patria, entendem que podem dar a *Tiradentes* uma gloria que não lhe pertence, levando o seu ca-

pricho ao ponto de se profanar o santuario de um archivo para se falsificarem documentos, que alli se acham depositados, riscando-se palavras alli escriptas, como adiante provarei.

Si não foi elle o que soffreu maior martyrio, tambem não foi o primeiro que iniciou a idéa de independencia e forma do governo republicano. Esta gloria pertence ao benemerito pernambucano Bernardo Vieira de Mello que dez annos antes do martyrio de *Felippe dos Santos* e trinta e oito annos antes de ser nascido *Tiradentes*, já a havia proclamado no senado de Olinda, como tenho provado com documentos irrecusaveis, sendo que foi elle o primeiro americano que no solo de sua patria lançou a semente da soberba arvore da liberdade, projecto que elle desde muito concebera com o seu mestre de campo João de Freitas da Cunha que infelizmente morreu nesse mesmo anno; um dos bravos pernambucanos que militaram na guerra hollandeza, Pedro Ribeiro da Silva, André Dias de Figueredo, seu irmão o Dr. José Tavares de Hollanda, João de Barros Rego, o alcaide-mór Felippe de Moura e outros muitos membros das familias mais importantes da capitania, que naquelle tempo constituiam a principal nobreza pernambucana.

Foram estes os primeiros apostolos da propaganda que em reuniões secretas, e em lugares incertos, se reuniam para este fim, sendo para isto antecipadamente avisados. Tinham a sua giria especial, delles somente conhecida, que usavam nas reuniões publicas, causando especie aos circumstantes que a não conheciam; e quando interrogados por algum amigo para lhes explicarem a giria respondiam do modo porque o fez o Dr. José Tavares de Hollanda na Ipiranga, um dos arrabaldes desta cidade, com a simples declaração—« Para que queremos rei? Os pernambucanos são « capazes de se governar a si mesmos. »

Este facto e outros semelhantes refere o autor das *Calamidades* em differentes partes de sua obra, o que ja tenho dito e provado com transcripções.

Tentaram prender o governador Caldas para pôrem em seu lugar o alcaide-mór *Felippe de Moura*, mas esta tentativa malogrou-se com a sua morte repentina, vindo em viagem para esse fim e foi por isto que deliberaram tentar contra a vida do governador.

Em vista de todos esses factos, é fóra de duvida que

esses benemeritos pernambucanos foram os primeiros apostolos e propagadores da independencia nacional neste estado, lançando no solo americano a semente da soberba arvore da liberdade de que hoje gosamos.

Este primeiro esforço para a liberdade foi abafado pela mão de ferro do despotismo e os seus autores os primeiros martyres da liberdade.

Bernardo Vieira de Mello entra nesta cidade preso e escoltado no dia 20 de maio de 1712, onde é recebido pelo barbaro governador e seu ouvidor, aos brados da canalha que em altas vozes pedia que o enforcassem; a isto estava disposto o infame governador que mandou logo convocar uma junta de justiça, que devia ser por elle presidida, persuadido de que podia sentenciar e executar nelle e nos demais revoltosos a pena de morte!

Felizmente naquelle tempo não era permittida a execução da pena de morte sem ordem expressa de S. M., e o tribunal logo na sua primeira sessão, em junho de 1712, estremeceu diante da responsabilidade perante o rei, e decidiu que se aguardassem ordens, sendo Bernardo Vieira de Mello conservado preso na fortaleza do Brum, até que de novo foi pronunciado pelo celebre Cutia, sendo logo elle e seu filho André Vieira de Mello e mais nove companheiros remettidos para Lisboa, onde foram todos encerrados nos carceres do Limoeiro.

Nesta prisão acabou *Bernardo Vieira de Mello* os seus amargurados dias, carregado de ferros, consumido de desgostos, tormentos e opprobrios, amanhecendo morto em sua prisão; foi seu filho o unico, por ser seu companheiro de infortunio, que por elle derramou uma lagrima de saudade; assim acabou aquelle patriota os seus amargurados dias longe da patria querida, da familia e dos amigos!

Entre tanto não é um martyr da liberdade, porque não foi enforcado, embora estivesse para isto disposto!

O seu filho André Vieira de Mello teve a mesma sorte; morreu repentinamente na prisão, logo depois de seu pai! Mysterio!...

Os nove companheiros de infortunio foram acabar os seus dias no exilio das Indias, longe da patria e da familia! Tambem não são martyres, porque não foram enforcados e esquartejados!

Vejamos agora o que foi essa conspiração da inconfi-

dencia mineira, e o papel que nella representou *Tiradentes*, á quem se quer erigir uma estatua.

O distincto e illustrado commendador Joaquim Norberto de Souza, meu nobre amigo de saudosa memoria, foi o que escreveu largamente a historia dessa conjuração, tendo á vista documentos em que se bazeou e que cita á cada passo, dizendo com muita propriedade serem elles as testemunhas da historia.

No epilogo de sua obra diz o seguinte: « A ideia da « independencia nacional pairou por sobre aquellas ca- « beças (poetas, padre e eruditos), cheias de intelligencia, « mas ningem via em torno de si um chefe que concentrasse « os elementos dispersos da conjuração; que lhe desse a ne- « cessaria forma e sahisse com ella á praça publica ao encon- « tro da victoria, em busca do triumpho. Vagava-se antes « n'um mar tenebroso de incertezas sem bussola que apon- « tasse o norte da desejada liberdade e a possibilidade de « alcançal-a, como que perecia entre as mil difficuldades que « vinham surgindo com a reflexão fria e sensata. »

« Não foi a conjuração mineira uma tentativa que mal- « logrou-se; jamais passou de uma ideia generosa quanto a « essencia e mesquinha quanto a forma etc. »

Vê-se, portanto, que essa conjuração, segundo mesmo o autor que a escreveu, não passou de um sonho de poetas, como bem disse o illustrado orador do Instituto, o Sr. visconde de Taunay, no centenario de Claudio Manoel da Costa; nenhuma importancia teve alem da ideia e bons desejos de seus autores, nem ao menos foi uma propaganda; não teve um chefe que a dirigisse, « *Vagávam em um mar de incerte- « zas sem bussola que apontasse o norte*, que deviam seguir; não passou de uma ideia generosa, *quanto a essencia*.

Entretanto acompanhemos os movimentos dessa sonhada conspiração, seguindo o que a respeito della se tem escripto.

O illustre conego Fernandes Pinheiro, escrevendo a biographia de Claudio Manoel da Costa, que leu no Instituto Historico e vem estampada em um dos numeros de sua Revista, diz que por certa convivencia litteraria que ligava os homens mais notaveis da capitania de Minas, era Claudio Manoel da Costa amicissimo de Thomaz Antonio Gonzaga, e por isto ia elle todas as manhãs tomar café em casa de Gonzaga, onde tambem se reuniam o *Tenente-Coronel* commandante do regimento de linha Francisco de Paula Freire de

Andrade e o seu cunhado o Dr. José Alves Maciel, que acabava de chegar da Europa, tendo estado nos Estados-Unidos; era á este a quem se attribuia a iniciativa da ideia republicana.

Esses ardentes patriotas pensavam repetidas vezes nos meios mais adequados de livrarem o seu paiz do jugo que o acabrunhava, e por isto viam no futuro horisonte brilhante a possibilidade da realisação *desse sonho dourado*; acreditavam que o povo exasperado com a cobrança do imposto da derrama que ia ser executado, se moveria de sua indifferença e prestaria adhesão aos planos de liberdade e por isto contaram com o seu apoio.

Amadurecida a ideia communicaram-na a mais alguns cidadãos distinctos do lugar, por suas luzes e posições officiaes, em cujo numero entravam o tenente-coronel de milicias Ignacio José de Alvarenga Peixoto, o Dr. Domingos Vidal Barbosa e o vigario Carlos Correia de Toledo.

Foi deste modo, de conferencia em conferencia, que se foi dilatando a esphera dos iniciados no segredo, que dentro em pouco chegou aos ouvidos do capitão general que, simulando de nada saber, deu parte ao vice-rei Luiz de Vasconcellos, combinando ambos desde logo os meios de malograrem a conspiração, apparentando imperturbavel calma no que era matreiro o visconde de Barbacena, que a esse tempo havia chegado e tomado posse do governo da capitania, a 11 de julho de 1788, em Villa Rica; deixou, portanto, que creasse corpo o temerario projecto, esperando que fosse grande o numero dos compromettidos.

Vinha este governador com instrucções apertadas para pôr em execução a arrecadação do imposto da derrama, o qual se achava reduzido na sua cobrança quasi á metade do seu annual rendimento, um dos mais importantes do patrimonio da corôa, por isto que os seus contribuintes eram devedores a fazenda real da enorme quantia de 538 arrobas de ouro ou 3.305:472$000 pelo rendimento do quinto!

Toda capitania estremeceu com a ideia das extorsões que lhe traria a cobrança dos quintos por meio da derrama e contribuição forçada; portanto a ideia do levante acudiu a todas as mentes, como unico recurso a oppôr-se a tão formal exigencia. Pozesse-a o governador em execução que appareceria immediata a reacção.

Emquanto o governo estudava os meios de ver como

lançaria a derrama, os conjurados tambem estudavam os de effectuar o levante.

Entretanto o governador, de conformidade com as instrucções que tinha, entendeu conveniente attender ás reclamações do povo e ordenou a suspensão provisoria da cobrança do imposto da derrama, emquanto levava as queixas do povo ao conhecimento de S. M.

Com éste acto do governador ficaram frustadas todas as esperanças dos conjurados, porque não podiam mais contar com o apoio do povo, que não tinha outras esperanças alem desta medida, que era de seu real interesse; e por conseguinte estava morta a ideia da conspiração; assim pensavam Claudio, Gonzaga, Alvarenga e Maciel, que eram os principaes autores do movimento revolucionario; Gonzaga dizia ao conego Luiz da Veiga que a occasião para o levante se tinha perdido.

Isto é referido pelo commendador Joaquim Norberto, conego Fernandes Pinheiro e todos quantos tem escripto a respeito dessa conjuração.

Desvanecida a ideia pela impossibilidade da sua execução estava o visconde de Barbacena em difficuldades, por falta de provas, de poder exercer o seu genio vingativo.

Quiz, porém, a fatalidade, diz o conego Fernandes Pinheiro, que um leviano fosse sabedor da conspiração e que por ella se enthusiasmasse tocando ao delirio o seu fanatismo; Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha *Tiradentes*, alferes do regimento de cavallaria de linha, foi o *genio do mal* desse prematuro tentamen da independencia.

Tendo sciencia do projecto de conspiração, procurou com uma desenvoltura de lingua e ostentação pregar a seus companheiros nos quarteis a ideia da conspiração; este seu procedimento não podia ficar impune. Chegando a noticia a Claudio Manoel da Costa, disse este, que se admirava dos soldados o não terem prendido, e desta opinião eram os demais conjurados que lamentavam do fundo d'alma que semelhante homem se tivesse constituido seu officioso e temerario auxiliar, quando *ignorava elle a mais recondita parte do plano concebido pelos chefes*!

Eis o grande e importante papel que representou *Tiradentes* nessa malograda tentativa!

Com a sua *leviandade, imprudencia e desazo*, comprometteu os homens mais distinctos e notaveis, envolvidos nessa conspiração! Quando podiam os seus serviços ser

aproveitados em occasião mais opportuna. E é por esses serviços que se vai levantar uma estatua á sua memoria!!

Foi quanto bastou para que o visconde de Barbacena tivesse motivo para prender os mais nobres caracteres da provincia, hoje estado de Minas.

Joaquim Silverio dos Reis, por alcunha Joaquim Salteiro, foi o infame denunciante; o capitão general, que acompanhava a marcha da conspiração, não se surprehendeu com a denuncia dada por Silverio, cujo depoimento muito lhe serviu para ferir com a espada da justiça áquelles que nas trevas haviam naquelle tempo pensado em *patria e liberdade*.

Vejamos agora quem foi *Tiradentes*, á quem se quer dar hoje a paternidade de chefe dessa malograda tentativa para a independencia nacional.

Joaquim José da Silva Xavier, *Tiradentes*, diz o commendador Joaquim Noberto, era de familia modestamente pobre, seu pai chamava-se Domingos da Silva Santos e sua mãi Antonia da Incarnação Xavier; nascera em S. João de El-Rei, no anno de 1748, fôra mascate em Minas Novas, mas a sua má fortuna levou-o a prisão, d'onde sahiu com pouco ou nenhum credito, segundo affirmou Alberto da Silva de Oliveira Rolim, no interrogatorio a que teve de responder.

Restituido á liberdade, deixou de ser mascate e foi ser militar, soffrendo quatro preterições, por não ter protecção; achava-se na idade de 30 annos e não passava de alferes; as suas repetidas queixas lhe fizeram adquirir a indisposição de seus companheiros: entregou-se a mineração e conseguiu adquirir um sitio no barranco do rio Parahybuna: faltavam-lhe, porém, os meios e só possuia tres escravos; dentro em pouco achou-se individado e os seus credores o reduziram á miseria. Voltou então as suas vistas para o Rio de Janeiro. Eram os ultimos lampejos de sua estrella que se apagava e de que tanto se illudiu tomando por brilhante esplendor de seu futuro, tão cheio de trevas e de sangue, diz o conego Fernandes Pinheiro.

Obtendo do seu coronel dous mezes de licença, partiu para o Rio de Janeiro, abraçando uma filha natural de menor idade.

Era de estatura alta e de espaduas bem desenvolvidas, como são em regra os mineiros; a sua physionomia nada tinha de sympathica, antes se tornava notavel pelo quer que fosse de repellente, devido em grande parte ao seu olhar

espantado : era feio e parecia sempre espantado, disse o coronel Alvarenga. Possuia o dom da palavra e expressava-se as mais das vezes com enthusiasmo, mas sem elegancia nem attractivo, o que era resultado da sua pouca educação.

Desci a estas considerações para mostrar que um homem nas condições de *Tiradentes*, sem fortuna, sem posição social saliente, sem familia, sem amigos, sem illustração, de uma imaginação exaltada, e finalmente sem orientação alguma, incapaz de conceber e executar um plano de conspiração e que dizia a Antonio José Soares de Castro, a quem communicou o projecto de conspiração, *que tinha esperanças de ver uma testa coroada na capitania de Minas*; não podia de modo algum ser a alma de uma conspiração. Este juizo não é sómente meu, é tambem manifestado pelo visconde de Barbacena em um artigo que fez publicar no *Jornal do Commercio* de 27 de novembro de 1872, com o titulo *Joaquim José da Silva Xavier, vulgo Tiradentes*, isto quando alguns jovens exaltados tentaram erigir um monumento a *Tiradentes*, por meio de uma subscripção que se malogrou, bem como pelo autor de um outro artigo que foi publicado no mesmo jornal de 19 de maio do anno proximo passado, com o titulo *Tiradentes*.

Em ambos esses artigos os seus autores contestam que *Tiradentes* fosse o chefe dessa tentada conspiração : o visconde de Barbacena diz que ouvira de seu venerando pai, o marquez do mesmo titulo, que sendo nomeado ajudante de ordens do governador de Angra, D. Manoel de Mello no anno de 1798, e tendo alli residido por espaço de dous annos, ainda encontrára vivos o Dr. José Alves Maciel e Francisco de Paula Freire de Andrade, com elles viveu na maior intimidade, e de ambos ouviu a exposição desses acontecimentos e a declaração de que *Tiradentes* nessa conspiração figurou apenas como um confidente do Dr. José Alves Maciel, limitando-se o seu papel a *simples correio para communicar certas informações* que não convinham que fossem por escripto, afim de evitar o risco que corria de poder o governador havel-as, sendo em cartas; commissão que elle não soube desempenhar com a cautela devida, em vista do seu genio exaltado e tagarela enthusiasmando-se com a exposição que lhe fazia o Dr. José Alves Maciel das vantagens que gosavam os americanos com a sua independencia, levando o seu exaltamento e loquacidade á indiscripção de revelar no quartel de seu regimento o projecto

da conspiração, o que deu lugar a ser denunciado por Joaquim Silverio dos Reis; e que elle foi o unico em quem se executou a pena de morte, por não ter tido quem por elle se interessasse e estar o governo portuguez disposto a castigar com severidade qualquer tentativa para a independencia.

O illustre visconde, nesse artigo dá a paternidade desse movimento ao Dr. José Alves Maciel, que tendo estudado em Coimbra e alli se formado em sciencias naturaes, visitára a França e os Estados-Unidos, onde adquirira relações particulares como Thomaz Jefferson, um dos coriphéos da revolução americana e com quem se correspondia depois que voltara á sua patria.

Logo que chegou foi residir em Ouro Preto, onde tinha a sua familia, vivendo em companhia de seu cunhado o tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, commandante do regimento de cavallaria de Minas, do qual fazia parte o alferes *Tiradentes*. Pela confiança que nelle depositava seu commandante, julgou o Dr. Maciel o *escolher para servir de correio para annunciar certas informações que corriam o risco de ser descobertas si fossem communicadas em cartas;* commissão que não soube desempenhar, dando em resultado a perda dos homens mais notaveis da então provincia de Minas.

Diz ainda nesse artigo, que depois de se ter conhecimento de todas essas ciscumstancias, não é possivel admittir-se que *Tiradentes* fosse o primeiro a ter a idéa da independencia, elle que foi apenas confidente dos conspiradores e não o autor da conspiração.

«Nem sua posição, nem sua pouca illustração podiam dar-lhe importancia bastante para esse fim!»

No artigo a que me referi e que tem por epigraphe *Tiradentes*, o seu autor referindo-se ao que lhe informára um eminente ancião cuja familia era relacionada com alguns contemporaneos de *Tiradentes*, diz que elle nunca fôra a Europa nem aos Estados Unidos, e que nunca fôra chefe de revolução; verdade que não soffre a menor contestação, e confirma a noticia da formatura do Dr. José Alves Maciel em Coimbra, e de se achar em Pariz quando o governo francez preparava expedição de tropas para proteger os americanos, indo nessa expedição o general Lafayette e tambem o Dr. José Alves Maciel, que foi muito bem recebido dos americanos, travando relações com Thomaz Jefferson, um dos coriphéos da revolução americana.

De New-York veiu a Lisboa e dalli para o Rio de Janeiro e Ouro Preto, onde residia a sua familia. Possuido de ideias americanas, tratou de formar clubs em Ouro Preto, Rio de Janeiro e S. Paulo; convidou seu cunhado o coronel Francisco de Paula Freire de Andrade para o club, assim como as pessoas mais illustradas da localidade.

Naquella epocha um homem nas condições de viajante e illustrado, não podia deixar de attrahir os melhores entendimentos.

Sendo necessaria uma pessoa para communicações verbaes e por escripto, propôz o coronel Francisco de Paula o alferes *Tiradentes*, que foi acceito e admittido no club; *Tiradentes* fogoso e indiscreto, costumava ir ao quartel repetir o que tinha ouvido no club; Joaquim Silverio, portuguez e official do mesmo regimento, provocou discussão com *Tiradentes* e apanhou o fio da revolução e foi denunciar ao governador; este tomou as providencias, mandando prender os conjurados e apprehendendo os papeis em que se encontraram cartas de Thomaz Jefferson para Maciel.

O conde de Bobadela, exercendo consideravel influencia, conseguiu que o seu filho o coronel Francisco de Paula Freire de Andrade fosse condemnado a degredo perpetuo, assim como José Alves Maciel e outros, que foram mandados para a costa d'Africa, onde morreram, voltando ao Brazil depois da independencia o padre Rezende, da horda do campo de Minas e o padre Toledo de S. Paulo.

Diz que lhe parece injustiça dar-se a *Tiradentes* essa gloria por ter morrido logo, não se prestando a menor consideração aos que morreram de molestias e miserias na costa d'Africa!

Si não fosse a indiscripção de *Tiradentes* que causou o seu supplicio e o dos outros que o receberam, se teria realisado o projecto.

Em 1830 ainda existia Theotonio Alves Maciel em Ouro Preto, o irmão de José Alves Maciel, que conhecia perfeitamente a marcha da conjuração e era muito estimado, tendo sido eleito membro do 1· governo de Minas, depois da independencia; e tambem vivia ainda o coronel Joaquim Silverio dos Reis, mui detestado, etc.

O illustrado commendador Joaquim Norberto diz que sendo consultado a respeito da creação de um monumento a *Tiradentes*, fôra de opinião que «o seu vulto era *bastante se-* « *cundario para ornar uma praça da capital do imperio*, e que

« quando se tratava da canonisação de qualquer heroe da « christandade, era preciso que a vida desse heroe tivesse « sido como um diamante *sem jaça. O mais pequeno defeito,* « *a menor falta oppõe-se á sua santidade* ».

Entretanto hoje, sem o menor estudo da historia patria, e sem a menor reflexão, o congresso decreta que essa estatua seja erigida forçadamente á custa do suor do povo, que é o seu sangue !!...

Existem no archivo do Instituto Historico do Rio de Janeiro dous documentos, um offerecido pelo visconde de Porto Seguro F. A. de Varnaghen, que tem por titulo *Memoria do exito que teve a conjuração de Minas e dos factos relativos á ella, acontecidos nesta cidade do Rio de Janeiro desde o dia 17 até 26 de abril de 1789.*

Neste documento se encontra o seguinte : « Vendo *Ti-* « *radentes* o carrasco que entrava na prisão a pôr-lhe as cor- « das, assim que o conheceu *lhe beijou os pés com tanta humil-* « *dade* que sendo elle (o carrasco) do numero dos que affectam « dureza e crueldade, chegou a commover-se e deixou esca- « par uma lagrima».

« Ao despir-se para receber a alva, despiu tambem a « camisa e disse assim—*Nosso Senhor morreu nú por meus pec-* « *cados* ».

O outro documento foi offertado ao Instituto pelo illustrado commendador Joaquim Norberto, e é attribuida a sua autoria a Frei Raymundo de Penaforte ; é elle uma copia do que existe na secretaria do governo de Minas, a qual lhe fôra remettida pelo Dr. Venancio José de Oliveira Lisbôa, quando alli fôra presidente ; nesse documento, a folhas 7 v. se lê o seguinte : « Amanheceu o dia 21 que lhe abrira a « eternidade.

« Entra o algoz para lhe vestir a alva, e pedindo-lhe de « costume o perdão da morte e que a justiça é que lhe movia « os braços e não a vontade, placidamente voltou-se a elle e « lhe disse : *Oh! meu amigo, deixe-me beijar-lhe as mãos e os* « *pés* : *O que fez com demonstração de humildade*, e com a « mesma despiu a camisa e vestiu a alva dizendo *que o seu* « *Redemptor morreu por elle tambem nú.*

Estes documentos e outras informações que colheu o illustrado commendador Joaquim Norberto, relativos a essa conjuração, o moveram a dizer quando escreveu a sua obra —*Historia da Conjuração Mineira*, que *Tiradentes* baixára do seu pedestal de gloria para humilhar-se de mais ante o

seu algoz e dizer: *« Oh! meu amigo, deixe-me beijar-lhe as « mãos e os pés ».*

Não tardou quem viesse pela imprensa contestar esse facto duvidando que existisse documento que o comprovasse; artigo que foi publicado com a assignatura — *« um mineiro » na Reforma*; bem como um outro assignado por um Sr. Aristides Maia, publicado na mesma *Reforma*, no qual o seu autor chegou até a repetir o dito de Quinet: « que a mentira tem-se tornado nos nossos dias uma virtude theologal. »

Portanto qualificou de uma mentira o que havia escripto aquelle illustrado escriptor.

A esta descomunal aggressão respondeu o illustrado Dr. Silvio Romero na sua obra — *Historia da Litteratura Brazileira*,—tom. 2· pag. 771 a 772, fazendo uma resenha do que escreveu aquelle illustrado commendador em seu livro sobre a conjuração mineira, dizendo que elle com o seu escripto contribuiu « para reduzir as proporções assustadoras « que vai tomando *entre nós o mitho de Tiradentes.* Que não « contesta aos brazileiros o direito de phantasiarem heróes « e encher de semideuzes o céo de sua historia, si lhes apraz « crear uma mythologia politica, creem-n'a como lhes bem « aprouver. Estão no seu direito. »

Diz que até hoje ainda não póde tolerar a pretenção « estolida e brutalisante de se querer impedir os direitos « da critica, e nem os selvagens ataques de que foi victima « o commendador Joaquim Norberto por haver tocado de « leve na figura de *Tiradentes!*

« E isto da parte de espiritos que se dizem liberaes.

« E' uma grosseira intolerancia, só propria de animos « selvagens.

« Alem de tudo é uma enormissima injustiça, porque o « livro de Norberto de Souza, bem longe de ser obra de reac« cionario, é um livro animado de fertilissimo espirito libe« ral e alentados impetos democraticos.

« Qual o motivo pelo qual grandes e consagrados heroes « divinisados pela humanidade inteira podem ter sido visl« tados no seu ninho de luzes e sombras pela critica, e não « se ha de fazer o mesmo no Brazil, a *heroizinhos de hontem!*

« Qual a razão pela qual um Strauss póde chegar até « Christo e arrancar-lhe parte da aureola, e não poderá um « Norberto praticar o mesmo em *Tiradentes?*

« Ora deixemo-nos de phantasias inuteis e respeitemos « antes de tudo a verdade.

« Nossa democracia não precisa para viver, de firmar-se em exageros e fatalidades, etc. »

O illustre commendador Joaquim Norberto não se fez esperar escrevendo uma memoria, que leu no Instituto Historico na sessão de 9 de dezembro de 1881 e corre impressa em um dos numeros de sua Revista com o seguinte titulo— *Tiradentes perante os historiadores occulares de seu tempo.*

Nessa memoria diz o seu autor que foi tal a impressão que lhe causou a contestação ao seu escripto, que chegou mesmo a vacillar se teria havido engano de sua parte na citação do facto e por isto recorreu de novo ao archivo do Instituto, para se certificar em vista do documento que alli existe, e de facto encontrou a osculação aos pés do seu algoz no mencionado documento; mas com grande surpresa vio que as palavras « *lhe beijou os pés* » estavam inutilisadas sob « grossa camada de tinta muito negra e ainda moderna, « quando a do manuscripto está amarellada pelo tempo!

Afiança que a fraude fôra feita depois que elle restituira o manuscripto ao Instituto; isto é, depois do dia 7 de novembro de 1873, e que nessa occasião chamára a attenção do conservador da bibliotheca e archivo do Instituto para esse facto e submettendo ao exame de um seu collega verificaram que apezar de riscada a phrase, subsistem as hastes das letras lh bj p, que deixam bem ver o seu sentido « lhe beijou os pés», além de que a eliminação da phrase tornava incompleto o sentido da oração, e portanto feita a falsificação sem reflexão.

Esse facto é tambem confirmado no outro documento que alli existe, e que é attribuido a Fr. Raymundo de Pennaforte, um dos franciscanos que assistiram aos ultimos momentos de *Tiradentes*, onde se lê a fl. 7 v. o seguinte:

« Amanheceu o dia 21 que lhe abriu a eternidade. En- « tra o algoz para lhe vestir a alva, e pedindo-lhe de costu- « me o perdão da morte, e que lhe movia os braços e não a « vontade, placidamente voltou-se a elle e lhe disse: *Oh! meu amigo, deixe-me beijar-lhe as mãos e os pés!*

« O que feito, com demonstração de humildade, com a mesma despiu a camisa e vestiu a alva, dizendo que o seu « Redemptor morrera por elle tambem nú. »

Querem uma prova mais evidente do que são capazes os

fanaticos sectarios de *Tiradentes*, para engrandecerem a sua memoria?

Levam o seu *phrenesi* a ponto de prophanarem o santuario do archivo de uma sociedade para falsificarem documentos que alli existem em deposito!

O illustrado commendador Joaquim Noberto principia a sua citada memoria, dizendo que foi por muito tempo enthusiasta de *Tiradentes* pela razão de que os martyres attrahem as sympathias e os algozes se tornam dignos das maldições do povo; mas a medida que se ia instruindo na historia da malograda conjuração, *se via modificar e arrefecer o seu enthusiasmo* e teve de enfrentar ante o homem que em 21 de abril de 1792 já não era o mesmo ardente apostolo da emancipação politica.

Os annos que passou na prisão segregado do mundo, o contacto em que se achou com os frades franciscanos, que lhe transmudaram as ideias, os concelhos que lhe deram os seus juizes com fementidas promessas, tudo isto concorreu para transformar o conjurado em um homem eivado de mysticismo—*prenderam um patriota e executaram um frade!*

Diz o commendador Noberto, e continúa:

« Para elle o patibulo não era mais um throno de glo-
« ria, e sim a ara do sacrificio para *expeciação de convencio-*
« *nados erros.*

« Preferiu antes morrer com o credo santo nos labios do
« que soltando o brado da malograda revolta que era— *Viva*
« *a liberdade!* *Conforme fizeram esses martyres das revolu-*
« *ções pernambucanas* de 1817 e 1824. (*) Porque não o fez?
« O que mais esperava dos seus algozes neste mundo?

« Não acharia, é certo um echo que lhe respondesse
« senão 30 annos depois, mas faria estremecer pela patria
« muitos corações sopitados no somno do indifferentismo,
« etc.»

Disse que como poeta ou romancista bem podera ter descripto o conjurado mineiro segundo a sua inspiração patriotica, mas como historiador consciencioso tinha deante de si as deducções logicas dos documentos, que são: *«as testemunhas da historia»* em que se devia basear seguindo-as como bussola da verdade que lhe apontou o caminho a seguir por

---

(*) E' o insuspeito e illustrado commendador Joaquim Noberto quem o diz.

um tenebroso mar que durou 13 annos de aturadas e pacientes pesquizas. Do contrario fôra trahir a historia e mentir aos contemporaneos.

Ao concluir a leitura da sua memoria pediu ao Instituto que fizesse imprimir na sua Revista os dous documentos, afim de evitar que novas fraudes conspurquem essas paginas, falsificando a verdade da historia, ou a sua subtração; o que foi satisfeito estampando-se os dous documentos em um dos numeros daquella Revista, bem como a sua memoria.

Vejamos como se portaram esses conjurados nos seus ultimos momentos.

Fr. Raymundo de Pennaforte, a quem se attribue a autoria do manuscripto -« ultimos momentos dos inconfidentes de 1789, pelo frade que os assistiu de confissão », diz que pelas duas horas da madrugada de quinta-feira 19 de abril de 1792, entrara na cadeia o desembargador Francisco Luiz Alves da Rocha, na qualidade de escrivão deputado, rodeado dos inferiores ministros da justiça e de 11 religiosos do convento de Santo Antonio, expressamente chamados para ouvirem a sentença e confortarem os réos, como era de costume naquelle tempo.

Achavam-se todos na cadeia em uma sala chamada «Oratorio» onde se apresentaram 11 réos acompanhados de uma guarda de soldados armados e municiados.

Duas horas levou o desembargador Rocha com a leitura da sentença; o primeiro condemnado foi *Tiradentes*, que diz o referido autor em uma nota, pertencia «a um daquelles in-
« dividuos da especie humana que põem em espanto a mes-
« ma natureza. Enthusiasta com aferro de um «Ranquer»,
« emprehendedor, com o fogo de um «D. Quixote», habili-
« doso, com um desinteresse philosophico, afouto e destimi-
« do, sem prudencia as vezes, e outras temeroso ao ruido da
« decahida de uma folha; mas o seu coração era bem for-
« mado.»

O 2· condemnado foi o tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, o 3· o coronel Ignacio José de Alvarenga, o 4· o Dr. José Alves Maciel, o 5· o sargento-mór Luiz Vaz de Toledo, o 6· o coronel Dr. Francisco Antonio de Oliveira Lopes, o 7· José de Rezende Costa Pai, o 8· o seu filho, o 9· o tenente-coronel Domingos de Abreu Vieira, o 10· Domingos Vidal de Barbosa e 11· Salvador Carvalho Gurgel do Amaral, todos estes foram condemnados á morte.

Foram tambem condemnados a degredo temporario: Thomaz Antonio Gonzaga, capitão Vicente Vieira da Motta, coronel José Ayrez Gomes, o piloto Antonio de Oliveira Lopes, capitão João Dias da Motta, e o mulato forro Victorino Gonçalves Velloso.

Esta sentença foi embargada pelos réos de primeira e segunda ordem, tendo estes ultimos obtido algumas modificações.

Foram igualmente sentenciados por falsos accusadores Fernando José Ribeiro e José Martins Borges, sendo as suas sentenças de açoutes e levados a baraço e pregão pelas ruas, rodeando tres vezes a forca, e afinal a degredo perpetuo para Angola. Alvarenga succumbira com a leitura da sentença e horrorisado parecia ter perdido a razão, já criminando a sua esposa por lhe ter impedido os primeiros vôos de sua felicidade, lamentando a orphandade de sua filha; suppunha-se já diante do tribunal divino e acreditando na justiça de Deus, gritava que elle não lhe perdoaria os seus crimes; sendo afinal exortado pelo seu confessor, lança-se a seus pés e confessa-se. Rezende, pai e filho, abraçam-se cordealmente banhados em pranto; o filho anima e consola o pai para que se conforme e beijando aquellas cadeias, receba o golpe em desconto dos seus occultos crimes, afim de alcançar por este meio a felicidade eterna, carregando aquellas cadeia, em memoria das que carregára o Redemptor do mundo; de nada valia a vida que devia sómente aspirar a immortalidade. O pai com os olhos fixos no filho o abraçava cordealmente entre soluços. Maciel, retirado a um canto da sala, consolava-se tendo diante dos olhos o livro de suas orações e dizia a Francisco Antonio, que estava extatico no meio da sala, que adorasse a Providencia, e se conformasse com as ultimas disposições e se recordasse que agora era que elle havia principiado a conhecer as suas obrigações de homem christão depois que tinha sido separado do consorcio dos homens; que quando para alli entrára não se sabia persignar, entretanto que agora já sabia de cór o officio de Nossa Senhora; que se entregasse aos rigores da justiça, fazendo de sua morte um sacrificio de expiação; estas palavras o consolavam e o enchiam de contrição.

Todos os presos pediam e davam mutuamente perdão uns aos outros; porém cada um fazia por imputar ao outro a sua infelicidade, devido ao seu excessivo depoimento e nisto levaram quatro horas sempre acompanhados dos frades

que os consolavam, exortavam e os preparavam para receberem o sagrado viatico.

A exposição que o citado autor faz desses factos revela que aquella prisão se convertera em retiro para uma vida toda espiritual, e por esta razão aquelles conjurados haviam voltado as costas ao mundo!

Perfeito contraste com o que se passou na cadeia da Bahia quando para alli foram remettidos os patriotas pernambucanos da revolução de 1817, no numero dos quaes se contavam sacerdotes respeitaveis, como monsenhor Muniz Tavares, Caneca, Thenorio e outros que abrasados no sagrado amor da patria e da liberdade, sem se esquecerem dos deveres de bons catholicos, fundaram naquella prisão aulas em que elles e Antonio Carlos serviam de mestres áquelles que necessitavam de instrucção, para o que lhes não pesavam os ferros que os manietavam!

Continuando diz o mesmo autor, que sómente Vidal de Barbosa disparou a rir-se ao ouvir a sua sentença de morte dizendo: « ora assim sou eu tôlo que morra enforcado, morrer eu enforcado quando me julgo o menos culpado? » Pelo que o suppuzeram alienado; mas elle explicando se disse que, quando esteve na prisão da Ilha das Cobras, pôde fazer um pequeno buraco escavando um pouco a pedra que fica do lado escada principal que sobe para a sala do governador da fortaleza e acertou fazel-o justamente pegado a um dos degraus da escada, por onde via quem subia, e applicando o ouvido um certo dia, ouviu o governador dizer ao juiz da alçada quando desciam: « A effusão de sangue não será muita, apenas um ou dous morrerão enforcados! Sendo elle um dos menos culpados estava certo que não morreria e bradou: viva! viva a nossa soberana!!

Appareceu o ministro na prisão com a decisão de que tinham sido desprezados os ultimos embargos,...mas que em vista da carta regia, S. M. a rainha commutava a pena de morte em degredo perpetuo aos réos para a Africa, não podendo voltar á America, sob pena de morte, excepto *Tiradentes* em quem seria executada a sentença de morte.

Foi tanta a alegria dos presos (diz o citado autor) quantos foram os gritos e os louvores e as acções de graças que se elevaram ao céo! Os presos com toda a effusão de seu coração entoavam a *Salve Rainha* e proseguiam o terço de « Nossa Senhora; finalmente todos, (não exceptuo nenhum) « a uma voz diziam: Que clemencia! que piedade! Só vós,

«senhora, nascestes para governar! Que felicidade a nossa, «sermos vassallos de uma rainha tão cheia de commiseração «do seu povo! Governai-nos, senhora, vós nos captivastes...»

Que bravos defensores da liberdade e da independencia nacional!!

Para conservarem a vida, a trôco de um degredo perpetuo, não duvidaram esquecer patria e liberdade, para saudar e louvar a sua rainha! Coitados! Fraquejaram, faltou-lhes a influencia vivificadora dos raios do sol do Equador para os animar!!

E são estes os apostolos que propagaram a liberdade nacional; os proto-martyres, os precursores da republica, apregoados nos jornaes desta terra!!

Escriptores que ignorando a historia de sua patria, não se procuram instruir, e preferem representar o triste papel de echos de embustes e falsidades, com prejuizo da verdade historica, e para quem não basta a consagração de um dia nacional, quer-se a creação de uma estatua!!

O documento citado existe no archivo do Instituto Historico, e corre impresso nas suas Revistas; foi extrahido da secretaria do governo do estado de Minas.

Claudio Manoel da Costa, suicida-se logo em principio na prisão, convicto de ser o seu crime de tal natureza, dizia elle, que bastava só ser proferido o seu nome para o constituir—« réo de alta traição »; isto refere o seu confessor de ouvida a elle quando o animava a defender-se.

O proprio *Tiradentes*, diz o commendador Joaquim Norberto, «morre não como um grande patriota, com os olhos «cravados no povo tendo nos labios os sagrados nomes da «patria e liberdade, e na alma o orgulho com que o homem «politico encara a morte como um triumpho, convertendo a ignominia em apotheose; mas como um christão preparado «ha muito pelos sacerdotes, com a coragem do contricto, e «e a convicção de ter offendido os direitos da realeza, e «quando muito consolado com a esperança da salvação «eterna!»

Foram estes os ultimos momentos dos martyres dessa sonhada conspiração.

———

Confrontemos o seu procedimento com aquelle que tiveram os pernambucanos em 1710, 1817 e 1824.

A mallograda revolução de 1710 foi a primeira tentati-

va para a liberdade nacional sob a forma do governo republicano no solo americano, e muitas vidas e sacrificios custou aos pernambucanos nossos avós!

Onze martyres foram remettidos para Lisboa carregados de grossas cadeias de ferro, mettidos em porões de navios como principaes chefes dessa revolução, e alli chegando foram encerrados nas cadeias do Limoeiro esperando a cada momento ser immolados no patibulo em sacrificio da liberdade e independencia de sua patria, acabando alguns os seus amargurados dias naquella prisão, antes de serem definitivamente julgados, como Bernardo Vieira de Mello e seu filho André Vieira de Mello que morreram repentinamente, de morte mysteriosa longe da patria querida, da familia e dos amigos!!

Os outros companheiros de infortunio foram expiar o seu arrojo patriotico no exilio das Indias, tragando o negro pão do desterrado, amassado com as lagrimas da saudade do que lhes era mais caro neste mundo! Alli tambem acabaram os seus dias!

Entretanto para honra de suas memorias não consta que nenhum delles tivesse implorado a clemencia real para obter a sua liberdade! Antes pelo contrario, a historia registra o facto da recusa dessa graça, que foi concedida a Leandro Bezerra Cavalcante, um dos 55 contemplados na carta regia de 8 de junho de 1711, que pediu para voltar á prisão das Cinco Pontas, onde se conservou preso até que lhe chegou da Bahia a sentença de absolvição, pelo que foi posto em liberdade!!

Leonardo Bezerra Cavalcante foi o unico que pode fugir do desterro em uma náu que vinha com destino a Bahia, tendo perdido no exilio os seus dous filhos Cosme e Manoel, que para alli tambem haviam sido desterrados.

Não lhe sendo permittido voltar á patria, alli acabou Leonardo tristemente os seus dias velho, alquebrado e cego.

Era este, que não podendo voltar a Pernambuco, para tomar vingança dos insultos que soffrera dos portuguezes quando passava pelas ruas da cidade, elle e os demais presos, escrevia para aqui aos seus parentes recommendando-lhes que não cortassem os «quiris» das mattas e os conservassem para em tempo opportuno quebrarem-se nas costas dos marinheiros» epitheto applicado por escarneo aos nascidos em Portugal.

Assim acabaram os primeiros martyres da liberdade e independencia nacional!

Foi ainda no norte do Brazil e em Pernambuco, que esse brado se repetiu no sempre memoravel dia 6 de Março de 1817, pelo bravo pernambucano Pedro da Silva Pedroso, no quartel do seu regimento, ás duas horas da tarde, brado que echoou na Parahyba e Rio Grande do Norte, estabelecendo-se a desejada independencia e a forma do governo republicano.

De toda a parte se recebiam adhesões á causa da republica.

Pernambuco e os seus dous irmãos elegeram os seus governos provisorios, e unidos acompanharam o movimento revolucionario, tomando parte na gloria e no sacrificio de sangue na adversidade.

Organisou-se exercito e armada para defesa da patria; abateram-se as corôas, inutilisaram-se as armas portuguezas e emblemas reaes; condecorações e tratamento de—excellencia, substituindo-se pelo de—« vós, patriota », Decretaram-se leis e estabeleceram-se novas bandeiras, que foram bentas com toda solemnidade no Campo da Honra hoje campo da Republica, pelo deão da sé de Olinda, o Dr. Bernardo Luiz Ferreira Portugal, das quaes é copia a que existe neste Instituto; nesse acto solemne recitou elle um bello e eloquente discurso na occasião em que desfraldando essas bandeiras as apresentava ao povo dizendo: « Patriotas, « escudados por estas bandeiras não tenhaes medo nem dos « escravos do norte, nem dos sevandijas do sul; eu mesmo, « si vos faltar chefe, serei á vossa frente, tendo-me por « mais feliz morrer com homens livres do que viver com « escravos.. etc.

Esta revolução foi ainda mallograda; um fatal destino perseguia Pernambuco.

A primeira victima immolada foi o pernambucano padre José Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima, conhecido pelo padre Roma.

Tinha sido enviado a Bahia e Alagoas pelo governo republicano com cartas credenciaes, para pôr em movimento a revolução, adherindo á causa pernambucana conforme se havia comvencionado.

O illustre enviado segue por terra para as Alagoas, onde consegue o seu fim e d'ahi embarca-se em uma jangada com destino a Bahia, a tempo em que o conde dos Arcos

ja sendo sabedor do movimento revolucionario em Pernambuco, e da commissão de que se achava incumbido o padre Roma, destaca patrulhas por todo littoral para o prender, sendo-lhe facil a execução pela forma desconhecida alli da vela da jangada em que ia o padre Roma e seu filho Luiz. Na tarde do dia 26 de março desse anno appareceu a jangada á barra de Itapuan, tornando-se ainda mais suspeita por não querer entrar e bordejar a espera da noite para fazer, como fez, a sua entrada naquelle porto, sendo surprehendido pela patrulha que o esperava, a qual o conduziu preso e a seu filho, bem como os jangadeiros, sendo logo enviados para a cidade, não se lhe dando tempo de desfazer-se das credenciaes que levava, diz o autor dos *Martyres Pernambucanos*; mas que é contestado por monsenhor Muniz Tavares, um dos martyres dessa revolução, em sua obra « Historia da Revolução de Pernambuco em 1817 » que diz ter tido padre Roma « no momento em que viu a patrulha, « bastante presença de espirito e caridade para lançar ao « mar todos os papeis que trazia. »

Foi mettido no segredo da prisão e carregado de ferros no dia 27; tratou o conde dos Arcos de crear uma commissão militar no dia 28 para o sentenciar summariamente.

Perante este tribunal de sangue, presidido por elle, compareceu algemado o padre Roma; a sua coragem realçou a medida do perigo.

Principiou protestando contra a incompetencia do tribunal, que se arrogava o direito de o julgar; interrogado declarou seu nome e a sua patria, e perguntado sobre o motivo de sua vinda a Bahia, respondeu que vinha tratar do livramento de seu filho, capitão de artilharia. Interrogado para declarar si conhecia as pessoas da Bahia para quem trazia cartas, e a razão porque as lançára ao mar, como depunham os soldados que o prenderam, respondeu negando o facto. Foi quanto bastou para ser condemnado á morte.

Ouviu a sentença sem mudar de côr, assim como a intimação de que infallivelmente seria arcabusado no sabbado proximo ao domingo de Ramos, 29 do mesmo mez e anno.

Vejamos os ultimos momentos deste heroe pernambucano.

Diz o padre Dias Martins na sua obrá os *Martyres Pernambucanos* de ouvida ao proprio confessor, que o assistira até os seus ultimos momentos, que elle encarou a morte como verdadeiro heroe, dizendo que sómente custava-lhe a com-

prehender como a misericordia de Deus poderia salval-o: porém pouco depois rendia-lhe graças por ter permittido a sua cumplicidade na revolução de Pernambuco por ser ella o unico meio para não ser condemnado eternamente.

No dia 29 á tarde marchou para o patibulo no meio de grande concurso de tropa e povo, sem dar signal de abatimento de espirito; antes recitando em voz forte, clara e intelligivel, os psalmos penitenciaes e outras jaculatorias que lhe lembrava o confessor.

Chegando ao *Campo da Polvora*, onde devia ser arcabusado, reconciliou-se novamente, pediu perdão aos circumstantes, e ficando solitario, voltou-se para os granadeiros e disse-lhes: camaradas, eu vos perdôo a minha morte; lembrae-vos na pontaria que aqui, (pondo a mão no coração) é a fonte da vida: atirae; e atiraram: morreu no mesmo instante; o seu cadaver foi conduzido para o cemiterio onde descança!

Monsenhor Muniz Tavares, em sua citada obra, diz o seguinte:

« Os bahianos viram como morre o homem livre. A lição devia ficar-lhes impressa » e eu, paraphraseando o que disse o commendador Joaquim Noberto, accrescentarei que morreu como um grande patriota, com os olhos cravados no povo, tendo nos labios os sagrados nomes da patria e da liberdade e na alma o orgulho com que o homem politico encara a morte como um triumpho, convertendo a ignominia em apotheose.

Que perfeito contraste entre *Tiradentes* e este heroe pernambucano!!

Domingos José Martins é preso nos bosques pantanosos de Porto de Gallinhas e com elle o padre Souto e mais dous companheiros, os quaes levados á presença do general Cogominho são mettidos á bordo do navio *Carrasco* carregados de ferros e remettidos para a Bahia; José Luiz de Mendonça, achando-se occulto em casa de um amigo, sabendo do bando tyranno de serem considerados cumplices todos aquelles que dessem azylo aos compromettidos, mette-se em uma cadeira fechada e se faz transportar ao pateo do tyranno Rodrigo Lobo; ahi chegando, sahe repentinamente da cadeirinha, deixa cahir o capote e o chapeo, abre os braços e grita para os soldados: camaradas, eu sou o proscripto José Luiz de Mendonça; atirae, si quereis e matae-me! Foi logo

conduzido á presença do tyranno que o mandou pôr a ferros e mettel-o a bordo do *Carrasco* com destino á Bahia.

O padre Miguel Joaquim de Almeida Castro, acompanha os seus amigos e tropas até Olinda, onde se aparta delles deliberado a morrer como heroe; sobe as escadas de sua casa, abraça estreitamente sua querida e idolatrada irmã D. Clara, e lhe diz «mana, nada de choro, estás orphã; tenho « enchido os meus dias; logo me virão buscar para a morte; « entrego-me a vontade de Deus, e nelle te dou um pae, que « não morre; mas aproveitemos a noite, imita-me, ajuda-me « a salvar a vida a milhares de desgraçados ». Entraram na sala em que estavam os autos e papeis mais importantes da secretaria do governo da qual fôra secretario, e toda a noite de 20 de maio apenas bastou para serem destruidos; consummado este acto de heroismo, occuparam-se no dia seguinte os dous heroes em ternos e affectuosos preparátivos para receberem os algozes, por haver apparencias de assassinato; mas a eterna Providencia destinou-lhe trïumpho mais glorioso.

Arrancado dos braços da irmã querida, é conduzido em grilhões e empilhado á bordo do *Carrasco* indo alli completar o numero de 71 presos; dando á véla para a Bahia, onde o espera o sanguinario conde dos Arcos; ali chega com seus companheiros de infortunio a 9 de junho de 1817, e logo no dia seguinte 10, são elle e seus quatro companheiros Domingos José Martins, José Luiz de Mendonça, Dr. Manoel José Pereira Caldas e o deão Portugal, interrogados. Não articulou uma só palavra deante de seus iniquos juizes.

O conde dos Arcos, que presidia a ferôz commissão, querendo salvar os dous padres, Miguelinho e deão Dr. Bernardo, conforme manifestou no Rio de Janeiro ao bispo de Pernambuco D. Fr. Antonio de S. José Bastos, vendo o silencio que guardava o padre Miguelinho, aos artigos de accusação contra elle formulados, disse-lhe em plena sessão: « Padre, não cuide que somos alguns barbaros e selvagens, « que somente respiramos sangue e vingança; falle, diga « alguma cousa em sua defeza ». E porque o silencio continuava ainda mais profundo, perguntou-lhe o conde, como querendo insinuar-lhe a evasiva. « O padre não tem inimigos, não seria possivel que elles lhe falsificassem a firma e com ella subscrevessem todos ou parte dos papeis que estão presentes? »

Não, senhor, (fallou então pela primeira vez o heroe

natalense), não são contrafeitas; as minhas firmas nesses papeis são todas authenticas; e por signal que n'um delles o—o—de meu ultimo sobrenome Castro—ficou metade por acabar, por falta de papel!! e calou-se recusando outra qualquer resposta. No dia 11 foram todos sentenciados.

Sublime exemplo de heroismo! Verdadeiro Catão brazileiro! Prevendo a desgraça da patria preferiu a morte a sobreviver para presencial-a.

Ao ouvir a iniqua sentença, escutou-a em profundo silencio e sem o menor signal de impaciencia se encaminhou desassombradamente para o medonho oratorio, sendo-lhe nesse mesmo dia lido o fatal—*sem embargos*.

José Luiz exclamou indignado: «Juizes malvados! Cegos e vis instrumentos da tyrannia, eu vos empraso para os infernos! 60 réos de pena ultima tenho livrado da força sem allegar um só facto que tivesse meio peso dos muitos dos meus embargos, juizes...» ia continuar quando o heroe natalense lhe fitou os olhos e lhe disse: «Querido amigo, façamos e digamos unicamente aquillo para que temos tempo»; ajoelhou-se diante do crucifixo e principiou a repetir debulhado em lagrimas o psalmo «Miserere mei Deus» que não cessou de alternar com José Luiz em quanto durou a sua agonia.

Nestes ultimos embargos, foram recommendados á clemencia real os dous presos, Dr. Caldas e deão Dr. Bernardo, o primeiro por ter elle allegado nos seus embargos que, sendo evidente ter por fim a conspiração dos pernambucanos o livrarem-se dos portuguezes e do seu governo á quem sempre odiaram, não era possivel que sendo elle portuguez de nascimento, tomasse parte voluntaria nessa revolução, e si acceitou o cargo de conselheiro do governo revolucionario fôra a isto constrangido e forçado pelo temor.

O segundo por ter allegado como prova de sua adhesão ao governo monarchico, haver feito o seu testamento nessa mesma occasião em que se proclamou a republica e o depositara no convento de S. Francisco de Olinda, no qual instituiu a S. Magestade D. João VI herdeiro universal de todos os seus bens!!...

Estes dous patriotas não quizeram ser heroes, limitaram-se a simples martyres da liberdade.

Na manhã do dia 12 de junho de 1817, os tres heroes, Martins, José Luiz e Miguelinho, revestidos de alvas, com cordas ao pescoço, algemados, pés descalços, as cabeças des-

cobertas e no meio de uma escolta de soldados, sahiram da cadeia, voltando-se nessa occasião Martins para os soldados lhes disse: Vinde executar as ordens do vossa sultão; eu morro pela liberdade. Ao pronunciar estas ultimas palavras um dos frades que os acompanhavam lhe pôz a mão na bocca para não acabar a palavra.

Caminharam tranquillos ao Campo da Polvora, onde foram arcabusados; apenas expiraram a homicida soldadesca entoou o prescripto—Viva El-Rei N. S. !...

Assim acabaram os seus amargurados dias estes tres benemeritos patriotas tendo soffrido elle e seus companheiros de prisão os maiores tormentos e horrores que se podem imaginar, em uma cadeia immunda e asquerosa como era a da Bahia conforme refere uma das victimas, monsenhor Muniz Tavares, em sua citada obra de folhas 216 a 221.

Aqui em Pernambuco a primeira victima immolada foi o benemerito cearense o heroe Antonio Henriques Rabello.

Descoberto e preso nos fins de junho, foi conduzido a presença da commissão militar, de fronte erguida, sem mudar de côr; não se quiz defender, antes gloriou-se dos seus feitos, confessando claramente os seus principios e desafiou a morte.

A sua intrepidez espantou os juizes; a sua constancia e serenidade, no cadafalso, enterneceram o mesmo algôz, preto e encanecido no ludibrioso officio; antes de estreitar a corda no pescoço da victima que ia ser immolada, lhe pediu mil perdões; esta amorosamente o abraçou e penetrada de enthusiasmo exclamou pela ultima vez «Viva a Patria !»

Qne differença entre este heroe e o celebre *Tiradentes*, á quem se quer erguer uma estatua !

Depois de morto a sua cabeça foi decepada e exposta na ponte do Recife e ahi consumida pelo tempo ! Esta execução teve lugar no dia 5 de julho 1817, e foi o primeiro sangue que irrigou em Pernambuco a soberba arvore da liberdade nessa mallograda revolução.

Na semana seguinte outras tres victimas foram conduzidas ao mesmo supplicio: padre Pedro de Souza Tenorio, José de Barros Lima e o distincto pernambucano Domingos Theotonio Jorge. Este do alto da forca, diz monsenhor Muniz Tavares, pronunciou com assento doloroso estas palavras: Meus patricios, a morte não me aterra, aterra-me a incerteza do juizo da posteridade. Eu deixo um filho em tenra idade; elle é vosso, não o abandoneis, ensinae-lhe o

caminho da virtude e da honra, ia continuar a fallar quando o carrasco o suffocou. Todos tres morreram como verdadeiros patriotas.

Quando ainda semivivos e pendentes da força, em convulsões, lutando nas ultimas agonias dá morte, se ouvia o cantico selvagem de um hymno canibal cantando a duo e acompanhado por uma musica infernal :

Valorosos Lusitanos,
A victoria por vós chama :
A trombeta ja da fama
Vosso nome vai cantar.

As suas mãos foram cortadas e as cabeças decepadas e erguidas em postes ! Os troncos amarrados á rabos de cavallos e de rastos conduzidos ao cemiterio da matriz de Santo Antonio ! Toda cidade presenciou esse acto de canibalismo da tyrannia de um governo que se dizia catholico !

A execução desta barbara sentença teve logar no dia 10 de julho de 1817.

Da Parahyba vieram presos, para serem aqui executados o respeitavel Amaro Gomes Coutinho, Ignacio Leopoldo de Albuquerque Maranhão, o padre Antonio Pereira de Albuquerque, José Peregrino de Carvalho e o tenente-coronel Francisco José da Silveira, distincto mineiro, morador na Parahyba e avô do senador Aristides da Silveira Lobo ; este, Amaro Gomes e o joven José Peregrino foram executados a 21 de agosto de 1817 : o padre Antonio Ferreira e Ignacio Leopoldo a 6 de setembro do mesmo anno.

Todos elles se portaram como verdeiros patriotas nos seus ultimos momentos ; as suas mãos foram cortadas e as cabeças decepadas e remettidas para a Parahyba para serem alli erguidas em postes e consumidas pelo tempo ; os troncos, do mesmo modo, arastados a rabos de cavallos até o cemiterio de Santo Antonio.

No Rio Grande do Norte foi barbara e covardemente assassinado o benemerito natalense André de Albuquerque Maranhão, por um vil e miseravel assassino, que em premio desse grande feito foi nomeado tenente-coronel de milicias e condecorado com as honras do habito de Christo, por S. M. o Sr. D. João VI.

Assim acabaram os patriotas da revolução de 1817, não fallando nos que ainda se conservaram presos na immunda

e asquerosa cadeia da Bahia até que os veiu libertar a amnistia concedida pelas côrtes de Portugal.

Foi, finalmente, ainda no norte do Brazil e em Pernambuco, que se proclamou pela terceira vez a forma do governo republicano a 24 de julho de 1824. D. Pedro I dando o brado de—independencia ou morte nas margens do Ipyranga a 7 de de setembro de 1822, se fez acclamar imperador do Brazil, mandando convocar um congresso soberano, que foi eleito pelo povo para lhe dar uma constituição livre e independente.

Este soberano congresso, quando se achava reunido e dava principio aos seus trabalhos, foi despoticamente dissolvido á força de bayonetas e por elle imposta uma constituição que nos outorgou, nomeando para Pernambuco um presidente que se havia demittido da junta governativa da provincia, por não se achar com força moral para qualquer resistencia; nomeação que não quiz revogar caprichosamente para não nomear a Manoel de Carvalho Paes de Andrade, que já se achava na presidencia por eleição dos eleitores de 8 de janeiro de 1824, em consequencia da retirada da junta governativa.

A nada quiz ceder, apesar das representações que lhe foram dirigidas, nem mesmo ao pedido de uma deputação que para este fim fôra nomeada. Entretanto, depois se viu forçado a nomear um terceiro, José Carlos Mayrink da Silva Ferrão, quando já era tarde, pela indisposição e exaltamento em que se achava a provincia.

A todos estes factos se juntou o aviso e a declaração que fez a Pernambuco, de que em Portugal se preparava uma expedição militar contra o Brazil e que elle preoccupado com importantissimos negocios internos e limitado a dispôr unicamente dos recursos do Rio de Janeiro, onde tinha organisado um exercito para defesa da capital e uma esquadra então forte mas que não podia dividir pelo immenso littoral do imperio, reuniria a ella a parte que tinha no bloqueio de Pernambuco, fazendo-a seguir para o porto do Rio de Janeiro, afim de levar prompto soccorro a qualquer ponto que fosse acommettido, e por tanto era indispensavel que cada provincia se valesse de seus proprios recursos em caso de ataque e com verdadeiro patriotismo se reunissem e cooperassem todos ainda a custa dos maiores sacrificios para o destroço e expulsão do inimigo.

Em vista desses factos e do mais que occorreu o presi-

dente Manoel de Carvalho se resolveu a dirigir ao povo brazileiro do norte do imperio uma extensa proclamação sem data, mas que é afiançado pelo nosso finado consocio de saudosa memoria, o commendador A. J. de Mello, um dos compromettidos nessa revolta, ter ella apparecido no dia 24 de Julho de 1824.

Nessa proclamação, além de outras que havia já dirigido, vêm narrados todos os acontecimentos politicos desde o brado de—independencia ou morte, levantado nas margens do Ypiranga, até o momento em que o imperador entregando as provincias aos seus proprios recursos, lhes recommendava que, á custa dos maiores sacrificios, destroçassem e expulsassem o inimigo concluindo essa proclamação nos seguintes termos:

« Brazileiros! Pequenas considerações só devem estorvar pequenas almas: o momento é este; salvemos a honra, a patria e a liberdade soltando o grito festivo: — Viva a Confederação do Equador! »

Este grito echoou na Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará, e reunindo-se todos a Pernambuco, sustentaram, como verdadeiros heroes, a causa da republica do Equador e sua soberana independencia!

Infelizmente, ainda desta vez não vingou no solo brazileiro a causa da republica, e os pernambucanos e os seus irmãos do norte tiveram de ser immolados no cadafalso, em sacrificio de sua dedicação e patriotismo, pela causa da liberdade, sendo perseguidos pelo mais ferrenho e despotico governo do Sr. D. Pedro I!

O general Francisco de Lima e Silva, depois de renhidos combates em que por mais de uma vez os pernambucanos puzeram em prova a sua bravura e dedicação á causa da liberdade, fez a sua entrada nesta cidade no dia 1 de dezembro de 1824, sendo as demais provincias que acompanharam o movimento revolucionario, obrigadas a ceder ao poder da tyrannia.

Logo no dia 20 abriu a commissão militar que levou ao patibulo a Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca, espingardeado a 13 de janeiro de 1825; Lazaro de Souza Fontes a 20; Antonio Macario de Moraes a 3 de fevereiro; o major Agostinho Bezerra Cavalcante de Souza a 21 de março; Antonio do Monte, Nicolau Martins Pereira e James Heide Rodgers a 12 de abril e Francisco Antonio Fragoso a 19 de maio.

No Rio de Janeiro, haviam sido enforcados no dia 17

de março de 1825, o pernambucano Joaquim da Silva Loureiro, commandante da escuna *Maria da Gloria*, o piloto João Mitrovik, genovez, commandante do Brigue *Constituição ou Morte* e o heroe João Guilherme Ractclif, que por ordem do presidente Manoel de Carvalho foram bloquear os desertores militares e outros morgadistas na Barra Grande, e haviam sido aprisionados pela esquadra imperial em Porto de Pedras.

No Ceará foram fusilados na manhã de 30 de abril de 1825 o padre Gonçalo Ignacio d'Albuquerque Maranhão, Loyolla Mororó e coronel João de Andrade Pessoa Anta; a 7 de maio Francisco Miguel Pereira Ibiapina; a 16 Luiz Ignacio de Azevedo Bolão, e a 28 Feliciano José da Silva Carapinima.

A mesma commissão militar de Pernambuco tambem condemnou á morte, baniu e affixou editaes autorisando a qualquer pessoa poder livremente matar os ausentes Manoel de Carvalho Paes de Andrade, o coronel José de Barros Falcão de Lacerda, tenente-coronel José Antonio Ferreira, Dr. José da Natividade Saldanha, capitão José Francisco Vaz de Pinho Carapeba, Antonio d'Albuquerque Montenegro, tenente Medanha, capitão Francisco Leite, capitão José Gomes do Rego Cazumbá e major Emiliano Felippe Benicio Mundurucú.

No Ceará tambem foram condemnados Raymundo Alexandre Pereira Ibiapina á degredo perpetuo e serviços das obras publicas na ilha de Fernando de Noronha, onde morreu precipitado de um pinaculo. Ha quem afiance que elle foi assassinado, tendo sido arrojado propositalmente desse pinaculo; mas nenhuma prova ainda encontrei que confirme essa noticia.

Foram devolvidos ao foro ordinario José Francisco Lima, João Nepomuceno da Silva Cangussú e José Correia Camello. O pernambucano Frei Alexandre da Purificação foi condemnado no foro ordinario a degredo perpetuo no Rio Negro.

A commissão militar do Ceará alli se conservou até o dia 20 de junho de 1826.

Foi esta a sorte dos patriotas pernambucanos e de seus irmãos do norte, que a 24 de julho de 1824 ergueram a bandeira da Republica do Equador em Pernambuco.

Vejamos como se portaram estes heroes republicanos nos seus ultimos momentos.

Um dos primeiros martyres que com o seu sangue saturou o solo da patria, victima da feroz vingança deste ousado feito, foi o immortal Ractclife e seus dous companheiros, o pernambucano Joaquim da Silva Loureiro e o genovez João Mitrovik, executados na capital do Rio de Janeiro a 17 de março de 1825, prisioneiros da escuna que foi bloquear os disertores militares e morgadistas (*) que se haviam fortificado na Barra-Grande, sendo nessa occasião aprisionada a mesma escuna pela esquadra imperial.

Nós os pernambucanos temos ainda essa divida de honra á memoria desses dous estrangeiros e do Americano James Heide Rodgers que tanto se vincularam á causa pernambucano, sacrificando as suas vidas em defesa da nossa causa, principalmente o benemerito Ractclif, que deixando Portugal, por complicações politicas, veiu para o Brazil compartilhar a sorte dos pernambucanos.

A sua qualidade de homem de lettras e vasta erudição realçavam com a intrepidez de um cidadão liberal: diz o commendador A. J. de Mello.

No acto de sua prisão, quando entrava pelo portaló da corveta que o prisionou, disse: « Bem sei que estou preso e irei morrer; porém Pernambuco algum dia ha de florescer»

Isto referem as testemunhas que depuseram no seu processo; assim como refere de ouvida a tripulação do brigue aprisionado que Ractclif, quando avistou as embarcações da esquadra imperial em Porto de Pedras, mandou tocar a postos, e disse á tripulação o seguinte: « Estas embarcações são do imperador, e eu estou disposto a dar até a ultima pinga de sangue em defesa de Pernambuco, e espero de vós outros que tenhaes o mesmo enthusiasmo, pois jámais nunca o imperador pode vêr estes rebeldes pernambucanos ». E vendo que a tripulação não estava disposta a bater-se, *pegou em um morrão e procurou lançar fogo ao paiol da polvora!* O que não póde conseguir por se oppôr a tripulação.

Condemnado a morte, os seus amigos lhe quizeram ministrar veneno na vespera de sua execução para lhe poupar o transe; porém elle o recusou nobremente, dizendo preferir uma morte heroica.

(*) Morgadistas eram os partidarios do morgado do Cabo, Francisco Paes Barreto, que morreu marquez do Recife e defendia a causa de Pedro I.

Entrou no oratorio, diz ainda o commendador Mello, e escreveu na parêde o seguinte verso:

Quid mihi mors noscit? Virtus post fata virescit
Nec sœvi gladio perit illa tyranni.

A estes versos deu a seguinte traducção o periodico *Popular*, publicado em Londres:

Que mal terrivel traz comsigo a morte,
Se a virtude com ella mais se eleva?
Se esta da espada não receia o corte,
Que importa do tyranno a furia ceva?

Durante o tempo de sua agonia conservou sempre a maior serenidade de espirito. Escreveu uma carta ao seu advogado no ultimo dia de sua vida, em varias linguas agradecendo-lhe a defesa.

No dia da execução, quando lhe quizeram vestir a alva repelliu-a e só cedeu á exhortação do padre a quem sempre respeitou « Vamos ornar a victima». Foram as suas expressões.

No caminho um frade indiscreto o taxou de rebelde, e elle retorquiu: « Deus me dê paciencia! Um ministro do altar calumniando-me! »

Chegado o momento fatal apertou as mãos aos dous companheiros de martyrio e assim se despediu delles: « Sinto que sejam arrastados ao supplicio por meu respeito, porque só eu sou o alvo a quem se dirige a tyrannia. »

Subiu intrepido a escada fatidica, parou ao 7º degráo e voltando-se para o povo, principiou a fallar deste modo: « Brazileiros! Eu morro innocente; morro pela causa da razão, da justiça e da liberdade. Praza ao céo que meu sangue seja o ultimo que se derrame no Brazil e no mundo por motivos politicos »...

Querendo proseguir, o padre lhe fez um signal, como quem lhe pedia para não continuar. Terminou com estas palavras:

« Eu me resigno e morro por causa da liberdade. »

Sublime exemplo de civismo e heroismo, que de então até hoje ainda não foi imitado! Morreu como um verdadeiro patriota!

O *Times* attribuiu a morte deste heroe á parte que elle havia tomado na causa da rainha de Portugal.

Os seus dous companheiros acabaram do mesmo modo ás mãos do algoz.

Os corações sensiveis, os pernambucanos capazes dos sublimes sentimentos da gratidão, de amor ás almas livres e á probidade rigida do homem de bem, repetirão sempre com acatamento e saudade plangente o nome de Ractidiff!...

Entretanto este nome não é conhecido e desappareceu como a sua sombra! ..

Até houve pernambucanos tão ingratos que não se lembrando do quanto se dedicara e vinculara elle a terra, á cuja causa sacrificara a propria vida, de todo o esqueceram para preferir Tiradentes, sómente porque a capital federal, erradamente, o reconhece como primeiro martyr da liberdade!

Tiradentes e seus companheiros levados á prisão e entregues aos cuidados de frades ignorantes, fanaticos e amigos de seu rei, são por estes aconselhados a se arrependerem de sua rebeldia, a voltarem as costas ao mundo e sómente cuidarem da salvação das suas almas; fazendo-lhes calar em seus espiritos o *grande erro* que haviam commettido de pensar na libertação de sua patria, como se fosse incompativel ser bom catholico e ao mesmo tempo bom patriota! Eis porque Tiradentes em quem faltava a precisa instrucção para conhecer os deveres de bom patriota e de bom catholico, encara o patibulo, como diz o commendador Joaquim Norberto, não como um throno de gloria e sim como uma ara de sacrificio para expiação de seus erros politicos; preferiu antes morrer com o credo santo nos labios do que soltando o brado da mallograda revolta—Viva a liberdade!—conforme fizeram os martyres pernambucanos padre Roma, padre Miguelinho, Domingos José Martins, Domingos Theotonio e Antonio Henrique em 1817, Fr. Caneca, Racticliff e outros em 1824!

Racticliff em caminho para o patibulo, quando um frade ignorante e indiscreto o taxou de rebelde, o repelliu polidamente dizendo-lhe: «Deus me dê paciencia; um ministro calumniando-me.»

Sim, calumniando-o, porque não é crime e não póde ser peccado amar a liberdade e independencia de sua patria; é por isso que elle do alto do patibulo declarou que morria innocente e que morria pela liberdade!...

Na capital do Rio de Janeiro a sua memoria foi honrada com o seguinte soneto:

Elevado ao zenonico transporte,
Estoico coração, alma sublime,
Sem que a vista do algoz o desanime,
Da parca espera affouto o ferreo corte.

Tyranno, que pesar me causa a morte,
Dest'arte exclama o heroe: a infamia, o crime
Os nobres sentimentos não supprime
De um genio liberal de um peito forte,

A virtude, que o peito me guarnece,
Essa por mim ha tanto idolatrada,
Depois de negros fados resplandece;

Aos feros golpes da cruenta espada
Não murcha, não definha, não perece,
Antes surge de soes abrilhantada.

Foi assim que terminou os seus dias o benemerito Racticliff.

Fr. Caneca foi com surpresa condemnado á morte; o cabido *sede vacante*, de cruz alçada e as communidades religiosas, profundamente melancolisados, dirigiram-se ao palacio a pedir ao governo da provincia a suspensão da execução, emquanto supplicavam perdão ao imperador; este acto de humildade christã foi tomado como uma rebeldia e os que o promoveram severamente reprehendidos, não merecendo a honra de ser recebidos em palacio, de cujas portas foram despedidos!

No dia 13, em que devia ser executado, ja era alto dia e a illustre victima dormia tão profundamente, que foi necessario ser acordada pelo padre mestre Fr. Carlos de S. José impondo-lhe a mão e abalando-o. O carrasco Antonio Francisco, nomeado para ser o algôz da execução se negou formalmente a cumpril-a em veneração ao caracter religioso da illustre victima; é então nomeado e levado ao pé da forca o preso pardo Agostinho Vieira e outros que tambem se recusaram á execução, apesar de serem levados á couce d'armas pela soldadesca e para maior vergonha, espaldeirados por um official superior, que fazia parte desse cortejo infernal! Tenho até vergonha de pronunciar o seu nome, para não manchar a sua memoria e porque quero respeitar a paz dos tumulos.

Para remover esta difficuldade, mandou a commissão militar que a sentença fosse executada, sendo a victima espingardeada, o que se cumpriu, tendo ella a coragem de ensinar ao alcaide como a devia atar á fatal cadeira, que tinha de servir de alvo!

Querendo principiar a sua ultima pratica demonstrativa de seus liberaes e patrioticos sentimentos, foi interrompido pelo seu prelado, confessor e amigo affectuoso, que o acompanhou até os seus ultimos momentos, pedindo-lhe para não continuar.

Este facto refere um manuscripto que existe no nosso archivo, escripto por um contemporaneo que acompanhou a execução e era amigo da victima.

Assim acabou os seus dias o heroe Fr. Caneca por quem os pernambucanos jamais deixarão de derramar lagrimas de saudade, debruçados sobre o seu tumulo em homenagem á sua memoria!

Seguiu-se a esta execução a de Lasaro de Souza Fontes, a 20 do mesmo mez; a de Antonino Macario de Moraes a 3 de fevereiro. Estes dous foram enforcados. O benemerito pernambucano major Agostinho Bezerra Cavalcanti de Souza, digno imitador do heroe Henrique Dias, como elle bravo e de côr preta, não desmentiu o valor de sua raça nos ultimos momentos de sua vida.

Diz um conteporaneo que elle sobejamente corajoso, sem affectação, subiu com intrepidez a fatal escada da forca, fez um breve discurso ao povo com voz segura e forte e ao concluir atirou-se da escada á baixo. Morreu como morrem os patriotas que tem consciencia de haver cumprido os seus deveres de bom cidadão. Esta execução teve lugar a 21 de março do mesmo anno.

Enganou-se o commendador A. J. de Mello, apesar de contemporaneo, quando em sua obra *Biographia de alguns poetas e homens illustres da Provincia de Pernambuco*, disse que essa execução teve logar a 19 de março. Tambem está em erro o autor do manuscripto inedito que possue o Instituto, do qual me tenho servido, quando, tratando dessa execução, disse o seguinte: «A 21 de março, dia da procissão «do Senhor dos Passos, pelas duas horas da tarde, entrou «para o oratorio o major dos pretos Agostinho Bizerra Ca«valcanti» e mais adente, tratando da sua execução, o seguinte: «Subiu ao patibulo no dia 24 de março, na propria «semana santa.

Aceitando a noticia que dá o autor do manuscripto citado, e que era confirmado pelo fallecido Francisco Manoel da Roza, que foi pedagogo do arsenal de guerra desta cidade, que sendo meliciano e como tal tendo de acompanhar a procissão do Senhor dos Passos, se recordava que, ao passar ella pela frente da cadeia se achava o major Agostinho Bizerra no oratorio, por ter para elle entrado naquelle dia ; se vê que o citado autor se enganou na data desse dia, tomando-o como 21, quando pelo almanak do anno de 1825 esse dia tinha a data de 18 e não de 21, por isto que a paschoa desse anno foi a 3 de abril ; e quanto ao dia de sua execução, não podia ter sido na propria semana santa, como diz o mencionado autor, por isto que a segunda-feira dessa semana foi a 28 e não a 24 como elle affirmou.

Por tanto, tendo elle entrado para o oratorio na sexta-feira de Passos, que foi a 18 de março, a sua execução não podia ter sido senão na segunda-feira da semana do Triumpho, que foi a 21 de março desse anno.

Quando esta argumentação não provasse sufficientemente o verdadeiro dia dessa execução, nos vem tirar de toda duvida o seguinte soneto, feito pelo padre mestre Fr. Mercês, da ordem franciscana, seu companheiro de prisão e martyrio, feito em commemoração a esse lutuoso dia.

SONETO

Tenebroso amanhece o fatal dia,
Que *vinte um* de março se contava,
Quando a paixão de Christo se chorava
Quando o povo christão mais se affligia,

Num tempo de perdões, oh ! sorte impia,
Tempo que a religião santificava
E que o rei mais cruel só costumava
De mortes perdoar quem delinquia,

Ao contrario, o tyranno alçando o braço,
Sacrilego, raivoso e encarniçado
Aperta ao collo de Agostinho o laço.

Que é da clemencia deste bruto irado?!
E ainda chamam christão a um tal devasso
Que de sangue enlutou o templo sagrado.

Querendo exibir uma prova authentica me dirigi ao meu amigo o Sr. Paes Barreto, digno administrador da casa de detenção de quem recebi a seguinte resposta: « Do velho « archivo (cadeia velha) quasi nada restasse não folhas es- « parsas de cadernos roidos, impossiveis de se poder colle- « cionar ».

A 12 de abril foram ainda passados pelas armas, ao pé da forca, Antonio do Monte, tenente Nicoláo Martins Pereira e o americano James Heide Rodgers.

O official que commandou a escolta encarregada da execução, diz o commendador Mello, entendeu que aos martyres se deviam dar trez descargas successivas; a primeira da cintura para baixo, a segunda nos peitos e a terceira na cabeça. Dada a primeira descarga as victimas cahiram extrebuxando e revolvendo-se na terra, pedindo a grandes gritos que os matassem logo! Os soldados se approximaram e dispararam as armas na cabeça e outras partes mortaes. E foi deste modo barbaro e selvagem que acabaram aquelles illustres martyres!

O ultimo executado foi Francisco Antonio Fragoso, a 19 de maio.

Este, diz o referido manuscripto, posto que corajoso, havia tomado na vespera da execução uma dóse de veneno, que não produzindo o effeito desejado, provocou-lhe vomitos horriveis que o enfraqueceram e o prostaram a ponto de ser preciso ajudal-o a subir para o patibulo.

Quanto soffreu a familia pernambucana por amor da liberdade!

Os que foram executados no Ceará tambem acabaram os seus dias como verdadeiros patriotas e dignos filhos do norte. Nenhum delles beijou humildemente os pés ao carrasco e nem deu vivas ao seu imperador.

Foi esta a sorte dos patriotas de 1824, que tiveram o arrojo de erguer neste norte do Brazil a bandeira da republica do Equador!

Tenho, portanto, provado com a historia escripta e documentada que a revolução do Maranhão, promovida por Bechman e outros, não teve por fim a independencia nacional e muito menos a forma do governo republicano.

De muito mais importancia foi a guerra do quilombo dos palmares neste estado, que teve principio em 1630 por occasião da invasão hollandeza e durou mais de 66 annos de continua lucta, que só acabou com a morte do seu chefe o

celebre *Zumbi*, que soube morrer heroicamente em combate, vendendo bem cara a sua vida.

Esse quilombo chegou a ter uma população que foi calculada por alguns escriptores em mais de 20 mil almas, e por sua importancia é hoje conhecido pelo pomposo nome de *Republica dos Palmares*, e o roubo que faziam das mulheres encontradas nas roças e estradas, comparado ao roubo das Sabinas no tempo dos primitivos romanos; mas que eu, como já tive occasião de dizer, só o qualifico de couto de selvagens, que viviam da rapina dando asylo e guarida a malfeitores, sómente desculpavel pela preferencia que deram á essa vida selvagem, para não supportarem a escravidão, luctando heroicamente pela liberdade individual, este instincto natural e innato á todo homem e até aos proprios selvagens. Foram estes os primeiros lampejos para a realisação da emancipação servil que só póde ser effectuada no Brazil, dous seculos mais tarde. Portanto nenhuma razão tem o illustre senador maranhense para trazer ao parlamento o nome de Beckman como um dos martyres da liberdade e independencia nacional. Neste caso deveria citar em primeiro lugar o de *Zumbi*, chefe desse formidavel quilombo da republica dos palmares.

Tenho tambem provado que a celebre inconfidencia mineira não foi uma tentativa para a independencia que se tivesse mallogrado. Jamais passou de uma idéia generosa quanto a essencia e mesquinha quanto á forma, como diz o commendador Joaquim Norberto; que os seus principaes chefes acabaram dando vivas á rainha, de quem se confessaram escravos, por lhes ter commutado a pena de morte em degredo perpetuo! Que Tiradentes apenas figurou nesse tentamen como simples correio por não merecer plena confiança dos principaes chefes, ignorando até que Gonzaga fizesse parte do club, como elle mesmo confessou em seu interrogatorio que corre impresso, no qual declarou que conversando uma vez com Alvarenga e outros acerca da conjuração e apparecendo nessa occasião Gonzaga, se calaram todos.

É que Gonzaga conhecia perfeitamente Tiradentes e sabia do que elle era capaz pelo seu genio tagarela e tinha com elle toda reserva, como por mais de uma vez declarou.

Tenho, finalmente, provado que Tiradentes baixou do seu pedestal de gloria para humilhar-se demais ante o seu algoz beijando-lhe os pés com humildade; que nesse ultimo

momento o patibulo para elle não era mais um throno de gloria e sim a ara do sacrificio para expiação de convencidos erros. Preferiu morrer com o credo santo nos labios a soltar o brado da mallograda revolta que era — Viva a liberdade!

Não quiz imitar os martyres das revoluções pernambucanas de 1710 1817, e 1824. Preparado ha muito pelos padres, morreu como um bom christão, com a coragem do contricto e a convicção de ter offendido os direitos da realeza, e quando muito consolado com a esperança da salvação eterna, como diz o illustrado commendador Joaquim Norberto.

Si está provado á toda luz da verdade, que a inconfidencia mineira não foi a primeira tentativa para a liberdade e independencia nacional; porque muito antes de ser nascido Tiradentes já o distincto e benemerito pernambucano Bernardo Vieira de Mello havia proclamado no senado de Olinda, no memoravel dia 10 de novembro de 1710, nenhum direito tem a que lhe seja erigida uma estatua, como primeiro precursor e apostolo da liberdade nacional.

O facto de ter morrido enforcado e depois de morto esquartejado não lhe dá tambem esse direito, porque a mesma sorte aguardava a Bernardo Vieira de Mello na cadeia do Limoeiro, carregado de ferros e opprobios, onde expirou de morte mysteriosa, amanhecendo morto na prisão, e logo depois o seu filho André Vieira Mello, seu companheiro de infortunio e martyrio.

Tambem não foi o primeiro que soffreu maior martyrio; porque tenho provado com a verdade historica que muito antes delle ser nascido Felippe dos Santos havia sido despedaçado em vida na praça publica pelo conde de Assumar, na tarde do dia 16 de julho de 1720.

Tiradentes, com quanto tenha sido um martyr da liberdade, todavia o papel que representou nessa sonhada conspiração e os seus ultimos momentos jamais podem ser comparados aos martyres pernambucanos de 1817 e 1824.

Elle subia para o patibulo acompanhado pelos padres que lhe lembravam os mysterios da Trindade e da Incarnação, de que era devoto e crente, caminhando apressadamente, resoluto com as faces abrasadas e cheio de uncção, fazendo soliloquios com o crucifixo que nas mãos levava, enchendo de extrema consolação aos que o assistiam, subindo ligeiramente os degráos da fatal escada sem levantar os olhos que

tinha fixos no crucifixo até o funesto momento de ficar suspenso de uma das traves da forca.

O padre Roma, confessado, sacramentado e contricto dá graças a Deus por ter permettido a sua cumplicidade na revolução de Pernambuco, por ser este o unico meio para esperar não ser condemnado eternamente.

Chegou ao Campo da Polvora, onde devia ser executado, perdoou a morte aos seus algozes e pondo a mão no coração lhes indicou o alvo a que deviam dirigir a pontaria, por ser alli o centro da vida e ordenou que atirassem!

O padre Miguelinho, esse heroe natalense, perfeito contraste dos inconfidentes mineiros, que a troco de uma commutação da pena de morte em degredo perpetuo dão vivas á sua rainha, de quem se confessaram escravos, elle, com a consciencia do cidadão, que sabe cumprir com o seu dever, compareceu calmo e sereno perante a sanguinaria commissão militar sem articular uma palavra em sua defesa, e quando o conde dos Arcos, procurando salval-o lhe insinuou que negasse as suas firmas, elle soberanamente desprezou essa graça e a repelliu como indigna do seu caracter, porque importava a retractação de seus principios patrioticos, para elle mais sagrados do que a propria vida, e concluiu affirmando que todas as assignaturas eram authenticas!

Sublime exemplo de heroismo que devia confundir e envergonhar os seus algozes!

O illustre e benemerito espirito-santense Domingos José Martins, ao sahir da prisão para o lugar em que devia ser executado, voltou-se para os soldados que o escoltavam lhes disse:

« Vinde executar as ordens do vosso sultão? Eu morro pela liberdade. » Ao pronunciar esta ultima palavra, um frade ignorante e fanatico pelo seu rei lhe põe a mão na bocca.

O distincto e benemerito cearense Antonio Henrique Rabello, afrontou a morte deante de seus juizes, a quem se apresentou altaneiro, vangloriando-se dos seus feitos e quando o carrasco lhe pediu o costumado perdão, não se humilhou a beijar-lhe os pés: com toda sobranceria o abraçou para lhe provar que o seu perdão era sincero, e chegado o momento fatal de ficar suspenso, foram as suas ultimas palavras: Viva a Patria!!...

Domingos Theotonio Jorge, fallando do alto da forca ao povo e declarando que não temia a morte e nem se aterrava

deante della, só lhe aterrava o juizo da posteridade ; e tinha razão, porque nem sempre elle é justo.

Entregou ao povo o seu unico e idolatrado filho a quem recommendou que não o abandonasse e o guiasse no caminho da virtude e da honra.

O distincto e honrado portuguez Racticliff, esse heroe que tanto se vinculou á causa pernambucana na revolução de 1824, recusou o veneno que lhe queriam dar os seus amigos na vespera de ser executado, dizendo que preferia uma morte heroica.

Escreveu na parede de sua prisão versos em que manifestou os seus sentimentos patrioticos e o desprezo com que encarava a morte e as iras do tyranno que o mandava assassinar e aos seus companheiros Loureiro e Mitrovik.

Recusou a alva que o carrasco lhe queria vestir e só consentiu em recebel-a quando o seu confessor lhe ordenou dizendo com o maior sangue frio : vamos ornar a victima.

Em caminho, quando um frade ignorante e fanatico pelo seu rei o taxou de rebelde, elle lhe disse : «Deus me dê paciencia ; um ministro do altar calumniando-me ! »

Chegado o momento fatal, subiu com intrepidez a escada da forca e parou ao 7· degrau para fallar ao povo dizendo : « Brazileiros, eu morro innocente, morro pela causa da razão, da justiça e da liberdade. Praza ao céo que o meu sangue seja o ultimo, que se derrame no Brazil e no mundo por motivos politicos. » Sendo as suas ultimas palavras : « Eu me resigno e morro por causa da liberdade ! !»

Assim acabou o heroe Racticliff, a quem Pernambuco ainda não pagou essa divida de gratidão.

Tenho dito quanto basta para provar que Tiradentes jamais pode ser comparado aos nossos heroes de 1710, 1817 e 1824, e portanto a sua preferencia para representar em uma estatua os martyres da independencia nacional e da republica, alem de injusta é por demais odiosa.

Nessas revoluções pernambucanas figuraram no seu martyrologio os nomes dos homens mais distinctos e respeitaveis pelo seu talento, saber, fortuna e posição deste estado e dos seus irmãos do norte, que por nenhum principio podem ser comparados com Tiradentes, sem fortuna, sem posição social, sem familia, sem amigos, sem illustração e de uma imaginação exaltada, e finalmente sem orientação alguma, incapaz de conceber e executar um plano qualquer de conspiração, que dizia a Antonio José de Castro, que ti-

nha esperanças de ver uma testa coroada na capitania de Minas, e que nos seus ultimos momentos o unico merecimento que teve foi morrer como um bom catholico, voltando as costas ao mundo, arrependido dos seus erros, com a coragem do contricto e a convicção de ter offendido os direitos da realeza e consolado com a esperança da salvação de sua alma. Um pobre homem sem protecção, e que em toda essa tragedia apenas representou o papel de *bode expiatorio* ; porque repugna á razão e ao bom senso que um homem nas condições de Tiradentes tivesse força para seduzir a homens como Claudio Manoel da Costa, Gonzaga, Alvarenga, Maciel e outros que eram as principaes notabilidades do estado de Minas.

Entretanto que os patriotas pernambucanos, não desprezando as suas crenças religiosas nesses ultimos momentos, souberam morrer como verdadeiros heroes, encarando o patibulo como um throno de gloria, e a morte como um triumpho, fazendo converter a ignominia do cadafalso em apotheose.

Para mim seria difficil escolher entre ésses heroes o mais digno de representar em uma estatua o symbolo dos martyres da liberdade, da independencia e da republica—Não ha *primus inter pares*, todos elles foram heroes e são dignos de figurar em uma columna commemorativa, representada pelo anjo da victoria, sendo os seus nomes inscriptos e gravados no pedestal como os principaes martyres da liberdade, da independencia e da republica.

Infelizmente estou convencido de que perco o meu tempo. No Brazil as questões mais serias, mais graves, não se decidem pela calma do estudo, da reflexão, da razão e da justiça ; decidem-se pelas paixões occasionadas de momento e pela detestavel e miseravel politica !

A estatua de Tiradentes será levantada á custa do nosso suor, que é nosso sangue. De mais um escandalo, de mais um attentado será testemunha a capital federal ; a mentira de bronze se ostentará na praça publica. Não é a primeira e nem será a ultima.

A historia patria registra o facto de ser proclamada a nossa independencia nacional no campo do Ypiranga, em S. Paulo, por D. Pedro I no dia 7 de setembro de 1822 (já uma vez o disse) ; nesse logar recebe D. Pedro uma carta por um expresso enviado do Rio de Janeiro, pelo Dr. José Bonifacio : pára por um momento emquanto lê a carta do

veneravel patriota (diz o illustrado e venerando visconde de Beaurepaire Rohan, em seu opusculo « O Campo do Ypiranga ») —« Sciente das disposições hostis das cortes portu-«guezas, cumpria-lhe ou resignar-se a ellas, ou sacudir o «jugo. »

« A escolha não devia ser duvidosa. Então dirigiu-se «aos seus companheiros de viagem e exprimindo-lhes sua «justa indignação, terminou seu discurso breve e eloquente «com as palavras—INDEPENDENCIA OU MORTE. »

« Nesta occasião, arremessando ao chão o distinctivo da «nação portugueza, elle e a sua guarda desembainham a es-«pada com um juramento de honra prestado á face do céo etc.»

Este facto assim narrado e registrado nos annaes da nossa historia patria, principiou a ser desfigurado e alterado desde o dia 7 de abril de 1831, em que D. Pedro I abdicou a coroa de imperador do Brazil em seu filho então menor D. Pedro II, e a gloria desse acto magnanimo principiou a ser alterada nos jornaes da capital do Rio de Janeiro, espalhando-se a propaganda de que fôra o Dr. José Bonifacio quem dera pela primeira vez esse brado nas margens do Ypiranga, dando logar a que viesse pela imprensa o coronel Pedro da Silva Pedroso protestar pelo periodico *Bussola da Liberdade* no n. 51 de 20 de setembro de 1834, periodico que se imprimia naquella capital, declarando que essa gloria sómente a elle pertencia, por ter sido o primeiro que nesta cidade a 6 de março de 1817, pelas 2 horas da tarde, fizera soar essa palavra magica que depois foi echoar em 7 de setembro pelo Dr. José Bonifacio, nos campos do Ypiranga.

Tal era a propaganda, que o coronel Pedroso estava capacitado de que esse brado fôra dado pelo Dr. José Bonifacio, quando elle nesse dia se achava na capital do então imperio !

E' que aquelle astro se havia sumido no occaso e convinha apedrejal-o, porque seu filho ainda era menor e as paixões se achavam exaltadas !

E alli está no largo de S. Francisco de Paula a sua estatua erigida no meio da praça para attestar que foi elle o patriarcha da independencia do Brazil, perpetuada em uma mentira de bronze á espera da de Tiradentes para lhe fazer companhia !

Nenhum brazileiro é mais digno de uma estatua do que o illustre paulista, mas não póde representar uma gloria que sómente pertence a Pedro I.

Correram os tempos e D. Pedro II havia chegado á sua maioridade; o horisonte politico já não era o mesmo, principiava a ser illuminado por um novo astro; era preciso lisonjear o filho na pessoa do pae; D. Pedro I devia ter uma estatua, não podia ter a de fundador do imperio, a de patriarcha da independencia do Brazil, porque já tinha sido dada ao Dr. José Bonifacio; procurou-se outra e erigiu-se uma estatua equestre no meio do jardim do antigo Largo do Rocio, que desde logo foi mudado para—Largo da Constituição, porque a estatua representa D. Pedro I tendo na dextra a carta constitucional por elle imposta aos brazileiros, quando despoticamente dissolveu o congresso nacional, constituido para formular a constituição e dal-a á nação.

E' certo que não representa uma mentira de bronze, porque o facto é verdadeiro; mas representa um acto de prepotencia que avilta a nação. Essa estatua estaria melhor representada, si tivesse em uma das mãos a espada e na outra o codigo por elle outorgado, symbolisando o islamismo.

E' uma affronta feita á nação, principalmente aos pernambucanos, que pegaram em armas contra esse acto de prepotencia e despotismo, erguendo o brado da *Republica do Equador*, sendo por elle mandados assassinar, espingardeados e enforcados em negros cadafalsos, os heroes pernambucanos de 1824.

Hoje não basta que por um decreto do governo provisorio seja considerado de festa nacional o dia 21 de abril consagrado á commemoração dos precursores da independencia brazileira, resumidos em Tiradentes; é preciso que se levante uma estatua para que fique mais essa mentira perpetuada no bronze.

E' tambem considerado de festa nacional o dia 14 de julho consagrado á commemoração da republica, da liberdade e independencia dos povos americanos, quando não ha quem ignore que a independencia da America não foi proclamada a 14 e sim a 4 de julho de 1776! E' na verdade a maior das extravagancias, estarmos a festejar um dia que não nos pertence!

A 14 de julho de 1789 foi a tomada da Bastilha em França. O que tem este facto com o da republica, da liberdade e independencia dos povos americanos?!

A independencia da America não foi proclamada a 14 de julho. Isto não é simplesmente um erro; é mais do que isto. Cesar Cantu (Historia Universal, nova edicção ver-

tida do francez em 1867, por Manoel Bernardes Branco, 2ª edição, volume XI, pag. 241, segunda columna) diz:

« A independencia (das colonias americanas) já existia « de facto, quando o congresso por proposta de Henrique Lee, declarou as colonias livres e independentes a — *4 de julho de 1776*.

O que tem a tomada da Bastilha em França com a republica, liberdade e independencia dos povos americanos? Commemorar uma data e festejar outra, não é serio, é escandaloso, sobre tudo para um governo que deve ser moralisado.

Vou concluir declarando que, não devendo esperar reparação alguma do esbulho, que de nossas glorias quer fazer a maioria caprichosa do actual congresso, quero que ao menos fique registrado nos annaes desta patriotica associação este meu solemne protesto, para que fique bem conhecido em todo o Brazil e no mundo civilisado o valor que caprichosamente se quer dar á essa mentira de bronze, que vai figurar na capital federal.

A posteridade para quem neste momento appello, nos fará justiça!

Tenho concluido.

ERRATA

Pag.	Linhas	Erros	Emendas
11	4	as novas	á novas
26	5	emmorredoura	immorredoura
26	22	Congoreoe	Congoreo e
27	37	1493	1499
28	37	1493	1502
28	38	segunda	ultima
34	15	portanto	entretanto
35	6	1684	1685
36	22	4 homens	40 homens
54	4	produzia	produziu
54	10	fugissem	fugisse
66	31	indiscripção	indiscreção
69	4	fatalidades	falsidades
70	17	concelhos	conselhos
72	24	cadeia,	cadeias
90	41	adente	adeante
92	4	restasse não	resta senão

REVISTA

DO

INSTITUTO ARCHEOLOGICO

E

GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO



N. 46

Out.



PERNAMBUCO
TYPOGRAPHIA DO «JORNAL DO RECIFE»
47—Rua 15 de Novembro — 47

1894

MESA ADMINISTRATIVA DO INSTITUTO

PRESIDENTE,

Desembargador Manoel Clementino Carneiro da Cunha.

1· VICE-PRESIDENTE,

Dr. Cicero Odon Peregrino da Silva.

2· VICE-PRESIDENTE,

Desembargador Adelino Antonio de Luna Freire.

3· VICE-PRESIDENTE,

Conselheiro João José Pinto Junior.

1· SECRETARIO,

Dr. João Baptista Regueira Costa.

2· SECRETARIO,

Major José Domingues Codeceira.

SUPPLENTES,

Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa.
Augusto Cesar da Cunha.

ORADORES,

Dr. José Izidoro Martins Junior.
Dr. Maximiano Lopes Machado.

THESOUREIRO,

Commendador Antonio Gomes de Miranda Leal.

COMMISSÃO DE CONTAS,

Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva.
Dr. Esmeraldino Olympio de Torres Bandeira.
Dr. Joaquim Loureiro.

COMMISSÃO DE REDACÇÃO,

Dr. João Baptista Regueira Costa.
Dr. Cicero Odon Peregrino da Silva.
Desembargador Adelino Antonio de Luna Freire.
Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa.

A BATLHA NAVAL DE 1631 (*)

Honrados, prudentes e mui discretos senhores.—Apressamo-nos em enviar esta carta a Vv. Ss. pelo yate *de Catte* para dar noticia da nossa situação, que mudou completamente depois da nossa ultima missiva, em consequencia da chegada da armada hespanhola á Bahia e do seu encontro com os nossos, de que se seguiu a lamentavel perda do almirante-general.

Comquanto os navios *Matance* e *Campen*, que estão a carga, devam seguir nestes quinze dias, antecipamo-nos em dirigir estas linhas a Vv. Ss. afim de que não sejam sorprendidos—o que ainda bem póde succeder—com a noticia que hão de receber da Hespanha, e tambem para que possamos mais cedo receber as resoluções de Vv. Ss. sobre o nosso estado presente.

A armada ao mando de D. Antonio de Oquendo, ao partir de Lisboa em 5 de maio ultimo, se compunha de quinze navios mercantes, alguns dos quaes providos de artilharia, e chegou á Bahia a 13 de junho, quando os nossos navios, que alli cruzavam, regressavam para cá forçados pelo escorbuto e outras enfermidades.

O designio do inimigo, como Vv. Ss. verão das declarações dos prisioneiros que vão juntas, era soccorrer com aquella armada a Bahia, que, segundo corria voz em Hespanha, seria sitiada pelos nossos, desembarcar aqui mil soldados

---

(*) Do *Jornal do Commercio* da capital federal trasladamos para a nossa *Revista* a traducção do relatorio dirigido pelo concelho politico do Recife aos directores da companhia das Indias Occidentaes, em 5 de outubro de 1631, sobre a celebre batalha ferida naquelle anno entre a armada hespanhola commandada por Antonio de Oquendo e a hollandeza sob o mando de Adriaen Janez Pater.

Esse documento importantissimo que faz parte da collecção denominada *Brieven papier uit Brasilie*, extrahida pelo nosso illustrado consocio doutor José Hygino Duarte Pereira do archivo real de Haya, assim como muitos outros mencionados no numero 30 do nosso jornal, são da exclusiva propriedade do Instituto que com a traducção delles, confiada ao mesmo doutor José Hygino, pretende enriquecer as paginas de sua *Revista*.

com quatro peças de bronze, e duzentos e cincoenta soldados com doze peças do mesmo metal na Parahyba e voltar então á Hespanha com os assucares. Dos galões ficaram setecentos soldados na Bahia para reforço da guarnição.

A armada hespanhola, tendo aguardado alli o carregamento dos navios mercantes e mais equipamento, zarpou em 3 de setembro em numero de cincoenta e tres velas para levar com segurança a Santo Agostinho os alludidos mil ou mil e duzentos soldados, peças e mais munições de guerra, o que tudo havia sido embarcado em doze caravelas grandes, e seguir depois para a Parahyba com o reforço respectivo.

A primeira noticia que recebemos da vinda da armada inimiga, nos foi dada pelos prisioneiros que houvemos a 10 de julho nos Afogados e, assim avisados, expedimos cinco hyates para saberem ao certo o que se passava na Bahia. Conservando-se fóra da vista de terra, mandaram o hyate *de Catte* a observar, e este voltando aqui a 19 de agosto, nos referiu que estavam surtas naquelle porto trinta e uma ou trinta e duas velas, notando-se entre ellas sómente quatro ou cinco galeões de consideração, fazendo dest'arte pequenas e diminutas as forças do inimigo.

Colhidas estas noticias, o Sr. almirante-general Pater partiu daqui no ultimo de agosto, mas, quando lá chegou, soube que a armada já havia partido. Seguiu-a e a foi encontrar a 12 de setembro não longe dos *Abrolhos*, para onde a havia impellido o vento do norte.

Comquanto elle tivesse sómente dezeseis navios, deu batalha, da qual infelizmente resultou, além da perda de sua nobre pessoa, a dos bellos navios *Prins Willelm* e *Provintie van Utrecht* que se queimaram. Do *Prins Willelm* salvaram-se apenas cinco homens e do *Provintie van Utrecht* oitenta; a perda da nossa gente sobe a trezentos e cincoenta homens, além de oitenta feridos.

Do inimigo mettemos a pique dous galeões, o denominado *S. Jorge* e o do vice-almirante Francisco Balesilla, e tomamos o galeão *S. Buenaventura* com trinta peças de bronze, carregado com caixas de assucar e algum sandalo, como tudo consta das relações que seguirão nos primeiros navios.

Quanto ás particularidades da batalha e os motivos por que muitos dos outros navios não seguiram o exemplo e não cumpriram a ordem expressa do seu chefe, referimo-nos ao

relatorio do Sr. almirante Thyszoon, que a este respeito dará a Vv. Ss. completa informação.

Depois deste encontro, em que a almiranta teve trinta e tres mortos e vinte e oito feridos, o navio *Walcheren* e outras perdas proporcionaes, o Sr. almirante soube dos prisioneiros o designio do inimigo e dirigiu o seu curso para cá, no intuito de receber reforço de gente dos navios, atacar de novo a armada inimiga e impedir o desembarque no cabo de Santo Agostinho. Mas o inimigo, sabendo provavelmente pelos prisioneiros que nós tinhamos outros navios nesta costa, mudou de plano e mandou seguir immediatamente as caravelas com os soldados e as munições para Porto Calvo, que fica cerca de doze leguas ao sul do cabo de Santo Agostinho, e fez tal força de vela que precedeu á chegada dos nossos navios a este porto, de sorte que a armada hespanhola foi vista, ao pôr do sol, de través com a ilha de Tamarica (Itamaracá) antes da vinda do Sr. almirante com os seus navios que só chegaram no dia seguinte.

E como a nossa frota não podia ser guarnecida com tanta pressa, nem tambem receber, além das sete companhias que nella estavam em numero de seiscentos e sessenta e quatro homens, o necessario reforço de gente, sem abandonarmos a cidade (de Olinda), desistiu-se do intento de perseguir o inimigo.

A causa deste nosso insuccesso e de escapar a armada inimiga foi ao nosso ver, o estarem muito espalhados os nossos navios para a guarnição da costa, que deve ser trazida fechada, segundo as ordens de Vv. Ss. pelo que, estando o inimigo tão perto, não podiam reunir-se em tempo e logar devido ; a isto accresce a supposição em que estavamos, de serem poucas as forças do inimigo, supposição fundada na parte inexacta dada pelo hyate *Catte* de que a armada hespanhola contava sómente quatro ou cinco galeões e poucos navios capazes de resistencia, verificando-se depois ser a cousa muito diversa.

O inimigo conseguiu o seu intento de fortalecer a praça com gente e munições de guerra, pelo que os nossos adversarios devem estar muito animados ; e se esse reforço não os habilita a nos expellir daqui, é certo que produzirá o effeito de frustar completamente, e por muito tempo, a nossa esperança de trato com os moradores, e de nos ficar aberta ou franca a terra.

Nesta conjunctura convocamos uma assembléa geral

dos officiaes superiores do exercito para deliberar sobre o que nos cumpria fazer, que mais proveitoso fosse á companhia. A 3 deste o conselho nos deu o seu parecer unanime no sentido de que não podiamos tomar ainda a resolução de abandonar a cidade (de Olinda), indo de encontro ás ordens dos nossos amos, e que deviamos aguardar que causa sufficiente para isto se offerecesse, e tivesse informações mais completas do estado do inimigo....

(Trata em seguida de outros assumptos, e especialmente da possibilidade de um pacto com os indios do Rio Grande do Norte, que lhes haviam enviado um emissario. Esta carta está assignada por J. van Walbeeck, D. van Waerdenburch, S. Carpentier e M. Thyszoon.)

A carta de M. Thyszoon, a que a do concelho politico se refere, é a seguinte:

Honrados, prudentes e mui previdentes Srs. directores da companhia privilegiada das Indias Occidentaes.

Feitas as nossas saudações, sirvam estas poucas linhas para informar a Vv. Ss. que a 20 de agosto ultimo soubemos pelo hyate *Catte*, incumbido de cruzar diante da Bahia de Todos os Santos, que a armada hespanhola sob o mando de D. Antonio de Oquendo havia alli chegado. Fizemos toda a possivel diligencia para reunir com a maior pressa os nossos navios e ir procural-a. No ultimo de agosto zarpamos daqui com dezoito velas no intuito de apanhar a armada inimiga na Bahia, e a 5 de setembro chegamos felizmente á altura de 12° 45' ao sul da linha, onde o Sr. almirante-general expediu os dous hyates *Rotterdam* e *Arca Noé*, o primeiro para observar a Bahia e o segundo para avisar da nossa vinda os nossos navios que ainda estivessem cruzando naquellas paragens.

A 9 veiu ter comnosco na altura de 14° o hyate *Vrises Jager*, o nos communicou já ter partido da Bahia a armada hespanhola, e que a avistára naquella mesma altura, dirigindo o seu rumo para o sul, porquanto o vento era leste e não lhe permittia seguir para o norte. Como desde então o vento havia soprado do leste e do nordeste e era de presumir que a armada inimiga estivesse ao sul da nossa, o Sr. general resolveu seguir para o sul na esperança de alcançal-a, como succedeu.

Com effeito, tendo navegado para o sul até 11, houvemos vista da armada hespanhola cêrca de uma hora antes do pôr do sol desse dia, a qual estava a sueste e sul quarta a

leste de nós, tanto quanto se podia ver dos mastaréos. Andamos toda a noite ao sueste quarta a sul de modo que no dia seguinte a tinhamos ao sueste e sul quarta a leste de nós. Constava de cincoenta e oito velas, entre as quaes havia quatorze galeões hespanhoes e cinco portuguezes: os mais eram navios mercantes, alguns artilhados e outros não.

Seguimos em direcção ao inimigo, e, chegando perto o nobre Sr. almirante-general, fez signal para que se reunissem a bordo da capitanea todos os capitães afim de deliberarmos sobre a ordem a seguir no ataque.

Ficou assentado que cada um dos navios grossos do inimigo seria atacado por dois dos nossos que procurariam tomar ou destruir o adversario, conforme a occasião. E isto assim assentado e por todos approvado, dirigiu-se cada qual para o seu navio e juntos seguimos contra o inimigo.

Era cerca de 10 horas da manhã, quando eu abordei o navio do almirante Balesilla, e o Sr. almirante-general Pater a capitanea do general D. Antonio de Oquendo, e já eram passadas as quatro horas da tarde, quando a almiranta hespanhola foi a pique e tomamos um galeão chamado *S. Buenaventura*, que viera em auxilio do dito Balesilla.

A resolução de abordar, porém, que havia sido tomada pelo Sr. almirante-general e por todos os capitães, foi observada por poucos, isto é, sómente por Jan Mast, capitão do *Walcheren*, que devia secundar o Sr. almirante-general e pelo *Provintie van Utrecht*, que se juntou commigo.

Este ultimo navio, tendo acompanhado o meu na abordagem ao navio do almirante Balesilla e tendo estado abordado cêrca de meia hora, perdeu o mastro grande que foi derribado e cahiu entre elle e a almiranta hespanhola, e, como atirasse atravéz das suas velas, ateiou-se ahi o fogo que passou-se ao navio e o consumiu.

Se tivessem sido attentos no começo, poderiam facilmente ter impedido o sinistro; mas como o capitão fôra mortalmente ferido e por isso não havia mais ordem no navio, não se lançou sobre o fogo um só balde d'agua e tambem nenhum homem subiu ao convez.

Durante o combate o fogo ateiou-se tambem no navio do Sr. almirante-general Pater. O navio queimou-se, salvando-se apenas cinco homens que—como ao tempo do incendio o *Walcheren* estava ainda abordado—passaram-se para elle. Suppõe-se porém que os hespanhoes salvaram a muitos da guarnição da nossa capitanea e isso parece ser fóra de du-

vida, pois vimos andar-lhe a roda dous pequenos barcos hespanhoes, para o que alguns dos nossos navios tiveram tão boa occasião quanto os hespanhoes.

Dos nossos ha ainda outros que dizem ter sido abordados, mas eu nada sei, não tendo podido prestar attenção, pois tinhamos bastante que fazer comnosco. Mas dado que seja como dizem, não podem ter andado abordados por muito tempo, como se está vendo pelos mesmos navios.

Como o caso realmente foi, ha de verificar-se por meio de um exacto inquerito que será enviado a Vv. Ss. pelo navio *Champen*.

Tendo corrido assim a batalha, todos os nossos navios vieram juntar-se com o meu, que havia perdido o gurupez e as velas das vergas. Passamos toda a noite fazendo proa ao norte, e no dia seguinte não avistamos a armada hespanhola.

Chamei a bordo todos os capitães para deliberarmos sobre o que convinha fazer em serviço da companhia e, depois de attenta deliberação, assentou-se que nos conservassemos na defensiva, visto estarmos desfalcados de tres dos nossos navios mais grossos (os dous consumidos pelo fogo e o *Walcheren*, por muito damnificado e incapaz de resistencia), e que seguissemos quanto antes para Pernambuco, onde reuniriamos todos os nossos navios e nos proveriamos com toda a diligencia para a Parahyba, pois dos prisioneiros soubemos que elles deviam lá ir.

No outro dia fiz vir outra vez os capitães a bordo para com elles deliberar se não seria acertado descarregar o galeão tomado e pôr-lhe fogo, por ser pesado e de morosa navegação, o que foi approvado e devia ser executado no primeiro ensejo que o tempo offerecesse.

Na manhã de 15, segunda-feira, vimos a armada hespanhola cerca de quatro leguas ao sul de nós. Ao meio-dia tivemos vento sul fresco e com chuva. Navegamos ao nordeste até 17, ao meio-dia. Estavamos na altura de 13° 45', vento sueste fresco; navegámos ao nordeste e norte quarta a leste. A' tarde, uma hora antes do pôr do sol, tornamos a ver a armada hespanhola que estava a lesnordeste de nós. Chamei á falla o navio capturado e dei ordem que, quando fosse noite, navegasse a sudoeste, e mandei que Jan Mast o acompanhasse, e com o resto dos navios fizemos diligencia por chegar a Pernambuco o mais cedo possivel.

Na tarde de 20, sabbado, houvemos vista de terra, que suppuzemos ser o cabo de Santo Agostinho. Recommen-

dei ao capitão e ao piloto que tivessem todo o cuidado para não passarmos á noite o porto de Pernambuco (Recife). Na manhã do dia seguinte estavamos junto de Tamarica; vento sueste e sueste quarta a leste. Diligenciámos chegar diante de Pernambuco; pelas quatro da tarde, como trabalhavamos para vir ao porto, tornamos a ver, á lesnordeste, a armada hespanhola.

Tinha commigo cinco navios, o meu, o *Hollandia*, o *Dort*, o *Walcheren*, e o *Fortuyn*; estavam seis adiante, o *Amersfoort*, o *Goérec*, o *Nieuw-Nederlant*, o *Mercurius*, o *Veere* e o hyate *Windthond*; e no porto achavam-se oito *Nieuw-Hoorn*, *Hollandschen Tuyn*, *Groningen*, *Olifant*, *Vries-Jager*, *Wapen van Delft Medenblick* e o hyate *Pernambuco*, ao todo dezenove, dos quaes *Walcheren*, como ficou dito, estava inutilisado.

Nenhum dos navios que estavam no porto vira a armada hespanhola, pelo que deixaram-se ficar surtos. Nós continuámos a diligenciar e no dia seguinte, de manhã cedo, chegámos ao porto. Fui immediatamente á terra para fazer o meu relatorio sobre a navegação da nossa frota aos Srs. concelheiros politicos.

Reunido o concelho, expuz todo o occorrido e manifestei o meu modo de ver, e os Srs. concelheiros resolveram que eu convocasse o concelho naval e ouvisse o seu parecer, e que lh'o communicasse, apresentando, além do relatorio verbal, a opinião por escripto de quatro dos principaes capitães, o que se fez.

O nosso parecer, como Vv. Ss. verão da resolução junta, foi que se seguisse o inimigo, caso fossem desembarcados os nossos feridos e recebessemos seiscentos e sessenta e quatro homens de tropas frescas, por estarmos muito desfalcados de gente, pois só no meu navio se contavam mais de sessenta entre mortos e feridos e nos outros nesta proporção, bem como que nos despachassem antes de meia noite afim de podermos estar na seguinte manhã sobre a Parahyba; porquanto o inimigo já tinha sobre nós o avanço de quarenta e oito horas e era de recear, ou melhor fóra de duvida que, se nos demorassemos por mais tempo, não o encontrariamos, por não ter elle muito que fazer alli, como sabiamos pelos prisioneiros.

E assim, sendo a cousa tão incerta, e não nos podendo ser fornecida tanta gente sem o abandono da cidade (de Olinda), os Srs. concelheiros politicos não julgaram acertado que fossemos no enlaço do inimigo.

Os prisioneiros são em numero de duzentos e quarenta e pela maior parte castelhanos, entre os quaes se contam um capitão, tres alferes e o fiscal do almirante F. Balesilla.

Naquella data chegou tambem a este porto o navio *Munnickendam*, trazendo uma caravela com farinha e azeite a qual fôra tomada junto de terra na Bahia.

A 25 chegou a este porto o navio *Amsterdam* que a 21 estivera perto da armada hespanhola e trocara tiros com alguns de seus navios. Diz que não eram então em numero superior a vinte e quatro velas e que navegavam a nordeste.

A 29 chegou aqui Jan Mast com o galeão capturado. Está artilhado com vinte e quatro peças de bronze, que serão divididas *pro rata* entre os navios de cada camara, excepto duas peças que serão utilisadas em terra; o peso de tudo é de 64.282 libras. A carga é assucar, fumo e páo campeche: não sei precisamente quaes as quantidades, mas o navio será descarregado na primeira opportunidade e a carga passada para o *Campen* que seguirá para ahi com a relação de tudo o que se acha no galeão e na dita caravela.

A 5 de outubro chegaram ainda a este porto os hyates *Pernambuco* e *Vries-Jager*, que haviam sido mandados a Parahyba para saber se lá estivera a armada hespanhola e quanto tempo se detivera. Fallaram com os hyates *Pinas* e *Overhercke* que disseram ter visto a armada hespanhola ou alguns dos seus navios, pelo que é de presumir que ella seguiu a sua derrota para Portugal, sem ter desembarcado gente ao norte. Mas as doze caravelas com gente e munições foram ter a Barra Grande, que fica ao sul do cabo de Santo Agostinho.

Guardaremos por toda a parte a costa tanto quanto nos for possivel.

Os viveres da maior parte dos navios estão quas consumidos, e aguardamos com muito desejo as ordens de Vv. Ss. para sabermos onde querem que os navios sejam utilisados, principalmente os grossos que estão empregados aqui nesta costa, uma vez que por ora não se esperam forças de Hespanha.

A 4 chegaram a este porto o *Out-Vlissigen* e *Vries-Jager* que, cruzando diante da Parahyba, foram afastados da costa pela tempestade, descahiram sobre as ilhas do Cabo Verde, donde foram ter a Serra Leoa e por ultimo aqui chegaram.

O hyate *Overhercke* e uma chalupa grande seguirão

na primeira opportunidade para o Rio Grande ou para um logar que lhe fica ao norte dez ou doze leguas, a ver se podem attrahir para o nosso lado os indigenas; porquanto veiu ter aqui um indio e nos communicou que isto pode ser facilmente obtido.

Envio a Vv. Ss. a relação dos navios da armada hespanhola com a sua respectiva artilharia, segundo as declarações do capitão do galeão tomado —*Buenaventura*.

Fico pedindo que Deus tome Vv. Ss. em sua guarda e permitta que possamos desempenhar o nosso emprehendimento para gloria do seu santo nome, bem estar de nossa cara patria e proveito da companhia. *Amen*.

Actum em 8 de outubro de 1631, no Recife de Pernambuco.

Vosso devotado servidor.—*Marten Thyssen*.

HISTORIA PATRIA

João Fernandes Vieira

I seu verdadeiro nome

II Parte que tomou na resistencia do Forte de São Jorge

I

No discurso que tivemos a honra de pronunciar no senado deste Estado, em sessão de 23 de maio do corrente anno, referindo-nos aos quatro varões illustres que mais se distinguiram na restauração de Pernambuco do dominio hollandez, dissemos o seguinte :

« O rapazinho João Fernandes Vieira, *si é que este era o seu verdadeiro nome*, chegou a Pernambuco no anno de 1624 com a edade de onze annos, fugido da casa paterna no Funchal, capital da ilha da Madeira ; empregou-se á principio nas mais humildes occupações até que por sua actividade, grandes esforços e protecção de um rico mercador, conseguiu fazer fortuna no commercio, augmentada consideravelmente na agricultura de sociedade com o hollandez Jacob Stacower, apoz a rendição do Arrayal, até 1645 quando, depois da partida de Mauricio conde de Nassau, começaram as hostilidades contra os invasores.»

Talvez essa nossa hesitação á respeito do verdadeiro nome do grande guerreiro causasse especie aos que ignoram, apezar de quanto sobre sua vida e feitos escreveram os historiadores contemporaneos, principalmente frei Raphael de Jesus que lhe dedicou o seu *Castrioto Lusitano*, impresso pela primeira vez em 1679, e frei Manoel Calado no *Valeroso Lucideno*, publicado em 1645, e dos estudos constantes dos que se tem occupado do periodo glorioso da expulsão dos hollandezes, que sérias duvidas se tem suscitado sobre : a) seu nome de baptismo ; b) o appellido de familia ; c) o logar de seu nascimento ; d) sua côr ; e) sua condição ; f) sua primeira occupação em Pernambuco ; g) a parte que tomou na resistencia heroica do forte de São Jorge ; h) sua estada no Arrayal Velho ; i) a primazia que lhe é devida pela restauração ; j) sua ultima residencia em Olinda ; k) dia e logar de seu fallecimento ; l) onde se fez a inhumação de seus restos mortaes.

Não nos sendo possivel tratar, immediatamente, nesta *Revista*, de todas essas questões que carecem de maior desenvolvimento, nos occuparemos das primeiras enunciadas até a que se refere á sua estada no forte de São Jorge, não porque estejamos convencido de que essas falhas da tradição possam em cousa alguma prejudicar-lhe a gloria immarcescivel, mas para que seja completamente respeitada a verdade historica, que é um dos intuitos desta associação a que nos ufanamos de pertencer.

***

Latino Coelho, em seu magnifico trabalho *Varões Illustres*, occupando-se do grande portuguez que primeiro fez a circumnavegação do continente africano, escreveu :

« Quem era Vasco da Gama ? De que tronco procedia ? Onde nasceu ? Que feitos lhe tinham assellado o merecimento, quando el-rei dom Manoel o escolheu por seu primeiro descobridor ? E' quasi indifferente a prosapia e genealogia para os que nascem não para se comprazerem ociosos no passado, senão para rasgarem por si mesmos o caminho até á mais remota posteridade. »

O primoroso estylista lusitano referindo-se a Luiz de Camões pergunta : « Donde veiu ? Onde nasceu ? De que lume derivou-se o fogo e a quasi divina inspiração, que exalçou a sua mente acima dos maximos engenhos que antes delle haviam ennobrecido as musas patrias ? Ninguem ao certo o póde asseverar. Nasceu em Lisboa ? Em Coimbra ? Em Santarem ?

E nessa serie de duvidas continúa Latino Coelho em relação á vida do epico immortal, cuja producção assombrosa tem tido mais de cem edicções em Portugal e setenta traducções.

Tambem de Christovam Colombo não se sabe ao certo o anno de seu nascimento, nem si nasceu em Genova, Pradello, Cuccaro, Cogoleto, Savona, Nervi, Albessola, Bogliasco, Cosseria, Oneglia, ou em Calvi na Corsega. Ignora-se que educação teve em sua mocidade e suas primeiras occupações da vida ; quando foi elle para Portugal e em que dia teve sua primeira entrevista com o rei de Hespanha, e até qual o solo do novo mundo que pisou, quando o fez sahir das brumas do desconhecido ; ainda hoje não se pode precisar o nome que tomou depois a ilha de *São Salvador*, chamada *Guanahani* pelos indigenas.

Entretanto Sophus Ruge que escreveu o quarto centenario do descobrimento da America, apezar de o fazer com espirito não inteiramente isento de summo rigor para com o grande genovez, assevera que Christovam Colombo foi entre os que nos mares procuraram fazer fortuna, o mais afortunado em seus resultados, embora achasse cousa muito diversa do que pretendia descobrir.

« Foi exactamente esse acaso, accrescenta o illustrado historiador allemão, que o fez descobridor do Novo Mundo e que tornou-o o mais afamado, o mais popular de todos os seus companheiros de profissão, do que todos os nautas do mundo inteiro. »



João Fernandes Vieira, chegando a Pernambuco na edade em que são desculpaveis as indiscreções, soube com pertinacia propria de um caracter varonil, esconder seu passado, aliás breve e que nada podia conter que o envergonhasse, em trevas tão espessas que não poderam ser dissipadas nem pela luz que se irradiou de sua vida longa e brilhante, nem pelo desprendimento tão natural naquelles que se abeiram do pavoroso sepulchro.

Parecia que predominava em seu animo o desejo de desatar todos os vinculos que o deviam prender á terra que lhe foi berço e onde havia deixado parentes e affeições, afim de constituir em Pernambuco um nome novo para cuja gloria não carecesse do prestigio de sua ascendencia, e prole numerosa que nada tivesse de commum com os parentes deixados na ilha da Madeira.

Durante sua vida nunca fez allusão a esses parentes de forma que seus biographos não se referem a elles e em seu testamento, feito em 1674, as declarações são escriptas com tal reserva que parecem denotar profundo resentimento de sua procedencia :

« Declaro que sou filho da ilha da Madeira e não tenho herdeiros forçados alguns, por os meus paes e avós serem já mortos ; demais caso fossem vivos, não eram meus herdeiros, porque não trouxe de sua casa fazenda alguma, e vim para esta capitania de Pernambuco de edade de onze annos ; e toda a fazenda que possuo adquiri com minha agencia e industria e com as mãos, que ficam sendo bens castrenses que não são obrigados a herdeiros. »

Frei Manoel Calado, que foi testemunha de muitos dos

factos por elle narrados até 1646, e que portanto devia estar bem informado da vida de João Fernandes Vieira, eis o que a esse respeito conta na pagina 57 do *Valeroso Lucideno*:

« Outro homem que em Parnambuco achei encontrado com este nos costumes (refere-se a Gaspar Dias Ferreira de cujas depredações se occupa largamente), se chamava João Fernandes Vieira, mancebo solteiro, natural da ilha da Madeira, homem bem inclinado e amigo de todos. »

Com relação a sua familia apenas se encontra o seguinte na pagina 158, depois de uma longa descripção da ilha da Madeira :

« Nesta cidade e ilha foi criado,
De nobre, illustre e graue pai nascido,
O sem par Lucideno, e doutrinado
Na Fé de Christo, e em armas instruido ;
Nisto occupava o tempo e o cuidado,
Dos pueris impulsos retrahido,
Até que seu brioso peito forte
O meteo na palestra de Mauorte.»

Frei Raphael de Jesus, que escreveu sob inspiração de João Fernandes Vieira, sabendo tudo quanto era relativo a sua vida e feitos, descreve em prosa no *Castrioto Lusitano*, como frei Manoel Calado já o havia feito em versos, com os exageros de um panegyrista, a ilha da Madeira, onde nasceu o nosso heroe ; occupa-se de seu descobrimento em 1420 pelo perito navegador João Gonçalves Zarco que animado pelo principe dom Henrique e nomeado pelo rei governador daquella capitania, tomou posse em 1423 e fundou a cidade do Funchal.

Dá noticia do nascimento de João Fernandes Vieira em 1613 e sobre sua familia e primeiros annos de sua existencia escreve apenas, que a criação qualificou-lhe o nascimento e os generosos procedimentos o claro de sua ascendencia, passando o tempo da puericia na patria que nelle observou viver mais para a razão do que para a edade ; e conclue o erudito historiador que na edade de onze annos, sentindo que o coração já então não lhe cabia no peito e que a esphera de sua patria era estreita prisão para os seus empenhos de valor, embarcou em 1624 para o Brazil que o *Castrioto* descreve largamente, assim como a capitania de Pernambuco, doada

pelo rei dom João III a Duarte Coelho de Albuquerque, em recompensa dos serviços que lhe prestára na India.

***

Rodrigo José de Lima Felner, em sua memoria apresentada em 1875 á academia real de sciencias de Lisboa, trata com a maior proficiencia das questões relativas ao nascimento, familia e aos primeiros annos da existencia de João Fernandes Vieira; cingindo-nos á sua licção procuraremos responder ás objecções levantadas a esse respeito.

Contra o que escrevem todos os historiadores, João Fernandes Vieira não veiu ao mundo na cidade do Funchal, capital da ilha da Madeira; affirma Felner, fundando-se em informações que lhe merecem todo o credito, que o illustre capitão nasceu em uma das freguezias de Santa Cruz, villa pertencente áquella ilha, não podendo, porem, comprovar essa sua asseveração com certidão de baptismo, por se acharem estragados os livros das mesmas freguezias, referentes ao tempo do nascimento de João Fernandes Vieira.

Seu pae era Francisco de Ornellas Moniz, casado com Antonia Mendes natural da Lombada de Santa Cruz.

Eis a genealogia de sua familia, extrahida do *Nobiliario* de Henrique Henriques de Noronha, no titulo *Teixeira*, no qual não era de esperar que se encontrasse a ascendencia de Ornellas Muniz:

I Tristão Vaz, fidalgo da casa do infante dom Henrique, primeiro capitão e primeiro donatario de Machico, casado com Branca Teixeira, nobilissima senhora de Villa Real.

II Lançarote Teixeira, quarto filho de Tristão Vaz, cavalleiro rico que instituiu o morgado da Penha d'Aguia, casado com Brites de Goes, dos fidalgos dos Algarves.

III Francisco de Góes, segundo filho de Lançarote Teixeira, casado com Barbara de Mendonça, filha de Alvaro de Ornellas Saavedra e da illustre senhora Constança de Mendonça e Vasconcellos.

IV Mendo de Ornellas e Vasconcellos, segundo filho de Francisco de Góes, casado duas vezes, ambas modestamente, sendo a primeira com Helena ou Grácia Gomes, filha de Paulo Gomes, de Faial na ilha da Madeira.

V Francisco de Ornellas, primeiro filho de Mendo de Ornellas e Vasconcellos e de sua primeira mulher Helena ou Grácia Gomes.

O homem illustre, denominado *Castrioto Lusitano*, que sendo rapaz fugiu para o Brasil com a edade de onze annos, para melhor occultar-se na vida aventureira a que vinha entregar-se, como ainda hoje praticam tantos portuguezes que entre nós buscam fortuna e constituem familia, deixou o seu nome verdadeiro de Francisco de Ornellas Moniz que lhe pertencia pelo nascimento e adoptou o de João Fernandes Vieira, não ao acaso, mas de um seu parente por parte materna, agricultor abastado que o protegia.

Que João Fernandes Vieira era filho de Francisco de Ornellas Moniz, descendente de Tristão Vaz, parece á Felner fóra de duvida, tanto pelas indagações a que procedeu, como pelos documentos encontrados no archivo do Conselho Ultramarino, sendo um delles a justificação de filiação que devia existir na Torre do Tombo, prestada para obter a mercê do habito de Christo, e de que serviu-se o rei de Portugal na resolução de 20 de outubro de 1643, sobre consulta de 17 de setembro do mesmo anno, para declarar como fez, que João Fernandes Vieira estante no Brazil, natural da ilha da Madeira, era filho de Francisco de Ornellas Moniz.

É certo que o illustre guerreiro, em seu testamento, pelos motivos que temos indicado, não declarou, como já dissemos, o nome de seus paes, porém a legitimidade da filiação é por elle proprio confessada na verba testamentaria que acima fica transcripta.

O desejo de occultar a sua ascendencia, pondera Felner, trahiu-se por occasião de ordenar elle a confecção de suas armas, cujo brazão se vê na obra de frei Raphael de Jesus, impressa em 1679, e no qual em logar das armas dos *Fernandes* e dos *Vieiras* estão as das familias *Ornellas* e *Moniz*.

***

Essa demonstração clara e inconcussa que ahi fica resumidamente exposta de accordo com a citada memoria de Felner, desvanece inteiramente as allusões perfidas dos inimigos de João Fernandes Vieira, invejosos de sua grande gloria, de ser elle *mulato*, *bastardo* e *liberto*.

Pierre Moreau que foi secretario de um dos governadores hollandezes, repetia o que ouvia dizer entre os implacaveis adversarios do iniciador da restauração, e foi levianamente acceito por Varnhagen :—que o preclaro varão era *affranchi*, aproveitando-se para essa falsidade da circum-

stancia de ainda haver escravos na ilha da Madeira ao tempo de seu nascimento.

Moreau em sua *Histoire des dernieres troubles du Bresil entre les hollandais et les portugais*, publicada em 1651, duas vezes chama a João Fernandes Vieira de *mulato*: a primeira vez referindo-se a dom João IV diz: *Il n'y auoit encore que quelques affidez que sçauoient le secret et donnoient des auis en cachette de tout ce que se passoit chez les hollandais, nommement Johan Fernandes Dieira molate qui exageroit iusques âux moindres choses.* Da segunda vez fallando dos portuguezes bem acceitos pelos governadores hollandezes, acrescenta: *mais entr'autres estoit venu Johan Fernandes Vieira Dieira, molate de naissance, esclave affranchy, pourtant intelligent et homme subtil.... mais son pere estant portugais, il les aimoit plus que les hollandais.*

Além dessas referencias de Felner, podemos citar outras que demonstram quanto os inimigos de João Fernandes Vieira se esforçavam, debalde, por amesquinhar a condição daquelle que, si tivesse a procedencia que lhe é attribuida, ainda mais se elevaria no conceito dos que sabem dar valor ao verdadeiro merecimento.

***

Gaspar Dias Ferreira, o astuto portuguez de quem já fallamos, em 1618 veiu para o Brasil, onde fez fortuna, no dominio hollandez, extorquindo dinheiro de portuguezes e flamengos, e abusando escandalosamente da confiança de Mauricio de Nassau, que o levou como seu secretario particular na mallograda expedição da Bahia em 1638; foi depois processado na Hollanda como traidor á patria em que havia se naturalisado em fevereiro de 1645, e condemnado á morte, á que pôde escapar, fugindo, em 17 de agosto de 1649, do carcere onde deixou a curiosa carta em latim que se lê na pagina 114 do numero 32 da nossa *Revista*. Querendo resgatar seu passado desregrado, escreveu em 1645 ao rei de Portugal uma interessantissima missiva que está publicada na pagina 75 da mesma *Revista*, na qual, em sentido muito contrario aos perfidos conselhos do padre Antonio Vieira que no celebre documento—papel forte—,em 1647 achava muito licito o abandono aos hollandezes dos logares por estes occupados no Brasil, descrevia de modo minucioso o estado precario da companhia das Indias Occidentaes e indicava o

meio mais facil de serem readquiridas para Portugal as suas possessões da America e da Africa.

Gaspar Dias, de quem não nos pareceu inutil dar esta ligeira noticia, em sua carta dirigida de Amsterdam, em 2 de outubro de 1645, ao conde Mauricio que era então governador de Wesel e tenente general da Hollanda, dizia: *ceterum quod ad Brasiliam, jam sua excellencia plenam notitiam obtinuit de scelere et perfidia illius mulati Vieiri* (*Revista* numero 30 pagina 65 e numero 31 pagina 333).

No *Diario* ou *Breve discurso acerca da rebellião*, escripto por um hollandez que residia em Pernambuco naquelle tempo, e publicado no numero 32 da *Revista*, lê-se o seguinte em relação á frota portugueza vinda ao Recife em 1643: ....elles cuidavam nada menos que o Recife já havia sido tomado por dom João Fernandes Vieira, cabeça dos rebeldes e mulato bastardo.. *die een halve moor ende bastard is...*

Nada esqueceram os inimigos de João Fernandes Vieira para injurial-o com relação a sua vida.

O grande tragico Racine, nas suas *Obras* publicadas por Lefevre em 1835, refere-se a uma memoria apresentada a Luiz XIV em 1648, na qual lia-se que o vice-rei da Bahia começou a fazer partido entre os de sua nação que estavam no Recife e outros logares em que dominavam os hollandezes, conseguindo chamar a si João Fernandes Vieira, portuguez e simples moço de açougue--*garçon boucher*--que tendo-se posto ao serviço dos hollandezes, obteve extrema riqueza com grande numero de escravos empregados no fabrico de assucar em muitos engenhos que lhe pertenciam.

É uma outra falsidade revoltante. Escrevem todos os historiadores que João Fernandes Vieira, chegando a Pernambuco com a edade de onze annos, empregou-se em casa de um mercador avarento, que em pagamento de seu trabalho dava-lhe apenas a comida e que não contente com essa posição humilde e pouco vantajosa, passou para a casa de um negociante rico que lhe confiou negocios de grande importancia e o protegeu, quando o joven portuguez resolveu-se a negociar por sua conta.

Eis o modo porque o autor do *Valeroso Lucideno* dá noticia das transações de João Fernandes Vieira, depois que deixou o estabelecimento commercial em que á principio esteve empregado:

« A Parnambuco chega humilde e pobre,
(Porque quem foge aos paes tem mil desgraças)
Porém como seu sangue é sangue nobre
Para passar a vida busca traças;
Considera que o ouro, a prata, o cobre,
É o que mais se estima pelas praças;
E assim para buscar honesta vida
Serve a um mercador por a comida.

Sahe-se do Arrecife em continente
Por não vir nelle a ser magano,
E não ser visto alli da muita gente
Que hia e vinha da Ilha cada hum anno:
O coração cercado de ancias sente,
Hum engano o persegue e outro engano,
Em resolução parte do Arrecife,
Que não diz bem ser nobre e ser patife.

Busca hum mercador rico e honrado,
Que tinha trato grosso em demasia,
E logo sente o peito affeiçoado
Ao modo agencial da mercancia:
Na arte se faz mui destro e consumado;
Nota as grandes ganancias que alli auia
Compra, vende, chatina e mercadeja,
E aos visinhos causa grande inueja.

Começou a mandar mil encommendas,
Das drogas do Brazil por varias partes,
E vinham-lhe os retornos em fazendas
Para da mercancia usar as artes;
Teve no que embarcou prosperas vendas,
Nos retornos ventura e bons descartes.
E assim em breve tempo de mui pobre
Chegou a ser mui rico sobre nobre.

Por essa narração de frei Manoel Calado se conhece perfeitamente que em 1630, quando os hollandezes invadiram esta terra, João Fernandes Vieira já possuia um peculio adquirido no commercio de seis annos e que não podia ter sido aniquilado durante os cinco annos em que esteve com Mathias de Albuquerque no *Arrayal Velho*, feito capitão de guerrilha.

Que elle então já era considerado homem abastado prova-se com a exigencia de pesado resgate feita, apezar dos termos da capitulação de 1635 quando teve logar a rendição daquella fortaleza, pelos hollandezes, que para obtel-o empregaram até a tortura, como se acha escripto nas *Memorias Diarias* de Duarte de Albuquerque Coelho sob o titulo *fereza barbara*, e foi depois confirmado pelo proprio conde de Nassau em sua carta de 29 de janeiro de 1646, dirigida de Wesel aos Estados Geraes da Hollanda. Nessa pesada contribuição foram comprehendidos João Fernandes Vieira e seus dous criados.

Nem fez elle fortuna pondo-se ao serviço dos hollandezes. Suas relações com Jacob Stacower, ás quaes certamente allude a memoria citada nas *Obras* de Racine, são explicadas por João Fernandes Vieira na seguinte verba de seu testamento, publicada no numero 25 da *Revista* :

« Declaro que, no tempo dos hollandezes, para remir minha vexação e viver mais seguro entre elles, tive apertada amizade com *Jacob Stacour*, homem principal da nação flamenga, com differença nos costumes ; e com elle fiz alguns negocios de conformidade e por conta de ambos.

« Compramos as terras do engenho das *Ilhetas* e as terras do engenho de *Sant' Anna*, e as terras do engenho do *Meio*, na Varzea, tudo destruido, que não havia mais que só as terras ; e as quantias que demos por ellas ao supremo concelho da companhia que as venderam, as puzeram os ditos sobre mim ; porque não quizeram nada com o dito Stacour, por elle se embarcar para a Hollanda e ficar eu na terra e me não deixar o *Estacour* cabedal de consideração para levantar os ditos engenhos e só trinta e tantos escravos que em menos de um anno morreram os mais delles de peçonha.

« E deixou mais tres mil cruzados que se lhe deviam e algumas cousas que deixou para se lhe venderem, as quaes cousas não tinham valor de *duzentos mil réis* ; e as mais das dividas se não cobraram, e eu com o meu negocio e agencia levantei e reedifiquei os ditos engenhos, e o primeiro foi o da Varzea e correndo alguns annos lhe remetti quantidade de lettras e assucares, e paguei por elle debitos á companhia, sem lhe dever nada, por me conservar, pelo perigo de vida, sem elle nunca remetter cabedal, nem me mandar um só queijo etc. »

Não se deve admittir que João Fernandes Vieira se prestasse a ser *testa de ferro* do hollandez, por não poder este

figurar nos negocios da companhia, da qual era um dos directores, porquanto, alem do que consta da verba testamentaria acima transcripta, é de grande valor a consideração de que não existia semelhante escrupulo da parte dos outros empregados da mesma companhia, que compraram em 1637 e 1638, com pagamentos a longos prasos, os engenhos confiscados aos pernambucanos que emigraram, como ja tivemos occasião de dizer.

Willem Doncker comprou um partido na *Varzea* e Elbert Crispyns outro em *Maciape*; Sigismundo Schoppe e o fiscal de Ridder os engenhos *Velho* e *Guerra* pertencentes a João Paes Barreto; Servaes Carpentier *Tres Paus e Tracunhaem de Cima* de Jeronymo Cavalcanti: Willem Schot o de Antonio Machado na *Varzea* e assim por diante.

***

Jacob Stacower fez parte do concelho politico hollandez desde setembro de 1634, em que Mattys van Ceulen e Gyssilingh voltaram para a Hollanda e o deixaram em seu logar, assim como a Sevaes Carpentier, Willem Schotte, Balthasar Wyntjes e Ippo Eyssens, e a Sigismundo van Schkoppe como commandante de todas as forças, até ao tempo do governo do conde de Nassau, com quem ainda chegou a servir, sendo então nomeados concelheiros secretos van Ceulen, Gyssiling e van der Dussen, e concelheiros politicos Werkmans, Mortamer, De With e Bodechevius.

Stacower durante sua estada no Brasil distinguiu-se mais por seu mercantilismo do que por serviços que tivesse prestado á sua patria no elevado cargo que occupou durante aquelle tempo.

Consta da historia dessa guerra memoravel, de que ainda hoje nos occupamos com tanto interesse, que com Carpentier acompanhou em novembro de 1634 a expedição da Parahyba e que em março de 1636 com oitocentos homens atacou a povoação de São Lourenço, occupada pelo capitão Rabello, que depois de hora e meia de combate foi desalojado, sendo degolados onze dos nossos soldados e aprisionados sete, e postos em liberdade quarenta hollandezes que tinham ficado prisioneiros no engenho *Velho*.

Com Architofs e Carpentier, todos tres do concelho politico, tomou a resolução de sitiar ao mesmo tempo o Arrayal e Nazareth, sendo o resultado desse sitio a rendição a que nos referimos ha pouco.

Retirado do governo ficou ainda em Pernambuco como particular até que embarcou para a Hollanda.

Frei Raphael de Jesus dá noticia de que em 20 de julho de 1646, depois da batalha de Tabocas, chegára ao Recife Sigismundo van Schkoppe trazendo comsigo Jacob Stacower, um dos principaes da Companhia Occidental, em razão do conhecimento que elle tinha da terra e dos seus moradores, principalmente de João Fernandes Vieira, de quem fora tão amigo, e por cujo intermedio esperava reconquistar o terreno ja perdido pelos hollandezes.

Dessa segunda viagem não encontramos noticia em nemum outro historiador por nós conhecido; não é possivel, porém, que frei Raphael de Jesus tenha introduzido na historia uma falsidade que não teria importancia na sua narração, com referencia a personagem tão secundario, de quem não se occupou mais.



E' certo que João Fernandes Vieira não acompanhou os doze mil pernambucanos que emigraram em 1635 e 1636.

O exodo a que nos referimos em nosso discurso, verdadeira via dolorosa para aquelles grandes martyres do patriotismo, acha-se descripto pelos historiadores do modo mais commovedor.

O primeiro teve logar no dia 3 de julho em que os emigrantes sahiram de Porto do Calvo, conduzidos por Mathias de Albuquerque e pelos capitães Antonio Cardoso e João de Almeida, protegida a retaguarda pelo capitão-mór Antonio Felippe Camarão com oitenta indios.

Com relação a esse tristissimo acontecimento escreveu o autor da *Istoria delle guerre* a pagina 160:

« Onde vedendosi quelle infelici genti necessitate a socciacer' al duro seuaggio di vn' Eretico Imperio, resoluerono di abbandonare le proprie patrie. Piú di otto mila famiglie si ragunarono per accompagnare l' Albucherche, essendo assai maggior' il numero di quelle, che rimasero, o per auer molto che lasciare o per auer poco con che partire. Postesi dunque in marchia spalleggiate dalla fanteria, con vna infinitá di carri, e de schiaui, essendo famiglia, che di questi conducea piú di trecento, diedero principio a quella dolorosa transmigrazione, ricercando per viuere straniere Provincie, riempiendo l'aria di pianti, e di clamori, e

prorompendo in amare doglianze contro i ministri della Spagna, alla trascuratezze di cui piú che alle ostilitá Olandese, attribuiuano i loro estremi infortuni. Nè puol facilmente dirsi quanti fossero gli stenti, ed i pericoli, con i quali quelle misere genti fecero si faticosa marchia, circondate per ogni parte dagli nemici, rompendo per liberarsine incolte selue, e penetrando aspirissime boscaglie: oue talvolta l'afflitte madri lasciauano sepeliti con le proprie mani i loro parti, mentre nell' istesso tempo vedeano nascere degli altri per quei deserti.»

A segunda transmigração deu-se em julho de 1636, chegando Antonio Felippe Camarão em Porto do Calvo com a tropa com a qual fizera, havia tres mezes, a excursão de Goyanna e conduzindo mais de tres mil moradores que o acompanharam atravez dos sertões, dos quaes mais de quatrocentos pereceram pelos caminhos, a maior parte mulheres e meninos, que, nús e descalços, não podiam resistir aos cruciantes encommodos da travessia.

***

João Fernandes Vieira preferiu ficar no Recife e aproveitou-se da tolerancia que soube conquistar ou antes comprou aos hollandezes, para em dez annos empregados na grande agricultura dar o maior incremento a sua fortuna por forma tal, que na occasião em que começaram em 1645 as hostilidades contra os invasores, era elle senhor de mil e quinhentos escravos e trabalhadores, empregados em seus engenhos e propriedades; e tratava-se *á lei da nobreza* como se dizia naquelle tempo, tendo casa no Recife e no campo ornadas com o luxo proprio da epocha e capella com musica, etc.

Por sua posição elevada, riqueza e procedimento generoso era respeitado dos patricios e estimado dos flamengos que o fizeram capitão de uma companhia de cavallaria (ritmeester), escabino e membro da assembléa legislativa convocada em 1640 por Mauricio de Nassau.

Para conseguir os favores dos governadores hollandezes despendeu elle ás mãos cheias muito de sua fazenda, como se observa da seguinte verba testamentaria:

«Tambem me são devedores (os governadores hollandezes) de mais de cem mil cruzados que no decurso de oito a nove annos lhes dei por remir minha vexação e por segu-

rar a vida de suas tyrannias; de peitas e dadivas a todos os governadores e seus ministros, com grandiosos banquetes que ordinariamente lhes dava pelos trazer contentes.»

Si commetteu João Fernandes Vieira um erro de lesa-patriotismo, não se conformando com a resolução dos que abandonaram a patria, foi um erro providencial que lhe permittiu aproveitar-se de sua elevada posição e grande fortuna, para amparar a pobreza, proteger seus compatriotas contra as perseguições dos crueis dominadores do paiz, servindo-se de sua influencia para com os governadores hollandezes, principalmente durante os oito annos de governo de Mauricio de Nassau que até á sua retirada em 1644 lhe mereceu sempre respeito e consideração; e finalmente, ou por impulso proprio de seu caracter aventuroso, como acreditamos, ou provocado por Antonio Telles da Silva, governador geral do Brazil portuguez e de André Vidal de Negreiros que veiu da Bahia entender-se com João Fernandes Vieira sobre o modo de realisar-se a restauração, tomar a iniciativa do heroico movimento que no fim de mais de oito annos teve como resultado a expulsão dos hollandezes depois de um dominio de vinte e quatro annos; ninguem estava mais preparado para tomar a direcção da guerra e dispunha de mais recursos do que o illustre capitão que, alem de grande intelligencia e actividade espantosa, possuia os meios precisos, pois só com a guerra calculou-se naquelle tempo ter despendido mais de cem milhões de cruzados, que correspondiam a quatro centos contos de reis de nossa moeda e hoje a muito mais de mil contos, além de enormes prejuizos que teve durante o tempo da lucta ingente, descriptos minuciosamente em seu testamento.

Sendo a religião uma das virtudes mais apreciadas pelos velhos portuguezes, foram taes os serviços prestados por João Fernandes Vieira, que mereceu do papa Innocencio X o titulo de restaurador da religião catholica no Brasil.

II

A defesa heroica do forte de *São Jorge*, por occasião da invasão hollandeza, é uma das paginas mais brilhantes de nossa historia.

E' bem conhecido o modo por que os batavos, depois de frouxa opposição de nossa parte, se apossaram, no dia 16 de

fevereiro de 1630, da opulenta capital de Pernambuco, praticando os mais repugnantes excessos, improprios de um povo civilisado.

Weerdenburgh, que os commandava, observando que Olinda por sua posição não podia ser fortificada e tornar-se uma praça de guerra, resolveu apoderar-se do Recife, para onde Mathias de Albuquerque, abandonado dos seus, se havia recolhido apenas com vinte homens.

Para esse fim mandou o chefe hollandez no dia 20, que o tenente-coronel Stein Callenfels com seiscentos soldados se dirigisse pelo isthmo para o Rec.fe e atacasse o forte de *São Jorge* que lhe tomava o caminho. O inimigo, depois da facilidade que havia encontrado em sua marcha desde Pau Amarello, não contava com a grande resistencia que lhe fez aquelle forte durante duas horas de combate, obrigando os invasores a voltar para Olinda com grande perda.

O proprio Weendenburgh confessa em sua parte official que Callenfels em desempenho da commissão de que fôra encarregado, havia atacado o forte e no fim de duas horas de lucta se vira obrigado a retirar-se com uma perda de vinte homens e quarenta feridos.

Entretanto os hollandezes, para a tomada do Recife, careciam de passar a todo custo por cima do forte de *São Jorge*, porquanto tinham sido baldadas as tentativas de entrada de sua armada pela barra que havia sido obstruida pelos navios que Mathias de Albuquerque mandara incendiar, ao mesmo tempo que os armazens, soffrendo os portuguezes um prejuizo de quatro milhões, afim de que dessa riqueza não pudessem os invasores aproveitar-se.

Para tomar, portanto, aquella fragil fortificação que a principio tão pouca consideração havia merecido dos hollandezes, foi preciso o emprego dos meios aconselhados pela arte da guerra ; fizeram-se fachinas e cestões até o dia 25 ; começou a 27 o tenente-coronel Elts com quinhentos homens a levantar trincheiras contra o forte : a 28 foram pelo major Hons collocados na bateria uma peça de grosso calibre, tres meio-canhões e tres peças de campanha, e a 28 tomou Weendenburgh em pessoa a direcção do ataque, o qual durou até o dia 2 de março quando teve logar a rendição.

Emquanto isto se passava por este modo tão simples, narrado pelo general hollandez, vejamos o que se dava no interior da praça.

***

O bairro do Recife, que em 1595, quando foi assaltado pelos corsarios Lancaster e João Vanner, tinha apenas umas cem casas, ainda era quando se deu a invasão dos hollandezes em 1630 uma pequena povoação, composta de cento e cincoenta choupanas de pobres pescadores e de armazens para deposito de mercadorias do paiz destinadas para exportação e de generos do reino que alli tinham desembarque mais commodo do que na costa desabrigada de Olinda.

Já então a famosa *Marim* tinha zelos do novo centro de população que se erguia em suas proximidades e negava-lhe licença para maior edificação, conservando no Recife apenas o juiz da vintena.

Sua primeira egreja —o Corpo Santo—foi uma pequena capella consagrada a *São Telmo* ou *São Pedro Gonçalves*, protector dos que se aventuram aos perigos do mar ; suas alfaias foram levadas em 1595 pelos piratas que se apoderaram do Recife e roubaram, não só o importantissimo carregamento de um navio que de volta da India naufragou nas costas de Pernambuco, como tudo quanto existia de precioso na povoação.

A capella de *São Pedro Gonçalves* foi depois convertida pelos hollandezes em templo da seita lutherana; e nelle foram enterrados o conde Carlos de Nassau, primo de Mauricio, o qual morreu combatendo em 1637, no sitio do Porto do Calvo ; Abraham Trouwers, membro do concelho supremo, fallecido no Recife a 19 de agosto de 1646 ; e o almirante João Cornelis Lichthard que achando-se no rio *São Francisco* com uma frota de treze navios, alli morreu repentinamente. Somente em 1655 foi o Recife elevado a freguezia e em 1710 a villa.

São Jorge era uma casa antiga em frente do isthmo que se extende de Olinda até ao Recife, collocada, pouco mais ou menos, no logar da fortaleza do Buraco, com tres peças de ferro sobre traves, e que havia servido no tempo em que os primeiros povoadores pelejavam contra os indios. Estava no tempo da invasão tão arruinado e incapaz de resistencia, que Mathias de Albuquerque o desprezou, levantando um outro com o mesmo nome, mais proximo do Recife e fronteiro ao de *São Francisco* da barra, com o material e peças do velho forte que foi desmantelado.

Foi nessa fortificação, assim improvisada, que se deu o

feito heroico a que nos temos referido, e no qual oitenta e poucos homens resistiram á mais de quatro mil.

Antonio de Lima, nomeado commandante, dispondo apenas de uma guarnição de trinta e sete soldados, dos quaes grande parte o abandonou, havia collocado no forte grossas vigas e sobre ellas vinte e quatro peças.

Os sitiados, escreve Netscher que é insuspeito referindo-se a Laet, lançavam sobre os assaltantes essas pesadas traves e devolviam com rapidez incrivel as bombas que iam rebentar entre os inimigos, por não terem sido bem calculados os meios de explosão que realisava-se lentamente.

Foi depois da retirada dos hollandezes para Olinda, mallograda sua primeira tentativa contra o forte, que Antonio de Lima pediu novo reforço a Mathias de Albuquerque. Na occasião em que recebeu o general esse pedido achava-se presente João Fernandes Vieira, que contando então dezesete annos de edade, havia-se alistado debaixo das bandeiras de Affonso de Albuquerque, capitão da nobreza e um dos encarregados da defesa do Recife. O nosso heroe offereceu-se com vinte moços briosos, para ir tomar parte na defesa de *São Jorge* e alli chegando foi encarregado de um dos postos mais arriscados.

De novo atacada a fortaleza no dia 28, como já dissemos, Antonio de Lima e seus companheiros praticaram como da primeira vez, prodigios de valor, escreve Varnhagen, e a praça só entregou-se, quando as muralhas estavam cahidas e as peças descavalgadas, feridos ou mortos a maior parte de seus defensores que pelejavam a peito descoberto, accrescenta frei Raphael de Jesus no *Castrioto Lusitano*, arrasados os defensivos de força, abertos os muros e lançados por terra os reparos.

Weendenburgh declara em sua participação official que na praça já não existiam viveres.

Afinal teve logar a rendição do forte, sahindo os sitiados com as armas e todas as honras da guerra, na opinião de alguns historiadores e somente com as armas, morrão apagado e sem bandeiras, na de outros.

Antonio de Lima, Francisco de Figueirôa e outros companheiros não quizeram prestar o juramento exigido, de que não tomariam armas contra os hollandezes durante seis mezes e por isto foram conservados presos durante quatro mezes.

Antes de deixarem os sitiados a fortaleza, João Fernan-

des Vieira praticou sua primeira façanha, que frei Raphael de Jesus conta pelo modo seguinte :

« Digna de gloriosa memoria foi uma generosa advertencia que nesta occasião teve. Não se lembraram os rendidos da reputação que perdiam nossas armas, deixando as bandeiras d'el-rei e insignias dos cabos da milicia expostas ao desprezo inimigo ; porem aquelle coração, animado sempre de generosos espiritos, menos ambicoso da vida que da honra, teve cuidado de mandar a um moço seu que recolhesse a prata da gineta e enrolasse em si a bandeira do capitão Affonso de Albuquerque, que era um dos rendidos e cingindo comsigo mesmo outra, as salvou ambas do opprobio. Lembrança verdadeiramente toda de valor, e nada de commodidade, devendo á sua memoria o serviço que fazia, e não o risco a que se expunha. Gloria foi de Lucilio ser nesta gentileza o primeiro ; porem mais se deve gloriar de ser nella João Fernandes Vieira o segundo. »

***

A resistencia do forte de São Jorge aos assaltos dos hollandezes, é com toda propriedade comparada por alguem com a do forte de Diu, que resistiu ao memoravel cerco do poderoso exercito do rei de Cambaya, em agosto de 1546. Dom João de Mascarenhas defendia seus derrocados muros, abatidos pelas minas, e ja tendo por companheiros poucos defensores qûe esfaimado por falta de viveres combatiam á peito descoberto, como os nossos valentes de *São Jorge*.

Esse facto memorando mereceu de Camões a seguinte estancia do canto segundo dos *Lusiadas* :

Vereis a inexpugnavel Diu forte,
Que dous cercos terá, dos vossos sendo ;
Alli se mostrará seu preço, e sorte,
Feitos de armas grandissimos fazendo :
Invejoso vereis o grão Mavorte
Do peito lusitano fero, e horrendo :
Do Mouro alli verão, que a voz extrema
Do falso Mofamede ao ceu blasphema.

Não havia necessidade de procurar tão longe semelhante exemplo, quando temos em casa um feito que não é inferior ao de *São Jorge*, ao qual já tivemos occasião de nos re-

ferir—é o da defesa do forte do Rio Formoso, que Netcher descreve pela forma seguinte, invocando a autoridade de Beauchamp, Southey e Laet:

« Esse forte tinha somente duas peças e por guarnição vinte homens sob o commando de Pedro de Albuquerque— Nunca soldados cumpriram melhor o seu dever do que esse punhado de portuguezes.

« Intimado para render-se o bravo commandante respondeu que se defenderia até ao ultimo suspiro, e resistiu com effeito a quatro assaltos consecutivos.

« De vinte soldados dezenove se deixaram matar e o vigesimo, apezar de ferido, atravessou o rio a nado escapando assim aos vencedores, que entrando na fortaleza encontraram o commandante portuguez estendido ao lado de seus dezenove bravos e com um ferimento de mosquete no peito. Os nossos admirados e impressionados por esse heroismo, lhe prodigalisaram os soccorros necessarios á sua cura e lhe concederam a liberdade sob palavra. Pedro Albuquerque retirou-se para Lisboa, d'onde voltou em 1643 como governador da capitania do Maranhão. »

E' essa defensa heroica, que Varnhagen diz constituir entre nós uma lenda, semelhante ao passo das Termopylas entre os gregos.

***

Que *São Jorge*, onde se deu tão glorioso feito, existiu precisamente no logar em que se acha hoje a egreja do *Pilar*, em Fóra de Portas, assentando o frontispicio da mesma egreja sobre os alicerces da cortina do forte que tinha sua frente para o lado do Recife, foi perfeitamente provado no relatorio da commissão do Instituto publicado no numero 13 da *Revista*, com documentos escriptos e com as reliquias das ruinas examinadas pela mesma commissão.

Pela provisão de 31 de maio de 1679, dirigida ao governador de Pernambuco Ayres de Souza Caldas, fez o governo portuguez doação ao capitão-mor João do Rego Barros de vinte cinco braças de terra no sitio em que esteve o *Forte Velho* que foi desmanchado por não ser mais de nem uma utilidade para a defesa da praça, afim de fundar em seu logar uma egreja consagrada á Senhora do *Pilar*, sendo a doação isenta de qualquer tributo e sujeita somente á obrigação de dar o donatario ao concelho caminhos livres, na forma da lei.

Já muito antes do tempo a que se refere a commissão em presença da provisão, estava o forte de *São Jorge*, inutilisado, como consta do relatorio do concelho politico do Recife, datado de 14 do janeiro de 1638 e publicado no numero 34 da *Revista*; no qual lê-se o seguinte:

« Fóra do Recife se encontra primeiro o velho castello denominado *S. Jorge*. Achando-se esse castello mui arruinado, os administradores do hospital pediram-no para servir de enfermaria, com promessa de o repararem interiormente e conservarem-no a sua custa, utilisando-se delle até que seja necessario para o serviço militar e defesa do Recife, o que resolvemos conceder-lhes para poupar despezas á companhia e porque este castello é actualmente inutil, e sel-o-ha talvez tambem para o futuro.

« Com tudo ficaram ahi todas as peças. »

De conformidade com a provisão foi feito o testamento de João do Rego Barros, que edificou a capella do *Pilar* e instituiu abundantemente o vinculo do mesmo nome.

A commissão examinando o local descobriu, não só os vestigios dos paredões que por suas dimensões não podiam ser de uma casa qualquer e sim dos que se usam nas fortificações, como tambem sua confrontação em linha recta de leste a oeste com o *Forte do Mar*, em que na estampa de Barleus e de Varnhagen estão collocados os dous fortes.

Alem desses vestigios verificou a commissão nas paredes da egreja, que se achava em deploravel estado, que muitos tijolos por sua côr avermelhada e petrificação, assim como as pedras aproveitadas, pareciam ter sidos tirados do velho edificio cujos materiaes fizeram parte da doação.

Essas circumstancias e a distancia de um tiro de mosquete que dizem os historiadores ser a que mediava entre *São Jorge* e o arco do *Bom Jesus*, derrubado em 1850 na administração do conselheiro Honorio Hermeto Carneiro Leão, depois marquez do Paraná, convenceram a commissão de que o logar hoje occupado pela egreja do *Pilar* é o mesmo e identico em que esteve levantado o forte de *São Jorge*. (*)

(*) A lei provincial n. 252 de 4 de maio de 1850 que autorisou a demolição do arco do Bom Jesus é do theor seguinte:

Honorio Hermeto Carneiro Leão, presidente da provincia de Pernambuco. Faço saber a todos os seus habitantes que a assemblea legislativa provincial decretou e eu sanccionei a resolução seguinte:

Artigo 1· Fica autorisado o presidente da provincia a conceder á irmandade do Senhor Bom Jesus das Portas um dos altares da egreja

A commissão não podia ter conhecimento do relatorio do concelho politico de que fallamos ha pouco, no qual se acha o seguinte periodo que confirma sua conclusão :

« *Defronte* do castello *São Jorge*, sobre o arrecife do mar e na entrada da barra, fica um outro pequeno castello de pedra, denominado o *Castello do mar*. Este tem sido um tanto damnificado pelo mar que, batendo nelle com toda a força e em todas as marés, tem arrancado na parte inferior algumas pedras etc.»

A' sobredita commissão escapou, em apoio de sua affirmativa, o que escreveu Barleus na pagina 135 de sua obra— *Res gestæ sub C. Mauricio in Brasilia* : (*)

« Nec longè ab arce Georgiana conspiciendam se prœbet arx Brunnis quatuor propugnaculis et septem machinis œneis munita suo insuper inclusa sepimento. Hinc a pari intervallo abest turris castrensis, sive reductis Dominœ Brunnonis appellatione superbiens. »

---

da Madre de Deus, para nelle se collocada a Imagem do dito Senhor, cedendo a irmandade a capella que está edificada sobre o arco do Bom Jesus, para ser demolida com o dito arco.

Artigo 2· Fica egualmente autorisado, para ind mnisação da mencionada demolição, a ceder á irmandade do Senhor Bom Jesus das Portas o usofructo dos quartos especificados no artigo 3· da lei provincial numero 8 de 10 de junho de 1835, que julgar necessario.

Artigo 3· Ficam revogadas as disposições em contrario.

Mando portanto etc.

(*) Gaspar van Baerle (Barleus), nascido em Anvers no anno de 1584, poeta latino de grande reputação, theologo protestante e eximio philosopho, foi ministro da egreja de uma aldeia, vice-reitor de um collegio e professor de logica na universidade de Leyde. Formou-se depois em medicina, porém nunca ex rceu a profissão. Em 1631 foi professor de philosophia em Amsterdam e publicou diversas obras ; por uma dellas em 1631 deu-lhe o cardeal de Richelieu, a quem era dedicada, uma gratificação de cinco mil libras.

Sua ultima producção foi—*Rerum per octennium in Brazilia et alibi nuper gestarum sub prœfectura illustrissimi comitis J. Mauritii Nassoviœ etc. etc.*, com muitas cartas e gravuras de Post, celebre pintor de Mauricio, publicada pela primeira vez em Amsterdam em 1647 e a segunda em 1660.

Comprehende o periodo da guerra contra a Hollanda de 1636 a 1644, de accordo com os dados que lhe foram ministrados por Mauricio que se achava na Hollanda, quando o livro foi publicado. Mereceu uma gratificação por parte dos Estados Geraes.

Gaspar Dias escrevendo ao conde que estava em Haya lhe dizia : « Depois da partida de V. Exc., fui a Amsterdam para fallar a

E na carta a pagina 136 se observa que está perfeitamente indicada, de accordo com o exposto, a posição dos fortes *São Jorge* e do *Brum*.

Errou, portanto, Fernandes Gama nas suas *Memorias*, dando como local do forte aquelle em que se acha a fortaleza do *Buraco*, confundindo-o com o outro que foi desprezado por Mathias de Albuquerque, como já dissemos.

Errou, egualmente, Varnhagen affirmando que o forte *São Jorge* existiu no sitio em que está a fortaleza do *Brum*.

Errou, finalmente, o engenheiro Antonio Bernardino Pereira do Lago que o collocou entre o *Pilar* e o *Brum*.

***

Entre os programmas organisados para as palestras do Instituto sobre pontos controversos e importantes da historia patria, foi offerecido á mesa, na sessão de 2 de junho de de 1870 e approvado na de 30 do mesmo mez, o seguinte:

« Vieira tomou parte no combate ferido no forte de *São Jorge*, por occasião da invasão hollandeza? »

Foi encarregado do desenvolvimento desse programma o nosso distincto consocio doutor Baptista Regueira, que mostrou sempre o mais pronunciado gosto pelo estudo de nossa historia.

Ainda era alumno da Faculdade de Direito e já se offerecia em 7 de maio de 1867 para collaborar na discripção do itinerario das principaes operações militares na grande lucta da emancipação de Pernambuco do dominio hollandez, apresentando logo os apontamentos que reservava para uma obra com o titulo—*Logares historicos do Imperio Brazileiro*.

Nas sessões magnas de 27 de janeiro de 1867 e de 27 de janeiro de 1868 recitou discursos do mais ardente patriotismo, o primeiro sobre a restauração de Pernambuco e o segundo sobre a revolução de 1817.

Barleus, como V. Exc. me ordenara, e Barleus me respondeu que ainda estava meditando e ordenando o assumpto e o plano de sua obra, e quando lhe fosse necessaria alguma informação, me mandaria chamar por um proprio para me entender com elle, o que prometti fazer como V. Exc. me recommendou etc. »

Falleceu Barleus em 14 de janeiro de 1648, inteiramente louco, attribuindo-se esse estado tristissimo de seu espirito ao grande esforço que empregou na avançada edade de 64 annos para concluir seu grande trabalho em tão pouco tempo.

Formado em 1869, foi no mesmo anno eleito socio do Instituto, e desde então lhe ha prestado os mais relevantes serviços; si já não existissem os importantes trabalhos devidos a sua penna habil, e si já não tivesse o doutor Baptista Regueira um nome vantajosamente conhecido como emerito professor, seriam bastantes os preciosos relatorios que como primeiro secretario apresenta annualmente ao Instituto, para firmar sua reputação litteraria.

O doutor Baptista Regueira, em respeito á escolha do Instituto, leu, na sessão de 12 de janeiro de 1872, o desenvolvimento do programma, occupando-se na primeira parte da estada de João Fernandes Vieira no forte de *São Jorge* quando foi elle assaltado pelos hollandezes, e na segunda parte da refutação do escripto do doutor Joaquim Manoel de Macedo, contrario a esse acontecimento.

O digno consocio, apezar de comprimentado pelo Instituto por seu bem elaborado trabalho, teve a excessiva modestia de não o entregar para ser publicado na *Revista*; accedeu, porém, ao nosso pedido, confiando-nos o manuscripto que desde então tinha guardado, e é delle que nos vamos servir nesta ultima parte do nosso estudo.



Mais de dez historiadores dão noticia da estada de João Fernandes Vieira no forte de *São Jorge*, quando se deu a invasão dos hollandezes, merecendo entre elles especial menção frei Raphael de Jesus, autor do *Castrioto Lusitano*, que apezar dos defeitos do seu estylo, nunca foi accusado de inexacto quanto a narração dos factos.

Escrevendo no seculo XVII, não obstante não se ter achado no theatro da guerra, recebeu, como confessa na dedicatoria de sua obra, informações de pessoas que nella figuraram e do proprio João Fernandes Vieira que não deixaria de corrigir-lhe os erros, nem consentiria que lhe fosse attribuido um facto que não houvesse praticado, existindo para sua grande gloria muitos outros que jamais puderam ser contestados de bôa fé.

Em apoio da verdade citou o digno consocio o testamento de João Fernandes Vieira, espirito imminentemente religioso, que não se atreveria a faltar á verdade naquelle documento. Pois bem; na verba 64 exprimiu-se elle pelo modo seguinte:

« Declaro que servi a sua magestade desde a era de 1630 etc. »

Esse serviço prestado em 1630 sómente poderia ter sido a defesa de *São Jorge* que é o unico que lhe é attribuido.

Existe ainda o alvará de 5 de junho de 1654 que se acha concebido nos seguintes termos :

« Eu el-rei. Faço saber aos que este meu alvará virem que em consideração aos serviços de João Fernandes Vieira, estante no Brazil, filho de Francisco de Ornellas Moniz, feitos em viva guerra na capitania de Pernambuco, de *soldado*, capitão e mestre de campo desde o anno de *1630*, em que os hollandezes a começaram occupar até 51, acompanhado todo aquelle tempo de criados e escravos, não sómente sem soldo, mas despendendo na continuação dos serviços que fez, grande quantidade de dinheiro que se lhe ficou devendo e fazenda consumida, etc., etc. Hei por bem e me apraz de lhe fazer mercê, demais de outras que pelo mesmo respeito lhe fiz, de dez leguas de terra no Brazil, etc.»

Que serviços podia João Fernandes Vieira ter prestado como *soldado* em *1630*, sinão haver tomado parte na defesa de *São Jorge ?* Certamente o rei não podia referir-se ás despezas com a infantaria e sustentação do culto das egrejas, porque Vieira praticou essas liberalidades como particular e não como *soldado* e isto muito depois de *1630*, porquanto sómente em 1635 começou a sua maior fortuna.

Soldado sómente podia elle ter sido em 1630, quando se deu a rendição de São Jorge ; em 1635, quando teve logar a rendição do *Arrayal*, ja occupava elle o posto de capitão, como ja dissemos, e desse posto foi elevado ao de mestre de campo em 1645 por patente do governador geral Antonio Telles da Silva. O posto de capitão não lhe podia ter sido concedido sinão por serviço importante, como o que prestou em 1630 na heroica resistencia do forte de *São Jorge*.

O illustrado consocio repara que Varnhagen na *Historia geral hollandeza* deixasse de incluir o nome de João Fernandes Vieira no numero dos que tomaram parte nessa resistencia e que na *Historia das luctas com os hollandezes* tivesse manifestado formalmente opinião contraria á existencia de um facto reconhecido pelos historiadores, e que nesse sentido fosse acompanhado pelo conego Fernandes Pinheiro em seu *Brazil Hollandez* e pelo doutor Joaquim Manoel de Macedo nas suas *Duvidas sobre alguns factos da Historia Patria* :

e responde particularmente a este ultimo escriptor, uma vez que os outros trataram ligeiramente da materia.

As *duvidas* do illustrado litterato fundaram-se nas seguintes razões :

I Ser frei Raphael de Jesus antes um panegyrista de Vieira do que um historiador ;

II Não ter elle estado em Pernambuco durante a guerra, tendo della apenas informação ;

III Ter sido o *Castrioto Lusitano* escripto sob as vistas de João Fernandes Vieira, que falleceu em Portugal, como verificou combinando a data de 1666 em que André Vidal de Negreiros substituiu a Vieira no governo de Angola, com a de 1675 em que foi publicada aquella obra.

Que importa ter sido frei Raphael um panegyrista, si nada phantasiou em relação a Vieira, e si de sua autoridade insuspeita soccorreu-se o autor das *Duvidas*, quando tratou de outros acontecimentos da historia?

Si não esteve no theatro da guerra, escreveu tendo presentes apontamentos de pessoas que assistiram a tudo e lhe mereciam inteiro credito.

O doutor Joaquim Manoel de Macedo commetteu um grave erro na combinação das datas para poder concluir que Vieira morreu em Portugal em 1671, e que de sua estada em Lisboa se aproveitou para publicar o *Castrioto* e influir no animo de frei Raphael.

E' sabido que João Fernandes Vieira, deixando o governo de Angola, chegou a Pernambuco em 2 de abril de 1662 ; que em 1664 fez em Maranguape seu testamento ; que nesse mesmo anno foi nomeado superintendente das fortificações de Pernambuco e das provincias do norte ; que em 1675 assignou a escriptura de doação para patrimonio de seu filho o padre Manoel Fernandes Vieira ; que em 20 de janeiro de 1681 fez codicillo na rua de São Bento de Olinda ; finalmente que ahi falleceu em 10 de janeiro do mesmo anno.

E assim se escreve a historia? O doutor Joaquim Manoel de Macedo assegurou que João Fernandes Vieira morreu em Portugal e ahi assistiu á publicação do *Castrioto*, concorrendo para que se narrassem inverdades a seu respeito!

Pois o heroe de *Tabocas*, exclama com justa indignação o digno confrade, de *Casa-Forte*, de *Guararapes*, da restauração emfim carecia dessa pequena façanha para sua coroa de gloria?

Nem frei Raphael levaria a condescendencia até ao servilismo, elle que de sua independencia e nobreza de caracter deu provas na dedicatoria de seu importantissimo livro nas seguintes palavras:

«E porque nesta não falte o menor accidente, o remetto ao exame de vossa senhoria, para que com sua emenda, ou com sua approvação fique a certeza sem duvida, e se leia esta historia sem escrupulo, certo o leitor que vê o que vossa senhoria é na verdadeira representação do que tem sido. Ainda que *peço não adulo.* Intento em que não cabe interesse, não tem parte a lisonja, nem se obriga com a verdade a quem não gosta da mentira; quem nas occasiões não se alterou com os vivas dos applausos não se pode esvaecer com as repetições dos progressos.»

A' essas considerações muito sensatas do illustre collega accrescentaremos as seguintes:

Si ha razão sufficiente para ser inquinado de parcialidade o escripto de frei Raphael de Jesus, porque não esteve elle no theatro da guerra, e escreveu por informações e sob as vistas de João Fernandes Vieira, apezar do caracter do respeitavel sacerdote, como não acceitar-se a mesma razão para duvidar-se do criterio de Barleus que nunca veiu ao Brasil, não obstante a affirmativa de Netcher, escrevendo tambem por informações, e entre ellas as de Gaspar Dias Ferreira, cujo caracter já esboçamos, e que foi a Amsterdam, por ordem de Mauricio, para entender-se com Barleus sobre a publicação do livro, todo dedicado ao poderoso conde, e pelo qual recebeu o seu autor generosa gratificação?

Esses defeitos, entretanto, que muito pesarão com relação ao *Castrioto*, não impediram a Varnhagen, com cuja opinião conformaram-se Fernandes Pinheiro e Macedo, de escrever no prefacio de sua obra—*Historia das lutas com os hollandezes*:—que a latinissima historia dos oito annos do governo de Nassau, por mais que corram os seculos, será sempre um livro importantissimo e digno de consultar-se.

Até approximam-se os conceitos de frei Raphael dos de Barleus acerca da independencia e dignidade que lhes guiaram a penna. *Peço*, mas não *adulo*, dizia o primeiro, em linguagem chan em 1676; *nihil dabo adulationi, cujus causas posthabeo*, escrevia o segundo em phrases pretenciosas em 1647, *nec odio ullius detraham de vero, ne pari odio convencar falsi.*

***

Não ha duvida que alguns historiadores não contemplaram o nome de João Fernandes Vieira entre os defensores de *São Jorge*: que significação, porém, póde ter o silencio alem da ignorancia do facto, tratando-se de um simples soldado que começava então a sua vida militar, quando contra semelhante omissão existe a asseveração de historiadores e chronistas notaveis?

Brito Freire (*Nova Lusitania*) com relação ao assalto do forte menciona sómente o capitão Antonio de Lima que alli se achava com trinta e sete portuguezes. Tratando do assedio e da capitulação procede da mesma forma sem precisar os nomes dos que foram reforçar a guarnição elevada ao numero de oitenta e cala os nomes dos mortos e dos feridos. Não é, pois, de admirar que não se occupasse de João Fernandes Vieira e porque não esqueceu-se de mencionar os nomes dos que se renderam: capitão Antonio de Lima, Francisco de Figueirôa, Roque de Barros, Affonso de Albuquerque, o alferes Jacintho Barreto, e o soldado Belchior Velho, não se deve concluir que outros não se achassem no forte de *São Jorge*, como Gil Correia de Castello Branco, de quem falla frei Raphael e os que são indicados pelo autor das *Memorias Diarias*, apezar de ter Brito Freire se utilisado quasi exclusivamente desse trabalho de Duarte de Albuquerque para sua historia publicada em 1675.

Não haver frei Manoel Calado commemorado em seus versos essa façanha de João Fernandes Vieira explica-se perfeitamente: o *Valeroso Lucideno* foi escripto em 1644, occupando-se seu autor mais particularmente da segunda phase da guerra, e mui ligeiramente da invasão, commettendo mesmo assim, alem da omissão do nome inolvidavel de Antonio de Lima, erros grosseiros como o que se refere á data da chegada dos hollandezes ao Recife que elle suppôz ser a de 1631, e ao nome do forte assaltado que escreveu chamar-se de *Antonio Paes*.

Egual valor tem a falta commettida por Duarte de Albuquerque, marquez de Bastos e donatario de Pernambuco quando se deu a guerra; em suas *Memorias Diarias* ha pouco citadas, seguiu elle o relatorio de seu irmão o general Mathias de Albuquerque, quando João Fernandes Vieira era simples soldado que somente muito depois logrou sahir da obscuridade.

Esquecimento identico commetteu Duarte de Albu-

querque com relação a guerreiros que haviam tomado parte mais saliente naquellas jornadas dolorosas.

O escriptor das *Duvidas* aproveitou-se tambem da falta de menção do nome de João Fernandes Vieira na *Istoria delle guerre del Brazil* escripta no seculo XVII por frei Giuseppe de Santa Thereza ; não foi, porém, feliz em sua referencia.

Frei Giuseppe confessa que Vieira foi um capitão de valor não vulgar na *guerra da invasão*. Esse posto mereceu elle no *Arrayal* por serviços anteriores que não podiam ser senão os prestados na defesa de *São Jorge*, uma vez que não consta que naquella phase da guerra tivesse tomado parte em outros encontros com os inimigos.

Argumenta-se tambem com a falta de comparecimento de Vieira, quando Affonso de Albuquerque, capitão da companhia a que elle pertencia, foi reforçar a guarnição do forte, acompanhado somente do soldado Belchior Velho, conforme o que se acha narrado nas *Memorias Diarias*. O distincto collega, autor do escripto de que nos vamos servindo, responde victoriosamente a este argumento.

Affonso de Albuquerque encarregado da defesa do Recife, viu-se abandonado da gente de que se compunha a sua companhia, e para o logar da lucta seguiu acompanhado sómente pelo alferes Antonio Borges e pelo soldado Belchior Velho ; e porque João Fernandes Vieira não acompanhou logo o seu capitão, por motivos que não podem ser hoje investigados, segue-se como consequencia rigorosa, que na occasião em que Antonio de Lima pediu soccorro ao general Mathias de Albuquerque não estivesse elle presente e se não offerecesse com vinte e quatro mancebos, para tomar parte na defensa heroica que tanto illustrou o nome portuguez?

Porfim o illustrado secretario do Instituto occupa-se com o argumento que denomina de Achilles, empregado pelo escriptor das *Duvidas*.

No manifesto que o povo do Recife dirigiu ao publico, explicando os motivos porque havia escolhido João Fernandes Vieira para governador da liberdade, sendo esses motivos os grandes serviços por elle prestados antes de 1644, como se lê na certidão transcripta na pagina 247 do *Valeroso Lucideno*, não está, entre elles, aquelle de que tratamos tão longamente.

Os serviços a que se refere o manifesto eram de outra

natureza e capazes de elevar o grande patriota á posição inminente a que lhe deram direito, como a caridade e protecção dispensadas ás victimas da prepotencia hollandeza; os trabalhos a que se viu sujeito na defesa da religião e da liberdade da patria; e entre elles não podia ter um logar saliente o que havia prestado o simples soldado ainda em começo da vida.

Si a exclusão desse serviço de *São Jorge* alguma cousa prova contra a sua realidade, com a mesma razão se póde pôr em duvida sua estada no *Arrayal* até 1635, alias reconhecida pelo distincto escriptor das *Duvidas* em suas *Lições de Historia do Brazil*, porquanto os serviços prestados naquella localidade não estão mencionados na referida certidão.

O illustre consocio termina seu importante trabalho com as seguintes conclusões:

1· João Fernandes Vieira tomou parte na resistencia do forte de *São Jorge;* embora não fosse protogonista da acção;

2· Esse feito é narrado por frei Raphael de Jesus que escreveu o *Castrioto Luzitano*, tendo em vista informações de pessoas fidedignas que presenciaram os acontecimentos da guerra, e submetteu sua obra ao juizo do proprio João Fernandes Vieira;

3· Alem de frei Raphael de Jesus muitos outros historiadores e chronistas são unanimes acceitando esse facto; a divergencia dá-se unicamente sobre o maior ou menor quinhão de gloria que lhe coube na occasião;

4· O testemunho do *Castrioto* e dos chronistas está de perfeito accordo com a verba testamentaria de João Fernandes Vieira e com o alvará expedido em seu favor pelo rei de Portugal.

A. A. DE LUNA FREIRE.

A INQUISIÇÃO

SUA INFLUENCIA EM PERNAMBUCO (*)

PELO

Dr. F. A. Pereira da Costa

Instituida na França no seculo XII, e repellida logo ao nascer, foi abrigar.se na Italia e na Allemanha, ainda que não conseguisse grande desenvolvimento. Onde, porem, a sua acção tomou grandes proporções e creou vigorosas raizes, foi na Hespanha, no seculo XV, em que Torquemada, seu primeiro inquisidor, de triste celebridade, fez queimar durante os 18 annes do seu ministerio 8,800 pessoas, de 10,294 que metteu em processo e torturas. Visinha de Portugal, ligados os dous paizes por estreitos laços de amisade, e intimamente aparentadas as duas casas reinantes, foi facil a propagação da inquisição, de sorte que por Bulla do Santo Padre Clemente III. datada de 17 de Dezembro de 1531 foi ella estabelecida em Portugal, depois de reiteradas supplicas e empenhos de D. João III.

Os fundamentos dessa Bulla eram, que, « tendo-se tornado commum em Portugal os fataes exemplos de volverem aos ritos judaicos muitos christãos novos que os haviam abandonado e de os abraçarem outros que, nascidos de paes christãos, nunca tinham seguido aquella crença, accrescendo o disseminar-se no reino a seita de Luthero e outras igualmente condemnadas, e bem assim o uso de feitiçarias reputadas hereticas, se conhecera a necessidade de atalhar o mal com prompto remedio, de modo que a grangrena não eivasse os espiritos. »

Aquella Bulla, porem, não produzio os seus immediatos effeitos, sendo mesmo suspensa a sua execução posteriormente, até que foi decretada uma ontra pelo Pontifice Paulo III em 23 de Março de 1536, em vista der eiteradas instancias D. João III, ficando então definitivamente estabelecida

---

(*) O presente trabalho faz parte do *Diccionario Historico e Geographico de Pernambuco*, em que trabalha o seu autor.

a Inquisição em Portugal, e nomeado logo inquisidor geral D. Diogo da Silveira.

Assim introduzido o tribunal da inquisição em Portugal, foi a sua direcção entregue aos padres da ordem de S. Domingos dos Pregadores, cujo instituto prescrevia — *a defensão da verdade da nossa santa fé catholica e extirpação das herezias.*

Estabelecida a Inquisição e installado o terrivel tribunal do Santo Officio, começarão logo os christaos novos portuguezes, judeus e seus descendentes, a emigrar para outros paizes, conduzindo todos os seus haveres, levando á novas paragens a sua actividade e labor, o commercio e a industria, as sciencias e as artes, que Portugal inconsciente e fanatico expellia do seio, para em breve ver-se arruinado e empobrecido.

A emigração dos christãos novos portuguezes, diz A. Herculano, tinha tomado já em 1544 dimensões extraordinarias. A Asia e a Turquia da Europa recebiam diariamente no seu seio familias portuguezas, que, á sombra da meia tolerancia do islamismo, iam buscar essa pouca liberdade religiosa que não achavam na patria. Dez annos depois só na cidade de Ancona havia perto de tres mil judeus portuguezes ou oriundos de Portugal, parte dos quaes eram crianças já nascidas em Italia, e cujos paes, por consequencia, tinham abandonado o paiz nesta epocha de mais feroz perseguição, ou pouco anteriormente. Em Ferrara e em Veneza era tambem grande o numero delles. Muitos deviam acolher-se a outros pontos, onde haviam já buscado refugio os seus perseguidos irmãos. A Inglaterra, a França, mas sobretudo os Paizes-baixos fortaleciam a sua industria e o seu commercio com os elementos de riqueza que o inepeto chefe de uma pequena e empobrecida monarchia lançava fóra com perseverança insensata. »

Organisada a Inquisição, foi o paiz dividido em quatro districtos ou secções inquisitorias, tendo cada um delles por séde as cidades de Lisboa, Coimbra, Evora e Gôa.

O Brazil ficou pertencendo ao districto da Inquisição de Lisboa, e em virtude do *Regimento do Santo Officio* deveria ter um visitador das náos estrangeiras com o seu escrivão e um interprete, e em cada cidade, villa, ou povoação notavel, um commissario com o seu competente escrivão.

Alem daquelles funccionarios haviam, em numero illimitado, os *Familiares do Santo Officio*, que serviam gratuita-

mente, « pela muita honra e distincção com que eram tidos.» Dos que exerceram semelhante cargo em Pernambuco, encontramos o coronel Antonio Borges da Fonseca, nomeado por carta de 23 de março de 1716, em cujo officio serviu » *com zelo e dispendio de sua fazenda, nas prizões de varios christãos novos que por vezes foi prender á Parahyba nos annos 1729 e 1731*; coronel Antonio José Victoriano Borges da Fonseca, que foi governador do Ceará, nomeado por carta do inquisidor D. Nuno da Cunha, de 27 de agosto de 1744; capitão Basilio Rodrigues Seixas, que pelos annos de 1757 era thesoureiro da dizima da Alfandega; Francisco Xavier Carneiro da Cunha, capitão-mór de Iguarassú, nomeado em 1783; Roque Antonio Corrêa, capitão-mór do Recife; Manoel Antonio Ribeiro, commerciante, nomeado em 1786; Domingos Affonso Regueira, nomeado pelo bispo inquisidor D. José Maria de Mello, por carta de 27 de Agosto de 1803, a qual existe no Instituto Archeologico; Bento José Corrêa de Mello, como consta da sua carta de fôro de fidalgo passada em 5 de abril de 1806; e José Vaz Salgado, mestre de campo do terço de auxiliares do Recife. Alem destes exerceram tambem o mesmo cargo os segusntes individuos, cuja epocha, e data de nomeação não encontramos: sargento-mór Antonio Rodrigues Campello, tenente-coronel José Peres Campello, Belchior Alves Camello, capitão-mór e alcaide-mór da villa do Bio S. Francisco, Antonio Vieira de Mello, e o coronel Domingos Fernandes de Souza.

Alem das prerogativas que tinham os familiares do Santo Officio, conseguiram elles do governador D. Antonio de Souza Manoel de Menezes a criação de uma companhia para os auxiliar no seu serviço.

Haviam tambem visitadores temporarios, alta e honrosa incumbencia, que cautelosa e difficilmente se concedia, alguns dos quaes vieram em differentes epochas visitar o Brazil e estiveram em Pernambuco.

Logo no primeiro seculo da instituição da Inquisição começou ella a exercer a sua influencia sobre o Brazil. Effectivamente, como refere Gabriel Soares, os bispos do Brazil tinham os poderes necessarios para applicar as penas da Inquisição, por commissão especial, mas dando appellação para o Santo Officio de Portugal, e em virtude dessa faculdade chegou a se fazer um auto de fé na Bahia, em que morreu queimado um francez accusado de heresia; mas depois ficaram os bispos apenas com a faculdade de exercel-a sobre os

indios. Essa prerogativa foi concedida ao bispo D. Antonio Barreiros, que dirigiu a diocese de 1576 a 1600, e já gosava della em 1584, tendo então um coadjuctor em Pernambuco, que era o padre Luiz da Gran, jesuita, reitor do collegio de Olinda.

Em 1591 veio de visitador do Brazil o deputado do Santo Officio, Heitor Furtado de Mendonça, mas o resultado da sua missão é completamente ignorado.

Em 1601 havia um promotor fiscal do Santo Officio em Olinda, que era Gonçalo Novo de Lyra, natural da ilha da Madeira, e o primeiro que foi despachado para semelhante cargo em Pernambuco.

Naquelle mesmo anno de 1601, foi presa por ordem do Santo Officio D. Brites Fernandes, natural de Pernambuco, filha de Diogo Fernandes, feitor do engenho Camaragibe da freguezia de S. Lourenço de Muribara, e sua mulher Branca Dias. Accusada de judaismo, foi a infeliz senhora enviada para Lisbôa, atirada aos carceres da Inquisição, e confiscados os seus bens, foram arrematados perante a vedoria por ordem do Santo Officio. Ignora-se a sorte dessa primeira victima da inquisição em Pernambuco, mas é tradicional que morreu queimada em um dos autos de fé celebrados em Lisbôa.

Por Carta Regia de 22 de Julho de 1621, foi mandado crear nas terras do Brazil officiaes do tribunal da Inquisição, *«que os havia mister pela muita povoação e qualidade da gente que nelle habitava,»* como resa esse documento, provendo-se então nas capitanias os respectivos lugares; e mais tarde, por Carta Regia de 8 de junho de 1623 foi determinado ao bispo inquisidor geral D. Fernão Martins Mascarenhas, que enviasse áo bispo do Brazil a commissão necessaria para que elle tivesse á sua conta os negocios da Inquisição do estado, como S. Magestade havia resolvido. Dest'arte foi restabelecida a antiga faculdade que tinham os bispos de superintender sobre todos os negocios que podiam ser affectos ao Santo Officio.

Por esse tempo, Olinda, a velha capital de Pernambuco, havia chegado ao maior auge da grandeza e esplendor, rica, populosa, com um commercio muito animado, imperando o luxo e vaidade, mas em compensação, reinava tambem a lascivia, a inteperança, a usura, as vinganças, os odios e aleivosias.

Em 1629 esteve em Pernambuco um commissario e visitador do Santo Officio no Brazil. Foi elle o dominicano

Frei Antonio Rosado, natural do Alentejo, Bacharel em Canones, homem illustrado, escriptor e pregador distincto. Fallava-se então das tendencias da Hollanda sobre a posse do Brazil, e ao mesmo tempo do estabelecimento de um tribunal do Santo Officio em Pernambuco Sobre o estado de degradação moral a que havia chegado a capitania, em vão bradavam os padres da tribuna sagrada, dizendo que se o povo não se arrependesse dos seus peccados, e não se corrigisse do seu procedimento. não tardaria Olinda a ser escrava dos hollandezes; mas as pessoas principaes que ouviam taes advertencias encolerisavam-se e expulsavam os pregadores do templo. Um destes, o Commissario da Inquisição Frei Antonio Rosado, disse um dia : *Sem mais differença do que a de uma só letra, está Olinda chamada por Olanda; e por Olanda ha de ser abrasada Olinda, porque onde falta tanto a justiça da terra, não tardará muito a do Céo.*

Na phrase de um historiador, não se ignorava em Hollanda estes devaneios, que levaram Olinda á sua ultima perdição, e que a tornavam facil preza de qualquer aventureiro ousado ; além disto, os judeos, que se tinham christianisado, e que todavia, por cautella, se refugiaram na capitania, para guardarem-se das tyrannias da Inquisição, sabendo que este horrivel tribunal se vinha erigir em Pernambuco, julgaram-se perdidos, e tomaram portanto a desesperada resolução de auxiliar os hollandezes, sob cujo governo contavam gosar liberdade de consciencia.

Em 1630 é Pernambuco invadido pelos hollandezes, e logo depois começaram os judeos a affluir em busca de liberdade e segurança, ameaçados pelos carceres e torturas do Santo Officio e pelas fogueiras dos autos de fé.

Foi tal a corrente de immigração de judeos, que chegaram elles a occupar uma bôa parte da população adventicia de Pernambuco, principalmente do Recife, empregando-se especialmente no commercio, industrias e artes. A maior parte dos predios da cidade, principalmente do bairro do Recife, tinham sido construidos ou reedificados por elles.

Gozando de plena liberdade de religião, erigiram elles duas synagogas, uma no Recife e outra em Santo Antonio, e construiram um cemiterio na Bôa-Vista, privativo da gente da sua religião, conhecido pela denominação de Cemiterio dos Judeus.

A synagoga do Recife era situada na rua do Bom-Jesus, então denominada dos Judeus, nos predios que tem hoje os

numeros 62 e 64, cuja fachada, apesar das transformações por que tem passado, conserva ainda uma pedra com uma estatua de São Thiago, em relevo: casas estas, que foram confiscadas pela Fazenda Real, e doadas ao mestre de campo general João Fernandes Vieira, por alvará do governador Francisco Barreto de Menezes, lavrado no Recife em 27 de Setembro de 1656, com a declaração de constarem ellas de *umas casas sobradadas que estão dentro do Recife, na rua que foi dos Judeus, e lhes servia de esnoga.*

Intelligentes, laboriosos e economicos, dispunham os judeus de avultada fortuna e influencia em Pernambuco, e viviam felizes, ainda que espatriados, á sombra da tolerancia e liberdade religiosa que lhes prodigalisava o governo hollandez, de cuja vantagem gosavam tambem os lutheranos e calvinistas, como elles igualmente espatriados e victimas tambem da inquisição, os quaes, por sua vez, tinham o seu templo na igreja catholica do Corpo Santo, accommodada por elles á sua seita.

Mas os portuguezes, fanatisados pela Inquisição, levados pelo odio de religião e de raça, não podiam tolerar a liberdade e o bem estar dos judeus.

Em 1645, já em luta com os hollandezes, aprisionaram uma lancha em Páo Amarello, em que vinham alguns hollandezes e tres judeus mercadores, que haviam fugido de Portugal para a Hollanda, d'onde vieram para Pernambuco. Os hollandezes nada soffreram, e foram apenas mandados para a Bahia; a um dos judeus, «que havia nascido no judaismo, lhe outorgaram a vida, porque disse, *que se o industriassem na lei de Christo, se queria fazer christão*»; mas os dous que eram portuguezes, e tendo nascido christãos haviam renegado a religião, foram conduzidos para a Varzea, e ahi enforcados immediatamente. Este facto é narrado por uma testemunha do tempo, o autor do *Valeroso Lucideno.*

Mas a tolerancia e liberdade em que viviam os judeus ia terminar, e cessou desde que em Pernambuco foi restaurado o governo portuguez, em 1654.

Entregando os membros do Supremo Conselho hollandez o governo da colonia ao general Barreto de Menezes, pediram-lhe que permittisse aos judeus permanecerem no Brazil até que liquidassem os seus negocios; mas respondelhes o general portuguez negativamente, dizendo que, apenas expirasse o praso de tres mezes concedido aos hollandezes pelos artigos da capitulação, para embarcarem para

a Hollanda, elle não poderia obstar que o Vigario Geral lançasse mão dos judeus portuguezes para os entregar á Inquisição !

Vê-se, pois, por essa occurrencia, dada, talvez em Janeiro de 1654, que mesmo durante o dominio hollandez, a Inquisição tinha um agente seu em Pernambuco, cargo que então era exercido pelo Vigario Geral, José Pinto de Freitas, que residia no Recife.

No entretanto, apesar de todo esse zelo pela salvação das almas, manifestado pelo Santo Officio, vê-se que, nos autos de fé celebrados em Lisbôa, á cujo districto pertencia o Brazil, de 1540, quando teve lugar o primeiro, até 1708, quando se haviam celebrado 167 autos, condemnado cerca de 600 victimas e perecido nas fogueiras 311 infelizes, não figuram, felizmente, um só brazileiro, ou colono do Brazil. Mas no auto que teve lugar a 13 de Julho de 1709, na sala do palacio da Inquisiçãa em Lisbôa, foram penitenciados oito réos, sendo seis homens e duas mulheres, colonos do Brazil, cujos nomes e naturalidade são ignorados.

Esta circumstancia faz suppor influencia do bispo do Rio de Janeiro D. Frei Francisco de São Jeronymo, que alli chegou em 1702, tendo acabado de exercer em Evora o cargo de qualificador do Santo Officio, e que além das funcções do seu importante ministerio, reuniu mais de uma vez ás do governo temporal do estado. Seja ou não exacto, o caso é, que depois da vinda do ex-qualificador da Inquisição, do *Bispo Santo*, como o chamava El Rei D. Pedro II, é que começou no Brazil a perseguição contra todos aquelles de cujas crenças religiosas suspeitavam os fervorosos catholicos da Santa Inquisição.

D. Francisco de S. Jeronymo, na phase de um historiador, deixou nomeada execravel pelo seu zelo e dedicação inquisitorial. De 1707 a 1711 não decorreu um anno em que se não prendessem no Brazil mais de cem pessôas, ás vezes familias inteiras, suspeitas de christãos novos, e que se remettiam para os carceres e tribunaes de Lisbôa. Figuraram muitos brazileiros nos execrandos autos de fé que se celebraram no reino. Foram suas victimas varões illustres pelas suas letras e sciencias, que produzira o solo colonial, e que não mereceram por suas qualidades trato mais caritativo do que os naturaes do reino.

De 1709 por diante celebrou o Santo Officio de Lisbôa

os seguintes autos de fé, nos quaes figuraram brazileiros ou colonos do Brazil.

Auto de fé celebrado na praça do Rocio em 26 de Julho de 1711. Figuraram 104 victimes, e morreram na fogueira 2 mulheres. Naquelle numero contavam-se 52 colonos do Brazil, sendo 28 homens, e 24 mulheres.

9 de Julho de 1713. Neste auto figuraram 141 victimas, sendo uma relaxada em carne (queimada), 2 em estatua, e 138 penitenciadas. Entre estas notavam-se 66 colonos do Brazil, comprehendendo-se 39 mulheres condemnadas, não por heresias, *mas pela maior parte, só por terem sangue judaico.*

1714. Neste anno houveram dous autos de fé, um em 14 de Outubro, e outro em 15 de Novembro, em que se apresentaram 61 victimas, sendo 25 do Brazil, das quaes 11 eram do sexo feminino. No numero dos homens contavam-se dous christãos novos, maiores de sessenta annos, e nascidos em Portugal, que foram relaxados, um em carne, e outro estatua.

Auto de fé de 16 de Fevereiro de 1716, em São Domingos. Exhibiramsse 58 victimas entre as quaes mais de 30 do Brazil. Não houve morte, mas todas foram condemnadas á penas diversas. O acto foi honrado com a presença de El Rei D. João V e dos infantes, que jantaram depois no proprio palacio da Inquisição!

1726. Neste anno houveram dous autos com 73 victimas, 3 das quaes foram queimadas. Do Brazil figurou apenas Brites Lopes, de 16 annos de idade, natural da Bahia, condemnada a carcere e habito perpetuo. Ao primeiro desses autos que teve lugar a 30 de Julho assistiu El Rei, a Rainha e mais pessoas da corte. No segundo, que teve lugar em 13 de Outubro, foram condemnados 5 colonos do Brazil, entre elles um padre que morreu na fogueira, por judeu, um frade condemnado a desterro em Angola por se haver casado, e o celebre poeta Dr. Antonio José da Silva que foi condemnado a carcere e habito perpetuo.

16 de Outubro de 1729. O auto deste dia teve logar em S. Domingos com assistencia de El Rei D. João e dos infantes, sendo condemnadas 91 victimas, das quaes 10 morreram na fogueira. Do Brazil figuraram 14 pessoas, inclusive 4 mulheres.

17 de Junho de 1731. Neste dia compareceram 86 victimas, das quaes 12 morreram queimadas. Do Brazil foram 20, inclusive 9 mulheres, entre as quaes Guiomar Nunes,—

« christã nova, de 37 annos, casada com Francisco Pereira, latoeiro: natural de Pernambuco, e moradora no engenho de Santo André, districto da cidade da Parahyba; convicta, negativa e pertinaz ». Conhecidamente é esta a primeira victima, de Pernambuco, que cahiu nas garras do sangrento tribunal da Santa Inquisição.

6 de Julho de 1732. Figuraram 79 condemnados, sendo 8 relaxados em carne. Do Brazil foram 25 pessoas inclusive 6 mulheres. Nesse numero figura Antonio da Fonseca Rego, natural da cidade de Olinda, de cincoenta annos de idade, christão velho, lavrador de cannas, e morador na Parahyba, condemnado a *carcere e habito perpetuo sem remissão*.

20 de Setembro de 1733. Figuraram 59 victimas, sendo 5 queimadas e 54 penitenciadas. Neste auto foram julgados 10 colonos do Brazil, inclusive 3 mulheres, em cujo numero se notam dous colonos de Pernambuco: Branca Figueirôa, de 74 annos de idade, natural da villa de Santo Antonio do Cabo, christã nova, viuva de Gaspar da Silva, e moradora na Parahyba, condemnada a carcere e habito perpetuo; e Fernando Henriques Alvares, natural de Evora e morador no Rio de São Francisco, relaxado em carne por *convicto, ficto, falso, simulado, confitente, diminuto e impenitente!*

24 de Julho de 1735. Neste auto tomaram parte 69 pessoas das quaes 7 morreram na fogueira. Do Brazil foram 22 inclusive 11 mulheres. De Pernambuco figuraram: o Padre Manoel da Silva Oliveira, natural de Serinhãem, de 38 annos de idade, subdiacono do habito de S. Pedro e morador na cidade da Bahia, que foi suspenso para sempre do exercicio de suas ordens e inhabilitado para as demais e condemnado a 7 annos de galés, por dizer missa e confessar sem ser sacerdote: André Pereira, de 27 annos, natural da ilha de São Miguel e morador no Recife, condemnado a açoites e 5 annos de galés; e Cypriana da Silva, de 52 annos, natural de Serinhãem, solteira, parte de christã nova, e domiciliada na cidade da Parahyba, condemnada a carcere e habito perpetuo.

18 de Outubro de 1739. Figuraram 58 réos dos quaes 8 foram queimados. Do Brazil foram 12, sendo 3 mulheres. Neste auto pereceu nas chammas o infeliz Dr. Antonio José da Silva, com 34 annos de idade, natural do Rio de Janeiro, poeta e escriptor distincto, preso em 1737, por *convicto, ne-*

gativo e relapso. Sua esposa, D. Leonor Maria de Carvalho, com 27 annos, presa pela segunda vez, foi condemnada a *carcere a arbitrio*, assim como D. Lourença Coutinho, mãe do infeliz poeta, com 61 annos de idade, presa pela terceira vez, sendo ambas obrigadas á assistir o horrivel espectaculo da morte de seu esposo, e de seu filho ! De Pernambuco figurou o cirurgião Manoel Vaz Camello, natural da ilha de Sant'Iago de Cabo Verde, condemnado a açoites e 5 annos de galés.

18 de Junho de 1741. Figuraram 43 victimas, das quaes foram queimadas 11. O Brazil concorreu *apenas* com 2 homens e 1 mulher.

21 de Junho de 1744. Figuraram 41 victimas sendo queimadas 8. O Brazil concorreu com 8 homens e 1 mulher.

24 de Setembro de 1744. Neste auto em que compareceram 48 penitentes, e apenas foram queimados 2, concorreu o Brazil com 8, sendo de Pernambuco: Estevão Barbosa Gerez, de 41 annos, sargento-mór de milicias, natural e morador na villa de Santo Antonio do Recife, condemnado a degredo de cinco annos para Mazagão; Manoel dos Reis Lima, do 31 annos, morador em Pernambuco, condemnado a açoites e 8 annos de desterro em Mazagão; e Manoel Duarte da Cruz, natural de Coimbra, morador em Iguarassú, condemnado a acoites e 6 annos de galés.

20 de outubro de 1848. Figuraram 48 victimas, das quaes 3 morreram na fogueira. Este auto foi honrado com a presença da Rainha D. Maria Anna, da Austria, e com a de suas filhas as Infantas de Portugal, que assistiram o funebre espectaculo das varandas do palacio da Inquisição. Do Brazil foram 4 victimas, sendo de Pernambuco: Manoel Fernandes dos Santos, homem pardo, de 42 annos, trabalhador rural, natural e morador em S. Lourenço da Matta, condemnado a açoites e a 10 annos de galés.

16 de novembro de 1749. Figuraram 48 victimas perecendo 2 nas fogueiras do Santo Officio. Do Brazil foram 3 homens e 1 mulher, Maria Simôa, de 36 annos, casada com Antonio Pereira da Cunha, estudante. Era natural de Porto Calvo e moradora em Ipojuca, e foi condemnada a 4 annos de degredo para Castro Marim, na Africa.

24 de setembro de 1752. 62 victimas inclusive 3 do Brazil. Neste auto pereceram 4 pessoas nas fogueiras.

20 de julho de 1756. Não consta o numero de victimas, mas do Brazit figuraram 8, inclusive 1 mulhre de nome Ma-

ria Valença de 73 annos de idade, casada com Antonio da Fonseca Rego, natural de Pernambuco e moradora em Lisbôa, segunda vez presa como relapsa no crime de judaismo, e condemnada a *carcere e habito perpetuo, sem remissão.*

27 de agosto de 1758. Figuraram 39 victimas que foram penitenciadas, sendo 3 do Brazil, inclusive uma mulher; não houve morte.

23 de dezembro de 1759. Não consta o numero de victimas. Neste auto foi condemnado a penitencia espiritual, carcere á arbitrio e 5 aqnos de gaiés, Bento Ferreira, naturrl de Pernambuco, de 21 annos de idade, homem pardo, carpinteiro, « por casar segunda vez, sendo viva sua primeira e legitima mulher. »

20 de setembro de 1761. Este auto teve lugar no claustro do convento de S. Domingos, e foram julgadas 57 victimas, sendo 3 relaxadas em estatua e 1 em carne. Foi esta o infeliz Padre Gabriel Malagrida, com 72 annos de idade, garratado e depois queimado em completo estado de allucinação mental! Seu nome é de grata recordação no Brazil, pelos grandes serviços que prestou como missionario, em largos annos, especialmente em Pernambuco, onde se achava missionando em 1740, quando autorisou a fundação do recolhimento de Iguarassú, em virtude de especial faculdade que lhe concedera D. João V, e para cuja construcção muito concorreu. O infeliz padre Malagrida, foi a ultima victima queimada pela inquisição em Lisbôa.

Do Brazil figuraram neste auto de fé 15 victimas, sendo de Pernambuco: José Antonio das Mercês, aliás José Liões, solteiro, de 27 annos de idade, natural do Hanover e morador em Olinda, condemnado a açoites e a 2 annos de galés; e o Paere Francisco Lopes Lima, inhabilitado para beneficios ecclesiasticos e dignidades, e privado para sempre do exercicio de suas ordens.

A vida do Padre Lopes Lima, os infortunios de que foi victima até cahir nas garras da Inquisição, são por elle proprio contados em um poema que escreveu quando ainda estava preso no Rio de Janeiro, ou talvez em Pernambuco.

Esse poema tem o titulo de *Vita méa*, consta de 57 estrophes e um soneto de dedicatoria, e corre hoje Impresso no livro *Escavações, Factos da Historia de Pernambuco*, por Francisco Pacifico do Amaral, impresso em Pernambuco em 1884. Desse poema, inedito até então, consta os seguintes traços da vida do Padre Lopes Lima :

Nasceu no Recife a 8 de setembro de 1730 e foi baptisado no dia 28 do mesmo mez e anno.

Foi educado no Collegio dos Jesuitas, onde fez o curso theologico para ordenar-se, e aos 22 annos de idade, quando preparava-se para receber as ultimas ordens, viu-se perseguido pela justiça para casar-se.

Sahindo da prisão em que o lançaram para a celebração do casamento, logo que se acabou o acto, seguiu só para a sua casa, e propoz immediatamente acção de nullidade do casamento.

Usando sempre da tonsura e do habito clerical, e vendo-se de novo ameaçado, occultou-sa e seguiu para o Rio de Janeiro. Dahi partiu para as *Indias de Castella*, d'onde seguiu para Buenos-Ayres, com o fim de ordenar-se, mas não conseguido esse intento por haver o bispo adoecido, dirigiu-se para Cordova, por terra, e ahi recebeu a ordenação sacerdotal das mãos do bispo diocesano.

Regressando a Buenos-Ayres, celebrou a sua primeira missa, *em solemne e festiva occasião*, e depois partiu para o Rio de Janeiro, afim de seguir para Roma á impetrar do Santo Padre o perdão do seu crime e a nullidade do acto do seu casamento, forçadamente contrahido.

Mas, poucos dias depois de chegar ao Rio de Janeiro, foi preso, em virtude de uma precatoria expedida de Pernambuco, e depois de mais de 2 annos e meio de privação da sua liberdade, foi entregue á Inquisição, seguiu para Lisbôa e gemeu nos carceres do Santo Officio até 1761, quando foi solto, mas privado sempre do exercicio de suas ordens.

Depois do auto de fé de 1761 que acabamos de mencionar, colebrou-se um em 1767 em que figuraram 16 victimas, todas penitenciadas, notando-se apenas uma do Brazil. Depois deste houve um outro em 1778, em que não figurou ninguem do Brazil, e finalmente teve lugar o ultimo que se celebrou em Lisbôa, em 1794, na sala do palacio da Inquisição, em que figurou uma só victima, uma mulher penitenciada, *por se fingir santa*, condemnada a açoites e a degredo.

Alem das victimas que seguiram de Pernambuco e figuraram nos autos de fé, como vimos, muitas outras houveram de que não ha noticia alguma, que acabaram os seus dias nos carceres, ou pereceram aos horriveis tormentos a que eram submettidas. D. Felicia Uchôa de Gusmão, casada com Luiz da Fonseca, presa pelos annos de 1730 pelo familiar Antonio Borges da Fonseca, e remettida para Lisbôa,

foi talvez uma destas victimas. Mais feliz, porém, foi o capitão de Henriques, Victorino Pereira da Silva, que foi preso em 1742, esteve nos carceres do Santo Officio quasi dous annos, e conseguiu regressar em 1744.

Desta sucinta exposição, vê-se que, de meiados do seculo passado por diante, foi arrefecendo o fervor catholico da Inquisição, até que foram proscriptos os autos de fé por El Rei D. José I, e por Decreto de 25 de Maio de 1773 foi abolida a odiosa distincção de christãos novos e christãos velhos, poderosa arma de que se serviam os inquisidores em suas perseguições, estratagema maquinado para a ruina da união christã e da sociedade civil, na phrase de um historiador, restituindo assim S. M. a todos os estados dos seus reinos a paz e a concordia.

Apesar desse arrefecimento nos exaltados espiritos da gente da Inquisição, mesmo assim, permaneceu intacto todo o seu mechanismo official, existindo os seus agentes espalhados por todos os logares; e era assim que em 1786 havia um Commissario do Santo Officio em Pernambuco, que era o Padre Henrique Martins Gayo, como consta da averbação de juramento e posse lançada no verso da carta de Familiar, conferida a Manoel Antonio Ribeiro, escripta em 24 de Fevereiro daquelle anno, cujo documento possue o Instituto Archeologico.

Em virtude do artigo nono do Tratado de 19 de Fevereiro de 1810 celebrado entre os governos da Inglaterra e de Portugal, foi estipulado, que não se tendo até então estabelecido, ou reconhecido no Brazil a Inquisição do Santo Officio, não fosse ella para o futuro estabelecida nos meridionaes dominios americanos da corôa de Portugal; em consequencia do que, S. Magestade Britanica se obrigou da sua parte, e declarou que o art. 5· do tratado de 1654, em virtude do qual certas exempções da autoridade da Inquisição eram concedidas exclusivamente aos vassallos britanicos, fosse considerado como nullo, e sem effeito nos dominios americanos de Portugal; consentindo mais, que a mesma disposição se estendesse tambem a Portugal, no caso que tivesse lugar a abolição da Inquisição naquelle paiz, e geralmente a todas as outras partes da monarchia portugueza, onde viesse a abolir-se para o futuro aquelle tribunal.

Apesar dessa resolução, consignada em um Tratado, firmado com uma potencia estrangeira, menciona Koster, no seu livro de viagem ao Brazil, que os Familiares do Santo

Officio continuaram a funccionar em Pernambuco, enviando mesmo para Portugal algumas pessoas suspeitas dos crimes sujeitos á julgamento pelo terrivel Tribunal da Inquisição. Seja como fôr, não foram ellas sujeitas aos terriveis autos de fé, que deixaram de funccionar desde 1794.

Mas a epocha da Inquisição tinha passado. Mesmo assim, vagando em 1818 o lugar de Inquisidor Geral do Santo Officio de Portugal, foi nomeado o Bispo D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, que acabava de reger a diocese de Pernambuco, sendo este acto de D. João VI confirmado por Pio VII em 13 de Maio do mesmo anno.

Tres annos depois, graças a revolução constitucional do Porto, foi em fim, abolida a Inquisição em Portugal e seus dominios, por decreto de 31 de Março de 1821, depois de quasi tres seculos de existencia !

O terrivel tribunal do Santo Officio, durante o tempo de sua existencia, celebrou nos quatro districtos de Lisbôa, Evora, Coimbra e Gôa, 760 Autos de Fé, em que figuraram 31,349 victimas, das quaes 1,075 foram relaxadas em carne, e 638 queimadas em estatua por se acharem ausentes em paizes estrangeiros, onde não podia chegar a autoridade da Inquisição. Nas victimas da Inquisição, figuram 339 infelizes remettidos do Brazil, alguns dos quaes pereceram nas chammas.

Terrivel tribunal, infame instituição, que só un rei como D. João V, *fanatico, ruim de condição e inepto*, na phrase insuspeita de Alexandre Herculano, podia empenhadamente solicitar para os seus estados ; a existencia de uma tal instituição constitue um periodo negro nas paginas alvissimas da historia dos paizes em que ella existio, principalmente em Portugal e na Hespanha.

Os horrores e o martyrio que as sombrias abobadas dos palacios da Inquisição foram mudas tertemunhas, as scenas tristes dos autos de fé, em que as victimas amordaçadas, de pé, sobre uma fogueira, atadas a um poste de ferro, eram queimadas vivas, em presença dos entes mais queridos da vida, são indiscriptiveis ! E tudo isso em nome de Deus, em nome do Evangelho, em nome da Igreja, em nome da religião Catholica !

As torturas mais cruciantes, a applicação da polé, do potro, d'agua e do fogo para arrancar das victimas confissões veridicas ou falsas, os açoites, o carcere perpetuo ou temporario, o degredo para inhospitas e longinquas regiões,

a multa pecuniaria, o confisco dos bens, e a infamia votada sobre a memoria das victimas, e ainda sobre os seus descendentes, as penitencias espirituaes, e em fim a pena de morte nas fogueiras, tudo isso constituia o codigo penal do tribunal do Santo Officio!

Padres e dignidades da igreja, frades e prelados de ordens religiosas, officiaes do exercito, magistrados e advogados, homens de letras, medicos e fidalgos de alta linhagem, o sexo e a idade, nada respeitava a Inquisição.

« *Christãos-velhos* e *Christãos-novos*, diz um escriptor portuguez, eram igualmente perseguidos pela mais leve suspeita e insignificantissima denuncia, e nenhum vivente se podia dizer isento do seu furor. Felippe III de Castella e II de Portugal, com sua autoridade soberana não foi capaz de eximir-se a uma sentença dos Inquisidores, e em virtude della foi sangrado, e o seu sangue queimado ; e El Rei D. João IV, senão elle mas a sua memoria, foi victima ainda de um procedimento mais execrando e impiedoso ; escommungado depois de morto, foi o seu cadaver tirado do caixão á vista de um concusso immenso de fieis, da propria rainha viuva e de seus dous filhos, á isto constrangidos, para assistirem ao levantamento da excommunhão, achando-se o cadaver despojado das vestes reaes, e extendido no chão, junto aos pés do Conselho Geral do Santo Officio !

A Inquisição conhecia de todos os crimes em materia de fé, e de certos peccados, e tinha tambem jurisdição civil, pelo que tinha prisão e carceres, e impunha penas em virtude de autoridade especial concedida pelos soberanos de Portugal.

A jurisdicção do sanguinolento Tribunal da Inquisição, diz um historiador, abrangia os vivos e os mortos, os presentes e os ausentes ; não reconhecia autoridade senão a do Papa e a este mesmo illudia, e para este fim tinha sempre um seu agente na corte de Roma, como qualquer monarcha, e cujo melhor serviço se reduzia a fazer despresar sempre como suspeitas, exageradas, irreligiosas e ante-papaes, todas as queixas endereçadas contra a Inquisição, mesmo que fossem dirigidas pelo proprio monarcha : ditava leis em secreto, sem para ellas buscar a sancção regia, e regulava-se pelos seus malvados *Estylos*, de que ninguem tinha conhecimento, e contra os quaes, se fossem conhecidos, só poderia haver o recurso para o Santo Padre.

Alem disso, o Santo Officio conhecia dos crimes que

julgava, por declaração propria e voluntaria dos réos, ou por accusadores, umas e outras veridicas ou não, arrancadas pelo terror ou pelas torturas.

Como prescreve o § XII do titulo terceiro do *Regimento do Santo Officio da Inquisição dos Reinos de Portugal*, de 22 de Outubro de 1640, que trata da jurisdicção dos inquisidores, procediam :

Contra todas as pessoas ecclesiasticas, seculares e regulares, de qualquer estado e condição, que fossem culpadas, suspeitas ou infamadas no crime de judaismo ou em qualquer outra heresia : contra os que tendo confessado suas culpas, revogavam a confissão que dellas tinham feito : contra os que se jactavam de não haver commettido as culpas que confessaram : contra os chismaticos, fautores, receptadores e defensores dos hereges, e contra os que se communicavam com os mesmos e com os infieis, lhes forneciam armas e mantimentos, e sem causa iam á suas terras e andavam nellas : contra os que comiam carne em dias prohibidos : contra os que sem autoridade para tratar as materias de fé se intromettiam a disputar dellas e contras as blasphemos que proferiam proposições hereticas.

Contra os que faziam irreverencia ou desacato ao SS. Sacramento, imagem de Christo, de N. Senhora ou dos Santos, ou lhes negavam a veneração que se lhes deve, ou recebiam o SS. Sacramento não estando em jejum, contra os que usavam de magia e feitiçarias, contra os sacrilegos, advinhadores, astrologos judiciarios que prognitisavam o futuro, e contra os que invocavam o diabo e tinham pacto com elle.

Contra os que se casavam segunda vez sendo vivo o primeiro consorte e contra aquelles que maliciosamente concorriam para que taes casamentos se fizessem ; contra os clerigos de ordens saccras e religiosos professos que se casassem, e contra os que sendo casados se ordenavam ; contra os catholicos que se casavam com herege ou infiel ; contra os que diziam missa e confessavam sem serem sacerdotes ; contra os confessores solicitantes ; contra os que liam livros prohibidos e tributavam culto e veneração, como santos, a pessoas que não canonisadas ou beatificadas, e escreviam livros de seus milagres e revelações.

Contra os impedientes do ministerio do Santo Officio ; contra os que usurpavam a sua jurisdicção e se diziam ministros da Inquisição ; contra os que não cumpriam as penitencias impostas pelo Santo Officio ou fugiam do carcere ;

contra os que juravam falso na mesa do Santo Officio, ou para este effeito induziam ou corrompiam as testemunhas; contra os culpados no crime de sodomia; contra os ausentes e defuntos, que morriam antes ou depois de estarem puros nos carceres do Santo Officio, ou nelle se matavam ou endoudeciam; contra os que commetiam qualquer outro crime que o Edital da Fé declarava, ou que por disposição de Direito ou concessão da Sé Apostolica pertencia ou viesse a pertencer ao Santo Officio.

A Inquisição regia-se por Bullas especiaes e outros actos pontificios, e tinha um Regimento particular, sendo o o ultimo confeccionado pelo inquisidor geral o Cardeal D. Nuno da Cunha, e approvado por D. José I por Alvará com força de lei de 1 de Setembro de 1774.

Honrados e favorecido por todos os monarchas portuguezes, foi em fim o Santo Officio graduado por El Rei D. José em tribunal regio, em 20 de Maio de 1769, por cujo acto foi ordenado *que se lhe fallasse, escrevesse e requeresse por Magestade.*

A Inquisição tinha tambem as suas armas, que eram assim dispostas segundo uma discripção que encontramos: « uma cruz, tendo ao lado direito uma Oliveira com a letra *Misericordia* por cima, e a esquerda uma espada, com a letra tambem por cima, que dizia *Justitiæ*, e em contorno esta legenda dos Psalmos—*Exurge Deus, judica causa tuam* ».

Primeira estrada de ferro de Pernambmco (*)

Data de pouco mais de um seculo o systema de trilhos salientes e rebordo nas rodas dos carros, em substituição dos carris cavados na madeira, na pedra e no ferro, como se praticava na mais remota antiguidade, para facilitar a tracção dos vehiculos destinados ao transporte de grandes pesos, e como succedeu no Egypto quando se effectuou a conducção das massas enormes empregadas em seus monumentos.

A Inglaterra foi o primeiro logar em que se pôz em pratica esse grande melhoramento, que veiu ter maior desenvolvimento com a descoberta da locomotiva.

Em 1806 Thevithick tentou substituir a tracção por animaes pelo vapor, sendo para esse fim feita a primeira experiencia no paiz de Galles.

Jorge Stepheson, celebre engenheiro mechanico, inventou em 1824 as locomotivas, aperfeiçoadas em 1828 por seu filho Roberto Stepheson, que ganhou o premio offerecido ao inventor da machina que consumisse a propria fumaça, não pesando mais de seis toneladas, com a velocidade de dez milhas por hora.

Em 1830 foi pela primeira vez applicado o invento de Fulton, reservado até então á navegação, no caminho de ferro de Liverpool a Manchester.

Começaram depois disso as mais surprehendentes innovações nos caminhos de ferro, principalmente nos Estados-Unidos, onde póde dizer-se que se tem operado verdadeiras maravilhas.

No Perú proseguem actualmente os importantissimos trabalhos, interrompidos até 1892 por causa da guerra com o Chile, do ferro-carril de Calháo a Oroya, atravez dos Andes, com duzentos e vinte kilometros de extensão, passando-se a cordilheira por um tunel de 4,776 metros, altura que ainda não attingiu nem uma estrada de ferro do mundo.

(*) Devemos a melhor parte dos apontamentos de que nos servimos na presente noticia ao muito honrado Sr. Julio de Mello, thesoureiro da estrada de ferro do Recife a São Francisco.

Em 1823 começaram na França os ensaios para construcção de vias-ferreas, porém somente em 1842, depois de grande lucta entre os interesses publicos e os particulares, foi autorisado o primeiro caminho de ferro.

No Brazil o silvo da locomotiva ouviu-se quasi meio seculo depois das primeiras experiencias feitas na Inglaterra. Em 30 de abril de 1854 foi inaugurada a estrada de ferro de Mauá, a primeira construida no antigo imperio, e em 9 de fevereiro de 1858 a de Pernambuco, da qual daremos ligeira noticia.

Pelo decreto n. 1030 de 7 de agosto de 1852, referendado pelo conselheiro Francisco Gonçalves Martins, depois Visconde de São Lourenço, foi concedido a Eduardo de Mornay e Alfredo de Mornay privilegio exclusivo por noventa annos, nos termos da lei de 26 de julho daquelle anno, para construcção de um caminho de ferro na provincia de Pernambuco, o qual partindo do Recife e passando pelo rio *Serinhãem* na confluencia deste com o rio *Amaragy*, e pela povoação de *Agua-Preta* e *Garanhuns*, fosse terminar em um dos pontos da extensa navegação do rio *São Francisco*, por meio de uma companhia de nacionaes ou de estrangeiros que para esse fim seria organisada, sob as condições que baixaram com o referido decreto, e de que destacaremos as principaes que são as seguintes :

A encorporação da companhia se verificaria dentro de um anno, a contar da data do contracto, e os trabalhos da estrada começariam no prazo de dous annos, contados da encorporação.

O governo garantia-lhe o juro de cinco por cento sobre o capital empregado na construcção da linha principal, desde o primeiro dia em que estivesse concluida cada secção e franqueada ao publico.

O maximo do custo da obra garantida seria fixado pela companhia em vista de seus trabalhos preparatorios, planta e orçamentos, approvados pelo governo.

Os cofres publicos seriam indemnisados do que fosse despendido em virtude da garantia do juro estipulado, depois que a companhia tivesse realisado o dividendo de oito por cento, guardada a seguinte escala de porcentagem :

De 8 %..................................	1
De 9 %..................................	1 1/2
De 10 %................................	2

De 11 %.................... 2 1/2
De 12 %.................... 3

E assim por deante, cessando a garantia logo que a companhia conseguisse um rendimento liquido de cinco por cento em tres annos consecutivos.

Durante o privilegio a companhia perceberia os preços do transporte de mercadorias e passagens, segundo a tabella que fosse organisada pelo governo e conforme as bases estabelecidas.

Si o governo entendesse de conveniencia publica o resgate da concessão do caminho de ferro, poderia fazel-o mediante previa indemnisação, depois de passados trinta annos de duração do privilegio.

Todas as vezes que não se desse accordo entre o governo e a companhia a respeito de seus direitos e obrigações, a decisão seria proferida por juizes arbitros, nomeados pelas duas partes.

As condições estabelecidas por esse decreto foram modificadas pelo decreto n. 1245 de 13 de outubro de 1853, referendado pelo conselheiro Luiz Pedreira de Coutto Ferraz. Em virtude desse ultimo acto do governo, a construcção da estrada de ferro iria até ao rio *São Francisco*, acima da cachoeira de *Paulo Affonso*, no ponto que se julgasse mais conveniente depois das investigações a que se procedesse. Foi approvada a planta levantada pelo engenheiro M. A. Borthwick e apresentada pelos concessionarios, com declaração, porém, de que em logar de dirigir-se a estrada á *Agua-Preta*, terminasse o primeiro lanço na confluencia dos rios *Una e Pirangy*, como propunha o mesmo engenheiro.

O capital para pagamento do juro estipnlado foi fixado em 875,123 libras sterlinas, dividido pelo numero de leguas que a estrada de ferro tivesse, desde o ponto de partida na cidade do Recife até o *Pyrangy*, e á proporção que se fosse concluindo cada secção.

Quando os dividendos da companhia excedessem de 3/4 % ao anno, o excesso de taes dividendos seria repartido entre o governo e a companhia.

O valor do resgate seria regulado pelo termo medio do rendimento liquido de cinco annos dos mais rendosos dos ultimos sete.

Por esse decreto n. 1245 de 13 de outubro de 1853 foi

regulado o modo de proceder-se nos arbitramentos, quando se dessem duvidas entre o governo e a companhia.

Os estatutos da companhia, que foi organisada por Eduardo e Alfredo de Mornay com a denominação de—companhia de estrada de ferro desde a cidade do Recife até o rio São Francisco,— foram approvados por decreto n. 1246 da mesma data de 13 de outubro de 1853. A sede da direcção seria em Londres com um superintendente residente em Pernambuco.

O capital foi fixado em novecentas mil libras, representado por acções de vinte libras cada uma.

A lei provincial n. 353 de 21 de setembro de 1854, sanccionada pelo presidente doutor José Bento da Cunha e Figueiredo, autorisou o governo a conceder á companhia que se organisasse para a construcção da estrada de ferro de Pernambuco, a garantia de um juro que não excedesse de dous por cento, alem dos cinco por cento concedidos pelo governo geral, sobre o capital já fixado para a parte da mesma estrada até a confluencia dos rios *Una* e *Pirangy*, devendo a provincia ter direito á parte proporcional que se convencionasse, quando os lucros da companhia excedessem do maximo. Esses juros addicionaes nunca foram pagos ao thesouro nacional que os garantiu á companhia.

Assignado em Londres em 29 de maio de 1855 o contracto para a construcção da estrada, com as alterações contidas no decreto n. 1629 de 11 de agosto, e sendo subscriptas por capitaes inglezes quarenta e oito mil acções e reservadas apenas doze mil para o Brazil, foi a pedra fundamental lançada no dia 7 de setembro do mesmo anno, na ilha do Nogueira, conforme o primeiro plano adoptado, sendo agente da companhia George Furness, e inaugurados os trabalhos em março do anno seguinte ; tendo, porém, apparecido na provincia o cholera morbus e logo depois a febre amarella, foram victimas dessas epidemias os primeiros engenheiros vindos da Inglaterra, e entre elles o engenheiro chefe Borthwick, encarregado de levantar a planta, como já tivemos occasião de dizer, e seu ajudante Incker, ficando por esse motivo interrompidos os trabalhos da construcção, de modo que a inauguração da primeira secção até o Cabo somente pôde ter logar em 9 de fevereiro de 1858.

Tinha essa secção 103,787 metros ou 19 1/2 milhas inglezas. Não se achando inteiramente concluidas as obras, o presidente da provincia que era então o conselheiro Bem-

venuto Augusto de Magalhães Taques, concedeu a abertura da secção mediante certas condições; não sendo, porém, o governo obrigado ao pagamento de juros antes da conclusão definitiva; o governo geral, a quem foi encaminhada uma representação da directoria de Londres, mandou realisar o pagamento a contar do dia em que teve logar a abertura provisoria. O capital empregado na construcção da primeira secção foi fixado em 375,000 libras.

A segunda secção, que era do Cabo a Escada, foi entregue ao trafego publico em 2 de dezembro de 1860. Com sua construcção despendeu a companhia £ 413,755,4 s, ou 3,677,824$232 réis.

A terceira e ultima secção de Escada a Palmares foi inaugurada em 30 de novembro de 1862. Tem a estrada de ferro do Cabo a Palmares 124,739 metros de extensão. A declividade maxima é de 1 em 80; o raio minimo de curva 4.2 m.; a altura maxima dos cortes 16 m. e a dos atterros 13m.

As pontes são as seguintes:

Afogados com	seis	vãos	18m,19
Motocolombó,	cinco	»	»
Jaboatão	tres	»	»
Pirapama	dous	»	»
Utinga	»	»	»
Escada	»	»	de 24m.38, e 15m.29
Amaragy	um	vão	»
Duas Barras	dous	vãos	18m.29
Serinhãem	»	»	27m.43
Formigueiro	um	vão	13m.67

A estação central foi estabelecida *provisoriamente* em Cinco Pontas, porquanto era opinião geralmente acceita que a estação central devia ser collocada em logar mais proximo do movimento commercial; entretanto em Cinco Pontas conservou-se, sem as precisas acommodações, até o anno de 1884, quando começaram e terminaram os trabalhos da nova estação no mesmo logar que a principio pareceu a todos da maior inconveniencia.

Pela seguinte demonstração conhece-se perfeitamente qual o capital primitivo da companhia, e qual o capital existente garantido, deduzido o emprestimo feito pelo governo e addicionada a importancia autorisada em 1871;

quanto recebe a companhia semestralmente de juros sobre o capital primitivo e quanto sobre o addicional, reduzidos os juros a 1$000 ao cambio de 27 dinheiros; descriminada a responsabilidade do governo federal e a do estado de Pernambuco:

Estrada de Ferro de Pernambuco do Recife a S. Francisco

Capital primitivo da companhia..	£ 1.200.000	
A deduzir o emprestimo feito pelo governo, já amortisado	£ 400.000	£ 800.000
Capital addicional autorisado pelo governo em 1871.........		£ 485.660
Capital da companhia sobre o qual versa a garantia..........		£ 1.285.660
6 mezes de juros de 7 % ao anno do capital primitivo..........	£ 28.000,0,0	
6 mezes de juros de 5 % ao anno do capital addicional.........	£ 12.141,10,0	
Total da obrigação pela garantia do governo em 6 mezes..	£ 40.141,10,0	
Reducção a 1$000 ao cambio de 27 dinheiros:		
Capital primitivo.................	£ 800.000	7.111:111$111
Dito addicional....................	£ 485.660	4.316:977$778
Total..........		11.428:088$889
£ 40.141,10,0 de juros semestraes reduzidos a 1$000......		Rs. 356:813$333
Responsabilidade semestral do governo federal pela garantia do capital primitivo.	£ 20.000	177:777$778
Idem do estado de Pernambuco..................................	£ 8.000	71:111$111
Idem do governo federal pelo capital addicional..............	£ 12.141,10,0	107:924$444
	40.141,10,0	356:813$333

ANTONIO DE OQUENDO

Parece-nos que não será fora de proposito dar brev noticia de Antonio de Oquendo, o *heroe cantabro*, como erae denominado na patria, commandante em chefe dos navios hespanhoes e portuguezes que formavam a esquadra, que em 1631 enfrentou com as forças de mar hollandezas sob o mando do general Adriaan Janszoon Pater, na celebre batalha de que se occupa o primeiro artigo do presente numero da *Revista*.

Era Antonio de Oquendo filho de Miguel de Oquendo, general de marinha no reinado de Felippe II, o qual tomou parte no bloqueio de Lisboa em 1580, e serviu na *armada invencivel* enviada em 1588 contra Isabel de Inglaterra, proclamada pelo parlamento chefe da egreja anglicana. E' sabido que essa famosa esquadra, levando a seu bordo cincoenta mil homens de desembarque, não correspondeu á espectativa do monarcha hespanhol. Sahindo do Tejo foi destroçada nas costas da Grã-Bretanha por uma violenta tempestade, salvando-se apenas alguns navios.

Esse grande revez, que tanto feriu o orgulho de Felippe II, acha-se descripto pela penna habil de Lafuente e representado com a maior felicidade pelo pincel de José Gartner de la Peña.

A mãe de Antonio de Oquendo era Maria de Zandatequi, senhora de Torre de Lasarte, filha de Christovam Lopez de Landategui, celebre jurisconsulto.

Nasceu em 1577 na cidade de São Sebastião, capital da provincia de Guipúzcoa, uma das trez intendencias da capitania geral do mesmo nome, comprehendo as provincias bascas ou vascongadas, e que para gloria da nação hespanhola tem concorrido com grande numero de marinheiros illustres, cujos nomes acham-se indicados pelo historiador Nicolau de Soraluce y Zubizarreta.

Com dezeseis annos de edade começou em 1593 sua carreira sob as ordens de Pedro de Toledo, que contra os turcos commandava as galeras de Napoles, passando pouco depois a servir, em 1604, na esquadra commandada por Luiz Fajardo, que apezar da mocidade de Antonio de Oquendo, que contava então vinte e sete annos, lhe confiou commissão

arriscadissima, como era de dar caça a um corsario inglez, que fazendo grandes estragos, percorria as costas de Portugal e da Hespanha.

Sómente com dous navios sahiu Oquendo do Tejo em 15 de julho daquelle anno, e nas costas da Hespanha encontrou-se com os navios inimigos em numero muito superior. O corsario inglez conseguiu abordar o navio do joven marinheiro e lançar-lhe a bordo cem homens de combate, que encontraram inesperadamente resistencia tão violenta e lucta tão encarniçada, que afinal o triumpho pronunciou-se pelos hespanhoes que alcançaram a mais decidida victoria.

Depois desse grande feito foi Oquendo, tendo apenas trinta annos de edade, nomeado chefe da esquadra de Biscaya.

Entre os seus feitos memorandos merece especial menção o soccorro prompto que prestou á praça de Mamora, cujos defensores livrou do assedio dos mouros, e a estes obrigou á vergonhosa retirada, pelo que foi muito elogiado pelo rei de Hespanha.

Depois dessa façanha foi encarregado de bater os hollandezes que atacavam os navios hespanhoes que voltavam das Indias.

Eis o modo porque o distincto escriptor Angelo Lasso da Veiga, a quem devemos muitos dos apontamentos de que nos servimos nesta noticia, descreve a batalha de 1631, a que nos referimos ha pouco.

« Entre os feitos mais notaveis de Oquendo se offerece o triumpho conseguido sobre os hollandezes, quando estes em 1631 dominavam pelo terror a praça de Pernambuco e a Bahia de Todos os Santos. Com inferior numero de navios, mal armados, emprehendeu horrivel e desesperada lucta contra elles e obteve a mais assignalada victoria. O almirante Honspater, ao ver-se vencido, atirou-se ao mar, onde pereceu. Mil e oitocentos hollandezes succumbiram nesse sangrento combate. Quinhentos mortos e duzentos feridos foram as perdas dos hespanhóes. São Salvador e outras praças brazileiras viram-se livres dos inimigos, pelo soccorro prestado por tão esforçado caudilho.

Não foi tão vantajoso o exito de outro combate contra os hollandezes ; teve, porém, Oquendo a gloria de conseguir no meio do destroço de sua armada, que sua capitanea batesse as naus inimigas, causando-lhes grande estrago. Esse acontecimento confirmou o que ja era confessado por seus

proprios inimigos ; o marinheiro hespanhol era invencível ; ninguem podia abater o seu denodo.»

Depois desses factos gloriosos continuou Oquendo a prestar relevantes serviços á sua patria, até que adoecendo em Coruna, falleceu em 1640.

Seu filho Miguel Oquendo, marquez de San-Millán, seguiu a mesma carreira de seu avô e de seu pae e escreveu a vida do celebre *heroe cantabro*.

No dia 12 de setembro ultimo foi inaugurada em Zurriola (São Sebastião de Guipúzcoa), com festas esplendidas, a estatua de Antonio de Oquendo, tendo sido a primeira pedra do grande monumento lançada em 5 de setembro de 1887, pelo joven rei da Hespanha que contava então pouco mais de um anno de edade. A estatua tem trez metros de altura e todo o monumento quinze metros ; custou vinte e dous mil duros.

L. F.

INVENTARIO (*)

DAS ARMAS E PETRECHOS BELLICOS QUE OS HOLLANDEZES DEIXARAM NA PROVINCIA DE PERNAMBUCO, QUANDO TEVE LOGAR A RESTAURAÇÃO EM 1654.

Illustrissimo Senhor.—Havendo a Assemblea Legislativa Provincial resolvido, á requerimento de um de seus membros, que pelos canaes competentes se mandem copiar os livros manuscriptos que existem na Thesouraria, relativos ao armamento e petrechos de guerra, deixados pelos hollandezes, quando foram forçados a evacuar esta provincia ; e bem assim a relação dos predios, que os mesmos hollandezes aqui edificaram, ou repararam ; e que depois de copiados, sejam impressos, sahindo a despesa da quota das eventuaes ; assim o communico a Vossa Senhoría para levar ao conhecimento do Excellentissimo Senhor Presidente da Provincia. Deus Guarde a Vossa Senhoria.—Secretaria da Assemblea Legislativa Provincial de Pernambuco, 30 de abril de 1838.—Illustrissimo Senhor Jeronymo Martiniano Figueira de Mello, Secretario da Provincia.—*João Evangelista Leal Periquito*, Primeiro Secretario.

Contem este livro em si cento e noventa meias folhas todas numeradas e rubricadas por mim, o Provedor da Fazenda de Sua Magestade ; hade servir para nelle se inventariar tudo o que se achou neste Recife, nos fortes, armazens, casas de polvora, e tudo mais trem della, que pertença a a Fazenda de Sua Magestade. Recife, 20 de fevereiro de 1654.—*Cosme da Costa Passos.*

(*) Estando esgotada a edicção deste importante documento, feita por conta do governo em 1839, julgou o Instituto conveniente reproduzil-o em sua *Revista*, assim como o inventario dos predios que os hollandezes haviam edificado ou reparado até o anno de 1654.

Inventario do que se achou nos armazens e casas de polvora deste Recife e da banda de Santo Antonio

§ 1· *O que se achou na casa da polvora da banda de Santo Antonio foi o seguinte* :

Balas de trabucos 52— Balas de corda de artificio do mar 10—Petardos de bronze cheios 8—Petardos de bronze vasios 6—Petardos de ferro cheios 8--Mais um petardo de ferro vasio— Um morteiro de bronze que servia de pesar polvora— Granadas cheias 264—Granadas vasias 76—Arpeos com seus artificios de fogo 6—Bombas de artificio de fogo 2—Quatro cunhetes e meio de materias de refinar polvora— Uma caixinha meia de salitre—Balas de quatro libras 109 — Quatro bocetas de balas de mosquete—300 trabucos grandes—220 trabucos pequenos. Mais 2350 grandes.

Polvora que se achou em dita casa

166 barris grandes de polvora com 824 arrobas e 11 libras. Mais 312 barris pequenos de polvora com 777 arrobas e 22 libras.

§ 2· *Polvora que se achou na casa da porta do Recife*

50 barris pequenos de polvora com 134 arrobas e 29 libras.

Polvora molhada que se achou na dita casa

6 barris de polvora molhada com 14 arrobas e 10 libras. Mais 49 granadas—Alcancias 26.

§ 3· *O que se achou no armazem das armas deste Recife é o seguinte* :

Arcabuzes flamengos 4339—Arcabuzes desconcertados 114—Clavinas que podem servir 448—Clavinas desconcertadas 80—Canos de ditas clavinas 95—Espingardas com seus fechos 18—Espingardas sem fechos 9—Pistolas de roda 22 —Pistolas francezas 27—Pistolas sem fechos 2—Bolsas de ditas pistolas 35—Pistolas francezas de cavalgar 4—Pistolas velhas que não tem concerto 72—Canos de ditas pistolas 20

—Canos de arcabuzes 1282—Mosquetes biscainhos 79—Canos de ditos mosquetes 29—Bacamartes de metal 23—Bacamartes de ferro 5 — Canos de ditos bacamartes 3— Traçados flamengos 804—Espadas 20—Folhas de espada 4—Adagas 85—Chuços 117—Alabardas 47—Hasteas de bandeira 3 - Ponteiras de espadas 250—Ponteiras de traçados 20—Guarnições de traçados 57 — 97 fechos de bandoleiras de 10 bandoleiras cada um—Caixas de guerra com seus parques 5 — Aros de ditas caixas 15—170 pares de vaquetas das ditas caixas de guerra.—Freios de cavallos 11—Estribeiras flamengas 44—91 pares de esporas de ferro—42 almofaças—14 formas de ferro de fazer polvora— 6 formas de metal do mesmo effeito—1350 formas de ferro—1850 pás calçadas de ferro—450 macetes—450 sacos—Serrotes pequenos 15—Serras 19—Meios serrotes 13—Foices roçadeiras 10—Enchadas com seus picaretes 21—Mais 32 enchadas—Enchadas velhas com picões e sem picões 170.—Sacatrapos e reixas das armas 800—Raios de ralar mandioca 42.—Fuzis de serra braçaes 25—2 eixos da Ribeira—Limas grandes 18—Cannas de tirar assucar 7—1 martello—Sacos desencavados 56—Trados flamengos 47— 1 marrão de carpinteiro—Eixos goivas velhas 7—Ferros de calafate 6—Craveiras de ferreiros 3—1 marreta pequena—Caldeirões de ferro coado sãos 15—Caldeirões de ferro quebrados 13—Almofarizes de ferro 8—Tornos de serralheiro 3 — 1 braço de balança de ferro grande —Pastas de cobre 7--Roldanas de metal pequenas 3—Mais 1 roldana de metal grande—1 roldana de ferro—Ferro que se pesou no dito armazem 153 arrobas e 5 libras—Aço que se pesou no dito armazem 19 arrobas e meia—Soquetes de corda de artilheria com suas lanadas para o mar 93—Colheres de quatro libras 8 —Colheres de doze libras 6—Colheres de vinte e quatro libras 14—Sacatrapos 6— Guarda cartuchos entre grandes e pequenos 40—500 libras de chumbo em pasta—4 pães cobertos de chumbo—Cangas de carregar os flamengos ás costas 40 —Bocetas de folhas com balas cada uma de vinte libras 97—Bocetas de balas de dez libras de peso cada uma 89 — Bocetas de balas de tres libras cada uma 85 Mais bocetas de balas de dez libras de peso cada uma 30—1 caldeira em que se obravam os materiaes dos trabucos.—2 petardos de bronze—1 almofariz de metal grande—7 signos em que... está feito pedaços. Barris pequenos de estrepes 14— 3 barris de estrepes de quatro pontas—959 libras de munição miuda — 160 libras de balas de pistolas—1525 libras de balas de

mosquete— Roqueiras de ferro 24—Camaras de ferro 24— Roqueiras de metal pequenas 2—Roqueiras de metal maiores 2— 1 camara de metal—2 peças pequenas de metal—2 peças maiores de metal 1 pedreiro pequeno em sua carreta.

Balaria de artilheria que estava no dito armazem

710 balas de vinte e quatro libras—1460 balas de dezoito—220 balas de doze—950 balas de dez—320 de oito—780 balas de seis—440 balas de trez—310 balas de uma libra —Palanquetas de vinte e quatro 158—Palanquetas de doze 60.

§ 4· *Balaria que se achou em uma casa neste dito Recife*

2600 balas de vinte e oito libras—8100 balas de vinte e quatro libras—500 balas de vinte libras—2000 balas de desoito - 600 balas de quatorze—6050 balas de doze—500 balas de picão de doze -1150 balas de oito—4150 balas de seis libras —600 palanquetas de vinte e quatro—2100 palanquetas de doze —2258 palanquetas de dez libras—Balas de trabuco 70 — 70 balas de pedreiro de pedra—500 balas de picão de seis libras—450 balas de quatro—Mais 200 grandes.

Morrão que se achou em dito armazem das armas

5648 madeixas de morrão de embira—556 arrobas e 22 libras de morrão de linho—Mais 3811 libras de morrão de linho que se acharam em sete caixões.

§ 5· *O que se achou no armazem defronte de palacio é o seguinte :*

28 barris de pregos de ferro com 584 arrobas e 24 libras— 3 barris de pregos de encaixar com 45 arrobas e 3 libras—3 barris de enxofre, dous cheios e um meio—18 anzoes de arpoar—528 varas de lona—1 ruma de amarra grossa que se não póde pesar (1)—7 barris de alcatrão—17 ancoras que estavam na praia em frente do palacio, 12 grandes e 5 pequenas.

(1) A ruma de amarra grossa em frente se contou perante o provedor da fazenda real Cosme da Costa Passos e do almoxarife Gaspar Fernandes Madeira, e se achou ter dita ruma 8 amarras.

Traslado do inventario do que se achou nas forças deste Recife e praça delle, de artilheria e munições

Forte do Buraco—2 peças de artilheria de ferro de uma libra de bala, grande uma, que pesaria cada uma, pouco mais ou menos, 1600 libras—1 peça de ferro de tres libras de bala que pesa 690 libras, marcada com sua respectiva marca (1)—Outra peça de ferro do mesmo calibre, pouco mais comprida que a de cima, todas quatro cravadas, duas dellas cavalgadas em suas carretas velhas. Mais se achou uma carreta velha, cujo ferro se pode aproveitar.

Do que se achou no Perexil——1 peça de bronze de dez libras de boca que pesa 463 libras (2)—Uma peça de duas libras de boca.—Outra peça de ferro de tres libras de bala cravada--Outra peça de ferro de uma libra de bala—Outra peça de ferro de duas libras de bala— 3 hasteas de lanadas com seus soquetes.

Do que se achou no forte do Brum

Uma peça de bronze de doze libras de bala que pesa 3554 libras, marcada com as armas das Provincias Unidas a qual veiu do Forte do Buraco (3)——Uma peça batida de uma libra de bala que pesa 460 libras, competentemente marcada e cavalgada em uma carreta velha com seus apparelhos e treze balas (4)—Uma peça de bronze de doze libras de bala que pesa 2600 libras, cavalgada em uma carreta do mar, marcada com um navio e outra differente marca, com sua cucharra e seis balas—Uma peça de bronze de doze libras de bala que pesa 2540 libras com a marca da peça acima, gravada junto a marca, descavalgada e sem apparelho algum (5)—Duas peças de bronze de desoito libras de bala que pesa uma 2556 libras e a outra 2534 libras, respectivamente marcadas, cavalgadas em carretas do mar, com sua cucharra, sacatrapo, lanada, soquete, planchadas de chumbo (6)—Uma peça de bronze de 8 libras de bala que pesa 172 li-

---

(1) Não vão apontadas as marcas desta e das mais differentes peças por não haver nesta provincia quem as abrisse em metal.

(2) Esta peça se passou para o forte do Brum.

(3) Esta peça de doze libras se deu ao general Sigismundo.

(4) Esta peça batida se deu ao general Sigismundo.

(5) Esta peça se deu ao general Sigismundo.

(6) A peça que pesa 2534 libras se deu ao general Sigismundo.

bras, marcada competentemente e cavalgada em uma carreta novacom seus apparelhos (1)—Uma peçade ferro de 1 libra de bala que pesa 2630 libras, com uma só marca, com seus apparelhos, cavalgada com dez balas—Uma peça de bronze de 18 libras de bala, que pesa 2900 libras, marcada com a marca de Irlanda, cavalgada em uma carreta nova com seus apparelhos e 39 balas—Uma peça de bronze de 24 libras de bala que pesa 4792 libras da marca da Irlanda, cavalgada em uma carreta nova, com seus apparelhos e 26 balas—Uma peça de bronze de seis libras de bala, que pesa 648 libras, com sua respectiva marca e cavalgada com seus apparelhos—Uma peça de bronze de deseseis libras de bala que pesa 35 quintes e 72 libras marcada com as armas da Hespanha, cavalgada com seus apparelhos e 35 balas — Uma peça de bronze de deseseis libras de bala, que pesa 38 quintaes, 1 arroba e vinte e quatro libras, marcadas com as armas de Portugal, cavalgada em uma carreta velha, cujas rodas são podres, com seus apparelhos e 35 balas—Uma peça pequena de bronze de seis libras de bala, que pesa 516 libras, marcada com um navio e outra differente marca, cavalgada com seus apparelhos e 11 balas -1 peça batida de 2 libras de bala que pesa 250 libras, competentemente marcada, cavalgada com sua chumbada e 12 balas—Uma peça de bronze pequena de seis libras de bala que pesa 294 libras, descavalgada, marcada das armas do principe de sangue, a qual veiu do forte do Buraco.—Uma peça de bronze de dez libras de bala, que pesa 34 quintaes, 1 arroba e 12 libras, com as armas de Portugal, cavalgada em uma carreta velha com seus apparelhos, 9 balas e uma palanqueta—Uma peça batida de uma libra de bala, que pesa 428 libras, com sua respectiva marca, cavalgada em carreta nova com seus apparelhos e 14 balas (2)—Uma peça batida de uma libra de bala, que pesa tres quintaes e duas arrobas e meia, sem marca, cavalgada em uma carreta velha com seus apparelhos e vinte balas—Uma peça de bronze de seis libras de bala, que pesa 476 libras, com sua competente marca, cavalgada em carreta do mar, a qual veiu do Buraco.—Duas peças de bronze pequenas de oito libras de bala cada uma, uma pesa 189 libras e a outra 188, sem apparelho e ambas vieram do

(1) Esta peça que pesa 172 libras se deu ao general Sigismundo.
(2) A peça batida se deu ao general Sigismundo

Buraco (1)—26 arcabuzes—12 bacamartes—5 machados velhos— 4 madeixas de morrão de embira—23 bandoleiras—1 guarda cartuchos — 48 granadas de ferro--Chuços 39—12 cartuchos de polvora de 4 libras cada um—4 cartuchos de dez libras cada um—10 cartuchos de seis libras—Mais cinco cartuchos de 6 libras—Dous cartuchos de cinco libras—33 carrinhos de carregar terra—2 carretas de campanha—1 sino pequeno quebrado—4 barris de polvora com 699 libras—Outro barril de polvora encetado que teria cem libras.

Do que se achou no forte de terra

Uma peça de ferro em uma carreta velha, que pesa 1600 libras, de seis libras de bala—Uma peça de ferro do mesmo calibre com sua chumbada—7 peças mais de ferro do mesmo calibre —Uma peça de ferro de dez libras de bala, que pesa 3110 libras, com 26 balas—Uma peça pequena de ferro de quatro libras de bala, com 12 balas —89 balas de 6 libras —5 Cucharras—8 arcabuzes, 6 bandoleiras.

Do que se achou na bateria da porta do Recife da banda do mar

Uma peça de bronze de doze libras de bala, que pesa 2770 libras, marcada com um navio e com outra differente marca, cavalgada com seus apparelhos e 18 balas—1 peça de bronze de dez libras de bala, que pesa 25 quintaes, 3 arrobas e 10 libras, marcada com as armas de Portugál, cavalgada em uma carreta velha, com seus apparelhos e 35 balas —Uma peça de bronze de dez libras de bala, que pesa 26 quintaes, com as armas de Portugal e coroa serrada com o fogão, com seus apparelhos, cavalgada em uma carreta velha com 17 balas—Uma peça de bronze de dez libras de bala, que pesa 28 quintaes e 16 libras, marcada com as armas de Portugal, cavalgada em uma carreta velha com seus apparelhos e 4 balas—Uma peça de bronze de desoito libras de bala, que pesa 1906 libras, com sua respectiva marca, cavalgada com seus apparelhos e 4 palanquetas, 1 bala de picão, 14 balas de cadeia e 22 balas redondas (2)—Uma peça de bronze de seis libras de bala, que tem 606 libras, pouco mais ou menos, da qual se não pode conhecer a marca; cavalgada com seus petrechos e 2 pés de cabra—4 peças de ferro, que

(1) Esta peça se deu ao general Sigismundo.
(2) Esta peça batida se deu ao general Sigismundo.

estavam na praia, pegada a esta plataforma, descavalgadas, e sem apparelho algum—1 barril de polvora de 100 libras—5 cartuchos de seis libras—17 cartuchos de cinco libras—13 cartuchos de seis libras—14 cartuchos de doze libras—7 cartuchos de quatro libras—11 cartuchos de quatro libras—1 guarda cartuchos—25 granadas cheias—Mais 11 cartuchos de seis libras— 2 cartuchos de dezeseis libras— 2 cartuchos de dez libras.

Do que se achou na bateria do porta do Recife da banda da Sequa

1 peça de bronze de 10 libras de bala que pesa 31 quintaes e 76 libras, marcada da marca de Hespanha, cavalgada em uma carreta nova, com seus apparelhos, 20 balas e 1 pé de cabra—1 peça de bronze de vinte duas libras de bala, que pesa 51 quintaes e 7 libras, marcada com as armas da Hespanha e cavalgada em uma carreta nova, com seus apparelhos e 40 balas—1 peça de bronze de 18 libras de bala, que pesa 2852 libras, com sua competente marca; cavalgada com seus apparelhos, 9 balas redondas e 4 de cadeia—1 peça de bronze de 16 libras de bala, que pesa 35 quintaes e 10 libras, marcada com as armas de Hespanha, cavalgada com seus apparelhos e 9 balas—1 peça de ferro de 6 libras de bala, que pesa 2400 libras, pouco mais ou menos, cavalgada em uma carreta velha, com seus apparelhos e 28 balas redondas—1 peça de bronze de deseseis libras de bala, que pesa 37 quintaes, 2 arrobas e 24 libras, a qual passou da outra bateria de pedra a esta com as armas de Portugal e com seus apparelhos—1 peça de ferro de seis libras de bala, que pesa 2400 libras, pouco mais ou menos, cavalgada com seus apparelhos e com 24 balas—1 peça de ferro de cinco libras de bala, descavalgada.

Do que se achou na bateria do Páo-Mouxo da porta do Recife da banda do mar

1 peça de ferro de quatro libras de bala, que pesa 1500 libras, cavalgada com seus apparelhos—1 peça de ferro de dez libras de bala, que pesa 1530 libras, cavalgada em uma carreta velha com seus apparelhos—1 peça de ferro de quatro libras de bala, que pesa 1300 libras, cavalgada em sua carreta com seus apparelhos; tinha esa bateria 18 balas redondas de quatro libras.

Do que se achou na bateria junto a casa de João Voltrim

1 peça de bronze de seis libras de bala, que pesa 1576 libras, com sua respectiva marca, e cavalgada com seus apparelhos e 13 balas—1 peça de bronze de dez libras de bala, que pesa 1572 libras, da mesma marca que acima, com sua carreta nova e seus apparelhos.

Do que se achou junto ao caes defronte de palacio

1 peça de ferro de 4 libras de bala, descavalgada, que pesa 2610 libras, sem apparelho algum—1 peça de ferro de tres libras bala, descavalgada e sem apparelho algum --1 peça de ferro de quatro libras de bala, descavalgada e sem apparelho algum- 1 peça de ferro de quatro libras de bala, descavalgada sem apparelhos ; não tem numero de peso—1 peça de ferro do mesmo calibre, descavalgada sem numero de peso—2 pedreiros de bronze de 8 libras de bala cada um, descavalgados, que pesa cada um 187 libras, ambos marcados, sem apparelho algum—1 peça de ferro pequena de uma libra de bala, descavalgada, que pela conta tem 300 libras de peso—1 peça de bronze de 24 libras de bala que pesa 4497 libras, descavalgada, que veiu do forte do Buraco, com a marca das Provincias Unidas (1)—1 peça de bronze de 12 libras de bala, que pesa 3622 libras, descavalgada com a marca das Provincias Unidas (2)—1 peça de bronze de quatro libras de bala, que pesa 16 quintaes e 2 libras, com as armas de Portugal descavalgada (3) — Uma peça de ferro de oito libras de bala que pesa 1800 libras, descavalgada e sem apparelho algum—1 peça de bronze de vinte e quatro libras de bala, que pesa 4652 libras, descavalgada, com sua respectiva marca (4) —1 peça de bronze de desoito libras de bala, que pesa 4013 libras, descavalgada, marcada com um navio e outra differente marca—1 peça de bronze de vinte e quatro libras de bala, que pesa 4300 libras, marcada com a marca acima—1 peça de bronze de 18 libras de bala, que pesa 4020 libras, descavalgada, marcada com a marca acima—1 peça batida de seis libras de bala, que pesa 556 libras, descavalgada, com sua respectiva marca—1 peça de bronze pequena de tres li-

(1) Esta peça foi para o Brum.
(2) Esta peça foi para o Brum.
(3) Esta peça foi para o Brum.
(4) Esta peça foi para o Brum.

bras de bala que pesa 255 libras, descavalgadas com sua competente marca—1 peça de bronze do mesmo calibre e marca acima que pesa 256 libras, descavalgada—1 peça de bronze de seis libras de bala, que tem 320 libras, com sua respectiva marca, descavalgada—1 peça de bronze do mesmo calibre e marca acima, que pesa 386 libras—1 peça de bronze de 12 libras de bala, que pesa 333 libras, marcada com dous cachorros; descavalgada.

Do que se achou na plataforma do caes defronte de palacio

1 peça de ferro de cinco libras de bala, que pesa 1600 libras, cavalgada em uma carreta nova e sem apparelhos—1 peça de bronze de doze libras de bala, que pesa 1747 libras, cavalgada com sua competente marca e com seus apparelhos —1 peça de bronze de vinte e quatro libras de bala, que pesa 4269 libras descavalgada e marcada com a marca dos Estados, com seus apparelhos e 12 balas—1 peça de bronze de vinte e quatro libras de bala, que pesa 4587 libras, cavalgada com seus apparelhos e marcada com a marca dos Estados, que é um leão; tinha esta peça 2 pés de cabra.

Polvora que se achou no armazem da porta do Recife

9 barris grandes de polvora de 160 libras para cima—38 barris de polvora de tres arrobas cada um—29 barris de de polvora de arroba e meia cada um.

Do que se achou na bateria abaixo da porta do Recife da parte do rio defronte do Sequó

1 peça de bronze de doze libras de bala, que pesa 1675 libras, com um navio por arma e outra differente marca; cavalgada com duas hasteas e sem soquetes—1 peça de bronze de 12 libras de bala, que pesa 1585 libras, cavalgada em uma carreta velha sem apparelho nenhum, com sua marca—1 peça de bronze de 12 libras de bala, que pesa 1770 libras, cavalgada em uma carreta do mar velha, com sua competente marca, sem apparelho algum—1 peça de bronze de doze libras de bala, que pesa 1308 libras, cavalgada em uma carreta nova, e marcada com marca acima. Acharam-se nesta bateria 35 balas de 12 libras, 3 balas de 4 libras 1 cucharra

com seu sacatrapo. Mais se achou junto a dita bateria na praia: 2 peças de ferro de 6 libras de bala que pesa uma 2930 libras e a outra 2975 libras. Está mais no dito sitio uma peça de ferro que não val nada.

Do que se achou na bateria da banda do rio junto a ponte

1 peça de bronze de doze libras de bala, que pesa 1590 libras, cavalgada em uma carreta velha do mar, com sua respectiva marca—1 peça de bronze do mesmo calibre da mesma marca, que pesa 1604 libras, pouco mais ou menos pelo não declarar a peça; cavalgada em uma carreta velha do mar. Acharam-se nesta bateria 9 balas redondas, 2 de cadeia, 1 cucharra com seu sacatrapo.

Artilheria que se achou descavalgada no terreiro do armazem defronte da casa do commissario

1 peça de ferro de quatro libras de bala sem numero de peso—1 peça de ferro de seis libras de bala, que pesa 1740 libras—1 peça de ferro de cinco libras de bala, que pesa 1790 libras—1 peça de ferro de cinco libras de bala, que pesa 2050 libras—1 peça de bronze de doze libras de bala, que pesa 1880 libras, com sua competente marca (1)—1 peça de ferro de seis libras de bala, que pesa 1650 libras—1 peça de ferro de oito libras de bala, que pesa 2300 libras, com sua respectiva marca—1 peça de ferro de seis libras de bala que pesa 2350 libras, da marca acima—1 peça de ferro de seis libras de bala, que pesa 2350 libras—Uma peça de ferro de tres libras de bala sem numero de peso—Uma peça de ferro de duas libras de bala, sem numero de peso—1 peça de ferro de quatro libras de bala sem numero de peso—1 peça de ferro de quatro libras de bala, sem numero de peso—Duas peças de ferro de quatro libras de bala cada uma, sem numero de peso—1 peça de ferro de quatro libras de barra, que pesa 1540 libras—1 peça de ferro de quatro libras de bala, que pesa 2190 libras—1 peça de ferro de seis libras de bala que pesa 1970 libras—1 peça de ferro de quatro libras de bala, que pesa 2200 libras, com sua competente marca—Uma peça de ferro de quatro libras de bala, que pesa

(1) Esta peça se deu ao general Sigismundo.

2080 libras— 1 peça de ferro de 5 libras de bala, que pesa 2310 libras—1 peça de ferro de cinco libras de bala, sem numero de peso—1 peça de ferro de duas libras de bala, sem numero de peso — 1 peça de ferro de duas libras de bala, sem numero de peso—2 peças de ferro de quatro libras de bala cada uma, que pesa cada uma dellas 1500 libras—1 peça de ferro de tres libras de bala que pesa 1500 libras—1 peça de ferro de seis libras de bala que pesa 2016 libras—1 peça de ferro de quatro libras de bala, sem numero de peso—

Umapeça de ferro de seis libras de bala, que pesa 2210 libras — Uma peça de ferro de quatro libras de bala, sem numero de peso — 1 peça de ferro de tres libras de bala, que pesa 1620 libras—1 peça de seis libras de bala, sem numero de peso—1 peça de ferro de cinco libras de bala, sem numero de peso—1 peça de ferro de seis libras de bala, que pesa 2050 libras, com sua respectiva marca—1 peça de ferro de seis libras de bala sem numero de peso—1 peça de ferro de tres libras de bala, que pesa 1525 libras—1 peça de ferro de quatro libras de bala, que pesa 1970.libras, com uma flor de liz por marca—1 peça de ferro de quatro libras de bala, sem numero de peso—1 peça de ferro de quatro libras de bala, sem numero de peso—1 peça de ferro de seis libras de bala, sem numero de peso – 1 peça de ferro de quatro libras de bala, que pesa 1500 libras—1 peça de ferro de quatro libras de bala, sem numero de peso—1 peça de ferro de quatro libras de bala. que pesa 2290 libras—1 peça de ferro de quatro libras de bala, que pesa 2310 libras, da marca da peça acima—1 peça de ferro de seis libras de bala, sem numero de peso, com sua respectiva marca—1 peça de ferro de quatro libras de bala, sem numero de peso—1 peça de ferro de quatro libras de bala, sem numero de peso, com sua respectiva marca—1 peça de ferro de quatro libras de bala, sem numero de peso—1 peça de ferro de seis libras de bala, que pesa 2500 libras, marcada com a marca de Irlanda—1 peçe de ferro do mesmo calibre e da marca da peça acima—1 morteiro de trabuco de bronze que pesa 1595 libras com as armas de Hespanha — 1 peça de ferro de seis libras de bala encravada, sem numero de peso—1 peça de ferro de quatro libras de bala, sem numero de peso--1 peça de ferro de seis libras de bala, sem numero de peso 2 peças de ferro de quatro libras de bala cada uma sem numero de peso—1 peça de ferro de 8 libras de bala cravada, sem numero de peso—4 peças de ferro de 4 libras de bala, cada uma, sem numero

de peso—1 peça de ferro de quatro libras de bala, que pesa 2070 libras — 1 peça de ferro de quatro libras de bala, que pesa 2020 libras—1 peça de ferro de oito libras de bala, que pesa 2790 libras—1 peça de ferro de oito libras de bala, que pesa 2770 libras—1 peça batida de cinco libras de bala, que pesa 538 libras, marcada com sua competente marca —1 peça de ferro de seis libras de bala, que pesa 1710 libras—1 peça de ferro de quatro libras de bala, que pesa 1675 libras—3 peças de ferro de quatro libras de belo cada uma, sem numero de peso—1 peça de ferro de oito libras du bala, que pesa 2470 libras, com as armas da Irlanda—6 peças de ferro de quatro libras de bala cada uma, sem numero de peso—3 peças de ferro de 4 libras de bala cada uma, sem numero de peso—1 peça de ferro de 8 libras de bala sem numero de peso—1 peça de ferro de 8 libras de bala, que pesa 29 quintaes, uma arroba e 2 libras— 1 peça de ferro de quatro libras de bala, sem numero de peso—2 peças de ferro de quatro libras de bala, que pesa cada uma 1550 libras—1 peça de ferro de quatro libras de bala, sem numero de peso—1 peça de ferro de oito libras de bala, que pesa 2122 libras—1 peça de ferro de quatro libras de bala, que pesa 1500 libras—1 peça de ferro de seis libras de bala, que pesa 1775 libras– 1 peça de ferro de seis libras de bala, que pesa 2000 libras—1 peça de ferro de oito libras de bala, que pesa 2950 libras—1 peça de ferro de seis libras de bala, sem numero de peso—1 peça de ferro de quatro libras de bala, sem numero de peso—1 peça de ferro de oito libras de bala, sem numero de peso—1 peça de ferro de oito libras de bala, que pesa 1956 libras.

Do que se achou no forte do mar

Uma peça de bronze de dez libras de bala, que peza 19 quintaes, 2 arrobas e 8 libras, com as armas de Portugal, cavalgada em uma carreta velha do mar-- 1 peça de bronze de vinte e quatro libras de bala, que pesa 39 quintaes e 31 libras, com as armas de Hespanha, cavalgada em uma carreta velha de mar—Uma peça de bronze de 24 libras de bala, que pesa 38 quintaes, com as armas de Hespanha, cavalgada em uma carreta velha—1 peça de bronze de dez libras de bala, que pesa 22 quintaes e 3 arrobas, marcada com as armas de Portugal, cavalgada em uma carreta velha—1 peça de bronze de dezoito libras de bala que pesa 3250 libras, sem armas algumas, cavalgada em uma carre-

ta velha— Uma peça de bronze de 14 libras de balas, que pesa 108 quintaes, e 12 libras, com as armas de Hespanha, cavalgada em uma carreta velha — 1 peça de bronze de quatorze libras de balas, que pesa 38 quintaes e 70 libras com as armas de Hespanha, cavalgada em uma carreta velha. Tinha esta artilheria suas chumbadas, 4 cucharras, 5 lanadas, 3 soquetes, 3 sacatrapos, 21 palanguetas, 6 pés de cabra, 69 balas redondas da dita artilheria, 11 reguas entre grandes e pequenas, 2 madeixas de morrão de linho, 1 de embira, 1 barril de polvora de 16 arrobas e meia, outra com duas arrobas, pouco mais ou menos, por estar encetado, 514 balas redondas entre grandes e pequenas e 55 palanquetas.

Do que se achou no forte de S. Antonio

Uma peça de bronze de vinte e quatro libras de bala, que pesa 35 quintaes, 1 arroba e 16 libras, com as armas de Portugal, cavalgada em uma carreta, cujas rodas não servem por serem muito velhas--1 peça de bronze de duas libras de bala, sem numero de peso, cavalgada em uma carreta velha do mar, com seus apparelhos—1 peça de bronze de cinco libras de bala, sem numero de peso, nem armas, cavalgada em uma carreta nova, com 3 balas e 9 de vinte e quatro libras e 1 pé de cabra—1 peça de bronze de quatr olibras de bala, que pesa 321 libras, cavalgada em uma carreta nova com seus apparelhos, com 5 balas—1 peça de bronze de vinte e quatro libras de bala, que pesa 37 quintaes, 1 arroba e 24 libras com as armas de Portugal, cavalgada em uma carreta nova com seus apparelhos e 10 balas—1 peça de bronze de dezeseis libras de balas, que pesa 15 quintaes e 38 libras, com as armas de Hespanha, cavalgada em sua carreta nova, com seus apparelhos e 11 balas—1 peça de bronze de vinte e quatro libras de bala, que pesa 2820 libras, com um navio por marca e outra mais differente marca, a qual peça tinha vindo do forte do Buraco ; está apeada mas tem sua carreta nova— 1 peça de bronze de seis libra de bala, que pesa 655 libras, com as armas de Amsterdam, em uma sarreta velha com seus apparelhos e 16 balas—1 peça de bronze de bronze de seis libras de bala, que pesa 670 libras, com as armsa de Amsterdam, cavalgada em uma carreta velha com seus apparelhos, com seis balas e 7 cartuchos de 16 libras de polvora--1 peça pequena de quatro libras de bala, que pesa

316 libras, sem armas, cavalgada em uma carreta velha com sua chumbada, sem mais apparelhos—1 peça pequena de bronze de cinco libras de bala, sem numero de peso, nem armas, cavalgada em uma carreta nova com sua chumbada, cucharra, sacatrapos e 6 balas—1 peça de bronze de vinte e quatro libras de bala, que pesa 2858 libras, com suas respectivas armas, cavalgada em uma carreta velha com seus apparelhos, 4 balas e 7 cartuchos—1 peça de bronze de seis libras de bala, que pesa 351 libras, com suas respectivas armas, chumbada, sem mais apparelho algum—1 peça de bronze de seis libras de bala, que pesa 376 libras, marcada com a marca da peça acima, com sua carreta e sua chumbada, sem mais apparelho algum—1 peça de ferro de tres libras de bala, sem numero de peso, nem armas, com sua chumbada, cavalgada, sem mais apparelhos—1 morteiro de trabuco de bronze, que pesa 900 libras, com suas respectivas armas, cavalgado em uma carreta de quatro rodas, das quaes lhe falta uma—1 peça de ferro de seis libras de bala, descavalgada, sem apparelhos—1 peça de ferro de cinco libras de bala, que pesa 2 quintaes e 2 arrobas, cavalgada em uma carreta velha, com sua chumbada e sem mais apparelhos—2 peças de ferro, uma de seis libras de bala e outra de oito, ambas descavalgadas e duas carretas velhas, sem mais apparelhos.

Do que se achou na bateria de Santo Antonio detraz da casa da polvora

1 peça de bronze de oito libras de bala que pesa 175 libras, em uma carreta velha, com as armas de Amsterdam, com sua lanada, soquete e sacatrapos—1 peça de bronze de doze libras de bala, que pesa 1600 libras, com as armas de Amsterdan, cavalgada em sua carreta nova com seus apparelhos —1 peça de bronze de doze libras de bala, que pesa 1600 libras; tem por armas um navio e outra differente marca; em sua carreta nova com 14 balas—1 peça de bronze de seis libras de bala, que pesa 526 libras, com as armas da peça atraz, em sua carreta nova com seus apparelhos—1 peça pequena de bronze de uma libra de bala, que pesa 89 libras, cavalgada em sua carreta nova e com sua competente marca —1 peça de bronze de seis libras de bala, que pesa 586 libras, cavalgada em sua carreta nova, com um navio por marca e outra differente marca, sem apparelho algum.

Do que se achou na bateria do gallo as portas de Santo Antonio

1 peça de ferro de seis libras de bala, sem numero de peso, cavalgada em sua carreta nova com seus apparelhos e 5 balas—1 peça de ferro de seis libras de bala, sem numero de peso, cavalgada em sua carreta nova com seus apparelhos e 8 balas—1 peça de bronze de 16 libras de bala, que pesa 35 quintaes e 58 libras, com as armas da Hespanha, cavalgada em carreta velha, com seus apparelhos e 25 balas —1 peça de bronze de vinte e quatro libras de bala, que pesa 4500 libras, com as armas de Amsterdam, cavalgada em carreta velha com seus apparelhos, 6 balas e 4 pés de cabra— 1 peça de ferro de 3 libras de bala, sem numero de peso, cavalgada em carreta velha do mar, com seus apparelhos e 8 balas—1 peça de ferro de tres libras de bala, sem numero de peso, em uma carreta velha com seus apparelhos—1 peça de bronze de seis libras de bala, que pesa 522 libras, com a marca de Amsterdam, cavalgada em uma carreta velha— 1 peça de bronze do mesmo calibre, que pesa 516 libras da mesma marca, cavalgada com seus appárelhos e 8 balas—18 balas de 24 libras, 37 de 6 libras, 14 guarda cartuchos, 1 barril de polvora que terá 80 libras, 1 sino pequeno de bronze que está no porta de Santo Antonio.

Do que se achou na bateria detraz da igreja dos francezes

1 peça de bronze de quatro libras de bala, que pesa 324 libras cavalgada em uma carreta nova, com seus apparelhos (1)—1 peça de bronze de doze libras de bala, que pesa 1520 libras, cavalgada com seus apparelhos e com sua competente marca, (2)—1 peça de ferro de cinco libras de bala, sem numero de peso, com seus apparelhos, cavalgada em sua carreta nova—1 peça de bronze de doze libras de bala, que pesa 1455 libras com sua respectiva marca, cavalgada em sua carreta nova com seus apparelhos (3)—1 peça de ferro de quatro libras de bala, sem numero de peso, cavalgada em sua carreta velha com sua chumbada—1 peça de

---

(1) Esta peça se deu ao general Sigismundo.
(2) Esta peça se deu ao general Sigismundo.
(3) Esta peça se deu ao general Sigismundo;

ferro de cinco libras de bala, descavalgada e sem apparelho algum — 1 peça de ferro de tres libras de bala, cavalgada sem apparelho algum, com 17 balas pequenas e 11 grandes.

Do que se achou no forte das Cinco Pontas

1 peça de bronze de dez libras de bala que pesa 25 quintaes, 2 arrobas e 26 libras, com as armas de Portugal, cavalgada em uma carreta velha com 23 balas — Uma peça batida de seis libras de bala, sem numero de peso nem armas, cavalgada em uma carreta velha com seus apparelhos e 90 balas (1)—1 peça de ferro de seis libras de bala, que pesa 2740 libras cavalgada em uma carreta velha com seus apparelhos e com sua competente marca — 1 peça de ferro de cinco libras de bala, que pesa 2300 libras, cavalgada em uma carreta velha com seus apparelhos, marcada com a marca acima, com 19 balas e 3 palanquetas—1 peça batida de seis libras de bala, descavalgada que pesa 536 libras sem apparelho, com a marca acima (2)—1 peça de bronze de 24 libras de bala, que pesa 2820 libras, marcada com um navio e outra differente marca, cavalgada em uma carreta nova com seus apparelhos, 24 balas e 4 palanquetas—1 peça de bronze de oito libras de bala, que pesa 181 libras, marcada com a marca acima, cavalgada em uma carreta velha sem apparelhos—1 peça de bronze de dez libras de bala, que pesa 1225 libras, com sua respectiva marca, cavalgada em uma carreta velha com seus apparelhos (3)—1 peça de bronze de oito libras de bala, que pesa 189 libras, cavalgada em uma carreta velha, com seus apparelhos e marcada com a marca acima—1 peça de ferro de duas libras de bala, sem numero de peso, cavalgada em uma carreta velha, com seus apparelhos e 7 balas—1 peça de bronze de cinco libras de bala, sem numero de peso, marcada com sua respectiva marca, descavalgada, sem apparelho algum (4)—1 peça de ferro de 16 libras de bala, sem numero de peso, cavalgada em uma carreta velha com seus apparelhos, 2 balas redondas, 7 palanquetas e 1 pé de cabra—1 peça de ferro de cinco libras de bala, sem numero de peso, com uma flor de lis por ar-

(1) Esta peça se deu ao general Sigismundo.
(2) Esta peça se deu ao general Sigismundo.
(3) Esta peça se deu ao general Sigismundo.
(4) Esta peça se deu ao general Sigismundo.

mas, cavalgada em uma carreta velha com seus apparelhos e 45 balas—1 peça de bronze de desoito libras de bala, que pesa 32 quintaes, tres arrobas e 23 libras, com as armas de Portugal, com seus apparelhos e 46 balas, 2 cartuchos cheios de balas miudas de tres libras cada um—1 peça de bronze de doze libras de bala que pesa 209 libras, com as armas do principe d'Orange, cavalgada em uma carreta velha, com seus apparelhos (1) —1 peça de ferro de seis libras de bala, descavalgada, sem numero de peso, nem apparelhos—Duas peças de bronze, uma de doze libras de bala, que pesa 2630 libras e a outra do mesmo calibre, que pesa 2575 libras marcadas com um navio e outra differente marca, cavalgadas em suas carretas novas e 18 balas.

Polvora e munições que se acharam neste dito forte das Cinco Pontas

5 bocetas de balas de mosquete—1 barril de polvora que tinha na cabeça 178 libras—1 barril de polvora molhada e desfundado, que está meio— Mais 1 barril de dita polvora que terá arroba e meia, desfundado—Mais 1 barril grande cheio de cartuchos de arcabuz—37 granadas cheias e uma vasia—1 cunhete de balas—24 madeixas de morrão de linho 10 de embira—Mais 2 barris de polvora pequenos—Mais 1 barril grande de polvora de 180 libras—1 barril grande de polvora que terá 1 arroba—2 cunhetes pequenos de balas—Mais 2 arrobas de balas em barril pequeno aberto—54 granadas cheias—2 madeixas de corda de linho—Mais 11 barris de polvora com 55 arrobas—2 planchadas de chumbo grandes— 2 formas de balas, uma de bronze e outra de ferro —4 madeixas de morrão de linho—mais 28 madeixas de morrão de embira—40 mosquetes de peça—10 esmirlhões—2 ferros de serra larga—*2 alfanges de cortar cabeça*—100 libras de balas miudas—1 sino de bronze—124 balas de vinte e quatro libras—54 balas de doze libras—54 balas de dez libras —56 balas de uma libra—90 balas de seis libras—70 balas de tres libras— 34 balas de dezeseis libras.

Do que se achou em uma casa forte defronte das Cinco Pontas

4 peças de ferro de tres libras de bala cada uma, caval-

(1) Esta peça se deu ao general Sigismundo.

gadas em carretas do mar já usadas, 2 cucharras, 1 lanada, 1 soquete e 16 balas.

Do que se achou na casa da Bôa-Vista

2 peças de ferro uma de tres libras de bala e a outra de duas libras, em que não se achou numero de peso, descavalgadas—1 carreta, 12 granadas vasias, 1 sino pequeno ; detraz da casa do commandante e do Coz se achou mais 1 trabuco de bronze, que pesa 1590 libras, com as armas de Hespanha, cavalgado em uma carreta de quatro rodas todas com seus apparelhos.

Do que se achou na força dos Afogados

1 peça de ferro de cinco libras de bala, cravada e sem numero de peso, cavalgada em sua carreta sem apparelho algum — 1 peça de ferro tambem cravada de seis libras de bala, que pesa 2115 libras, cavalgada com sua lanada e soquete— 1 peça de ferro de tres libras de bala, sem numero de peso, cavalgada sem apparelho.

Do que se achou na força da Sequa

2 peças de bronze de doze libras de bala, sem numero de peso, com um leão por arma, cavalgadas em suas carretas do mar ja velhas, com 2 cucharras, 2 sacatrapos, 2 lanadas, 1 soquete e 38 balas—1 peça de bronze de campanha de duas libras de bala, que pesa 245 libras, com um navio por arma e outra differente marca, cavalgada em carreta velha com seus apparelhos e 12 balas—1 peça de ferro de duas libras de bala, sem numero de peso, cavalgada em uma carreta do mar velha com seus apparelhos—1 peça de ferro que está mettida no mar junto a dita força que não se lhe tomou a embocadura—39 balas de differentes calibres.

Do que se achou no forte da Barreta que se entregou a Diogo de Santiago, como consta do seu recibo que está junto ao inventario que fizeram os officiaes da Fazenda Real, do todas as forças deste Recife.

Primeiramente quatro peças de artilheria de ferro, duas

encravadas e duas desencravadas—Mais 2 peças de ferro descavalgadas—230 balas de ferro—1 sacatrapo com sua cucharra, um soquete com sua lanada, 3 carretas de artilheria e 6 carretas velhas de carregar terra.

Do que se achou na casa forte abaixo da força da Barreta

Uma peça descavalgada de ferro— Outra peça de ferro cavalgada e encravada—Outra peça de ferro descavalgada e deitada na praia—2 cucharras com seus soquetes—2 sacatrapos com suas lanadas — 54 balas, o que tudo acima da dita casa forte se entregou tambem ao dito Diogo de Santiago, como consta do dito recebimento.

Do que se achou na Casa Forte do Reguó

3 peças de artilheria de ferro e uma quebrada pelo meio —16 balas de 24; 18 de quatro; 9 cartuchos de polvora; 1 saco pequeno; 14 madeixas de morrão de embira; 2 cucharras; 2 fogareos; 1 caixa com alguns vasos pequenos, que tem alguma cousa de botica.

Do que se achou na força nova que foi nossa, situada que foi na casa Sequa

2 peças de bronze de 8 libras de bala—2 peças de bronze de 6 libras de bala, em que entra 1 meia colombrina—5 peças de bronze de 4 libras de bala—1 peça de ferro; 4 cucharras, 8 soquetes com suas lanadas, 5 barris de polvora, 1 com 183 libras neto, outro com 170 libras neto, outro com 182 libras netto, outro com 170 libras netto, outro barril pequeno com coisa de 48 libras neto, outro barril aberto que teria obra de 12 libras, 1 barril de farinha da terra, 1 barril de sevada, 1 ferrolho grande de ferro, meia arroba de balas. de arcabuz flamengo; 1 sino pequeno, 6 barris que serviram de agoada; 8 bacamartes, 15 pás; 12 balas pequenas de artilheria e 4 grandes; 20 bandoleiras, 58 arcabuzes flamengos e 6 balas mais dos ditos; 2 guarda-cartuchos, 2 pastas de chumbo inteiras e um pedaço de outra, 1 picareta, 1 martello de seixo, 30 madeixas de morrão de linho, 14 madeixas de morrão de embira, uma ferragem velha de uma carreta, 1 roda de um carro matta chapeado de ferro, 42 taboas

de pinho, 57 chuços muito somenos com suas hasteas de Marges.

O conteudo neste livro de folhas até folhas é o que se achou nos armazens, casas de polvora e forças desta praça do Recife, que por ordem do Provedor da Fazenda Real, Cosme da Costa Passos, se inventariaram, assistindo o Procurador da dita Fazenda, o Dr. Manoel Barbosa da Silva, e o Feitor e Almoxarife della Gaspar Fernandes Madeira e o capitão de artilheria e o condestavel João San para declararem os calibres da artilheria e o mais trem della; em fé e verdade do que se assignaram aqui, e eu Francisco de Misquita, escrivão da Fazenda de Sua Magestade, que o escrevi neste dito Recife de Pernambuco, em os vinte e cinco dias do mez de Março de seiscentos e cincoenta e quatro.—*Cosme da Costa Passos— Gaspar Fernandes Madeira—Dr. Manoel Barbosa da Silva.*

NOTAS DA REDACÇÃO

Do presente inventario verifica-se que os hollandezes, por occasião da sua expulsão de Pernambuco, deixaram no Recife tresentas e tres peças distribuidas pelo modo seguinte:

	De bronze	*De ferro*
Armazem das armas....................	4	1
Forte do Buraco........................		4
Perexil..	2	3
Forte do Brum............................	17	5
Forte de terra.........		11
Forte do mar.............................	7	
Forte de Santo Antonio.....	24	9
Porta do Recife do lado do mar....	6	1
Idem do lado do rio.....................	5	3
Idem Pau Mocho..........................		3
Idem proximo ao rio......................	4	2
Junto a casa de João Voltrim......	2	
Defronte de palacio......................	17	9
Ponte proxima ao rio....................	2	
Igreja dos francezes.....................	3	4
	93	55

	93	55
Cinco Pontas......................................	10	12
Palacio da Boa-Vista..........................		2
Afogados		3
Seca..	12	3
Barreta...		9
Reguó		4
Armazem do commissario...............	1	99
	116	187
		116
		303

Esse numero resultante do inventario, feito dous mezes e dezoito dias depois da restauração, não corresponde ao que se acha indicado por Southey em sua *Historia do Brazil*, ao occupar-se do processo em que foi mettido Sigismundo Schoppe, por ter abandonado o Recife, entregando aos portuguezes quasi duzentas peças de bronze, sendo cento e cincoenta peças e meia peças de bateria e tresentas a quatrocentas de ferro, avaliado tudo em um milhão de rizdallers.

E' sabido que o general Sigismundo e os dous membros do governo colonial Hendrik Haecks e Walter Schoonenburch, ao chegarem á Hollanda, foram accusados pelo publico e especialmente pela Companhia das Indias Occidentaes por não terem defendido, como lhes cumpria, as possesões hollandezas, entregando tantas praças fortes de facil defesa, em seu entender. O primeiro respondeu perante um conselho de guerra, instituido pelos Estados Geraes da Republica, e foi em 20 de março de 1655 condemnado a perder todos os vencimentos e mais vantagens pecuniarias a que pudesse ter direito e os dous ultimos foram presos em suas proprias casas e responsabilisados perante o tribunal provincial, não nos constando o resultado do processo.

Entre os documentos trazidos da Hollanda pelo illustrado consocio Dr. José Hygino Duarte Pereira, e dos quaes trata o seu importantissimo relatorio impresso no numero 30 da *Revista*, contam-se os que foram extrahidos da collecção denominada *Criminele Papieren*, constando de interrogatorios dos reos, depoimentos de testemunhas e varias memorias escriptas pelos principaes funccionarios da colonia que se achavam no Recife quando se deu a capitulação, es-

pecificados na relação de pagina 167 do mesmo numero, merecendo particular menção os relatorios de Sigismundo acerca da entrega do Brazil, escriptos em 29 de julho e 7 de agosto, interrogatorio de Hascks em 28 de dezembro de 1654 e 20 de fevereiro de 1655, artigos a que tinha de responder Sigismundo, confrontado com Haeks, de 22 de fevereiro, interrogatorio de Sigismundo em 25 do mesmo mez e afinal a sentença do conselho de guerra de 20 de março do mesmo anno de 1655 á qual já nos referimos.

Consta tambem do inventario acima transcripto que ao general Sigismundo foram entregues doze peças de bronze, uma de ferro e tres batidas. A entrega dessas peças fez-se por ordem do governo portuguez em obediencia a um dos artigos da capitulação de 19 de janeiro de 1654, pela qual tinha o general direito a receber as peças de ferro que fossem necessarias para defesa dos navios em que devia effectuar-se o transporte dos hollandezes, que podiam retirar-se do Brazil levando seus bens moveis e conduzindo os que fossem casados com brazileiras, suas mulheres si estas quizessem acompanhal-os, ou ficar residindo no Brazil, sendo tratados no mesmo pé de egualdade dos demais estrangeiros. Alem dessas peças de ferro promettera o governo dar-lhe mais vinte de bronze de calibre 4 a 18 para o navio em que o general embarcasse. A entrega foi feita, como se vê, em numero muito inferior ao estipulado.

Do inventario consta tambem o numero enorme de trabucos, clavinas, espingardas e pistolas, mosquetes, bacamartes, traçados flamengos, espadas, adagas e chuços; assim como quanta bala e quanta polvora ainda existiam nos armazens, fortalezas e reductos dos hollandezes. De polvora perto de setecentos barris; de balas, petardos, granadas, bombas, palanquetas, roqueiras etc., é difficilimo contar o numero.

O governo hollandez e sobre tudo a Companhia das Indias Occidentaes não podiam comprehender como dois mil combatentes que dispunham de tão amplos recursos, não conseguiram levar do vencida o grande patriotismo daquelles que depois de vinte e quatro annos das mais atrozes perseguições, haviam jurado resgatar o Brazil do omninoso dominio hollandez.

O leitor desse longo inventario, si teve a paciencia de o ler integralmente, havia de ter observado, com repugnan-

cia, que entre os objectos encontrados no forte de Cinco Pontas, estavam *dois alfanges de cortar cabeça !*

A guerra fazia-se então (como ainda hoje !) de um modo cruel. Os hollandezes matavam os inimigos que aprisionavam, assim como os seus soldados que passavam ou tentavam passar para as hostes contrarias e os proprios neutros de quem tinham qualquer suspeita. Davam-lhes a morte, enforcando-os, isto é fazendo *montar guarda entre o ceu e a terra* na phrase cynica do flamengo que escreveu o *diario* publicado no numero 32 da *Revista*, ou degolando-os ; ainda que tivessem as barbas tão crescidas e espessas como as do velho grego Ajax, o mestre Henrique, seu executor, lhes cortava as cabeças tão eguaes que jamais teriam necessidade de barbeiro, accrescenta o mesmo escriptor. A outros, depois de enforcados, cortavam a cabeça, como succedeu a Francisco Fernandes de Bulhões que teve a audacia de tentar corromper Paulus de Linge, director da Parahyba, ou decapitavam e esquartejavam, como praticaram com o portuguez João Vieira d'Allegro, suspeito de traição. Os escravos que se prestavam a levar cartas aos inimigos, eram açoitados e marcados com fogo. Até onde iriamos si quizessemos enumerar todos os actos de atrocidades praticados pelos invasores de nossa patria ?

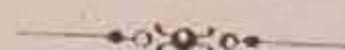
Dessas execuções era encarregado o mestre Henrique, de quem fallamos ha pouco. A morte que deu a tantos, soffreu-a elle de egual modo. No dia 1 de abril de 1647 foi agarrado pelos portuguezes que lhe cortaram a cabeça com o seu proprio facão. Apresentaram-se muitos candidatos ao seu emprego, que não nos consta por quem foi occupado dessa vez.

Em 1635 para servir tão repugnante officio, offereceu-se por escripto, João Lugberts, que havia sido pastor da egreja reformada na Parahyba, allegando saber e poder exercel-o. Foi acceito, segundo consta do *notulo* de 26 de janeiro daquelle anno, dando-se lhe por mez a mesma quantidade de vinho a que tinha direito o outro carrasco, quando decapitava, enforcava, ou praticava actos que taes ! !

INDICE DOS NS. 45 E 46



ERRATA DO N. 46



PAG.	LINHAS	ERROS	EMENDAS
103	1	Batlha	Batalha
104	3	galões	galeões
133	18	se	ser
138	29	pesarão	pesaram
148	40	responde	respondeu
152	25	1848	1748
153	18	garratado	garrotado
156	32	que	de que
157	20	concusso	concurso
158	27	prognitisavam	prognosticavam
»	38	não	não eram
159	4	puros	presos
»	15	Honrados	Honrado
176	13	quintes	quintaes
180	1	descavalgadas	descavalgada



Typ. do « Jornal do Recife »



REVISTA

DO

INSTITUTO ARCHEOLOGICO

E

GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO

N. 47



PERNAMBUCO

TYPOGRAPHIA DO «JORNAL DO RECIFE»
47—Rua 15 de Novembro—47

1895

Mesa administrativa do Instituto



PRESIDENTE,

Desembargador Manoel Clementino Carneiro da Cunha.

1· VICE-PRESIDENTE,

Dr. Cicero Odon Peregrino da Silva.

2· VICE-PRESIDENTE,

Desembargador Adelino Antonio de Luna Freire.

3· VICE-PRESIDENTE,

Conselheiro João José Pinto Junior.

1· SECRETARIO,

Dr. João Baptista Regueira Costa.

2· SECRETARIO,

Major José Domingues Codeceira.

SUPPLENTES,

Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa.
Augusto Cesar da Cunha.

ORADORES,

Dr. José Izidoro Martins Junior.
Dr. Clovis Bevilaqua.

THESOUREIRO,

Commendador Antonio Gomes de Miranda Leal.

COMMISSÃO DE CONTAS,

Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva.
Dr. Joaquim Antonio de Castro Loureiro.
Dr. José Lopes Pessoa da Costa.

COMMISSÃO DE REDACÇÃO,

Dr. João Baptista Regueira Costa.
Dr. Cicero Odon Peregrino da Silva.
Desembargador Adelino Antonio de Luna Freire.
Dr. Fancisco Augusto Pereira da Costa.

A BATALHA NAVAL DE 1631 (*)

Joris Adriaensen Calf da guarnição da almiranta *De Vereenighde Provintien*, em carta dirigida aos directores da companhia e tambem remettida pelo hyate *De Catte*, portador das primeiras noticias, dá conta da expedicção da frota hollandeza e descreve assim a batalha :

A 11, quinta-feira, attingimos ao meio-dia a altura de 15 46' e ao pôr do sol foram vistas, primeiramente do navio do Sr. general quinze velas ao sudoeste da nossa frota. Isto causou não pequeno movimento nos nossos navios, pois durante a noite não se dormiu, trabalhando todos em preparar a nossa gente para a seguinte manhã.

A 12, em começando a romper o demorado e desejado dia, vimos quatro navios ao sudoeste, e a proporção que o sol subia, fomos vendo tantos que não podiamos contar por se moverem de uma para outra parte. Endireitou para elles a nossa frota que se compunha de dezeseis velas, e tendo chegado a um tiro de distancia, assentou-se a ordem em que os nossos navios abordariam os do inimigo, pois verificamos que este era muito mais forte do que nos faziam crer as informações anteriormente obtidas.

Como a vice-almiranta hespanhola era o navio que estava mais proximo, nós (do *Vereenighde Provintien*) fomos os primeiros a abordar, vindo muito tempo depois em nosso auxilio o navio *Provintie van Utrecht* que estava incumbido de nos dar assistencia. Pouco depois succedeu queimar-se este ultimo navio que tinha então ao lado dous galeões, um dos quaes, a vice-almiranta hespanhola, mettemos a pique e outro tomamos com promessas de quartel.

O navio do Sr. general (*Prins Wilhelm*) acompanhado do *Walcheren*, abordou a capitanea hespanhola e todos se houveram com muito valor. Succedeu, porém, a lamentavel desgraça de atear-se o fogo no navio do Sr. general,

(*) Continuamos a transcrever os documentos pertencentes ao nosso archivo, traduzidos pelo illustrado consocio Dr. José Hygino Duarte Pereira, e publicados no *Jornal do Commercio* da capital federal.

como se ateára no *Provintie van Utrecht*, os quaes pela tarde voaram um pouco depois do outro.

A guarnição podia ter sido facilmente salva pelos navios que estavam perto, mas fugiram todos, permitta-se-me a expressão, como um bando de poltrões, e desta falta e do modo porque se houveram ulteriormente nem hoje nem na eternidade elles se poderão justificar.

Si se tivessem portado como gente honrada e procedido como lhes fôra ordenado, é certo que destruiriamos completamente, com o favor de Deus, aquella armada, pois tinhamos o Senhor por nós na batalha. Quanto ao mais, refiro-me ao relatorio do Sr. almirante......

O *diario* de Jan van Leeuwesen, tambem enviado pelo *Catte* aos directores da companhia ou a alguma de suas camaras, mostra que após o combate, não havia certeza, na armada hollandeza, da morte do almirante-general Pater.

Na manhã de 12 (de setembro), diz o *diario*, sendo dia claro, avistou-se toda a armada inimiga a barlavento da nossa.

Houve conselho de todos os capitães a bordo da nossa capitanea e a vista do inimigo; depois do que avançamos a sudoeste com os nossos dezeseis navios sobre a armada hespanhola, indo á frente o almirante Pater.

Depois de disparar alguns tiros, elle abordou o navio do hespanhol, chamado D. Antonio de Oquendo, biscainho, e por sua vez recebeu sobre o lado um galeão hespanhol, que o *Walcheren* immediatamente abordou, e logo foi o *Walcheren* abordado por um terceiro galeão.

O nosso vice-almirante M. Thyssen estava a um bom pedaço de nós e depois de ter feito muitos disparos, abordou o navio do vice-almirante hespanhol, chamado *Balecilla*, tambem biscainho. Após um forte ataque de M. Tyssen, o navio do vice-almirante hespanhol foi a pique e sossobrou aos nossos olhos. Ateou-se, porém, o fogo no *Provintie van Utrecht*, bem como no *Prins Wilhelm*, navio do almirante Pater, os quaes queimaram até a tarde.

Si o general Pater foi salvo pelos hespanhoes ou si pereceu como é muito de recear, não se sabe, e não appareceu em nossa frota até o dia 15 do dito mez.

O navio *Fortuin* abordou tambem um dos do inimigo sendo cercado, depois de um breve combate, por tres navios hespanhoes. Seguiu-se uma furiosa peleja e logo tivemos cinco homens mortos, o nosso quartel-mestre e qua-

tro soldados, e dez homens feridos, entre os quaes o nosso capitão e primeiro piloto....

Tomamos sómente um dos navios inimigos que carrega, segundo informam os hespanhoes, cerca de 300 caixas de assucar, bem como madeira e fumo.

Fariamos damno a um maior numero de navios inimigos, conforme a nossa gente diz, si tivesse havido esforço de todos os nossos navios, como houve da parte de nove ou dez. Posteriormente se poderá verificar quaes foram os que atiraram de longe pelo pouco damno que em si receberam, bem como pelo pequeno numero de mortos e feridos que tiveram...

E assim, depois de um vigoroso combate que durou quatro ou cinco horas, sendo tres do inimigo contra um dos nossos, apartaram-se elles de nós e nós delles, e á tarde o nosso almirante M. Thyssen nos chamou á falla para recommendar a nós e aos outros navios que não nos desviassemos.

A carta firmada por Jacques Couwe e por Jan Mast, bravo capitão do *Walcheren*, e dirigida com data de 6 de outubro á camara da Zelandia, é mais explicita quanto ao sinistro do navio de Pater:

A armada hespanhola compunha-se de 53 velas, entre as quaes contavam-se 19 galeões. Tendo-se approximado della, o Sr. general colheu as velas e fez signal que todos os capitães se reunissem a bordo da capitanea para o fim de deliberar-se sobre a ordem a seguir no ataque. Foi resolvido que os nossos navios, dous a dous, abordariam cada um dos navios mais grossos do inimigo e fariam por capturar ou metter a pique o adversario, conforme a occasião. Nós (do *Walcheren*) tinhamos de auxiliar o Sr. general na abordagem da capitanea hespanhola, e o *Provintie van Utrecht* auxiliaria o almirante M. Thyssen na abordagem da almiranta hespanhola.

Endireitamos pois para o navio do general hespanhol, que foi logo abordado pelo general Pater e depois por nós. Immediatamente dous galeões hespanhoes vieram em auxilio de sua capitanea, e dest'arte ficaram entre si presos esses cinco navios.

Um dos ditos galeões, denominado *S. Jorge* que estava diante da prôa de *Walcheren*, foi mettido a pique; e, depois de andarmos abordados desde as 10 horas da manhã até as 4 da tarde, tendo nós muito que fazer de um e de outro lado, a capitanea hespanhola afastou-se com o auxilio de

um cabo que um outro galeão lhe lançára, e ficaram completamente destroçados os nossos dous navios, o *Prins Wilhelm* e o *Walcheren*.

Empregamos todo o esforço para separarmo-nos um do outro, pois o fogo manifestára-se com muita força na camara do Sr. general e passaria ao *Walcheren*, si este não se fizesse ao largo.

Apartado o *Prins Wilhelm* do nosso navio, o Sr. general bradou para nós que chamassemos outros navios a soccorrel-o. Isto fizemos nós, mas elles não vieram e deixaram que o fogo consumisse a nossa capitanea. Della recolhemos cinco ou seis pessoas, que passaram-se para o *Walcheren*, emquanto os dous navios estavam juntos. Os hespanhoes, porém, salvaram-lhe muita gente, visto como dous pequenos barcos hespanhoes andaram por muito tempo á roda do *Prins Wilhelm*, e recolheram muitas pessoas, o que os nossos navios bem podiam ter feito commodamente, si tivessem cuidado disto.

Nós mesmos (do *Walcheren*) teriamos de bôa vontade mandado para lá a nossa chalupa, mas estando o nosso navio muito damnificado, rotas as velas e as cordoalhas, de modo que só nos podiamos utilisar do velacho, era impossivel proteger com o navio a nossa chalupa, e por outro lado não duvidamos de que os outros navios, que não estavam deteriorados e traziam os botes suspensos á popa, salvassem o general e a sua gente.

Si cada qual tivesse cumprido a ordem que recebera e empregado todo o seu esforço como fizeram os do *Walcheren* e e de mais cinco ou seis navios, é sem duvida que a armada inimiga seria destroçada. Mas ha ahi navios que, Deus seja louvado, não tiveram mortos nem feridos.

Tendo assim corrido o combate, andavam os nossos navios tão espalhados, como si já tivessem sido batidos. Foram-se reunindo pouco e pouco; navegamos durante toda a noite para o norte e no dia seguinte não vimos mais a armada hespanhola.

— A grave accusação feita por Jan Mast na sua carta aos directores da camara da Zelandia, encontra confirmação no inquerito que desde logo se abriu no Recife sobre o procedimento de alguns dos capitães dos navios da frota hollandeza. Eis o depoimento de Joost Mast, piloto do *Walcheren*:

Disse ter ouvido o Sr. general chamal-os durante o in-

cendio ; mas, como estavam tão destroçados que não lhe podiam dar assistencia, chamaram á falla o *Goeree* para que salvasse o Sr. general ; que este navio tambem lhes fallou, mas não entenderam o que dissera ; que o *Goeree* não viera dar soccorro e passára por traz do navio do Sr. general e que estivera a menos de um tiro de mosquete, quando a capitanea se queimava. Disse mais que o dito *Goeree* podia ter-se chegado ao *Prins Willelm*, porquanto bem podia manobrar as suas velas, e não o fizera. Disse ainda que, como o *Goeree*, os navios *Groeningen*, *Amersfoot* e *Hollandia* tambem podiam ter salvo o Sr. general ; que gente delles estivera em um bote, mas recolheu se e lá não foi ter, que o capitão (*do Walcheren*) dissera que, por muito destroçado que estivesse o seu navio, si soubesse que não queriam salvar a dita guarnição, elle mesmo entraria na chalupa para ir em seu soccorro ; como, porém, o *Walcheren* estava muito deteriorado e viam no bote gente dos outros navios, suppondo que iam dar assistencia, por isso deixaram de acudir á gente do *Prins Willelm*, e ficaram para tomar os buracos que o seu navio tinha abaixo d'agua e reparar as velas, de nenhuma das quaes podiam dispôr. Declarou nada mais saber e estar prompto para em todo o tempo confirmar com juramento o que acima fica dito.

— Eis agora o resultado da batalha, segundo o juizo manifestado por um negociante ou particular de nome L. Doutrelean, em carta dirigida, não sabemos si aos directores da companhia ou si aos directores de alguma de suas camaras :

Dessa batalha dependia toda a prosperidade da companhia. Aquelle dia seria o de jubilo, si cada um tivesse plenamente executado a deliberação que havia sido tomada ; seria o dia do trato e do commercio com os moradores da terra e do preenchimento do fim que aqui nos trouxe. Mas succedeu pelo contrario ; o inimigo alcançou a victoria, não sem perda de muita gente é certo, mas realisou o seu designio, desembarcou a sua gente, metteu guarnição na praça, proveu-a de materiaes e outros meios de guerra, e os adversarios cobraram muito animo com a perda do nosso general. Digo que elles nunca acreditaram que entre os da nossa nação houvesse poltrões capazes de abandonar tão vergonhosamente nas chammas o seu chefe ! Os moradores continuam mantidos em obediencia, e não ha apparencia, segundo o juizo humano, de que tão cedo consigamos trato e commercio com elles, e possa a companhia tirar algum proveito,

a não ser forçar o rei de Hespanha a despender a suas rendas muito escassas para tentar emprehendimentos.

— Os *Annaes da Companhia das Indias Occidentaes*, escriptos por um dos seus directores, o illustre de Laet, baseiam-se na correspondencia e mais documentos depositados no archivo da mesma companhia.

A singela narrativa da batalha naval de 1631 que se lê nos *Annaes* foi escripta á vista dos documentos a que nos temos referido com os quaes está de perfeito accôrdo, acrescentando todavia uma particularidade a respeito da morte do almirante Pater.

Tendo chegado a um quarto de legua da armada inimiga, diz o chronista hollandez, o general Pater fez vir todos os capitães a bordo da capitanea e lhes ordenou que os nossos navios, dous a dous, abordassem cada um dos galeões hespanhoes (elle tinha comsigo sómente dezeseis velas e erroneamente suppunha que na armada hespanhola havia apenas oito galeões); em seguida mui calorosamente os concitou a que se portassem com valor, pois disto dependia todo o bem estar da companhia, bem como a honra dos nossos marinheiros. Todos o prometteram, poucos o fizeram.

O navio *Walcheren* tinha de auxiliar o general e o *Provintie van Utrecht* o almirante, e assim por diante. Tendo-se agora as duas frotas acercado uma da outra de tal modo que se distinguia claramente o porte dos navios e se podia contar os seus canhões, alguns capitães desanimaram e não ousaram avançar. O general Pater cuja coragem não soffreu quebra, comquanto elle visse que a partida era muito desigual, proseguiu valorosamente e pelas dez da manhã abordou o navio do general D. Antonio de Oquendo, sendo vigorosamente secundado por Jan Mast, capitão do *Walcheren*. Travou-se ahi uma renhidissima peleja e outros galeões vieram em auxilio de sua capitanea.

Nosso Senhor, porém, quiz punir os nossos, pois no meio do combate ateou-se o fogo na pôpa do navio do general Pater, e, posto que se empregasse toda a diligencia para apagar o incendio, elle tomou tal incremento que a guarnição teve de refugiar-se na parte dianteira do navio e nenhum outro meio de salvação havia senão ser recolhida pelos outros navios. Nisto estes se houveram muito mal; não se approximaram e o general, tendo estado por muito tempo suspenso de um cabo diante da prôa de seu navio desfalleceu de cansaço e afogou-se.

Do seu navio salvaram-se poucos, e esses mesmos foram recolhidos pelos hespanhoes.

Nesse entretanto o nosso almirante, auxiliado pelo *Provintie van Utrecht* atacára o vice-almirante hespanhol. Após meia hora de combate, o *Provintie van Utrecht* perdeu o mastro grande; proseguindo o combate ainda por duas horas, o fogo ateou-se nesse mesmo navio. Embalde esforçaram-se por abafal-o A gente, de desespero, saltou na vice-almiranta hespanhola, d'onde foi repellida, e alguns tiveram de lançar-se ás ondas. O navio abrasou-se, mas de sua guarnição salvou-se um maior numero de pessoas do que da guarnição do *Prins Vilhelm*.

O almirante Marten Thyss teve melhor fortuna; metteu a pique a almiranta hespanhola *Santo Antonio de Padua*, onde estava D. Francisco de Balezilla, e tomou o galeão *São Boaventura*.

O galeão *São João Baptista* foi tambem mettido a pique. Em quasi todos os navios contavam-se muitos mortos e feridos. Foi pois um combate renhido, e os vencedores não puderam rejubilar-se muito pela victoria, tendo soffrido quasi tão grandes perdas quanto os nossos. A noite fez cessar o combate.

Assim, segundo a opinião dos hollandezes, a victoria coube á armada hespanhola que realisou, pelo menos em parte, o seu designio de metter reforços na capitania invadida de Pernambuco e seguiu viagem para Portugal com o rico carregamento que comboiava. Explicam a derrota pela fraqueza de alguns dos capitães dos navios hollandezes ao enfrentarem com os grossos galeões hespanhoes, fraqueza aggravada pela circumstancia de terem deixado perecer nas chammas ou nas ondas o bravo Adrian Jansz Pater, quando facil lhes fôra salvar o seu almirante, bem como a guarnição do *Prins Vilhelm*.

Muito menos severo é o juizo dos escriptores nacionaes e estrangeiros.

A victoria ficou indecisa; a armada hespanhola aproveitou-se das sombras da noite para esquivar-se á frota hollandeza, e, receando novo encontro, seguiu de rota batida para Portugal, sem deter-se, como pretendia, no Cabo de Santo Agostinho e na Parahyba. Quanto a Pater, os chronistas e historiadores portuguezes e estrangeiros, desde Calado até Southey, proclamam que elle teve a morte digna de um almirante batavo, envolvendo-se em sua bandeira para

sepultar-se nas profundezas do oceano, theatro de suas glorias.

Esta tradição parece ter-se originado na propria armada hespanhola ; pelo menos a legenda da morte voluntaria de Pater teve curso simultaneamente com a noticia do combate naval por ella levada á Europa.

Versen, correspondente dos Estados-Geraes da Hollanda em Bayona, transmittiu-lhes com essa noticia, cópia de uma carta de Lisboa escripta logo depois da volta de Oquendo, onde se lê que Pater, « dando tudo por perdido e tendo recebido muitos ferimentos, se havia lançado ao mar ; » e accrescentava o correspondente que em Bayona corria o boato de que o cadaver do almirante hollandez havia sido apanhado e conduzido para Lisboa. (*Ryksarch Register der Brieven uit Frankr*).

A morte voluntaria de Pater é uma legenda, mas, como todas as legendas, tem a sua significação : é, como diz Netscher, uma justa homenagem ao valor do almirante que succumbiu na lucta.

REVOLUÇÃO DE 1824

A. A. de Lima Freire

O documento para cuja publicidade abrimos hoje espaço nas paginas da *Revista*, faz parte de uma curiosa collecção de manuscriptos pertencente ao nosso consocio benemerito major José Domingues Codeceira, (1) a quem tanto deve a historia patria e que tão bons serviços ha prestado a esta associação.

Refere-se esse documento a diversos episodios da patriotica revolução de 1824 que mais uma vez deu causa a dolorosa effusão do generoso sangue pernambucano. Convem que se não perca a memoria de tudo quanto se prende áquelle grande acontecimento ; a esse terceiro tentamen heroico de nossos maiores para a mudança da forma de governo que nos regia desde 1500.

Daremos uma noticia ligeira do movimento revolucionario de 1824, cingindo-nos o mais possivel ao itinerario indicado no manuscripto, que é do coronel José Maria Ilde-

---

(1) O major José Domingues Codeceira faz parte do *Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano* desde 19 de setembro de 1871 e occupa o cargo de segundo secretario desde 18 de fevereiro de 1875.

Por sua assiduidade, zelo pelo serviço do *Instituto*, com o qua como que identificou-se, e conhecimentos da historia patria, principalmente da de Pernambuco, foi em sessão de 8 de março de 1894 elevado á classe dos socios benemeritos.

São dignos de menção o seu relatorio sobre o pharol da barra do Recife, publicado no numero 28 da *Revista* ; seus excellentes artigos relativos á prioridade da idéa republicana no Brasil, os quaes se acham impressos nos numeros 40, 41 e 43, e seu importantissimo discurso lido na sessão do *Instituto* de 10 de agosto de 1893, publicado nos jornaes da capital, transcripto no numero 45 da *Revista* e mandado espalhar em avulsos pelo governo do Estado, para tornar bem conhecida a gloria de ser Pernambuco o primeiro logar da America, em que foi proclamado o systema republicano, no dia 10 de novembro de 1710 no paço da camara municipal de Olinda, pelo pernambucano Bernardo Vieira de Mello.

Para que não faltasse luz completa a essa importante questão, deu-se o major Codeceira o penoso trabalho de copiar no Rio de Janeiro, por sua propria lettra, as consultas do Conselho Ultramarino existentes na bibliotheca nacional e publicadas no numero 41 da *Revista*.

fonso Jacome da Veiga Pessoa e Mello, addicionando-lhe as notas que nos parecerem necessarias para maior clareza da narração (2).

José Maria Ildefonso era ainda capitão e commandava a fortaleza do Brum em agosto de 1824, quando recebeu or-

---

(2) O coronel José Maria Ildefonso Jacome da Veiga Pessoa e Mello nasceu na villa do Pilar, na Parahyba, em 10 de setembro de 1791. Seu pae o capitão-mor Luiz da Veiga Pessoa e sua mãi dona Francisca do Amor Divino Jacome Bezerra pertenciam a familias das mais illustres da antiga provincia.

Tendo começado seus estudos na capital da Parahyba, veiu para Pernambuco em 1813 para continual-os sob a direcção de seu tio o padre José Jacome Bezerra, vigario da freguezia de São Frei Pedro Gonçalves do Recife; sentindo, porém, a mais pronunciada vocação para a vida militar, sentou praça de cadete em 1814 no regimento de artilharia de que era commandante o major Domingos Theotonio Jorge Martins Pessoa e continuou estudando até 1817, quando rebentou a revolução de 6 de março, na qual tomou parte activa, sendo por isso um dos martyres daquella tentativa heroica, e um dos setenta e um presos conduzidos na corveta *Carrasco* para a Bahia em cujos carceres esteve até a redempção geral das cortes de Lisboa em 1821, quando foi declarado innocente pela relação da Bahia.

Seus sentimentos liberaes deviam ter sustentado lucta ingente com os sentimentos de familia, pois si por um lado era sobrinho do vigario José Jacome Bezerra que parte tão saliente teve na revolução, pelo que foi tambem um dos presos de 20 de maio, maltratado atrozmente pelos marujos da corveta *Carrasco*, devendo portanto muito ter influido em seu espirito a ascendencia, muito legitima, de seu parente e protector, por outro lado era genro de Luiz Salazar Moscoso, com cuja filha havia casado no dia 25 de março, dezenove dias depois da proclamação da republica.

O general Salazar foi um dos que assignaram a capitulação de 7 de março para a entrega da fortaleza do *Brum*, onde ficou recolhido até sua transferencia para as *Cinco Pontas*; desta fortaleza sómente sahiu quando foi restabelecido o governo do rei dom João VI pelas tropas do vice-almirante Rodrigo Lobo e general Cogominho. Fez depois parte da junta governativa de 29 de agosto de 1821, da qual era presidente o general Luiz do Rego Barreto, de quem ainda teremos occasião de nos occupar.

O cadete José Maria Ildefonso desembarcou na noite de 26 de maio de 1821, com cincoenta e tantos patriotas vindos da Bahia e recebidos no Recife com grandes festas, apezar do estado de exarcebação em que se achavam os animos pelo procedimento violento de Luiz do Rego, que procurava manter o governo absoluto, não obstante a constituinte portugueza, a resolução das cortes de 19 de abril, e decreto de 24 do mesmo mez que a sanccionou autorisando os povos a crearem governos provisorios; e nesse proposito criminoso se conservou até que do rei recebeu a ordem expressa de 2 de setembro do referido anno de

dem de Manoel de Carvalho Paes de Andrade (3) que era então o presidente da junta governativa, eleita nos termos da lei de 20 de outubro do anno anterior (4), para acompanhar o coronel José de Barros Falcão de Lacerda, acclamado commandante das armas em 13 de dezembro de 1823,

---

1824 para entregar o governo á junta que fosse eleita nos termos do decreto do dia anterior.

Na occasião em que Luiz do Rego embarcou para Lisboa, em 26 de outubro daquelle anno, por ter seu governo ominoso, que tão triste celebridade lhe deixou na historia, terminado por essa forma, era José Maria Ildefonso quartel-mestre da companhia de milicianos, da qual era commandante o capitão Aleixo José de Oliveira que chegou ao posto de brigadeiro; eram tambem officiaes de milicias major Manoel de Azevedo do Nascimento, tenente Manoel do Nascimento da Costa Monteiro, depois major, Conrado Jacob Niemeyer engenheiro, José Joaquim Coelho, (barão da Victoria) que chegou a tenente-general, tenente Joaquim da Silva Santiago depois coronel. Esses officiaes e outros haviam abandonado seus postos em razão do desgosto acerbo que lhes causava o governo despotico do general.

Nesse anno de 1821 foi José Maria Ildefonso promovido ao posto de alferes, em 1822 ao de tenente por proposta do governo de Goyanna de que teremos ainda occasião de tratar; ao de capitão em 1823.

Occupava elle esse posto e se achava na villa de *Iguarassú*, quando se deu o rompimento entre a junta provisoria de 26 de outubro de 1821 presidida por Gervasio Pires Ferreira, em substituição ao governo de Luiz do Rego e o coronel Pedro José Pedroso que parte tão pronunciada havia tomado na revolução de 1817, e assumido em 1822 a direcção do partido favoravel á independencia do Brasil; para esse fim promoveu Pedroso em 16 de setembro a deposição daquella junta.

Refere frei Joaquim do Amor Divino Caneca, em uma de suas cartas a *Damão*, sobre a pastoral do cabido de Olinda reprehendendo os parochos que se conservavam indifferentes no meio dos terriveis furacões politicos daquella epocha; que era tal a mesquinhez das luzes do povo e o respeito religioso com que elle olhava para os ecclesiasticos e mormente parochos e conegos, que procurando o capitão José Maria Ildefonso alliciar a gente daquelle logar para vir sustentar o governo, quando já havia reunido algumas pessoas, se apresentaram dois homens armados de espingarda, e um delles depois de ouvir o official sobre o objecto da reunião, respondeu cheio de fogo: « esta espingarda só se hade disparar nos inimigos de Pedroso, porque o padre José Rebello Torres, que é doutor e conego que não mente, me disse que Pedroso tem razão »— e lá se foram os dois caiporas, conclue frei Caneca, ameaçando céo e terra, e o official conhecendo o formidavel partido de Pedroso, levantou mão do empenho.

Ainda era capitão e major em commissão José Maria Ildefonso, quando se deu a revolução de 1824, na qual tomou a parte de que nos vamos occupar.

Em 1829 foi confirmado no posto de major; promovido a tenen-

quando teve logar a eleição de Manoel de Carvalho, logo no dia seguinte ao de sua chegada da Bahia com o batalhão pernambucano, laureado pela victoria de *Pirajá*, contra os portuguezes que sob o commando do general Ignacio Luiz Ma-

---

te-coronel em 1853. A promoção a esses dois ultimos postos, elle a obteve por merecimento.

Representou sua provincia na camara temporaria desde 1836, quando ainda era major, até 1842, occupando então o posto immediatamente superior. Tres vezes fez parte de listas senatoriaes, sendo duas vezes collocado em primeiro logar e outra em segundo; o governo deixou de escolhel-o para ter assento na camara vitalicia, seguramente porque carecia de homens que tivessem a espinha dorsal mais ductil.

Em 1848, sendo tenente-coronel, quando se deu o movimento revolucionario que tanto agitou Pernambuco, prestou os serviços a que era obrigado por sua posição militar, e desta vez, tratando-se de uma guerra civil, o governo não o esqueceu, como fizera de outras vezes por occasião de serviços mais importantes; condecorou-o com o officialato da Rosa. Foi commendador de S. Bento de Aviz pela antiguidade do posto.

Foi duas vezes director do arsenal de guerra; commandou as fortalezas do Brum e do Buraco e em differentes occasiões serviu interinamente no elevado cargo de commandante das armas desta provincia, sendo uma dellas na administração do distincto pernambucano Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque, depois visconde de Cavalcanti.

Na commissão espinhosa de commandante do presidio de Fernando de Noronha houve-se com a honradez com que sempre procedeu em todos os actos de sua longa vida militar.

Foi commandante das armas e vice-presidente da provincia do Amazonas. Parecendo-lhe illegal a ordem recebida do governo imperial para prisão do deputado á assembléa geral Manoel Joaquim Moreira, não a cumpriu dando mais uma prova de seu alevantado caracter; foi exauctorado pelo governo; mereceu, porém, por esse acto de innegavel coragem a estima do povo daquella vasta região do antigo imperio.

Era o militar mais antigo do exercito; durante vinte annos occupou o posto de coronel com distincção e ainda coronel foi surprehendido pela morte em 14 de junho de 1876, deixando á sua familia apenas um nome honroso.

Julgamos cumprir um dever consignando nas paginas da *Revista* noticia da vida de um cidadão illustre, e um dos fundadores do *Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*, da qual se occupou em termos muito mais eloquentes o conselheiro Francisco de Carvalho Soares Brandão na sessão de 27 de janeiro de 1877.

---

(3) Manoel de Carvalho Paes de Andrade que representou o papel mais importante na revolução de 1824, já havia se tornado notavel na de 1817, por forma tal que o autor do livro precioso *Martyres Pernam-*

deira se oppunham á independencia daquella heroica provincia (5).

Ia o coronel José de Barros para *Barra Grande* (6) bater as forças do morgado do *Cabo* Francisco Paes Barreto, depois marquez do Recife, cuja biographia foi primorosa-

---

bucanos, offereceu seu nome á posteridade como o de perfeito modelo de patriota interessante. Discipulo muito aproveitado das academias Suassuna e Paraiso, fundadas pelo grande patriota Francisco de Paula Cavalcanti e instruido nas idéas republicanas pelas relações que cultivava com estrangeiros illustrados, conseguiu tornar-se um dos mais adiantados liberaes de Pernambuco. Pôde escapar da rede estendida pela alçada encarregada de processar os revolucionarios, sob a presidencia de Bernardo Teixeira que apezar de seu parente não o pouparia de certo, emigrando para os Estados Unidos, onde se conservou até 1821, quando se deu a amnistia geral das cortes de Lisboa.

De volta á sua terra foi nomeado em 11 de janeiro de 1822, intendente de marinha, passando depois a presidente da junta de fazenda, cujo cargo exercia quando procedeu-se á eleição de 13 de dezembro.

(4) O general Luiz do Rego Barreto, obstinava-se, como já dissemos em uma das notas precedentes, em permanecer na administração de Pernambuco, não obstante as modificações produzidas no governo de Portugal e das colonias pelas cortes constituintes. Essa sua reluctancia deu causa ao movimento de Goyanna promovido por muitas pessoas emigradas do Recife, que ali crearam em 20 de agosto de 1821 um governo provisorio do qual foi presidente Francisco de Paula Gomes dos Santos e secretario Felippe Menna Calado da Fonseca, autor do interessante opusculo *Movimento Revolucionario de Goyanna*.

Esse governo foi dissolvido em 5 de outubro do mesmo anno em consequencia da capitulação de *Beberibe*.

A primeira junta eleita no Recife, depois da expulsão de Luiz do Rego, no dia seguinte ao da capitulação, compunha-se de Gervasio Pires Ferreira, como presidente, e de Joaquim José de Miranda, Manoel Ignacio de Carvalho, Felippe Nery Ferreira, Antonio José Victoriano Borges da Fonseca, Bento José da Costa e padre Laurentino Antonio Moreira de Carvalho que serviu de secretario.

Deposta essa junta em 16 de outubro de 1822 por uma sedição militar promovida pelo coronel Pedro José Pedroso, foi eleita outra interina presidida por Francisco de Paula Gomes dos Santos, antigo presidente da junta de *Goyanna*, e della fizeram parte Ignacio de Almeida Fortuna, como secretario e José Marianno de Albuquerque Cavalcanti que tanto se salientára na revolução de 1817 e voltando de Lisboa depois de lhe ser concedido perdão, não duvidou pronunciar-se immediatamente pela independencia da patria, concorrendo para a deposição da junta presidida por Gervasio Pires Ferreira. Na eleição para o congresso constituinte foi eleito deputado pelo Ceará de onde era natural.

Foi essa junta substituida, em 24 do mesmo mez de setembro de 1822, nos termos do decreto de 2 de setembro de 1821, pelo governo

mente escripta pelo finado conego Lino do Monte Carmello Luna e publicada no numero 7 da *Revista*.

O morgado havia sido nomeado, em consequencia da escusa de Gervasio Pires Ferreira, Manoel Zeferino dos Santos e Pedro de Araujo Lima (marquez de Olinda), pre-

provisorio, denominado dos *matutos*, composto de Affonso de Albuquerque Maranhão que pouco tempo depois passou a presidencia a Francisco Paes Barreto, de Francisco de Paula Gomes dos Santos que não duvidou, por seu patriotismo, servir como simples adjunto apezar de já ter servido de presidente duas vezes, de Manoel Ignacio Bezerra de Mello e de José Mariano de Albuquerque Cavalcanti.

Em 23 de dezembro de 1823 um grande conselho composto do clero, nobreza e povo, e dos chefes militares, reuniu-se sob a presidencia de Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, depois visconde de Suassuna, filho do patriota de 1817 do mesmo nome, a quem o padre Joaquim Dias Martius chamou o grande, e nobre, o illustrissimo Suassuna.

Nesse conselho foi resolvido, que achando-se a provincia bandeada e ameaçando a guerra civil, para a qual já existia um corpo organisado em *Goyanna*, annunciando que não deporia as armas sem que se mudasse de governo, não havia outro remedio para as publicas calamidades sinão a demissão da junta presidida por Francisco Paes Barreto que com seus companheiros já havia renunciado o mandato em manifesto de 10 de f vereiro, e passando se a eleger outra junta, de conformidade com a carta de lei de 20 de outubro daquelle anno, foram escolhidos: presidente Manoel de Carvalho Paes de Andrade, secretario o doutor José da Natividade Saldanha e conselheiros doutor Luiz Bernardo Ferreira, doutor Manoel Ignacio de Carvalho, doutor Francisco Xavier Pereira de Brito, Bento Joaquim de Miranda Henriques, vigario Luiz José Cavalcanti Lins e deputado Felix José Tavares de Lyra.

Depois dessa eleição, qualificada de precaria pelo proprio conselho, reuniram-se no dia 8 de janeiro de 1824, na cathedral de Olinda, o conselho da camara municipal daquella cidade e os eleitores das parochias convocados para a escolha de novo governo, assim como para eleição de novos deputados ao congresso constituinte, de conformidade com o decreto de 17 de novembro do anno passado, e prehenchidas as formalidades do costume sahiram eleitos: presidente Manoel de Carvalho Paes de Andrade, secretario doutor José da Natividade Saldanha e conselheiros doutor Bernardo Luiz Ferreira, doutor Manoel Ignacio de Carvalho, doutor Francisco Xavier Pereira de Brito, padre Manoel Liberato de Araujo, Manoel Paulino de Gouvêa e padre Domingos Alves Vieira. Com relação á eleição dos deputados foi decidido por unanimidade de votos que se não elegessem, porque já tendo a provincia escolhido aquelles que deviam fazer e firmar o pacto social e a legislatura nacional, e não tendo elles ainda concluido essa soberana commissão, nem prostituido o seu caracter, era contrario á dignidade e ao decoro da provincia e até contrario ao direito, nomear novos;

sidente de Pernambuco em logar de Manoel de Carvalho Paes de Andrade, cuja eleição não foi approvada pelo pretexto especioso de ser ella um attentado contra as prerogativas do imperador, a quem competia nomear os presidentes e secretarios das provincias, sendo, porém, o motivo real

---

os procuradores depois de se fazerem senhores do negocio não podiam ser expulsos sinão por prevaricação ou suspeição, o que não existia nos deputados já eleitos; e tambemporque o facto da dissolução do congresso não era dissolutivo dos direitos dos povos em conservarem os mesmos representantes, que tinham em confirmação de sua dignidade o testemunho respeitavel do imperador no decreto de 13 de novembro do anno passado, no qual se confessava altamente que com excepção de alguns deputados, brilhavam em todos os mais as qualidades de verdadeiros representantes do grande imperio brasileiro. As resoluções tomadas nesse conselho foram adoptadas na assemblea dos procuradores das camaras em 21 de fevereiro do mesmo anno.

Estava dado o primeiro passo para a grande revolução de 1824. —Alea jacta erat!

(5) José de Barros Falcão de Lacerda foi um pernambucano illustre. Tendo sentado praça como simples soldado, chegou ao posto de coronel por valiosos serviços prestados a sua patria.

Era capitão do regimento de infanteria, quando se deu a revolução de 6 de março de 1817, na qual se distinguiu por forma tal que mereceu ser contemplado entre os martyres pernambucanos daquella tristissima epocha. Voltando das prisões da Bahia em 1821, tomou logo parte na deposição da junta presidida por Gervasio Pires Ferreira que não se mostrava fervoroso adepto da independencia do Brasil.

O principal feito de sua vida militar foi o quinhão muito notavel que lhe coube na guerra da independencia da Bahia, batendo-se com a maior valentia, com o exercito pernambucano, no campo de *Pirajá*, contra os portuguezes commandados pelo general Madeira, pelo que foi promovido, no campo da batalha, ao posto de tenente coronel pelo general Labatut.

Ja era coronel, quando chegando a Pernambuco, foi acclamado commandante das armas, no mesmo dia em que teve logar a eleição de Manoel de Carvalho para presidente da junta governativa, e como tal tomou na revolução de 1824 a parte que lhe é attribuida no manuscripto de que nos occupamos. Vencido o partido que havia proclamado a republica do *Equador*, José de Barros, para escapar á morte a que o condemnou a perversa commissão militar, emigrou para os Estados Unidos, e somente lhe foi permittido voltar á patria em 1831, depois da revolução de 7 de abril que provocou a abdicação do primeiro imperador do Brasil.

Depois de reformado no posto que conquistára com tanta gloria, continuou nesta provincia a prestar muito bons serviços, até que falleceu com setenta e sete annos de edade, sessenta e tres de vida militar e vinte e oito depois de sua elevação ao posto a que chegou.

(6) *Barra Grande.* Log. do Est. de Alagoas, no mun. de Mara-

representar a junta, de que era Manoel de Carvalho presidente, o grande partido constitucional que se erguia no norte do Brasil contra a então perniciosa influencia lusitana e contra o acto de 12 de novembro de 1823 que dissolveu a assembléa constituinte, convocada por decreto de 3 de junho de 1822 (7).

---

gogy, na parte da costa comprehendida entre a barra de *Camaragibe* e a do riacho *Persinunga*. Fica no extremo N. da enseada de seu nome, formada pelas pontas de *S. Bento* e do *Antunes*. Tem algumas casas pela maior parte de palha, proximas de um cerrado coqueiral. Jaz na lat. S. de 9° 3' e 35° 11' 45" de long. occ. de Greenwich. Ha na *Barra Grande* um canal por dentro do Recife, cuja sahida é em *Porto de Pedras*. Carece esse canal de condições de navegabilidade por ser, alem de tortuoso e estreito, cheio de cabeços. Serviu essa pov. de quartel general ás tropas do ex-imperio que em 1824 combateram as da *Republica do Equador* (*Dicc. Geographico do Brasil pelo doutor A. Moreira Pinto*).

(7) Contra o acto violento da dissolução protestaram, no manifesto datado de 13 de dezembro de 1823, os deputados de Pernambuco, Parahyba e C ará, Luiz Ignacio de Andrade Lima, Francisco Muniz Tavares, Venancio Henrique de Resende, Augusto Xavier de Carvalho, Joaquim Manoel Carneiro da Cunha, José da Cruz Gouvea e José Martiniano de Alencar, os quaes, depois sómente de alguns dias de embaraço, que lh s foi opposto no porto do Rio de Janeiro, conseguiram embarcar na galera francesa *Alexandre*, da qual desembarcaram naquella data.

(8) Quando sahiu para *Barra Grande*, em principio de agosto, a expedição commandada pelo coronel José de Barros, ja havia sido proclamada, em 24 de julho a republica do *Equador*.

O governo imperial não tendo approvado a eleição de Manoel de Carvalho, como já dissemos, nomeou em dezembro de 1823, presidente de Pernambuco o morgado do *Cabo* Francisco Paes Barreto, o mesmo que com seus companheiros se havia demittido da junta eleita em 23 de setembro.

A camara municipal de Olinda negou-lhe, em 18 de fevereiro de 1824, a posse pedida pelo morgado em officio de 13 do mesmo mez cobrindo copia da carta imperial, e exigida em 3 de abril pelo capitão de mar e guerra João Taylor, commandante de divisão, o qual com duas fragatas veiu a esta provincia fazer subsistente o acto do governo, declarando em sua proclamação do 1 de abril que não reconhecia outro presidente, sinão Francisco Paes Barreto, nomeado pelo imperador.

A camara de Olinda insistia em esperar que o governo imperial attendesse á sua representação e á dos eleitores da mesma cidade, no sentido de ser mantida a eleição de Manoel de Carvalho.

Para dar ainda maior força a essa deliberação da camara de Olinda, fez Manoel de Carvalho convocar um grande conselho, composto do commandante das armas, camaras do interior, corporações civis e militares, eclesiasticos, corpo litterario e homens bons da capital, sendo

O coronel José de Barros levava comsigo o primeiro batalhão de caçadores commandado por José Gomes do Rego, conhecido por Casumbá, o batalhão de Henriques sob o commando do major Agostinho Beserra Cavalcanti e Sousa com setenta praças, o batalhão do major Emiliano Felippe

---

convidado para assistir a esse conselho o commandante da divisão, o qual se fez representar pelo capitão de fragata Luiz Barroso Pereira. A reunião foi presidida pelo padre Venancio Henrique de Resende, e foi decidido por unanimidade de votos, que fosse conservado o presidente Manoel de Carvalho Paes de Andrade e de novo se remettessem as representações contra a nomeação de Francisco Paes Barreto. A resposta do commandante da divisão não se fez esperar. No dia seguinte foi declarado o bloqueio do Recife e portos adjacentes.

Tentou o governo imperial transigir perante essa tenacidade opposta pelos pernambucanos, por lhe parecer, como declarou no decreto de 14 de abril, perigoso para o bem da administração publica, e para segurança e tranquilidade individual alimentar partidos e mais ainda dar victoria a uns sobre outros pelo justo temor de reacções sempre temiveis de vencidos contra vencedores, e de vinganças pessoaes quasi inevitaveis destes contra aquelles, resultando desse conflicto a maior de todas as calamidades que é a guerra civil; e desejar por outro lado dar a esta *bella* e *interessante* provincia (sic) a paz, tranquillidade e segurança que não tinha, ao passo que todas as outras já saboreavam o beneficio de uma constituição liberal, unanimemente approvada e em muitas já jurada, resolvia nomear um terceiro que não pertencesse a nem um dos partidos e cujas qualidades pessoaes não podessem ser contestadas, recahindo a eleição na pessoa de José Carlos Mairink da Silva Ferrão, residente, casado e ricamente estabelecido no paiz.

José Carlos Mairink era natural de Minas; veiu para Pernambuco com o general Caetano Pinto de quem era secretario, e depois tomou parte na revolução de 1817, escapando da sorte reservada aos revolucionarios pela grande protecção que lhe dispensava o general Luiz do Rego. Vencida a revolução de 1824 foi por indicação de Manoel de Carvalho eleito senador por Pernambuco e escolhido pelo governo imperial.

Sendo José Carlos Mairink convidado por Manoel de Carvalho, em officio de 21 de maio, para tomar posse da presidencia, respondeu no mesmo dia que havia resolvido pedir ao imperador escusa do cargo, por não ter ambição de governar nem considerar-se apto para dirigir os negocios publicos na crise porque passava a provincia; mas considerando que Pernambuco soffria os tristes effeitos da guerra civil e luctava com as privações occasionadas, por um rigoroso bloqueio, havia procurado a Manoel de Carvalho para ver, si de mãos dadas poderia proceder de modo que conseguisse a tranquillidade de Pernambuco, sem se desprezarem os direitos e interesses publicos.

Accrescentava que Manoel de Carvalho tinha tido a bondade de ouvil-o e até entraram em algumas reflexões proprias da amisade, concluindo sua conferencia com o protesto de que lhe deixava o direito de

Benicio Monduruců com quarenta, o corpo de artilheria com sessenta a setenta praças, do qual era commandante o major José Maria Ildefonso, uma guerrilha de duzentos matutos bisonhose outra de José Felix de Sousa ; e conduzia pesada bagagem com armamento e munição necessaria (8).

---

resolver si devia elle ou não assumir a administração ; de sua parte ficaria contente com a sua exclusão. De novo pedia que não puzesse mais o negocio em deliberação, porque franca e sinceramente se demittia, sendo-lhe muito agradavel conformar-se com a vontade de algumas pessoas que o haviam procurado na noite antecedente, por parte de pernambucanos livres e honrados, e attenciosamente exigido delle que não acceitasse a presidencia, porque no estado actual das cousas não podiam dispensar a presença de Manoel de Carvalho á frente dos negocios publicos.

Concluia José Carlos Mairink declarando que si sua conservação na provincia pudesse ser suspeita, ainda que nada seria capaz de mudar sua conducta honesta e sisuda ganharia força para arrancar-se dos braços da terna esposa e das charas filhas, embora expondo a vida no melindroso estado de saude em que se achava, por ter se levantado ha pouco do leito da morte.

A esse officio respondeu Manoel de Carvalho, ainda na mesma data, que não se considerando autorisado para acceitar a demissão, havia officiado ao tenente coronel José Antonio Ferreira, commandante da divisão do sul, communicando-lhe que com a exoneração de Francisco Paes Barreto havia cessado o motivo de sua expedição e que, portanto, suspendesse toda e qualquer acção contra elle e seus empregados, e mandasse intimar aos desertores que haviam acompanhado ao morgado, que, a vista do decreto que por copia lhe remettia, se recolhessem ás suas bandeiras, e os que assim o fizessem, fossem recebidos amigavelmente e com os soccorros precisos, pois debaixo de sua palavra assegurava total esquecimento do passado ; porém que no caso de não se apresentarem, continuasse contra elles a perseguição, por serem desertores.

A 23 pediu de novo Manoel de Carvalho que José Carlos Mairink designasse dia para sua posse e teve, na mesma data, em resposta a declaração de que estava resolvido a assumir a administração, porém que sómente o faria depois que estivessem recolhidas a seus quarteis as forças que andavam fóra da capital, parte no norte em attitude hostil contra a Parahyba e outra no sul contra o partido do morgado ; sendo exactas essas noticias, o sangue pernambucano infelizmente já se havia derramado de ambas as partes. Accrescentava que a tropa devia merecer toda a consideração, muito principalmente por que o soldado que serve na sua patria nunca perde os foros de cidadão, e que officiaes de distincto merecimento que na provincia e fóra della se tinham coberto de gloria desde os primeiros dias de nossa emancipação e independencia, concorrendo com as demais classes para se firmar e consolidar a mesma independencia, o systema liberal a união e integridade do imperio, eram partes mui interessadas nesse negocio, para

Partiu a expedição do Recife em principio de agosto, devendo a brigada do coronel José de Barros reunir-se com o exercito que já se achava em *Barra Grande* sob as ordens do major José Antonio Ferreira, promovido a tenente coronel por Manoel de Carvalho e que até então havia sempre se batido com vantagem contra as tropas do morgado (9).

Achava-se nesse estado a lucta fratricida entre os dois partidos e incendido, do modo mais lamentavel, o facho da guerra civil, quando deu-se a partida de José de Bar-

---

que deixassem de ser contemplados. Concluia que se tornava preciso que se communicassem a toda força armada as ordens do governo e que reconciliados os partidos, essa tropa se recolhesse a seus quarteis, para então em presença della dar-se cumprimento ás cartas imperiaes

A 24 officiou Manoel de Carvalho, explicando o movimento das forças. As que se achavam no norte não levavam ordem para invadir a Parahyba, e sómente para defesa de Pernambuco, por lhe constar que o presidente d'alli pretendia marchar contra esta provincia; que as tropas do sul tinham por fim prender os desertores que pertubavam o socego publico, porém que já havia officiado ao commandante destas para receber os que se apresentassem. Com relação aos officiaes cabia-lhe lembrar que certamente os militares não perdiam os foros de cidadão emquanto serviam a patria, porém que os officiaes de quem se tratava, haviam tomado armas contra a patria e perturbado o seu socego. Sylla e Mario não puderam conservar os foros de cidadão, apezar dos serviços que anteriormente haviam prestado á patria.

Foi então que José Carlos Mairink da Silva Ferrão dirigiu a Manoel de Carvalho Paes de Andrade o officio de 26, que se acha indicado na historia como documento importante. Delle, como dos outros, daremos noticia menos ligeira, por se tratar de um periodo curiosissimo da revolução de 1824.

Começava o illustre cidadão declarando que apezar de seus desejos de concorrer para a cessação dos males que soffria a chara patria, conhecia, por circumstancias mui particulares e attendiveis, que não podiam ter exacto cumprimento as ordens impériaes.

Não era occulto que um partido se tinha manifestado descontente de toda e qualquer mudança que se fizesse na direcção que tinham tido os negocios da provincia, apezar de que elle estava convencido de que o governo lançaria mão das ultimas tentativas de reconciliação antes de recorrer aos meios de força; por sua parte protestava que nunca seria o instrumento de que se pudesse servir o governo para exercitar a vingança, vexar e opprimir os seus concidadãos, persuadido, como estava, de que si essas fossem as vistas do governo, jámais seu nome seria lembrado, porque em verdade, ainda quando lhe não fossem concedidas as virtudes que desejaria ter, nunca se deveria suppôr ter elle aquella energia e dureza de coração, que se procuram nos homens destinados para executar ordens sanguinarias.

Não lhe parecia possivel que o Brasil retrogradasse da carreira

ros, á qual já nos referimos; porém sua juncção com o exercito do tenente coronel José Antonio Ferreira não pôde effectuar-se; quando chegou elle ao engenho *Trapiche*, já o coronel Francisco de Lima e Silva, elevado a brigadeiro e nomeado commandante das forças expedidas do Rio de Janeiro para castigar a rebellião de Pernambuco, havia lhe tomado a vanguarda, obstando assim a reunião dos corpos que constituiram as forças principaes de Manoel de Carvalho (10).

---

que levava; estava certo de que o systema liberal progrediria, e que o imperador, ainda que não fossem esses os sentimentos de seu coração, seria forçado pela torrente da opinião a ir de acordo com os brasileiros, os quaes no seu desenvolvimento ajudados das vantagens do bello rico e incomparavel paiz em que nasceram, seriam sempre os arbitros de sua instituições.

E si as que appareciam então no começo da representação politica, não agradavam ou differiam de bellas theorias ainda não praticadas ou não applicaveis ás circumstancias de então, um dia viria e não longe, em que se emendassem os erros e defeitos que pudessem estorvar a nossa felicidade.

« Em conclusão, escrevia o distincto cidadão, que sendo liberal não queria tornar-se solidario com o procedimento irregular do governo, do que levo dito parece-me que o mais acertado é continuar V. Exc. no governo da provincia, visto que continuam os sustos e receios, não tendo V. Exc. nem eu meios de fazer dar ao imperial decreto uma interpretação mais franca e sincera; e deste modo evita em os actos nullos, o ludibrio das imperiaes ordens e o escarneo da minha pessoa que em nada é culpada.

« Rogo a V. Exc. queira fazer publico este derradeiro acordo, afim de que com a certeza da conservação de V. Exc. se tranquillise o partido receioso se desengane o outro partido opposto e se resolvam os indifferentes a tomar parte nos negocios da provincia, que são do interesse de todos, e assim reunidos coadjuvem as medidas, que V. Exc. houver de tomar para o bem geral. »

Continuou, em vista do que ahi fica exposto, em seu pleno vigor a resistencia de Pernambuco aos actos do governo imperial. Constando ao povo que a camara municipal do Recife havia resolvido, em sessão de 19 de março, dar execução ao projecto de constituição de 13 de dezembro, remettido ás camaras com a portaria de 17 daquelle mez e mandada jurar por decreto de 11 de março, apresentou-se no dia 25 no paço da camara, depôz os vereadores que lhe pareciam arbitrarios e os substituiu por outros de confiança que immediatamente convocaram uma reunião para o dia 6 de junho, na qual se deveria deliberar sobre o projecto. Essa reunião effectuou-se no dia marcado e nella assentou se que não se désse execução ao decreto de 11 de março.

Em Olinda, no dia 17 do mesmo mez, reunidos na camara o juiz presidente, vereadores e procurador e cidadãos de todas as classes, foi

O coronel José de Barros voltando do engenho *Trapiche* para *Prazeres*, com o segundo batalhão commandado pelo capitão José Francisco Vaz de Pinho Carapeba e a bagagem tanto de sua brigada com da divisão de *Barra Grande*, passou o commando ao major José Maria Ildefonso, que ficou incumbido de obstar a passagem do batalhão do coronel Manoel Antonio Leitão Bandeira, que fazia a vanguarda do exercito o general Lima e Silva. Nesse intuito transportou-se o major para o engenho *Guerra* e dei-

---

acordado por unanimidade de votos que se representasse ao imperador contra o juramento exigido e se pedisse a de retaçao de um *pacto social* verdadeiramente constitucional e de geral contentamento.

Não se limitou nessas manifestações a opposição aos actos arbitrarios do governo com relação á execução do projecto imposto ao povo brasileiro. Tendo o corregedor da comarca Francisco José de Farias Barreto, em audiencia de 20 de julho, mandado observar o referido projecto que lhe havia sido remettido com diversos alvarás e decretos, immediatamente se oppuzeram a esse acto judicial os advogados presentes e um delles, Antonio Elias de Moraes, aggravou para a relação do despacho que lhe denegou a vista por elle pedida.

Era esse o estado de Pernambuco, quando foi publicado o decreto de 11 de junho de 1824 e a proclamação do imperador relativa á expedição que se preparava em Lisboa contra o Brasil e que, segundo se espalhára, seria de dez a quinze mil homens sob o commando de Beresford, Silveira e Luiz do Rego.

Os revolucionarios entenderam que era afinal chegada a occasião de agir franca e decididamente, pelo receio de que, realisada a invasão de nosso territorio por forças portuguezas, voltasse o Brasil ao dominio de Portugal; parecia-lhes que o Brasil tinha todas as proporções para formar um estado federativo, proclamavam elles pelo seu orgão na imprensa (*Typhis Pernambucano*); a grandeza de seu territorio as diversissimas riquezas de seu solo, os differentes caracteres dos povos que o habitavam, formando outras tantas nações, quantas eram suas provincias; a simplicidade de seus costumes que os habilitavam para a pratica das virtudes republicanas; a falta de classes salientes da nobreza européa; a impotencia de seu clero; o genio da liberdade que presidiu á formação desses povos pelos seus antepassados europeus e indigenas; a sua localidade entre governos republicanos; e demais a mais a desoladora escravidão em que se achavam ha tres seculos; tudo cooperava para que lançando fóra o jugo portuguez, aborrecessem os brasileiros para sempre *testas coroadas* e procurassem um governo o mais livre possivel, pois é do coração do homem lançar mão de um extremo quando se desonera do outro.

Acrescentavam os revolucionarios que apezar de dominados por esses impulsos para uma pura democracia, esperando ser felizes com o imperio constitucional, h viam proclamado essa forma de governo e entregaram-se ingenuamente ás intenções que o imperador fingira ter para

tou abaixo a ponte do engenho *Salgado* sobre o rio *Ipojuca*. Deixou em *Trapiche* um bom piquete que lhe guardaria o flanco direito e embaraçaria o transito do inimigo por aquelle logar, onde tambem foi derrubada a ponte que lhe dava communicação. No engenho *Mercez* postou outro grande piquete para guardar-lhe o flanco esquerdo e assegurar-lhe a retirada para o *Cabo*. Dispondo de quatro peças pe artilharia tratou de fortificar-se, conservando vedetas muito proximas umas das outras, separadas apenas pelo rio.

---

com os brasileiros; conheciam, porém. afinal que estavamos illudidos e que o imperador pretendia lançar-lhes novos e mais pesados grilhões (*Typhis Pernambucano* n. XXV de 8 julho).

« Eia pernambucanos! A náu da patria está em perigo; cada um a seu posto; unamo-nos com as provincias limitrophes. Escolhamos piloto que marêe a náu ameaçada de imminente e desfechada tempestade; elejamos um governo supremo que nos conduza á salvação e á gloria. Debaixo de tal governo, energico e patriota, não devemos desesperar; e sob seus auspicios venceremos; si esperarmos pelo *defensor* que nos abandona, morreremos todos »

Sentimos não poder transcrever todos os artigos devidos á penna de fogo de frei Joaquim do Amor Divino Caneca, cujo vulto nesse periodo brilhante da historia, assumiu proporções tão gigantescas. Dezesseis dias depois da publicação desse energico appello aos brios dos pernambucanos, era proclamada a *Republica do Equador* de vida tão ephemera e cujo primeiro acto foi suspender o trafico de escravos e adoptar outras muitas providencias reclamadas pelos principios liberaes.

A' primeira proclamação de 2 de julho em que Manoel de Carvalho Paes de Andrade declarava os motivos que induziram os pernambucanos a mudar de forma de governo, respondeu o imperador com a proclamação de 27 do mesmo mez, na qual se admiram estas palavras, tão improprias do chefe de uma nação: infames facciosos, dizei em vossas consciencias (si as tendes), estaes capacitados do que tendes escripto e do que tendes dito! E sendo falso (como é), não deveis ser punidos á face do mundo!...

« Eia, pois, amigos meus, acabemos não só em Pernambuco, mas em todo o Brasil, e si possivel fôr, no mundo inteiro, com os demagogos e revolucionarios, que inculcando-se ao povo philantropicos, jámais amam a humanidade; jámais desejam ver feliz uma nação si quer; e só, em impolgar riquezas e autoridade, sem que nada mais lhes importe. A França e os Es ados Unidos do Sul da America já viram e ainda irão vendo os beneficios provenientes de taes amigos do povo; o Brasil, por desgraça nossa, agora começa a sentir seus males.

« Juramos indepedencia ou morte, seremos independentes; juramos a integridade do imperio, ha de ser sustentada; juramos, emfim, uma constituição, ella regerá para sempre todo o solo brasileiro. »

No engenho *Guerra* esteve o major José Maria Ildefonso unicamente trez dias, por ter recebido do coronel José de Barros que se achava então no *Cabo* com o resto da força, ordem para deixar o commando da brigada ao major José Gomes do Rego (Casumbá) e retirar-se para o engenho *Ilha do Costa*, fazendo sempre frente ao inimigo.

***

O porto do Recife foi, no dia 27 de agosto, ligeiramen-

---

(9) Com effeito no dia 6 de junho uma columna ao mando do tenente coronel Ferreira, foi dividida em quatro secções, das quaes uma commandada pelo tenente coronel do primeiro batalhão, composta de uma parte do de caçadores, do batalhão decimo de milicia, e duzentas ordenanças commandadas pelo capitão-mor Manoel de Barros com uma peça de artilheria de calibre tres, marchou para *Porto Calvo*; a segunda secção debaixo do commando do major Arruda, composta de uma companhia de caçadores e duas guerrilhas, marchou do engenho *Jundahy* para *Gamella*, na retaguarda do inimigo; a terceira commandada pelo major Pitanga, formada com o segundo batalhão dirigiu-se sobre o flanco esquerdo do inimigo; e a quarta secção, com uma peça de calibre seis e outra de calibre tres, com o primeiro e o terceiro batalhões de caçadores, ficou debaixo do commando do tenente coronel Ferreira.

As duas primeiras secções não tiveram occasião de manobrar; a terceira apenas pôde bater-se com os desertores do primeiro batalhão, sahindo ferido em uma perna o tenente Almeida; a quarta secção, porém marchou até as trincheiras dos contrarios, desalojou um piquete e tomou a posição por elles occupada, perdendo sómente um soldado; bateu em *Marrecas* uma guerrilha e assenhoreou-se do campo, tendo tres feridos, no numero dos quaes contou-se um alferes de Goyanna. Maior foi a perda do lado da gente do morgado.

No dia 8 daquelle mez o segundo batalhão de caçadores desalojou os inimigos de uma fortificação, onde deixaram peças, cartuchame, oito mortos e gravemente ferido o tenente coronel de engenheiros Conrado Jacob Niemyer; depois do que bateu o brigue *Bahia* que estava fundeado proximo á praia, obrigando-o a pôr-se ao largo.

No dia 8 de julho houve novo ataque contra os desertores que se tinham fortificado no *Antunes*, sem o resultado que se devia esperar, tendo começado o fogo as cinco horas da manhã com encarniçamento de parte a parte.

Tiveram os liberaes vinte e dois homens mortos, setenta e nove levemente feridos e dezesete extraviados.

Entre os mortos foi sentidissima a perda do capitão Francisco Gonçalves da Silva, do tenente João Vicente, do alferes José Eleuterio, do cadete José Joaquim de Oliveira Maciel e de José de Campos Bezerra.

te bombardeado, com resultado inteiramente nullo, por lord Cochrane, (11) commandante de nossa esquadra, o qual em commissão do governo havia partido para Pernambuco no dia primeiro daquelle mez (12).

Mais feliz foi o general Lima e Silva vindo do Rio de Janeiro com a divisão do almirante Cochrane; desembarcando em Tamandaré (13), occupou a villa de *Serinhãem* e a 12 de setembro apossou-se do bairro de *Santo Antonio.*

O tenente-coronel José Antonio Ferreira, tendo noticia em *Barra Grande* de que as tropas imperiaes iam-lhe no

---

O capitão Francisco Gonçalves da Silva pagou com a vida a falta de observancia das ordens recebidas, atacando o inimigo por caminho diverso do que fôra planejado. O primeiro batalhão por elle commandado, cuja retaguarda foi cortada pelo inimigo, fez uma retirada custosa sob o commando do sargento-mor João Francisco de Mello, depois de uma valente defesa do capitão Silva que morreu na lucta.

O major Pitanga que commandava o segundo batalhão, esteve ameaçado de ser prisioneiro, pela maneira frouxa porque se houveram os soldados na occasião do combate; as praças commandadas pelo capitão Joaquim José Alves, conservaram-se firmes deante do inimigo, porém pelejavam sem ordem.

As praças desse batalhão, sob o mando do tenente João Vicente, portaram se com a maior valentia, e seu commandante cahiu debaixo das trincheiras dos adversarios. O cadete José Joaquim de Oliveira Maciel, apezar de doente, tomou parte na lucta e perdeu nobremente a vida em defesa da causa que defendia.

O terceiro batalhão avançou briosamente até a direita das trincheiras, onde não pôde penetrar por falta do concurso com que contava das outras forças que deviam encaminhar-se para o mesmo ponto.

Distinguiram-se nessa occasião o tenente-coronel Santiago, os majores Pitanga, Arruda e Santiago, o tenente Mendanha e muitos outros officiaes e inferiores.

Foi grande a perda da gente do morgado; do acampamento dos liberaes, foram vistos em grande numero os negros que conduziam em padiolas os cadaveres e em redes os feridos

Querendo as forças do morgado aproveitar-se da circumstancia de se acharem espalhadas as de Manoel de Carvalho, porquanto o major Pitanga sahira em perseguição das praças da columna da direita commandada pelo tenente coronel Sebastião dos Oculos, que haviam desertado, e o capitão Carapeba andava em novas diligencias, chamaram para seu acampamento as forças que estacionavam em *Jacuhype*, constante de quatrocentas praças na maior parte caboclos, sahiram de suas linhas a 17 de julho, em numero superior a setecentos homens e atacaram em seus postos as forças liberaes que não passavam então de cento e sessenta homens.

A lucta foi renhida de ambos os lados, porém a victoria foi dos *carvalhistas*, ficando dos contrarios cinco officiaes mortos, Leitão, Mu-

encalço e em breve lhe cortariam a retirada para a capital, abandonou as trincheiras, e evitando encontrar-se com o inimigo, com quem não seria prudente bater-se, sem que estivessem reunidas todas as forças liberaes, chegou ao engenho *Utinga* e d'ahi partiu para o Cabo onde encontrou-se com o coronel José de Barros.

Já não foi com facilidade que os exercitos dos dous chefes, assim reunidos, conseguiram descer para o Recife.

O major José Maria Ildefonso partiu do *Cabo* com o tenente-coronel Ferreira e o tenente Coelho, e depois de per-

---

niz, Cruz, Innocencio e Mayer, e quatro feridos, Lamenha, Seara, Coelho e outros, além de grande numero de soldados mortos e feridos.

Do lado dos liberaes houve onze mortos e trinta e tres feridos. A acção esteve quasi perdida para estes pelos gritos de espanto de officiaes cobardes do terceiro batalhão, que fugiram vergonhosamente do fogo. Além desses deram-se outros choques sempre em perda, mais ou menos consideravel, por parte dos *morgadistas*.

Manoel de Carvalho, antes de sahir a expedição do coronel José de Barros, havia recommendado ao tenente coronel Ferreira, em officio de 26 de julho, do qual foi portador o segundo commandante do brigue *Constituição*, que aproveitando-se das perdas soffridas pelos desertores, lhes offerecesse capitulação nos mesmos termos das que já por vezes tinham desprezado, por ser sua intenção poupar o sangue dos pernambucanos, e que, si exigia a sahida de alguns, era para a sua propria segurança, visto terem infelizmente chamado sobre si o odio publico.

Além das forças ao mando do tenente coronel José Antonio Ferreira em *Barra Grande*, existiam na costa que fica proxima a esse logar duas embarcações mercantes, transformadas em vasos de guerra, com as denominações—*Constituição ou Morte* e *Maria da Gloria*, commandados pelo piloto genovez João Metrowich e pelo pernambucano Joaquim da Silva Loureiro.

João Guilherme Ractcliff era portuguez, notavel por sua elevada intelligencia estudos e idéas pronunciadamente republicanas. Tendo escripto em Lisboa contra o procedimento proverbialmente desregrado da rainha Carlota Joaquina, mulher de dom João VI, foi perseguido e obrigado a emigrar para o Brasil.

Chegando a Pernambuco quando havia começado a revolução de 1824, foi chamado á presença de Manoel de Carvalho aquem declarou que estava disposto a derramar o seu sangue pela causa por elle defendida. O chefe revolucionario nomeou-o logo seu secretario e depois o escolheu para commandante do brigue *Constituição ou Morte*, que seguia para *Barra Grande*, acompanhado da escuna *Maria da Gloria*, commandada por Silva Loureiro, conduzindo armamento e munição para as tropas liberaes.

Sendo surprehendidos pela esquadra imperial vinda do Rio de Janeiro e considerando se inteiramente perdidos, quiz Ractcliff lançar fogo ao paiol da polvora, para que fosse o mar a sua sepultura e de seus

correrem os logares proximos, desde *Jaboatão* até a barra de *Jangada*, deixaram no engenho *Novo* o batalhão 17 com uma peça de calibre seis, em *Guararapes* o batalhão de caçadores commandado pelo capitão Mello com uma peça de artilharia, levantaram trincheiras no engenho *Maguahype*, e acordaram em que o 1· de caçadores do tenente-coronel Silva e o 2· commandado pelo major Carapeba fossem occupar os engenhos *Soccorro* e *Sant' Anna*.

Para a estrada de *Suassuna*, que atravessa esses engenhos e que era a unica por onde poderiam passar as forças

---

companheiros, como na batalha naval da 1631 procedera Pater, que julgou o oceano a sepultura unica digna de um almirante batavo, conforme resa a lenda daquelles tempos heroicos.

A guarnição não pensou do me mo modo e oppondo-se á resolução do valente patriota, deu causa a que fossem todos prisioneiros.

Ractcliff e seus companheiros Silva Loureiro e Metrowich for m remettidos para o Rio de Janeiro e recolhidos na fortaleza de Santa Cruz e desta transferidos para a cadeia publica. Seu processo terminou no dia 12 de março de 1825, data da sentença que os condemnou á morte, tendo logar a execução no dia 17 ás 11 horas da manhã no *Largo da Painha* que suppõe-se ser hoje o *Largo de São Francisco de Paula*.

Suas primeiras palavras ao entrar preso no Rio de Janeiro foram a manifestação do mais sincero voto pela prosperidade de Pernambuco causa innocente de sua morte e as ultimas, ao despedir-se da vida, a expressão de um desejo ultrahumanitario, de que o seu sangue fosse o ultimo que se derramasse no Brasil e no mundo inteiro por motivos politicos.

Quanto até hoje se tem conservado a realidade afastada destes nobres sentimentos externados ao penetrar Ractcliff na eternidade!

Pedro primeiro para poder escapar aos empenhos que podessem apparecer por parte dos portuguezes em favor de Radctff, fugiu para a fazenda *Santa Cruz*. A cabeça de victima tão illustre foi *salgada* e remettida a Carlota Joaquina como manjar precioso, com qu devia saciar-se a vingança vil da vil princesa !!..

---

(10) As intenções com que veiu para Pernambuco o general Francisco de Lima e Silva, certamente com instrucções do governo imperial ficaram logo bem patentes na proclamação impressa que ia espalhando pelos logares que atravessava:

« Malvados, tremei; a espada da justiça está, por dias, a decepar vos a cabeça; rendei-vos ou aliás estas bravas tropas que commando, entrarão como se fosse por um paiz inimigo, pois mais inimigos que revolucionarios não podem haver. Não espereis mais benevolencia; o modo d vosso julgamento não admitte appello; uma commissão militar da qual sou presidente, é que vos hade fazer o processo e mandar-vos punir. »

do general Lima e Silva, conduziu o major José Maria Ildefonso uma peça de bronze de calibre doze, guarnecida pelo guerrilha de José Felix de Souza ao mando de seu irmão Domingos de Souza, collocou-a, vencendo mil obstaculos, em uma altura no engenho *Sant' Anna*, e escolheu para guardal-a as praças necessarias sob o commando do cadete José Diabo.

Passou toda a noite de 11 para 12 de setembro esperando a vinda dos dois batalhões promettidos pelo coronel José de Barros, e sómente ás sete horas da manhã chegou á *Sant' Anna* o alferes Mafaldo conduzindo apenas doze solda-

---

Tinham sido baldadas todas as tentativas dos liberaes para conservação de Manoel de Carvalho no governo de Pernambuco.

A deputação que, nos termos da resolução tomada no conselho de 7 de abril, devia ir á côrte apresentar ao imperador segunda via das reclamações dos habitantes da provincia contra a escolha do morgado, alli apresentou-se no dia 2 de maio, estando ausente Pedro I.

Depois de sua chegada reuniu-se duas vezes o conselho de estado, sendo varios os votos de seus membros; uns opinaram pela prisão dos deputados, outros que se lhes não desse audiencia, e alguns que fossem ouvidos em audiencia ordinaria, não lhes sendo reconhecido o caracter de deputados.

Prevaleceu essa ultima opinião.

A' exposição feita pelos deputados, em 14 de junho, sobre os negocios de Pernambuco desde 13 de setembro do anno anterior, respondeu o imperador que já havia tomado a conveniente deliberação sobre esses negocios e que de Pernambuco sómente a cidade do Recife lhe era desobediente, e não consentiu bruscamente que um dos deputados lhe fizesse novas reflexões, e pedindo-lhe a deputação licença para retirar-se, disse-lhe o monarcha: *quanto antes*.

Conhecendo os deputados que nada mais tinham que esperar, voltaram da côrte no dia 19 do mesmo mez. Eram elles: padre João Evangelista Leal Periquito, por parte do clero, Basilio Quaresma Torreão, dos militares, e João Francisco Bastos, dos civis.

---

(11) Frei Caneca, escrevendo á respeito de lord Cochrane, em um dos numeros do *Typhis Pernambucano*, o denomina de militar commerciante, que havia deixado seu paiz, para entregar-se á carreira maritima. Certamente o illustrado publicista referia-se a um revez da vida publica do distincto marinheiro.

Thomaz Cochrane, conde de Dundsnald, nasceu em 1775; educado por seu tio o almirante Alexandre Cochrane, dedicou-se logo á vida do mar e foi um dos mais illustres officiaes de marinha da Inglaterra. Com trinta e um annos já era commandante de fragata; fez parte da camara dos communs, declarando-se em violenta opposição a Castlereagh, cujo ministerio terminou em 1817, em razão de um duello com seu collega Canning.

Cochrane foi excluido da camara de que fazia parte, eliminado do

dos. Com essa força tão excessivamente reduzida era impossivel ao major tentar siquer oppôr-se ao transito do exercito imperial, que com effeito pouco depois passou pela estrada, sem que soffresse ao menos, como protesto dos liberaes, um tiro da peça que foi logo abandonada pelo cadete José Diabo.

O major summamente indignado e com razão, pelo mallogro de seus esforços patrioticos, por não ter sido cumprida a promessa que lhe fôra feita, seguiu ás carreiras para *Prazeres* afim de dar ao commandante em chefe parte do que

---

quadro da marinha e condemnado a prisão e multa, por se lhe attribuir ter, por agiotagem, espalhado a noticia da morte de Napoleão I.

Commandava as forças navaes do Chile quando foi convidado, em 1823, pelo governo brasileiro para tomar o commando de nossa esquadra.

Partiu para a Bahia em 2 de abril de 1824 com onze vasos de guerra, e no dia 4 de maio bateu se, naquella provincia, com a esquadra do general Madeira, sob o mando de João Feix.

Seguiu para Pernambuco no dia 1º de agosto e a 27 do mesmo mez fez o bombardeio a que se refere a narração.

Terminada sua commissão no Brasil, serviu na Grecia em 1827, e foi reintegrado em 1832 em seu posto na marinha ingleza, na qual chegou ao posto de almirante, que ainda occupou durante nove annos, de 1851 a 1860 quando falleceu.

(12) Resultado quasi identico tivera o bloqueio de 8 de abril pelo capitão de mar e guerra João Taylor commandante da divisão que para esse fim sahiu do Rio de Janeiro. Durou tres mezes de infructiferas diligencias para vencer a resistencia tenaz, opposta pelos pernambucanos á posse do morgado, sendo uma dellas a tentativa de incendio da barca encarregada do registro do porto, da qual chegou a apossar-se na noite de 22 de junho; foi, porém, sua gente repellida immediatamente pela guerrilha de *Fóra de Portas* e pela fortaleza do *Brum*. Esse procedimento de João Taylor deu causa ao massacre de portuguezes residentes no bairro do *Recife*, aos quaes o povo attribuia o auxilio prestado ao commandante da divisão; e a mortandade tomaria proporções muito mais assustadoras, si não fossem as energicas providencias adoptadas pelo presidente da provincia Manoel de Carvalho e pelo commandante das armas coronel José deBarros e não tivesse logar, no dia seguinte, a suspensão do bloqueio por ter o imperador ordenado, em 11 daquelle mez, que se recolhessem á côrte todas as forças navaes, em razão da noticia de que em Portugal se preparava contra o Brasil uma expedição proxima a partir do Tejo.

Foi nessa occasião que Agostinho Bezerra prestou o relevantissimo serviço que não foi esquecido pelos habitantes do opulento bairro do Recife, quando pela commissão militar foi elle condemnado á morte.

O batalhão dos pardos, de que era commandante o major Emiliano Felippe Benicio Mundurucú, participava de inconfessaveis senti-

acabava de acontecer; e em caminho encontrou a Manoel de Carvalho acompanhado de frei Joaquim do Amor Divino Caneca (14), Rangel e outros correligionarios que ainda não tinham noticia da entrada do exercito de Lima e Silva; e chegando áquelle logar o major pediu ao seu chefe consentimento para, com o batalhão do capitão Mello e uma peça de artilharia, correr para Afogados ao encontro do inimigo.

De *Prazeres* partiu elle acompanhado de Manoel de Carvalho, que o guiou por dentro da matta e do pardo Mathias Carneiro Leão, picador residente na rua das Cruzes, e em *Guararapes* tomou o batalhão a que acima nos referimos e uma peça de artilharia. Quando chegaram á ponte de *Mo-*

---

mentos hostis aos homens brancos e principalmente aos portuguezes. Seu commandante promoveu uma reunião de militares e paisanos seus partidarios, na qual propôz o saque daquelle bairro em represalia do assassinato da guarnição da barca do registro.

Agostinho Bezerra que fôra convidado para essa reunião, apezar de ser preto, não sómente se oppôz ao projecto damnado de Emiliano, como procurando este pôl-o em pratica, sahindo do quartel do *Hospicio*, ás oito horas do dia 2? de junho, partiu ás carreiras da fortaleza das *Cinco Pontas*, com seus *pretinhos*, como elle chamava os seus soldados, encontrou-se na *Rua Nova* com Emiliano cuja gente fez dispersar, depois de vehemente altercação e durante todo o dia occupou-se em evitar perturbação da ordem publica.

A commissão militar, fazendo violencia a seus instinctos ferozes, julgou tão excepcionaes as condições de Agostinho Bezerra que adiou a execução e levou o negocio ao conhecimento do conselho de estado, que insinuou ao imperador o perdão da pena de morte imposta a um homem de sentimentos tão elevados.

Pedro primeiro mandou responder, por seu ministro Clemente Ferreira França em aviso de 7 de fevereiro de 1825, que tendo *ouvido o seu conselho de estado* não perdoava, em vista dos fundamentos da sentença, nos quaes não achava razão motivada para usar do seu poder moderador, minorando a pena imposta ao réo Agostinho Bezerra Cavalcante, e ordenava que se executasse a sentença ficando o presidente da commissão na intelligencia de que as penas impostas deviam ser logo executadas, independentemente de subirem á sua *imperial* presença; porque nem a commissão estava autorisada para o fazer, excedendo portanto as suas faculdades, nem era de esperar que procedesse contra a justiça a commissão composta de vogaes tão *benemeritos* e tão amantes da causa da integridade do imperio!!...

Para que não sejam esquecidos esses *benemeritos*, aqui deixamos consignados os seus nomes: Brigadeiro *Francisco de Lima e Silva*, presidente, *Thomaz Xavier Garcia de Almeida*, juiz relator, coronel de engenheiros *Salvador José Maciel*, coronel *Manoel Antonio Leitão*.

tocolombó, já havia rompido o fogo no atterro dos *Afogados* até ao bairro de *Santo Antonio*.

O major mandou estender o batalhão á esquerda da ponte, e que todas as praças se deitassem, porque as balas já choviam sobre os mangues proximos; e por ter sido preso pelos adversarios o official que lhes mandou com bandeira parlamentaria, entendeu que nada mais tinha a esperar e principiou a agir.

Collocou na entrada da ponte a peça que havia conduzido, em opposição ás duas das forças do governo, assestadas do lado da povoação, e começou um fogo mortifero. Os liberaes tiveram alguns mortos e muitos feridos; dos que guarneciam a peça escaparam illesos apenas cinco ou seis, e maior não foi a destruição pela imperícia dos artilheiros dos contrarios.

Bandeira, coronel *conde de Escragnolle*, interrogante e tenente-coronel *Francisco Vicente Souto Maior*.

A historia será egualmente inexoravel para com aquelles que seguiram posteriormente o triste exemplo deixado por esses *benemeritos* da commissão militar de 1824!

(13) A notic a que nos dá o coronel José Maria Ildefonso em seu manuscripto, de que desembarcaram em *Tamandaré* as forças do general Lima e Silva, acha-se em opposição ao escripto de Fernando José Martins que fez parte da expedição imperial e foi um dos valentes que sob o commando do ajudante Marçal atacaram no dia 15 de setembro a ponte da *Boa-Vista*.

A brigada do general Lima Silva, que era uma das quatro em que se achava dividido o exercito do Rio de Janeiro, compunha-se de tres corpos de caçadores: o segundo ao mando do tenente-coronel Souto, o terceiro do coronel Manoel Antonio Leitão Bandeira e o quarto do conde de Escragnolle; de um parque de artilheria commandado pelo capitão Solidonio José Antonio Pereira do Lago e de um esquadrão de cavallaria commandado pelo capitão Cabral.

No dia 1 de agosto deu á vela a frota que o conduzia a Pernambuco; a 18 chegou elle a *Moceió*, de onde depois de uma demora de nove dias sahiu para seu destino indo pernoitar em *Pirca*; no segundo dia acampou em *Santo Antonio Grande*; no terceiro em *São Miguel dos Milagres*; no quarto em *Porto de Pedras* e no quinto em *Barra Grande*.

Reunidas alli as forças de Lima e Silva com as do morgado, sendo estas de quatrocentos homens por elle sustentados e commandados pelos majores Lamenha e Seara, seguiram logo para o engenho *Abreu*, descançaram um dia em *Serinhãem* e dous no *Cabo* e no dia 12 de setembro as quatro horas da tarde tomaram a ponte de Afogados e em seguida occuparam o bairro de *Santo Antonio*.

---

(14) Joaquim do Amor Divino Rabello nasceu em julho de 1779 em *Fóra de Portas*.

O commendador A. J. de Mello, encarregado pelo governo de colleccionar e publicar as obras de frei Caneca, na noticia que dá de sua vida, declara que não póde descobrir o dia de seu nascimento e de seu baptismo, por nada constar a esse respeito dos livros de registro nem do archivo do convento do Carmo.

Nós, porém, damos o seu nascimento em julho de 1779, porque em seu interrogatorio perante a commissão militar, no dia 20 de dezembro de 1824, respondeu elle ter quarenta e cinco annos e cinco mezes de edade. Era s u pae Domingos da Silva Rabello, conhecido por *Caneca* por ser tanoeiro.

Sendo accusado por José Fernandes Gama, na *Ara a Pernambucana*, de ser filho de *dois p rdos com didos*, explicou sua ascendencia pelo modo seguinte, em um dos seus virulentos pamphletos:

« Eu sou filho de Domingos da Silva Rabello e Francisca Alexandrina de Siqueira. Meu pae é bem conhecido nesta praça. Todos sabem que elle é dos ruivos de *Fóra de Portas*, familia a que nisto a que chamas pureza de sangue, é tal que tu, ainda passando por duas distilações, não pódes jámais emparelhar; pelo que já vês que não sou *Gama*, sou *Ruivo*. Minha mãe é filha de Pedro José de Siqueira e de Clara Alves de Torres.

« Pedro José de Siqueira, por signal, irmão de Francisco José de Siqueira, o cego ruivo do pateo da *Penha*, era natural de Lisboa, filho de Francisca Alexandrina, conhecida na sua visinhança no *Bairro Alto* pela *ruibaca*, em consequencia de ser extremamente ruiva. Logo não sou *Gama*, sou *ruivo*.

« Minha avó Clara Alves de Torres, era filha de Antonio Alves da Costa Dantas e Maria Pereira da Assumpção; Antonio Alves da Costa Dantas, por signal, tio do padre José Dantas e de frei Antonio da Natividade Dantas, carmelita turonense, bem conhecido nesta praça, era natural de Elvas no Alemtejo. Pelo que já vê todo o mundo, que eu não sou *Gama*, sou *Dantas*.

« Maria Pereira da Assumpção era filha de João Baptista e Maria * * *. João Baptista Pereira era natural do Porto, d'onde vindo ao Brasil procurar fortuna, na forma do louvavel costume de nossos *claros avós que aqui chegavam em jaleco e ceroulas*, se casou nos sertões do norte, com essa Maria * * *, e se achava morador em Olinda, contando a filha já dezeseis annos, quando em 1710 os mascates deste Recife se romperam com a nobreza de Olinda e nos causaram as desgraças que se sabem.

« Não posso subir mais acima com esta exposição, porquanto as perturbações, guerras e massacres d'aquelles tempos infelizes destruiram os monumentos de outras cousas de consequencia quanto mais as noticias de uma familia que não descendendo dos Machucas, dos Queixadas, dos Ciporas não tinha o seu pedaço de couro de anta com os nomes escriptos de seus maiores *Piratibás*, *Pagés*, *Carnipecabás*. Mas é ponto de fé pia que essa Maria das Estrellas havia de ser al-

---

guma *Tapuia, Potiguari, Tupinambá*, senhora de muito *mingáo, tipoias, aipi* e *macocheira*; e tambem se foi alguma rainha *Ginga*, nenhum mal me faz; já está á porta o tempo de muito nos honrarmos com do sangue africano.

« Advirto mais a ti, e a tua bipede e commitante caterva, que Antonio da Costa Dantas quando se casou com minha bisavó Maria Pereira de Assumpção, já das primeiras nupcias trazia dous filhos, Manoel do Nascimento e Luiz de Souza; dos quaes o ultimo se casou com uma negra de nome Felicianna, da qual teve muitos filhos, que tão briosos foram que se casaram com brancos, dos quaes ainda existem por aqui alguns descendentes, e talvez .... »

Entrou como noviço no convento do Carmo do Recife em 8 de outubro de 1796, com dezesete annos de edade; professou em 1797 e ordenou-se em 1801, sendo necessario para receber ordens sacras com vinte e dois annos dispensa do cardeal Pacca, nuncio apostolico em Portugal.

Foi estudante muito distincto e professor illustrado, não só nesta provincia como na de Alagoas, onde occupou a cadeira de geometria da qual foi removido para a do Recife em 1822.

Frei Carlos de São José e Sousa, depois bispo do Maranhão, sendo nomeado visitador da ordem do Carmo pelo austero nuncio apostolico arcebispo de Nissibi, o escolheu para seu secretario.

Foi patriota franco e fogoso, diz o padre Joaquim Dias Martins nos *Martyres Pernambucanos*, e como tal na revolução de 1817 acompanhou e fez parte das guerrilhas ecclesiasticas contra o exercito da Bahia, mandado pelo conde dos Arcos para suffocar a rebellião de Pernambuco.

Nem era para admirar que elle assumisse naquella occasião attitude tão contraria a seu caracter sacerdotal.

O nosso illustrado consocio A. J. de Mello occupando-se de frei Caneca escreve o seguinte:

« E' admiravel o numero de sacerdotes, parochos, coadjutores e regulares que adheriram espontaneamente á revolução de 1817, e a serviram com enthusiasmo em palavras e obras, em commando de guerrilhas, escriptos e outros assumptos. Foram estes:

Doutor Bernardo Luiz Ferreira, deão; Manoel Vieira de Lemos Sampaio, conego; e João Rodrigues Mariz, conego.

Estes tres compunham o governo do bispado, *sede vacante*.

Vigarios: os padres João Cavalcanti de Albuquerque, Antonio de Almeida Azevedo, Antonio Jacome Bezerra, Virginio Rodrigues Campello, José Gomes Chacon, João Barbosa Cordeiro, Manoel Gonçalves Fontes, Verissimo Machado Freire, Luiz José de Albuquerque Cavalcanti Lins, Francisco da Costa Medeiros, Ignacio Alves Monteiro, tambem conego, José Ferreira Nobre, Miguel Carlos da Silva Saldanha Francisco de Sales Coelho da Silva e Pedro de Souza Tenorio.

Coadjutores e outros clerigos: João Ribeiro Pessoa de Mello Montenegro, Antonio Pereira, José Martiniano de Alencar, Manoel

José de Assumpção, Francisco Manoel de Barros, Francisco Muniz Tavares, José Ignacio de Brito, Antonio Felix Velho, Miguel Joaquim de Almeida Castro, José da Costa Cirne, João Baptista da Fonseca, Ignacio de Almeida Fortuna, Francisco Xavier Garcia, José Felippe de Gusmão, João Gomes de Lima José Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima, Antonio José Cavalcanti Lins, Francisco Dias de Oliveira, Venancio Henrique de Resende, Luiz José Correia de Sá, Carlos José dos Santos, Ignacio Bento, Luiz Carlos Coelho da Silva e Gonçal Ignacio de Loyolla.

Regulares: frei Joaquim do Amor Divino Caneca, o guardião frei João Loureiro, frei Francisco de Santa Marianna, frei Francisco de São Pedro, frei Mercês frei João da Cruz, frei Francisco de Santa Anna Brito, frei José Maria do Sacramento Brayner, frei João de Santa M quilina e o donato Jacintho Luiz de Mello.

De todos esses, dois suicidaram-se, quatro perderam as vidas em patibulos por sentenças de commissões militares e grande parte dos mais soffreram quatro annos de prisão na cadeia da cidade da Bahia.

Convem ainda saber-se, que houve, além dos referidos, outros que sendo presos, foram depois soltos, por se não julgarem graves e provadas as imputações criminosas contra elles, ou por lhes ser por algum motivo mais favoravel a sorte. »

A essas observações do illustrado consocio, podemos nós accrescentar o seguinte:

O governador do bispado, deão Manoel Vieira de Lemos, havia publicado uma pastoral na qual reconhecia não ser a revolução de 1817 contraria ao evangelho; porquanto a posse e direito da casa de Bragança eram fundados em um contracto bilateral, e havendo sido ella quem primeiro faltou ás suas obrigações, estavam os povos desobrigados da lealdade jurada.

Essa pastoral causou grande regosijo e foi remettida pelo governo a todos os parochos, com ordem de lel-a á esta ão da missa e affixal-a nas portas das matrizes. O mesmo deão exortava o general José Mariano de Albuquerque Cavalcanti para que lhe trouxesse *vivo ou morto o infame* padre Paschoal Pires que havia provocado a rebellião das villas de *Santo Antão* e *Páo d'Alho*, porque nelle queria mostrar á posteridade como se castigavam ecclesiasticos traidores á patria!

Na revolução de 1824 tambem tomaram parte muitos sacerdotes, que constituiam então a classe mais instruida da nossa sociedade. Sómente em 1831 formaram-se os primeiros bachareis da academia de Olinda.

Além daquelles aquem teremos occasião de referir-nos na presente narração, podemos indicar os que na provincia do Ceará adheriram ao movimento republicano de Pernambuco, conforme a relação dos que tiveram parte principal na revolução, remettida pelo ministro da justiça Clemente Ferreira França ao presidente da commissão militar em aviso de 13 de janeiro de 1825:

Padre Gonçalo Ignacio de Loyolla Albuquerque Mello (*Mororó*), redactor do *Diario do Governo* e secretario de Tristão Gonçalves Alencar Araripe. Foi executado em 30 de abril de 1825.

Padre Manoel Pacheco Pimentel, vigario da *Serra dos Cocos*, deputado ao congresso republicano que devia reunir-se em Pernambuco.

Padre José Francisco dos Santos, vigario de *Baturité*.

Frei Alexandre da Purificação. Foi condemnado á morte; sua pena, porém foi commutada em degredo para o *Rio Negro* e depois em prisão no seu convento.

Padre José da Costa Barros (Jaguaribe), deputado á constituinte republicana de Pernambuco.

Padre Joaquim Ferreira Lima (*Lima Secca*).

Padre Francisco de Paula Barros, vigario das *Russas*.

Padre Estevão da Porciuncula Pereira. Foi arrancado do altar e assassinado pelas forças imperiaes, ficando seu corpo privado da sepultura; em outubro de 1824.

Não deixava de causar especie que um sacerdote de tão elevados sentimentos e tão instruido, como Francisco Ferreira Barreto, conhecido por *doutorzinho*, pelo modo brilhante com que sempre se houve desde seus primeiros estudos, não tomasse parte na revolução de 1817, quando já contava vinte e sete annos de edade e se tinha ordenado desde 1813; nem na de 1824, apezar de ter assento como deputado supplente, na ausencia de Manoel de Carvalho Paes de Andrade, na assembléa constituinte, dissolvida por forma tão violenta pelo primeiro imperador.

Essa sua abstenção não deve ser attribuida a temores pela segurança publica, a seu caracter mais propenso á estabilidade e força governamental, como pensa o seu illustrado biographo, porém a seus senmentos conhecidamente monarchicos, como deixam fóra de toda a duvida o desvanecimento com que sempre se referia aos reis e aos principes, em seus magnificos sermões e até a dom Miguel que logrou ser rei absoluto de Portugal durante mais de cinco annos e a parte que tomou na sociedade secreta *Columna do Throno*, estabelecida em 1829, na qual se apellidava a constituição de *trambolho* e era aspiração dos socios que o imperador reinasse sem trambolho, e na redacção dos jornaes *Cruzeiro* e *Amigo do Povo*, suspeitos de promover o governo absoluto.

Entretanto, por uma contradicção inexplicavel a que estão sujeitos os homens mais eminentes, havia o padre Barreto recebido com enthusiasmo a independencia da patria e nova forma de governo.

« Ha uma providencia que dirige o Brasil; ha um Deus que o governa.

Era um paiz idolatra, e converteu-se em monarchia christã.

Era uma colonia, e tornou-se independente.

Tinha um governo absoluto, foi livre e constituiu-se uma nação

Pedro, o seu fundador, vê-se depois como abysmado, e colloca o herdeiro sobre o throno.

Falta-lhe ainda um successor, mas elle o recebe agora. »

São as palavras por elle proferidas na oração sobre o nascimento do principe imperial dom Affonso.

No sermão pregado no dia 1º de dezembro de 1825 na matriz de Santo Antonio para solemnisar o juramento do projecto de constituição, faz elle o elogio do governo constitucional:

« A constituição, senhores, é a marca de igualdade civica por sua justiça, a origem da prosperidade nacional por seus fundamentos, o correctivo da administração antiga por suas reformas, a vingadora das sciencias pela sua força, a norma da sociedade pelas suas doutrinas. »

Quando o padre Francisco Ferreira Barreto teve noticia de que se preparava em Lisboa uma expedição contra o Brasil, foi dominado da mais justa e nobre indignação que aconselhou ardentemente que fosse a todo custo repellida a invasão da patria.

Os serviços prestados por frei Caneca á causa que poz em campo a revolução de 1817, foram tão relevantes, que lhe mereceram um logar entre os trinta martyres que a corveta *Mercurio* conduziu para as cadeias da relação da Bahia, de onde sómente voltou em 1821. Na especie de academia, creada nos carceres pelos presos de 1817, coube a frei Caneca leccionar geometria e calculo.

Proclamada a independencia do Brasil a frei Caneca foi incumbida a tarefa de pregar no *Te Deum* celebrado no *Corpo Santo*, em 8 de dezembro de 1823, dia em que teve logar a solemnidade da acclamação nos paços da camara municipal do Recife.

Esse seu sermão, publicado nas paginas 235 e seguintes de suas obras, deve ser lido com particular attenção.

A magnifica oração, por frei Caneca recitada em occasião tão solemne, não era simplesmente uma apologia do principe poderoso, que se apossava do throno do novo imperio por um modo todo irregular; não; as vistas do illustrado pregador se elevaram a muito maior altura.

Elle festejava, com fervido enthusiasmo de eximio patriota, a liberdade do Brasil. A exaltação de Pedro primeiro era por elle louvada do modo mais pomposo, por que importava a independencia da patria querida, a quebra do sceptro de ferro, com que o despotismo nos governava do modo mais cruel.

Frei Caneca dispensava ao joven imperador as mais benevolas expressões e o comparava ao anjo de Isaias, convidado a vir á terra além dos rios da Ethiopia, a soccorrer o povo terrivel, a libertar a gente que estava continuamente em esperanças e continuamente pisada e esmagada; mas o grande orador sagrado assim procedia, não porque admirasse os ouropeis que exornavam a realeza, mas sim porque o principe promettia ao Brasil o imperio constitucional collocado entre a monarchia e o governo democratico; reunindo em si as vantagens de uma e outra forma e repulsando para longe os males de ambas; agrilhoava o despotismo e estancava os furores do povo indiscreto e voluvel.

Nessa forma de governo entendia o illustrado pregador, poderá o

imperador fazer todo o bem a seus subditos, jámais causará mal algum, porque a constituição com leis sabias,fundamentaes e cautelas prudentes hade de tirar ao governo os meios de afrouxar a brida ás suas paixões.

Era identico, certamente, o pensamento do illustre paulista José Bonifacio de Andrada e Silva, distincto poeta e grande orador, neto do primeiro ministro do Brasil indepedente, quando escrevia estes versos:

Curve-se a fronte ante a memoria egregia
Do lidador da nossa independencia:
Nós saudamos tambem nossa existencia
E não saudamos só a cr'ôa regia.
Gemeas idéas são Pedro Primeiro
E—libertado o povo brasileiro.

E' que José Bonifacio, do mesmo modo que frei Caneca e todos os liberaes contemporaneos do Brasil, esquecia o principe ambicioso e ingrato para com aquelles que o exaltaram ao throno de um grande paiz, cheio das mais lisongeiras esperanças, para nelle vêr unicamente o causador incruento da emancipação de nossa patria, digna por sem duvida de melhor sorte.

O tempo encarregou-se de demonstrar si frei Caneca tinha rasão, ou si unicamente por attenção ao logar sagrado de onde se dirigia a um auditorio que tinha opiniões bem conhecidas, ao meio e a occasião em que fallava, externava semelhante juiso a respeito da monarchia constitucional. A' nós parece que eram muito outras suas convicções e muito mais democratas as suas idéas sobre as formas de governo.

Em o numero XXV do *Typhis Pernambucano*, publicado no dia 8 de julho de 1824, expressava-se elle pela forma seguinte, depois de descrever as vantagens do systema republicano no Brasil, como já tivemos occasião de dizer em a nota oitava:

« Esta verdade, a excepção dos redactores do *Diario do Rio* e seus comprados correspondentes, ha mezes a esta parte conhecem e confessam todos os philosophos e publicistas que tem pensado e escripto sobre o Brasil, a cuja citação nos poupamos por serem vulgares.

Moderando, porém, estes impulsos para uma pura democracia e esperando ser felizes em um imperio constitucional, proclamaram essa forma de governo e entregaram-se todos ás intenções que o imperador fingia ter para com o Brasil; conhecem, áfinal, que estavam illudidos e que sua magestade por factos que têm chegado ainda além da Taprobana, pretende lançar-lhe novos e mais vergonhosos grilhões.

Tendo dolorosa experiencia do que se deve esperar das promessas dos reis, frei Caneca conservou-se atalaia vigilante para denunciar os attentados contra as instituições juradas.

Aberto o congresso constituinte observou frei Caneca que a politica centralisadora, prepotente e dynastica do ministerio de José Bonifacio não era correcta nem estava de acordo com as promessas do imperador de firmar no Brasil o governo constitucional.

Na fala com que foi aberta aquella assembléa lhe mereceram alguns topicos o mais sério reparo.

« Com sua espada defenderia o imperador a constituição, *si fosse digna do Brasil e delle.* »

Parecia querer-se insinuar com essa proposição, que podia haver uma constituição que, sendo do agrado do Brasil, não o fosse tambem do imperador. Pois pode ter o chefe de uma nação outra dignidade que não seja a dignidade da nação? Um monarcha não tem outra felicidade que a felicidade do seu povo; um monarcha é grande, respeitado e timido, quando a sua nação é grande, respeitada, honrada e timida.

O outro topico era este:

« Espero que a constituição que façais, mereça a minha imperial approvação. »

Era o manifesto mais decisivo das intenções do governo, porque não se determinando o que desejava o imperador, poderia este regeitar toda e qualquer constituição, não a suppondo digna de sua imperial acceitação, e substituir por *uma cousa* qualquer a feição de suas conveniencias, porém contraria a nossa liberdade, realisando-se a fabula do cavallo que pedindo ao homem ajuda para vingar a injuria, ficou delle cavalgado.

E nesse sentido continuou frei Caneca a escrever com a maior energia contra a politica do governo e contra o que se tramava de hostil á constituição.

« Meu charo Damão, que futuro se nos antolha; quanto temo ver a chara patria sepultada em um abysmo insondavel de males! »

Dissolvida a constituinte, realisando-se assim os seus justos temores, fundou immediatamente o jornal *Typhis Pernambucano*, cujo primeiro numero foi publicado a 25 de dezembro de 1823.

Quem quizer ficar inteirado de muitas particularidades occorridas durante a revolução de 1824, procure ler esse valente orgão de publicidade nos vinte e nove numeros que se acham na collecção de suas obras.

E não foi só com a penna que frei Caneca combateu o acto violentissimo praticado pelo imperador.

Proclamada a *Republica do Equador*, pôz se em campo com as forças que sustentavam a Manoel de Carvalho, ainda muito depois que desamparou este os seus partidarios ausentando-se para a Inglaterra.

E' bem conhecido o castigo cruel imposto ao grande patriota que teve a coragem de oppôr-se á vontade imperial.

Seu supplicio, cuja discripção nossa penna se recusa repetir, acha-se narrado de modo minucioso no escripto de Fernando José Martins, publicado no numero 41 da *Revista*.

Entre suas obras, de cuja publicação encarregou-se o nosso dis-

tincto consocio Antonio Joaquim de Mello, encontra se o sermão por elle pregado na ordem terceira do Carmo, no dia 14 de fevereiro de 1823, que demonstra cabalmente quanto era elevado o seu espirito e despegado dos preconceitos e prejuisos, de que de ordinario se deixam dominar os que não comprehendem devidamente os preceitos da religião catholica.

Explicando o texto—*vigilate et orate ut non intretis in tentationen* (São Matheus 26), condemnou elle severamente o procedimento daquelles que sacrificam seus deveres a orações que nem sempre são justas nem nascem da simplicidade de coração e pureza de consciencia, sendo dirigidas a Deus em *mau tempo*; abumdando em considerações sensatas e orthodoxas.

Os confrades da ordem terceira do Carmo se escandalisaram com a doutrina pregada por frei Caneca na parte relativa a inefficacia da oração inopportuna e não só o censuram publicamente, como por intermedio de seu prior o denunciaram a frei Carlos de S. José, provincial da ordem, perante quem defendeu-se frei Caneca entregando-lhe copia do sermão como fôra pregado e mandando publical o, para que podessem todos conhecer da injustiça com que o accusavam seus adversarios.

Não devia ser difficil justificar se deante daquelle de quem havia sido secretario, e que, por tanto, o podia conhecer perfeitamente.

De entre os trabalhos notaveis devidos á penna habil de frei Caneca destaca-se tambem, por sua erudição, a dissertação que se lê a pagina 185 da collecção de suas obras, sobre o que se deve entender por patria e deveres dos cidadãos.

Essa preciosa producção da valente mentalidade do grande litterato pernambucano, cuja perda por modo tão atroz ainda hoje choramos, tinha mormente o merito da opportunidade.

A indisposição entre os naturaes de Portugal e os nascidos no Brasil, existente desde o descobrimento desta parte da America, pelos mesmos motivos, dos quaes era oriunda a rivalidade dos inglezes com os filhos dos Estados Unidos e a dos hespanhoes com os subditos de suas possessões, havia se aggravado entre nós com a guerra dos mascates em 1710, na qual se enfrentaram portuguezes e pernambucanos; com a revolução de 1817, quando parte importante do Brasil quiz separar-se da metropole e em 1822 por occasião de nossa independencia, tão mal vista por Portugal que perdia a fonte abundante de suas riquezas.

Foi, portanto, um acto do mais alevantado patriotismo esse de frei Caneca, procurando desvenecer, em 1823, essa indisposição que infelizmente ainda perdura, ao approximar-se o periodo brilhante da *Republica do Equador*, do qual foi elle principal factor, desde sua mais remota origem até que perdeu a vida na persuasão nobilissima de que seu sangue faria fructificar a arvore da liberdade.

Muito maior foi a perda do lado das forças imperiaes, por serem certeiros os disparos dos artilheiros dos revolucionarios. (15)

Conhecendo o major José Maria Ildefonso que tinham sido infructiferos todos os seus esforços para impedir o ingresso dos inimigos que já occupavam o bairro de *Santo Antonio*, sobre o qual despejou a fortaleza do Brum sua artilheria, mandou retirar a peça, o que conseguiu com bastante trabalho, porque a guarnição achava-se muito redusida e os bois haviam fugido no calor da lucta, e afastar tar o batalhão para longe do alcance das balas, e seguiu immediatamente para *Venda-Grande* a communicar a Manoel de Carvalho o mau exito de sua diligencia. Alli deixou os soldados feridos, levando na garupa do cavallo em que ia montado um delles que entregou aos cuidados de um frade em *Prazeres*, onde não encontrou mais o coronel

---

(15) A's forças de Lima e Silva juntaram-se em *Barra Grande*, bandos do matto commandados pelos coroneis Hollanda Cavalcante e Pedroso.

Pedro da Silva Pedroso era natural de Pernambuco, e abraçando a nobre profissão das armas, occupava o posto de capitão de artilheria, quando se deu a revolução de 1817, em que representou um dos principaes papeis, sectario fogoso como era, das idéas democraticas ensinadas nas academias do *Cabo* e do *Paraiso* e nas sociedades secretas.

Denunciado no dia 1· de junho a Caetano Pinto pelo covarde José da Cruz Ferreira de triste celebridade nos annaes da historia, como um dos conspiradores da independencia do Brasil, estava condemnado em conselho de guerra a ser preso, com outros companheiros, quando inesperadamente rompeu a revolução de 6 de março, por occasião de effectuar-se a sua prisão e a do capitão José de Barros Lima, conhecido por *Leão Coroado*.

Feita a capitulação do Brum, foi Pedroso nomeado commandante de um dos batalhões dos revolucionarios e nesse posto importantissimo prestou serviços relevantes á causa da liberdade e quando foi suffocado o movimento, foi elle um dos trinta presos remettidos na corveta *Mercurio* para os carceres da Bahia.

Na especie academia alli creada coube-lhe leccionar arithmetica e algebra.

Caetano Pinto de Miranda Montenegro, bacharel em direito pela universidade de Coimbra, ex-intendente do ouro no Rio de Janeiro e ex-capitão general de Matto Grosso, era desde 1804 governador de Pernambuco, quando se deu a revolução de 1817.

O padre Joaquim Dias Martins que tão grande serviço prestou á historia patria, escrevendo seu precioso livro —*Martyres Pernambucanos*—, dividiu, segundo o juiso critico da epocha, o governo

José de Barros, com quem foi juntar-se mais adeante na distancia de uma legua, na altura das *Candeias*; nesse logar o mesmo coronel achava-se com o segundo de caçadores, commandado pelo major Carapeba, á espera do primeiro batalhão conduzido pelo tenente coronel Silva, que havia ficado na ponte dos *Carvalhos*.

Ao major José Maria Ildefonso, intelligente autor do manuscripto, pareceu um grave erro, improprio de um cabo de guerra distincto como era o coronel José de Barros, o abandono, contra seus conselhos e instancias, da estrada existente entre os engenhos *Soccorro* e *Sant' Anna*, pela qual passou desembaraçadamente, como fica referido, o exercito de Lima e Silva, pelo governo imperial denominado, por uma cruel ironia, nos decretos de 20 de outubro de 1824, exercito — Cooperador da Boa Ordem —, tendo os individuos nelle alistados direito a uma medalha de distincção,

---

da Caetano Pinto em tres periodos: o primeiro de quatro annos em que procurou tomar como modelo a Marco Aurelio; o segundo de egual tempo, em que foi seu intuito imitar Heliogabalo e o terceiro em que podia ser comparado a Sardanapalo.

Está na memoria de todos o modo porque começou a revolução, assim como que Caetano Pinto fugindo nessa occasião para a fortaleza do Brum, apezar de contar com os recursos necessarios para oppôr grande resistencia aos revolucionarios, preferiu acceitar a capitulação que lhe foi imposta, e remettido preso, em 10 de março, para o Rio de Janeiro, foi recolhido na *Ilha das Cobras* onde esteve durante um anno: sómente depois desse tempo teve por menagem a praia de *São Domingos*.

No decreto de 2 de março de 1821 declarou dom João VI que tendo em lembrança as provas de fidelidade zelo e honra que sempre lhe deu Caetano Pinto de Miranda Montenegro em quanto se empregou no real serviço, o dispensava do processo que devia correr para se justificar do successo de se terem os rebeldes apoderado do governo da provincia de Pernambuco, quando elle governava, havendo-o por justificado e o reintegrava no logar de conselheiro da fazenda de capa e espada.

Não se limitou ao perdão de Caetano Pinto e á sua restituição ao antigo emprego; foi muito além a generosidade do rei, attribuida ao alto valimento de uma senhora da côrte.

Ao ministerio, nomeado por dom João VI, em 22 de abril de 1821, para servir com o principe regente, quando o rei retirou se para Portugal e composto do conde dos Arcos, o celebre governador da Bahia, na pasta do reino, do conde de Louzã na da fazenda, do marechal Carlos Frederico de Caula na da guerra e do major general da armada Manoel Antonio Farinha na da marinha, e depois modificado pelo

e a usar nas suas bandeiras da insignia dos cavalheiros da ordem do Cruzeiro.

Erro egual, entendia o major ser a occupação pelo primeiro de caçadores, sem a menor utilidade, da ponte dos *Carvalhos*, na qual era sufficiente deixar um destacamento para guardar as duas grandes e fortes trincheiras, levantadas por elle na entrada da mesma ponte, que foi deitada abaixo, afim de obstar a passagem pelo rio, cuja corrente era violentissima, até a barra de *Jangada*.

A ponte sobre a camboa de *Manguahype* tambem havia sido destruida e junto a ella construida uma pequena trincheira, de modo que a passagem sómente poderia effectuar-se na altura do engenho do mesmo nome.

Era, portanto, inevitavel para o exercito imperial o transito do *Cabo* para o *Recife* pelo engenho *Suassuna* e estrada entre os dois engenhos *Sant' Anna* e *Soccorro*.

---

principe, succedeu em janeiro de 1822 o ministerio de José Bonifacio de Andrada e Silva, que promoveu a permanencia de dom Pedro de Bragança no Brasil.

Desse ministerio de que José Bonifacio era presidente de facto, porque só muito posteriormente foi esse cargo creado por lei, fazia parte Caetano Pinto de Miranda Montenegro, a principio como ministro da fazenda e presidente do erario regio e do thesouro nacional depois da proclamação do imperio e por fim ministro da justiça até que se deu em 12 de novembro de 1823 a dissolução da assembléa constituinte.

Não podendo aproveitar a Pedroso a amnistia das côrtes geraes, extraordinarias e constituintes de Portugal concedida por decreto de 20 de março de 1821 publicado pela regencia que governava o reino na ausencia de dom João VI, que ainda se achava no Brasil, porque além do crime politico, havia elle sido condemnado a degredo perpetuo na fortaleza *Mormulgão* nas costas da Asia, pelo homicidio do tenente coronel Alexandre Thomaz, ajudante de ordens de Caetano Pinto, sómente depois de perdoado pelo rei, conseguiu voltar a Pernambuco.

Não ha quem ignore a grande influencia que na mudança de regimen da nação portuguesa teve a revolução da Hespanha em 1820.

A iniciativa do movimento revolucionario partiu do Porto no dia 24 de agosto daquelle anno, promovido pelos militares com adhesão de todas as outras classes.

A junta governativa, então eleita sob a presidencia do coronel Silveira, depois de reconhecida por grande parte do territorio, partiu com duas divisões para Lisboa, afim de submetter a capital do reino ao regimen constitucional proclamado pela revolução do Porto.

Estacionava a junta em Coimbra, quando em Lisboa, onde eram conhecidos os acontecimentos da capital do Minho, levantaram-se as

Da mesma opinião participou frei Joaquim do Amor Divino Caneca em seu itinerario, no qual havia escripto o seguinte, alguns dias antes de ser espingardeado :

« . . . . por fatalidade o dia que escolhemos para essa visita, foi o dia 12 de setembro, o mesmo marcado pela perfidia e traição para se abrirem as portas da cidade ao inimigo.

Estas foram o ponto do engenho *Sant' Anna*, que sendo o unico por onde os *imperiaes* se deviam metter no Recife, foi de *proposito* o menos fortificado ; por isso pouco depois de chegarmos ao ponto dos *Prazeres*, tivemos a infausta nova de ser forçado o ponto de *Sant' Anna* e se haver o inimigo assenhoreado dos *Afogados*. »

Em homenagem á verdade historica, não devemos calar, que não são esses os periodos unicos do manuscripto do coronel José Maria Ildefonso e do itinerario de frei Caneca, em que se fazem allusões pouco honrosas á lealdade do co-

---

tropas sob o commando do conde de Resende, por occasião de celebrarem as festas do dia 15 de setembro, anniversario da expulsão dos francezes, e sem a menor resistencia depuzeram a regencia nomeada pelo rei, e elegeram uma junta, cuja autoridade foi reconhecida por todos, com excepção da junta do Porto, que passou-se de Coimbra para Alcobaça, no intuito de installar-se em Lisboa.

A convenção do 1 de outubro pôz fim a essa dissidencia, que ia annullando os effeitos do generoso movimento, cujo objectivo principal era acabar com o governo absoluto. Em consequencia dessa convenção teve logar a fusão das duas juntas.

Em 11 de novembro, ainda foi da classe militar que partiu a acclamação da constituição hespanhola de 1812 que devia vigorar em Portugal em quanto não fosse adoptada a que tinha de ser promulgada pela constituinte já convocada.

Feitas as eleições dos deputados de Portugal, teve logar sua primeira reunião em 24 de janeiro de 1821, sendo seus primeiros actos a eleição da regencia que devia assumir o governo da nação até que dom João VI voltasse do Brasil, e a dos ministros que deviam servir com essa regencia, que ficou composta do marquez de Castello Melhor frei Francisco de São Luiz, José Luiz de Carvalho, conde de Sampaio e João da Cunha Souto Maior.

O decreto de amnistia, a que acabamos de nos referir, datado de 20 de março de 1821, está assignado por Manoel Fernandes Thomaz, João Baptista Felgueiras e Agostinho José Pereira, presidente e secretarios das côrtes e publicado pela regencia e seus secretarios.

Chegando Pedroso em 1823 á patria, seu genio ardente não lhe consentiu o socego de espirito de que tanto carecia, depois dos soffrimentos de mais de quatro annos, e promoveu logo a deposição da junta

ronel José de Barros, sem que, entretanto, compartilhemos de testemunhos, aliás tão respeitaveis, que bem podem ser attribuidos á apreciações erroneas da occasião, principalmente si quizermos attender ao modo porque procedeu o coronel na defesa do bairro da *Boa Vista*, segundo a narrativa insuspeita de Fernando José Martins, da qual nos occuparemos mais adeante.

São estas as passagens a que acabamos de nos referir.

Escreveu o coronel José Maria Ildefonso logo no começo de sua interessante memoria, que chegando á Olinda a tropa dos revolucionarios, depois da tomada da *Boa Vista*, divulgou-se na noite de 14 de setembro, que o commandante das armas coronel José de Barros e seus filhos tinham desapparecido do quartel na ladeira do *Varadouro*, onde estiveram até nove horas da noite, tratando da defesa de Olinda, ficando, portanto, a tropa em verdadeira debandada.

Frei Caneca accrescenta o seguinte :

---

de que era presidente Gervasio Pires Ferreira, que se não mostrava adepto decidido da independencia do Brasil, como já dissemos em a nota quinta, attribuindo-se a impopularidade de seu governo aos seguintes fundamentos :

1º Tinha o principe dom Pedro de Bragança se resolvido, em 9 de janeiro de 1822, em attenção ao pedido que lhe dirigiu o senado da camara da cidade do Rio de Janeiro em vereação daquelle dia, presidida pelo juiz de fóra José Clemente Pereira, que tão importante posição occupou depois no imperio, a permanecer no Brasil, elevado á categoria de reino unido em 16 de dezembro de 1815, apezar das ordens das côrtes portuguezas, o que importava sem duvida o primeiro passo para a nossa independencia.

A lei de 1 de outubro de 1821, promulgada pelo rei dom João VI e referendado pelo ministro do reino José da Silva Cabral, determinava que o principe real regressasse quanto antes para Portugal, e passasse a viagem incognito pelas côrtes e reinos da Hespanha, França e Inglaterra, sendo acompanhado por pessoas dotadas de luzes, virtudes e adhesão ao systema constitucional. O decreto de 18 de fevereiro do mesmo anno, expedido do Rio de Janeiro pelo rei já havia determinado que o principe real dom Pedro partisse para Portugal, munido de autoridade e instrucções necessarias para pôr em execução as medidas e providencias convenientes ao restabelecimento da tranquillidade geral do reino, ouvir as representações e queixas dos povos, estabelecer as reformas e melhoramentos e as leis que pudessem consolidar a constituição portugueza.

Como complemento dessa resolução, convocou, de acordo com a

« Como que se completassem os fataes dias marcados pela perfidia para a entrega da chara patria, fomos advertido em segredo, que nos occultassemos, pois que nós eramos procurado com empenho; e como quem nos fez esta advertencia, debaixo da face de amisade, foi o filho do mesmo traidor Barros, nós entendemos que longe de ser aquella revelação um effeito da amisade, era um meio de nos separarem do quartel general, etc. »

Não podemos acreditar que o pacificador de Fernando de Noronha em 1797 e de Alagoas em 1815; o patriota de 1817, cuja revolução *sustentou com mão forte, unindo-se briosamente ao regimento de artilheria, trabalhando em commum com os demais chefes até o embarque do governador Caetano Pinto*, na phrase do padre Dias Martins; o conjurado de 1821 contra Luiz do Rego; o defensor da integridade do

---

representação dos povos da côrte, Minas e São Paulo, por decreto de 16 de fevereiro de 1822, referendado por José Bonifacio de Andrada e Silva, um conselho de procuradores geraes das provincias; a junta presidida por Gervasio Pires Ferreira recusou-se a expedir as ordens precisas para a eleição dos procuradores de Pernambuco, apezar de reconhecer a importancia e gravissimas consequencias desse acto para a sorte futura do Brasil, e em officio de 26 de março e 1· de abril do mesmo anno consultou ao regente, si devia dar execução ao decreto que lhe parecia contrario á soberania do congresso e aos direitos d'el rei, aconselhando ao principe que desconfiasse dos ministros que lhe haviam proposto a adopção de semelhante resolução, e nesse sentido se dirigiu á camara da capital que exigia a execução do decreto, declarando-lhe que convinha adiar a eleição, até que se expedissem as instrucções necessarias sobre o modo de se proceder.

Essa repugnancia da junta com relação a effectividade de uma providencia do maior interesse para Pernambuco, deu causa ao movimento de 1· de junho, em que apresentou-se em palacio a camara do Recife, acompanhada de officiaes representantes dos corpos aqui estacionados e pessoas do povo, exigindo da junta o reconhecimento do principe regente, como chefe do poder executivo independente do de Portugal, apezar das reflexões externadas pelos membros da mesma junta de que lhes não era licito o reconhecimento sem quebra do juramento de fidelidade ao congresso e a elrei.

No dia 2 foi a junta coagida a mandar lavrar o termo de reconhecimento exigido, deferindo o juramento aos seus membros e ao presidente da camara, que por sua vez o deferiu aos demais funccionarios.

2· O mesmo principe regente convocou por decreto de 3 de junho uma assembléa constituinte especial para o Brasil.

A' installação do conselho dos procuradores geraes das provincias,

imperio em 1822; um dos heroes, em fim, de *Pirajá*, viesse desmentir seus precedentes honrosissimos na revolução de 1824, para receber em premio de sua pretensa traição a condemnação á morte affrontosa, o duro exilio de sete annos, a perda de sua carreira tão brilhantemente começada que ficou para sempre compromettida e a privação do doce conchego do lar domestico!

Não se deve antes crer, que julgando perdida a revolução, como perdida fôra a de 1817, não a quizesse acompanhar, sem proveito real para a causa que havia abraçado, até aos ultimos desfechos, como egualmente praticaram o tenente coronel José Antonio Ferreira, commandante de confiança de Manoel de Carvalho, das forças do sul contra os partidarios do morgado; o tenente coronel Manoel Ignacio Bezerra de Mello, o audaz autor do movimento de Goyanna em 1821 e que depois da tomada do Recife foi es-

---

convocado para o dia 2 do referido mez, compareceram apenas tres dos eleitos: Joaquim Gonçalves Ledo pela provincia do Rio de Janeiro, José Marianno de Azeredo Coutinho pela mesma provincia e Lucas José Obes pelo estado Cisplatino.

O regente lhes dirigiu uma fala, em que manifestou o desejo dos povos, externado pelas respectivas camaras, de que fosse convocada uma assembléa constituinte e legislativa, e declarou que parecendo-lhe essa convocação do maior interesse, tinha resolvido installar o conselho com os representantes sómente de tres provincias.

Logo no dia seguinte os tres procuradores e os ministros de estado, que eram então José Bonifacio de Andrada e Silva, Caetano Pinto de Miranda Montenegro, Joaquim de Oliveira Alvares e Manoel Antonio Farinha, se dirigiram ao principe sobre a convocação da constituinte, como já fica dito e a junta de Pernambuco, ainda nessa occasião, resolveu esperar por instrucções, tanto para essa eleição como para a de procuradores. O regente não julgando procedentes as rasões adduzidas pela junta com relação á inconveniencia da convocação, em aviso de 27 de maio, assignado pelo ministro José Bonifacio, insistiu pelo cumprimento de suas ordens.

Esse procedimento da junta provocou o motim da noite de 2 e do dia 3 de agosto, quando foram presos diversos officiaes de linha, empregados publicos e até o ouvidor da comarca. Sómente depois dessa manifestação popular foram expedidas as communicações precisas para proceder-se á eleição.

3· As tropas vindas do Rio de Janeiro para soccorro da Bahia, sujeita ao general Ignacio Luiz Madeira de Mello que se oppunha a independencia daquella provincia, tendo desembarcado nas Alagoas, aqui chegaram sob a direcção do general Labatut, para pedir á junta

colhido para conduzir as tropas revolucionarias de Goyanna para Nasareth ; o major José Gomes do Rego, o destimido *Casumbá*, que tanto já se salientára, merecendo por isso ser condemnado á pena ultima e que a commissão perversa permittisse que qualquer pessoa pudesse livremente matal-o, e como finalmente praticaram muitos outros, cujos nomes a historia conserva como protogonistas do generoso movimento que teve exito tão desgraçado?....

***

Manoel de Carvalho, aquem no dia 11 de setembro havia sido dirigida por Lima e Silva intimação de render-se, datada de *Garapú*, e que tendo vindo do Recife, como já fica dito, se achava em *Venda Grande*, com frei Caneca,

---

que lhe fornecesse viveres para a tropa e meios de transporte para a Bahia.

Foram fornecidos viveres, porém não se deu a Labatut o transporte solicitado, pelos motivos que pela junta foram levados ao conhecimento de um conselho que se reuniu no dia 1· de setembro; o conselho approvou a deliberação da junta, lembrando apenas a conveniencia de mandar o governo duzentos homens, para Alagoas, sob o commando de um official de confiança.

Seguiu-se a deposição da junta no dia 17 de setembro, insinuada pelo ministerio do regente que desejava ter nas provincias presidentes que promovessem a independencia da patria, á qual suppunha avesso Gervasio Pires Ferreira, e promovida pelo então capitão Pedro da Silva Pedroso, que dispondo da situação, fez eleger membros da junta interina Francisco de Paula Gomes dos Santos José Marianno de Albuquerque Cavalcanti, padre Ignacio de Almeida Fortuna, tenente coronel Thomé Fernandes Madeira e Felippe Nery Ferreira, e tomou para si o commando das armas.

Gervasio Pires Ferreira era um caracter sisudo, incapaz de tergiversações; apezar de amar estremecidamente sua patria, sentiu repugnancia em faltar ao cumprimento dos deveres impostos pela lealdade, e pela sua posição de delegado do governo da nação, ainda mesmo em proveito do principe regente, de cuja ambição elle não podia conhecer os limites.

Seu amor pela liberdade da patria e sua independencia manifestou elle perfeitamente, sem quebra desse caracter nobre a que nos temos referido, no officio que em data de 23 de agosto dirigiu a João VI, no qual não deixou occulto seu pezar profundo por ter sido rejeitado no congresso portuguez o additivo de 15 de junho, relativo á organisação politica do Brasil, concedendo-lhe o direito de ter côrtes especiaes e poder executivo independente.

quando se deu o combate de *Motocolombó*, já havia dado ordem para que as suas forças fossem fazer frente ao inimigo na *Boa Vista*, e por não encontrar jangadeiro que o conduzisse ao Recife, embarcou na galera *Tweed* que o transportou para a Inglaterra, de onde sómente lhe foi permittido voltar á patria depois da revolução de 7 de abril, que teve como consequencia a abdicação de Pedro I.

A' uma hora da madrugada partiram o coronel José de Barros e seus companheiros, do ponto em que foram encontrados pelo major José Maria Ildefonso, para dar cumprimento a ordem de Manoel de Carvalho de atacar no bairro da *Boa Vista* o exercito imperial.

Passaram pelos engenhos *Uchoa* e *Peres*, atravessaram

De seu encendrado patriotismo já havia dado provas irrecusaveis na revolução de 1817, cujo insuccesso o tornou mudo durante mais de quatro annos.

Que elle não era avesso a nossa emancipação politica, nem oppunha-se á sua realisação, ficou demonstrado com sua prisão na Bahia pelo general Madeira, o grande inimigo da independencia do Brasil, quando seguia para o Rio de Janeiro, e sua remessa p ra Lisboa, onde foi recolhido ás prisões do Limoeiro.

Pedroso que foi tão republicano em 1817, que quiz atravessar com a espada a José Luiz de Mendonça, porque propunha para Pernambuco o governo constitucional em logar da republica que então se projectava, foi inimigo encarniçado dos republicanos de 1824.

Do Rio de Janeiro, para onde fôra r mettido preso em rasão do ultimo motim por elle promovido em 1823 contra a junta que então dirigia os negocios da provincia, voltou quando Pernambuco estava em guerra civil, e abandonando seus antigos correligionarios, desembarcou em *Barra Grande*, e reuniu-se aos inimigos de Manoel de Carvalho, marchando para o Recife com as tropas de Lima e Silva que no dia 12 de setembro apossaram-se do bairro de *Santo Antonio*.

Residia, no fim de sua vida, na capital do Brasil quando foi proclamada a independencia; a historia conserva o seguinte documento publicado no numero 51 da *Bussola da Liberdade* de 20 de outubro de 1834 e reprodusido por Muniz Tavares na sua obra sobre a revolução de 1817, no qual Pedroso protestou contra os que attribuiram a José Bonifacio a primazia de nossa emancipação politica:

« Senhor redactor. — Não posso ouvir a sangue frio, que o Sr. Dr. *José Bonifacio* fosse o primeiro que désse o grito de Independencia do Brasil: esta gloria só a mim pertence, porque eu é que fui o primeiro que na cidade do Recife de Pernambuco, a 6 de março de 1817, pelas duas horas da tarde, fiz soar esta palavra magica que ao depois foi ecoada em 7 de setembro de 1822 pelo Sr. Dr. *José*

a estrada do *Soccorro*, e chegaram ao engenho *Curado*, de onde ouviram troar a artilheria do Brum, e depois ao engenho *S. Francisco*.

Nesse ultimo engenho o major José Maria Ildefonso fez sentir ao commandante em chefe a necessidade de serem os correligionarios avisados de que o exercito liberal estava salvo e marchava sobre a *Boa Vista*, e de acordo com o mesmo chefe partiu ao amanhecer do dia, acompanhado apenas de uma ordenança, atravessou a povoação da *Varzea*, o engenho *Poeta*, o *Caldereiro* e o *Poço*.

Depois de pequena demora no *Poço*, seguiu o major para *Casa Forte* onde, em casa de Amaro de Barros Correia, mudou a roupa encharcada pela chuva. Tomou a estrada da *Cruz das Almas*, atravessou *Beberibe* e *Forno da Cal*, porque *Belém* e *Rosarinho* já estavam occupados pelas tropas de Lima e Silva e chegou ao varadouro de *Olinda*, onde encontrou immenso povo que emigrára do Recife.

Bonifacio de Andrada no campo do Ypiranga. Perdoe-me! O seu a seu dono. Seu amigo, e patricio respeitador. — O coronel *Pedro da Silva Pedroso*.

Como prova de quanto é varia a opinião popular, conserva a chronica a noticia do seguinte facto em relação ao coronel Pedro da Silva Pedroso.

Tornando á Pernambuco depois que lhe foi concedido em Lisboa o perdão, de que já tivemos occasião de falar, promoveu a deposição da junta presidida por Gervasio Pires Ferreira, como acabamos de expôr, e foi investido do commando das armas.

Por esse grande serviço prestado ao partido da independencia, mereceu os seus applausos, e conseguiu immensa popularidade, principalmente entre os homens de côr, com os quaes repartiu as posições publicas, e foi solidario nos actos de extrema liberdade, degenerada em verdadeira licença. Desse seu procedimento irreflectido originaram-se grandes desgostos de Pedroso, aggravados pelo modo excessivamente attencioso com que elle tratava os portuguezes, aquem era agradecido pelos obsequios recebidos durante sua estada na capital do reino, e contra quem era então grande a animadversão, por tratar-se da independencia da patria.

Por esses e outros motivos que não vem a proposito enumerar, crearam-se dois partidos: o republicano sob a direcção de Manoel de Carvalho Paes de Andrada, de que faziam parte os doutores Cypriano José Barata de Almeida e José da Natividade Saldanha, redactores da *Sentinella da Liberdade*, e o dos liberaes puros dirigido pelo coronel Pedroso.

Estando este uma manhã no quartel de artilheria, foi atacado pe-

Seguido de mais de duzentas pessoas, entre moços e velhos, que o quizeram acompanhar, animados do enthusiasmo de defender seus parentes que haviam ficado na capital, correu a ajuntar-se ao exercito republicano. Em *Belém*, *Rosarinho* e *João de Barros* encontrou piquetes dos inimigos, que debandou aprisionando vinte praças de cavallaria e afinal avistou em *Rosarinho* a vanguarda do exercito liberal que occupava *Cruz das Almas* e *Tamarineira*. José de Barros encaminhava-se para *Olinda*; á elle e ao tenente coronel Ferreira procurou o major convencer de que era para a *Boa Vista* que deviam marchar, de acordo com as determinações de Manoel de Carvalho, com quem se entendera em *Venda Grande* e que para esse fim o mandára adeante, accrescentando que a sua ida para *Olinda* antes da *Boa Vista*, seria em pura perda do precioso tempo, e da occasião mais azada de bater o inimigo.

Depois de renhida discussão, em que até os soldados tomaram parte, com grande quebra da disciplina militar, tomaram as forças liberaes o caminho que lhes era indicado pelo major, em desordem tal, que sómente Carapeba e Manoel Santiago que commandava o 17, conseguiram pôr-se a frente de seus batalhões.

---

los republicanos, acompanhados de soldados seus partidarios, commandados pelo tenente coronel José Antonio Ferreira, de quem nos temos occupado neste estudo e pelo povo, tendo Pedroso tempo apenas de fugir para Afogados, perseguido por seus adversarios que gritavam—*morra Pedroso*.

Na ausencia do referido coronel operou-se immediatamente no Recife a reacção por parte dos liberaes puros, e o movimento tomou taes proporções, que não pôde ser mais suffocado pelo tenente coronel Ferreira que immediatamente voltou para a capital. Os partidarios de Pedroso, victoriosos, dirigiram-se na tarde do mesmo dia aos Afogados, de onde o conduziram, montado em uma peça, coroado de folhas de pitangueira, acclamando-o com os gritos repetidos—*Viva Pedroso*; ao que respondia elle commovido—*obrigado, meu povo*!

(16) Fernando José Martins descreve a tomada da *Boa Vista* pelo seguinte modo:

As forças do coronel José de Barros defendiam com valentia a ponte da *Boa Vista* com duas pequenas peças embocadas para ella, além da fusilaria.

O meio de tomar o bairro da *Boa Vista*, era avançar pela ponte; porém aquelles que fossem na frente, podiam contar com o sacrificio logo na primeira descarga.

O major José Maria Ildefonso assumiu o commando da artilheria com duas peças de campanha de calibre seis, uma commandada pelo capitão Ferreira e outra pelo tenente Taveira, e do *Manguinho* seguiu para a *Soledade*.

Carapeba tomou a direita do ataque pelo *Mondego*, e o capitão José Candido com a cavallaria e praças de fusileiros tomou pelo becco do *Olho do Boi* e acompanhou a lucta que se travou com as forças imperiaes até ao becco dos *Ferreiros*, onde foi ferido o major Costa, encarregado pelo governo da defesa da *Soledade* até a casa de Gervasio Pires Ferreira.

As forças imperialistas, que se achavam entrincheiradas no *Corredor do Bispo*, deixaram passar sem um tiro a vanguarda do exercito republicano e a primeira peça commandada pelo capitão Ferreira até a casa de Gervasio Pires Ferreira, onde parte das tropas do governo que se achava occulta rompeu o fogo e aprisionou o capitão Ferreira e toda a sua gente.

O major José Maria Ildefonso, que se achava com a segunda peça, commandada pelo tenente Taveira, ao lado da egreja da *Soledade*, conhecendo-se cercado pelos inimigos que estavam na vanguarda e por aquelles que do palacio do bispo, casas adjacentes, e sitio do doutor Mayer, o atacavam pela retaguarda, dirigiu todos os seus disparos para o lado da *Soledade* e durante meia hora de fogo esbandalhou a cocheira do palacio e o *Corredor do Bispo*, saltando os fusileiros, que com elle estavam, pela parte posterior da egreja e muros dos sitios visinhos, para mais se aproximarem dos logares da lucta com os soldados de Lima e Silva, que foram obrigados a abandonar a cocheira, os sitios do doutor Mayer e de Leal de Barros, continuando a peleja pela rua do *Pires* até a casa de Gervasio.

Entretanto tendo o major chegado com a segunda peça até a frente do paço episcopal, ahi deixou-a sob o commando do tenente Taveira e dirigiu-se para o pateo da *Santa Cruz*, afim de conhecer do resultado do ataque do batalhão 17, sob o mando do major Manoel Santiago, (conhecido por *Engole Cobra*) que havia carregado sobre o batalhão dos libertos, commandado pelo capitão Livramento, que succumbiu nesse encontro das duas forças adversarias.

Santiago, impressionado pela morte do official que fô-

ra seu amigo e companheiro no reconcavo da Bahia, na guerra da independencia em 1822, deu meia volta á direita e ordenou a retirada de todo o batalhão.

Chegava nessa occasião o major José Maria Ildefonso que não pôde deixar de exprobar-lhe o procedimento e determinar-lhe que continuasse o fogo que erradamente havia cessado.

Santiago formou de novo o batalhão no principio da rua do *Cebo*, e o major ouvindo o fogo que fazia na rua da *Gloria* o batalhão do major Carapeba, entrou pelo portão do sobrado, na rua do *Cebo*, no qual esteve depois a fabrica de cerveja, no sitio que era então de João dos Santos, e ahi encontrou Carapeba ferido na coxa, o qual para poder chegar até aquelle logar, havia mandado deitar por terra a cerca de palha que existia em frente do becco das *Barreiras*.

Carapeba tinha atravessado com seu batalhão os *Quatro Cantos* até ao principio da rua da *Gloria*, onde foi ferido.

As forças imperiaes resolveram, na noite de 15, tomar a ponte a todo custo; não apparecia, entretanto, quem se quizesse expôr á morte quasi certa, quando o alferes Marçal se offereceu ao general para commandar o pelotão da frente. Chegando aquelle punhado de homens, do qual fazia parte Martins, o autor do escripto a que acabamos de nos referir, ao meio da ponte, ficaram expostos tanto á descarga dos que estavam do outro lado, como aos disparos da fortaleza do Brum.

Dada a primeira descarga por parte dos republicanos, foi immediatamente respondida pela escolta, sendo desta muito raros os que escaparam, e a primeira victima o alferes Marçal.

Esses poucos que se salvaram, gritaram por estrategia, — *victoria* —o que deu causa á confusão dos liberaes que abandonaram a ponte e foram fortificar-se em differentes logares do bairro, onde de novo se travou a lucta.

(17) O bairro *Recife* depois da tomada da *Boa Vista*, era o logar unico da capital, onde se haviam concentrado as forças republicanas, sustentadas por Agostinho Bezerra e frei Caneca, cortada a ponte que unia esse bairro ao do *Santo Antonio* e guarnecidas as forças do *Brum* e *Quebra-pratos* e o *Porto das Canoas*; tendo, porém, as forças *imperialistas* bombardeado a alfandega e os sobrados proximos ao *Corpo Santo* e tudo quanto ficava ao alcance do canhão, na madrugada de 17, desembarcou a guarnição dos barcos de guerra e fazendo distrahir para seu lado as vistas dos contrarios, conseguiram as tropas do governo avançar pela ponte sobre a qual lançaram barrotes e taboas. Ao cla-

rear do dia estava o bairro do *Recife* occupado pela gente de Lima e Silva.

Além dessas forças, op raram na tomada do opulento bairro as do chefe de divisão Jewett que desembarcou com oito centos homens.

(18) Nem todos os patriotas que se distinguiram na revolução de 1817, tomaram parte no movimento de 1824 de que nos occupamos.

A' muitos parecia, sem duvida, tratar-se de um capricho entre o morgado Francisco Paes Barreto e Manoel de Carvalho Paes de Andrade

Entretanto a questão suscitada entre elles, por occasião da nomeação do presidente de Pernambuco, não foi a causa da revolução de 1824; motivou, porém, a explosão dos sentimentos patrioticos do grande partido que se ergueu no norte do Brasil, contra o acto violentissimo de 12 de novembro, que tomou como pretexto o supposto attentado, que se dizia premeditado pela assembléa constituinte contra a integridade do imperio, sua independencia e dynastia de Pedro de Bragança e até contra a religião catholica, como declarou o imperador no decreto e manifesto daquella data.

Sim foi um pretexto; perfeitamente demonstrado naquelle tempo com a publicação do projecto apresentado na constituinte, cujos trabalhos começaram em 3 de maio, tendo a discussão principio em 15 de setembro, assim como com a dos artigos já votados; haviam sido religiosamente respeitados esses principios.

Pedro primeiro tinha, portanto, pensamento muito diverso do que o por elle manifestado no referido decreto e proclamação, quando no dia 12 de novembro mandou postar em frente do edificio em que se achava reunida a assembléa constituinte, o esquadrão de cavallaria de Minas com as carabinas engatilhadas, o batalhão de caçadores de São Paulo e duas peças de artilheria montada com os morrões accesos, e ordenou que o brigadeiro Moraes, penetrasse no recinto augusto para intimar o decreto de dissolução e prender os deputados Antonio Carlos, Martim Francisco, Montezuma, Belchior, Vergueiro e seus dois filhos e a José Bonifacio.

Não foi uma questão de simples interesse pessoal a que se agitou em 1824 na *outr'ora* heroica provincia de Pernambuco, e tanto foi assim que fugindo para a Inglaterra no dia 12 de setembro, Manoel de Carvalho, no momento mais angustioso, abandonando ao carrasco a cabeça de seus partidarios, a revolução continuou com a maior firmeza, alastrando-se pelas provincias visinhas, onde não tinham rasão de ser os interesses pessoaes, até que viu-se forçada a ceder, deante das baionetas do governo, que foram procurar os seus chefes até aos ultimos baluartes, para entregal-os ao mais cruel castigo.

Felippe Nery Ferreira, como Muniz Tavares, Manoel Caetano de Almeida Albuquerque, Villela Tavares, Pedroso e como tantos outros que se distinguiram no movimento de 1817, tomou em 1824 partido contrario áquelle que tinha por chefe a Manoel de Carvalho Paes de Andrade.

Muniz Tavares, cujos traços biographicos nos coube a honra de

esboçar no discurso que pronunciamos na sessão solemne de 27 de janeiro de 1893, publicado no numero 44 da *Revista*, foi, como todos sabem, secretario do padre João Ribeiro e um dos partidarios da revolução de 1817, cuja historia escreveu com penna de mestre; é bem conhecida a posição muito honrosa que tomou nas côrtes de Lisboa em 1821 e na constituinte brasileira, sendo um dos membros da commissão encarregada de elaborar o projecto de constituição.

De volta do Rio de Janeiro, assignou com os seus companheiros desta provincia, e com os da Parahyba e do Ceará energico manifesto contra o golpe de estado de 12 de novembro.

Não quiz, porém, tomar parte, como muitos outros revolucionarios de 1817, no movimento de 1824; pelo contrario foi um adversario decidido e por demais severo de Manoel de Carvalho. Em 20 de maio se congratulava com o major Lamenha por ter se afastado de seu partido, e marchado para o *Cabo* com parte do primeiro batalhão de caçadores com o fim de unir-se ao morgado; e com o major Antonio Correia Seara por haver tido egual procedimento.

A' ambos, assim como a Thomaz Xavier Garcia de Almeida, juiz de fóra da capital, e ao morgado pedia attestado de quanto se tinha elle esforçado, depois de sua vinda da côrte, para que vingasse o projecto de constituição, pelo imperador imposto á nação.

A mesma divergencia deu-se entre os quarenta e dois patriotas, deportados por Luiz do Rego, injustamente suspeitos de cumplicidade na tentativa de assassinato do general, pelo tiro que na noite de 21 de julho de 1821 sobre elle disparou João de Souto Maior, na ponte da Boa Vista; sendo natural que o mesmo pensamento politico reunisse no navio *Intriga*, que os conduziu a Lisboa e depois na fortaleza de *São Julião da Barra*, o morgado Francisco Paes Barreto, depois marquez do Recife, o alferes Francisco do Rego Barros, depois conde da Boa Vista o então capitão José de Barros Falcão de Lacerda, Francisco Ludgero da Paz, contador do erario, alferes José Francisco Vaz de Pinho Carapeba, Luiz Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, depois desembargador, cadete Sebastião do Rego Barros, depois deputado e ministro de estado, padre Venancio Henrique de Resende, depois deputado e vigario da freguezia de *Santo Antonio* e tantos outros cidadãos que occuparam depois posição eminente na sociedade; succedeu, entretanto, que por occasião do movimento de 1824, tomassem muitos delles partidos contrarios e outros se conservassem inteiramente indifferentes.

Felippe Nery Ferreira foi um dos mais fervorosos adeptos da revolução de 1817, apezar de ter lamentado que tivesse ella começo tão deploravel.

Foi um dos dezesete eleitores que concorreram em 7 de março para o governo provisorio composto de Domingos José Martins, Domingos Theotonio Jorge, padre João Ribeiro Pessoa de Mello Montenegro, José Luiz de Mendonça e Manoel Correia de Araujo.

Por occasião da destribuição clandestina da proclamação do conde

---

dos Arcos annunciando a marcha das forças que da Bahia haviam partido para restabelecer em Pernambuco o governo real, declarando que não daria quartel aos rebeldes e autorisando o assassinato dos governadores, como lobos que eram, foi Felippe Nery, nomeado em 13 de abril, juiz da policia, presidente do tribunal encarregado de dar execução ao decreto da mesma data que prohibia, sob pena de morte, a propagação e leitura das referidas proclamações, e no exercicio dessa espinhosissima commissão sahiu-se do modo mais louvavel, sabendo alliar a severidade exigida pelas circumstancias com a humanidade propria de um coração bem formado.

Vencida a revolução, foi um dos martyres remettidos para o carcere da Bahia, de onde voltou em 1821 quando se deu a mudança de regimen em Portugal.

Fez parte da primeira junta que substituiu o ominoso governo de Luiz do Rego, deposta por Pedroso pelo modo que já referimos.

Foi um dos patriotas de 1817 que tomaram partido contrario a Manoel de Carvalho concorrendo para sua prisão, tão desejada pelo governo imperial e que effectuou-se pela seguinte forma:

Tendo os majores Lamenha e Seara chamado ás armas na noite de 9 de março de 1824 os soldados dos batalhões por elles commandados, em numero de duzentos, foram postar-se na madrugada do dia seguinte na *Rua do Collegio* e pateo de palacio que era então no edificio hoje occupado pela faculdade de direito, e collocaram sentinellas nas pontes do *Recife* e da *Boa Vista*, para que não sahisse da praça pessoa alguma.

Manoel de Carvalho, que já tivera denuncia de que-se preparava uma sedição militar para sua deposição e dessa denuncia dera conhecimento ao commandante das armas o coronel José de Barros, sahiu ao encontro dos revoltosos, cujo procedimento criminoso estranhou severamente, declarando-lhes que se tinham por fim sua deposição, de bom grado se sujeitaria a deixar o governo, no caso de ser essa a vontade do povo que o havia escolhido para dirigir os negocios politicos da provincia.

Os majores Lamenha e Seara que se achavam presentes mandaram dar ordem de prisão a Manoel de Carvalho pelo alferes Bernardino que o conduziu á fortaleza do Brum, dirigindo-lhe insultos assim como ao coronel José de Barros que havia corrido ao logar afim de obstar a realisação dos intuitos dos revoltosos que formalmente desobedeceram ao commandante das armas.

Ao espalhar-se a noticia desse attentado reuniram-se na fortaleza *Cinco Pontas* sessenta praças do segundo batalhão, muitas do primeiro e do terceiro, as guerrilhas de *Santo Antonio*, da *Boa Vista* e do *Jiquiá*, povo armado e mandaram uma deputação aos sediciosos, exigindo-lhes a soltura de Manoel de Carvalho, para cuja consecução empregariam a força.

Em quanto isto se passava nas *Cinco Pontas*, convocava José de Barros um conselho de officiaes, no qual ficou assentado que assumisse

Achava-se assim travado o combate na *Boa Vista*, quando os cornetas que tinham ficado na *Soledade*, deram signal de retirada de todas as forças. Partira a ordem do coronel José de Barros, que transmittindo-a ao tenente coronel José Antonio Ferreira, seguiu immediatamente para Olinda.

Carapeba e Santiago retiraram-se com seus batalhões, e foi geral o destroço. (16).

O major José Maria Ildefonso chegando á *Soledade*, já não encontrou a peça que havia deixado sob o commando do tenente Taveira, que tinha seguido egualmente para *Olinda*, porém ainda alli se conservavam Carapeba, Santiago, José Candido e todos que se haviam retirado dos diversos pontos, onde se empenhára a lucta.

Delles ficou apenas o major José Maria com alguns soldados, encarregado da piedosa tarefa de enterrar os mortos na egreja de *João de Barros* e conduzir os feridos, e sómente ás dez ou onze horas da noite lhe foi possivel seguir para a velha capital de Pernambuco, onde já estavam reunidos os que haviam tomado parte no mallogrado ataque da *Boa Vista*.

Ainda se achavam então no poder dos revoltosos tanto o bairro do *Recife*, guardado pela guerrilha do capitão Antonio Carneiro Machado Rios, cortada a ponte que lhe dava communicação para o de *Santo Antonio*, como a fortaleza do Brum, commandada por Nicolau Martins Pereira. (17).

De Olinda, de onde foram tambem expellidos pela tropa do general Lima e Silva, sahiram os republicanos no dia 15, tendo se reunido a elles o primeiro batalhão de caçadores, que estacionava em *Beberibe* sob o commando do tenente coronel Silva.

Atravessaram *Iguarassú* e foram pernoitar na *Campina da Feira*, pouco adeante daquella villa, e no dia seguinte chegaram á *Goyanna*, onde já se achava Felix Antonio Ferreira de Albuquerque, que parte tão notavel tomou na revolução de 1824, como presidente do *Brejo de Areia* na provincia da Parahyba.

Com elle vinham as familias emigradas de *Pedras de Fogo*, logar invadido pelas tropas sahidas da capital daquella provincia, com o presidente Felippe Nery Ferreira (18), e commandadas pelo capitão-mor João Baptista do Rego, assim como as tropas, de *Nasareth* e as da matta compostas de guerrilhas.

Todas essas forças ficaram sob o commando do tenente coronel Manoel Ignacio Bezerra de Mello que era quem governava em Goyanna. (19).

Não havendo acordo dos chefes da revolução sobre a direcção que deviam tomar, parte das forças que obedeciam ao partido de Manoel de Carvalho, acompanhou o major José Maria Ildefonso para o *Poço Comprido*, e outra parte seguiu com o tenente coronel Manoel Ignacio Bezerra de Mello para *Nasareth*, onde foi abandonada pelo seu chefe que retirou-se para o seu engenho *Tamataúpe*.

---

o governo da provincia o primeiro conselheiro doutor Manoel Ignacio de Carvalho até que fosse decidido o conflicto entre Manoel de Carvalho e o morgado; antes, porém, de pôr-se em pratica essa resolução á qual foi inteiramente contrario o povo que se havia reunido, foi o presidente posto em liberdade e conduzido para Olinda, de onde voltou no dia seguinte, acompanhado em triumpho pela camara municipal daquella cidade, força armada e seus partidarios.

A guarnição do Brum inspirada pelos officiaes de artilheria Basilio Quaresma Torreão e João Rodrigues Campello que para alli partiu por ordem do seu commandante Wenceláu Miguel Soares Carneviva, oppôz-se a que fosse Manoel de Carvalho recolhido áquella fortaleza e protegeram todos a sua ida para Olinda.

Lamenha e Seara, em vista do mau exito de sua tentativa, abandonaram o Recife, e acompanhados de duzentos soldados do primeiro e do terceiro batalhão de caçadores, fugiram para o *Cabo*, onde no dia 22 foi installada uma junta composta do morgado como presidente de Luiz Francisco de Paula vice-presidente, e do doutor Bernardo Luiz Ferreira, Francisco de Paula Cavalcante e Albuquerque, José Carlos Mayrink da Silva Ferrão, e doutor Manoel Ignacio de Carvalho conselheiros.

Essa gente organisou um exercito, deu promoção a seus officiaes, elevou o soldo das praças a cento e sessenta réis diarios em quanto estivessem em campanha e marcharam todos para *Barra Grande*.

Felippe Nery Ferreira, nomeado presidente da provincia da Parahyba, procurou, com os recursos de sua autoridade, suffocar alli o movimento separatista, como temos visto, até que foi deposto no dia 21 de julho.

(19) O tenente coronel Manoel Ignacio Bezerra de Mello, senhor do engenho *Tamataúpe de Flores*, era commandante das milicias de *Nasareth*, quando se deu o movimento de *Goyanna*, para onde partiu com seus officiaes e soldados.

A' *Goyanna*, patria querida de Nunes Machado, coube a gloria ingente de ser, nessa occasião como em outras eguaes, a primeira localidade da provincia que se levantou contra a tyrannia do general Luiz do

Com o major José Maria Ildefonso marcharam o regimento de artilheria, praças do primeiro batalhão de caçadores e os officiaes capitães Antonio Affonso Vianna e Mathias Coelho, e os tenentes Golla, Taveira e Manoel de Almeida.

Partindo de *Goyanna* estacionou essa força em *Goyanninha*, de onde sómente pôde sahir, superando as maiores difficuldades, oppostas por Manoel Ignacio que lhe havia tomado a deanteira e não queria consentir na separação das forças liberaes; esteve imminente desagradavel conflicto entre os dous chefes.

Rego, de ominosa memoria, e contra o regimen a que estava o Brasil sujeito, ha mais de tres seculos.

O plano foi concertado com Felippe Menna Calado da Fonseca, portuguez, vindo para Pernambuco como caudatario do bispo dom José Maria e depois escrivão da correição no Ceará, e com Manoel Clemente Cavalcanti de Albuquerque, abastado lavrador de *Itabaianna* na Parahyba, no engenho *Cangahú* de Nasareth pertencente ao sargento-mor Joaquim Martins da Cunha Souto Maior, depois de ouvidas muitas influencias daquella provincia e da de Pernambuco; seu intuito era obrigar Luiz do Rego a deixar o governo de Pernambuco, no qual se conservava indevidamente, apezar da mudança do regimen de Portugal e ordens para a installação de juntas provisorias, que obedecessem á nova forma de governo.

As côrtes geraes, extraordinarias e constituintes da nação portugueza desejando estreitar a união dos portuguezes de ambos os hemispherios e regular o processo da eleição dos deputados, resolveu, em data de 18 de abril de 1821, reconhecer legitimos os governos estabelecidos e os que se estabelecessem nos estados de ultramar, para abraçarem a causa de regeneração, declarando benemeritos da patria os que tivessem premeditado, desenvolvido e exercitado a mesma regeneração.

Essa resolução que se acha assignada por Hermano José Braamcamp do Sobral, Agostinho José Freire e João Baptista Felgueiras, presidente e secretarios das côrtes, foi publicada pela regencia em 24 de abril.

Sahiram as forças de *Nasareth* em 28 de agosto, sob o commando do tenente coronel Manoel Ignacio e chegando ao logar *Soledade*, mandaram convocar a camara, bem como o clero, nobreza e povo, como então se praticava, afim de proceder-se á eleição de um governo provisorio, em quanto não se organisava no Recife outro de acordo com as determinações do governo de Lisboa; pois era isto o que desejavam os commandantes dos corpos, assim como os povos de *Páo d'Alho*, *Nasareth*, *Limoeiro*, *Lagoa d'Anta* e outros conselhos, e os povos que vinham aproximando-se da villa. Cedeu a camara a essa intimação e fez-

se socegadamente a eleição do governo provisorio, do qual foi presidente Francisco de Paula Gomes dos Santos que depois fez parte da junta dos *matutos* ou dos *Cincinatos*, eleita em 23 de setembro de 1822, em substituição da junta revolucionaria de 16 do mesmo mez, proclamada por occasião da sedição militar do coronel Pedroso, e secretario Felippe Menna Calado da Fonseca. Os eleitos tomaram logo posse do governo e expediram as communicações do estylo.

Luiz do Rego, tendo noticia desse acontecimento, para ganhar tempo e continuar no governo da provincia, mandou, em 4 de setembro, convidar a junta de *Goyanna* para reunir-se á do *Recife*, por elle constituida e que se compunha do general, do marechal Luiz Antonio Salazar Moscoso, e de Antonio de Moraes e Silva, João Paulo de Araujo, Joaquim Antonio Gonçalves de Oliveira, José Joaquim Simões, Joaquim José Mendes, Francisco José Correia, Alexandre de Sousa Malheiros de Menezes e Manoel José Pereira Caldas.

O governo de *Goyanna* não aceitou o convite nem cedeu ás ameaças de Luiz do Rego, e continuou a trabalhar no sentido de ser expulso o intruso governador, e preparou-se para resistir ás forças enviadas do *Recife* por Luiz do Rego, que para esse fim pediu auxilio ao governo da Bahia e ao da Parahyba. A primeira mandou trezentas e quarenta e oito praças sob o commando do major Sant'Anna. A Parahyba recusou o auxilio pedido.

Luiz do Rego, sempre no proposito de temporisar, mandou em 7 de setembro, á *Goyanna* nova commissão propondo-lhe acceitar no governo do Recife representantes do governo daquella localidade; dessa commissão foram incumbidos o desembargador Antero José da Maia e Silva e o ouvidor do sertão Thomaz Antonio Maciel Monteiro, depois barão de Itamaracá, que nada conseguiram, segundo a communicação que ao general dirigiram em data de 10 daquelle mez.

O governo de Goyanna resolveu-se a sahir da simples defensiva, depois de burlada outra tentativa de accommodação, da qual foi portador o coronel Antonio Ignacio Cayola por parte do general, e no dia 15 de setembro partiu com uma força de dois mil e quinhentos homens, commandados por José Camello Pessoa de Mello, que era sargento-mor do regimento de cavallaria auxiliar da villa de Goyanna, quando se deu a revolução de 1817, em que tomou grande parte, merecendo por seu patriotismo ser preso e remettido pela alçada do Recife para os carceres da Bahia, e foi depois, já tendo o posto de coronel, commandante das armas de Pernambuco.

Apezar do pessimo tempo e mau estado das estradas, causado pelas chuvas abundantes que cahiram naquelle tempo, seguiu a força para *Iguarassú* onde teve pequena demora e chegou a *Fragoso* onde o general José Camello fez seu acampamento.

Além dessa força, havia a columna de Afogados com mais de oito centos homens, e tropas dos liberaes que percorriam a *Torre*, *Ponte de Uchôa*, *Arraial* e logares proximos.

Em *Fragoso* foram os liberaes atacados, no dia 21 de setembro

---

pelo coronel Cayola que havia partido de Olinda com o batalhão de Algarves e milicias do Recife. No mesmo dia, por uma estrategia de antemão combinada, eram as forças governistas de Afogados acommettidas pelos partidarios de Goyanna, afim de distrahir a attenção de Luiz do Rego; em *Fragoso* foi renhida a lucta que durou das sete horas da manhã até a noite e estendeu-se por diversos logares, sendo um delles *Maria Simplicia* onde a peleja se travou com mais ardor; os liberaes sahiram vencedores, e no dia seguinte partiram para *Beberibe* com o proposito de cortar as aguas do rio que abasteciam a capital.

No dia 1º de outubro deu-se segundo encontro em *Afogados*, no qual tomaram parte as forças da Bahia, commandadas por Luiz do Rego, que já se achava restabelecido dos ferimentos que soffrera na ponte da Boa Vista.

Ainda dessa vez foram vencedores os liberaes de Goyanna, que passaram seu acampamento para *Boa Viagem*.

Luiz do Rego, em vista do mallogro de suas tentativas, ainda mandou, no dia 2 de outubro, nova commissão composta do negociante Gervasio Pires Ferreira e do coronel Francisco de Paula Cavalcante, que em caminho para aquelle logar, encontraram-se com o doutor Francisco de Sousa Paraizo, o tenente coronel João de Araujo Cruz e o padre Amaro de Barros de Oliveira Lima que tinham sahido da Parahyba para o mesmo fim.

Depois de dois dias de combinaçõe entre os enviados por Luiz do Rego, os da Parahyba e os governadores de *Goyanna*, presentes representantes das camaras do *Cabo*, *Serinhaem*, *Goyanna*, *Pão d'Alho*, *Limoeiro* e *Iguarassú* assentou-se no dia 5 de outubro no seguinte:

Que ao governo de *Goyanna* continuassem sujeitas as camaras de *Ser nnaem*, *Santo Antão*, *Goyanna*, *Pão d'Alho*, *Limoeiro* e *Iguarassú* e ao conselho governativo do Recife a villa de *Santo Antonio* e a cidade de *Olinda*, até que tivesse logar a eleição da junta constitucional, nos termos do decreto das côrtes de 18 de abril e do aviso de 21 de agosto daquelle anno;

Que o conselho do *Recife* e o governo de *Goyanna* não se entrometteriam com as opiniões politicas, nem com os factos até então praticados durante o curto periodo de sua existencia, sendo punidos os que puzessem em pratica motivos de rivalidades indiscretas ou as fomentassem;

Que seriam postas em liberdade as pessoas presas por motivos politicos excepto as que se achavam sujeitas ás côrtes e desembaraçadas as estradas, a navegação e communicações publicas;

Que, finalmente, fossem pagos pelos cofres publicos os prets, soldo e pão das tropas de linha que serviam ao governo de *Goyanna* e mais as praças que costumavam ter soldo antes do movimento, regulando o soldo e o mais pelo do Recife; protestando o mesmo governo não crear novas tropas. Que, egualmente, se pagaria a todos os beneficiados, empregados publicos, etc., que já o eram antes daquelle acontecimento.

Afinal conseguiu o major sahir de *Goyanninha* para o engenho *Cangaú*; e dalli para *Canna Vieira* e *Poço Comprido*, onde já se achava o batalhão do *Brejo* commandado interinamente pelo capitão França e onde chegou depois José Victoriano Delgado Borba Cavalcante de Albuquerque, que em *Nasareth* havia assumido o commando das forças abandonadas pelo tenente coronel Manoel Ignacio, e de quem era secretario frei Joaquim do Amor Divino Caneca. (20).

Em *Poço Comprido*, *Tabocás* e outros pontos das extremas de Pernambuco com a Parahyba, existiam grandes depositos de gado e generos remettidos por Manoel de Carva-

---

O governo de *Goyanna* conservou-se na mesma attitude, até que, poucos dias depois, chegou de Lisboa ordem expressa do governo portuguez para que fosse cumprido o decreto das côrtes datado de 1 de setembro daquelle anno.

A resolução a que nos referimos era especial para Pernambuco, mandando organisar uma junta, composta de um presidente, um secretario com voto e cinco membros, todos eleitos, sob a presidencia da camara de Olind , pelos eleitores das parochias das duas comarcas do Recife e Olinda, sendo sufficiente que da comarca do sertão concorressem sómente aquelles que, por estarem mais proximos, pudess m reunir-se no praso de dez dias.

Os membros da junta venceriam uma gratificação de um conto de réis, além de qualquer ordenado ou vencimento que por outro titulo lhes pertencesse.

O segundo secretario das côrtes João Baptista Felgueiras, remettendo esse decreto ao governo, recommendava-lhe que o fizesse executar e expedir com aquella urgent brevidade com que devia fazer-se á vela o brigue *Trese de Maio*. E no dia seguinte o ei expediu a carta regia ordenando a Luiz do Rego que entregasse immediatamente o governo á junta que fosse eleita nos termos do citado decreto.

Não podendo o general recusar-se mais a obedecer á ordem tão terminante, embarcou no dia 26 de outubro para Lisboa, sem querer dar posse á junta eleita naquelle dia, apezar de terminar a carta regia por esta forma. « recommendo-vos que de sorte alguma vos embaraceis com a eleição, assim como que vos retireis para esta capital, depois de feita a referida eleição do governo da provincia. »

Da eleição da junta, feita em 26 de outubro para substituir o general Luiz do Rego, já nos occupamos em a nota quarta.

(20) Frei Caneca tendo sahido de *Prazeres* com as forças republicanas, acompanhou-as em sua marcha até a *Boa Vista* e dahi para *Olinda* de onde, separando-se do exercito, partiu em 16 de setembro,

lho para sustento das tropas que alli se deviam reunir para atacar o centro da *Parahyba*.

Formou-se, portanto, em *Poço Comprido* um exercito de mais de dois mil homens, depois consideravelmente redusido por terem sido despedidas, a conselho de frei Caneca, as guerrilhas, com excepção da do prestimoso capitão Antonio Carneiro Machado Rios, ficando sómente a tropa de linha que foi distribuida em differentes corpos; era proposito dos revolucionarios juntar-se ao capitão-mor Luiz Tenorio de Albuquerque, que no interior de Pernambuco ainda constituia um forte centro de resistencia.

Com José Victoriano Borba se tinha reunido em caminho, além de frei Caneca, frei Joaquim das Mercês, religioso do Carmo da Bahia e lente de philosophia na Parahyba.

Em *Nasareth* apresentaram-se a guerrilha de Antonio Carneiro, á qual já nos referimos e muitas pessoas notaveis que haviam abandonado o Recife, quando foi esse bairro occupado pelas forças de Lima e Silva.

As tropas revolucionarias sahiram do *Poço Comprido*, conduzindo as familias emigradas; formava a guarda avançada a

---

sómente com João Soares Lisboa Francisco de Sousa Rangel, tenente coronel José Antonio Ferreira, o major José Gomes do Rego (*Casumbá*), o capitão Braga, José Mathias, um irmão deste e um soldado.

Em caminho para *Iguarassú*, foram pernoitar nas mattas de *Utinga*, onde separaram-se de frei Caneca, o tenente coronel José Antonio Ferreira, Casumbá, o capitão Braga, José Mathias, que abandonaram as fileiras republicanas, seguindo com elle apenas Rangel e Lisboa para *Goyanna*, de onde já haviam sahido as forças commandadas pelo tenente coronel Manoel Ignacio, as quaes foram encontradas na distancia de duas leguas além da villa, e desta para *Goyanninha*, onde se achava o presidente temporario da Parahyba Felix Antonio Ferreira de Albuquerque, com quem seguiram para o engenho *Poço Comprido*.

Foi nesse logar que assentaram os revolucionarios não aceitar proposta alguma de paz com o general Lima e Silva; promover a reunião da assembléa constituinte do Brasil em um ponto central em que se pudesse discutir e decretar, na mais plena liberdade, a constituição e leis fundamentaes; levantar o acampamento para posição mais vantajosa da qual podessem ter communicação com os liberaes do Ceará, Rio Grande do Norte, interior da Parahyba, com a divisão liberal de *Garanhuns*, da qual era um dos chefes o capitão-mor Luiz Tenorio de Albuquerque, e especialmente com o general Filgueira, de quem ainda

guerrilha do destemido capitão Antonio Carneiro; seguia-se o major José Maria Ildefonso com uma peça de calibre seis; no centro iam outras duas peças, uma do mesmo calibre e outra de tres; o batalhão que formava a vanguarda conduzia uma peça de calibre seis; essas peças tinham vindo com a força de *Santo Antão.*

Seu itinerario foi por *Tamataúpe das Flores*, engenho de João Cavalcanti de Albuquerque, *Pindoba* de Joaquim Cavalcanti de Albuquerque, *Limoeiro*, *Pedra Tapada* e outros logares.

De passagem pelo *Limoeiro* bateu-se com vantagem a força expedicionaria com tropa do governo imperial, composta de duzentos homens sob a direcção de um frade, (21) cujo nome não se acha indicado no manuscripto; e assim continuou atravez de mil perigos, tendo a sua frente Agostinho Bezerra, Antonio Carneiro e José Maria Ildefonso até o logar *Juiz*, fazenda de gado da provincia do Ceará, distante legua e meia de *Missão Velha* e tres antes do *Crato*, onde as forças chegaram a 28 de novembro e foram dissolvidas em consequencia da capitulação de que mais adeante nos occuparemos. (22).

---

teremos occasião de tratar; finalmente organisar uma divisão, composta de todos os homens d'armas, denominada—*divisão constitucional da Confederação do Equador.*

Foi *Pindoba de Flores* o logar em que chegando os liberaes no dia 23 dividiram em quatro batalhões as suas forças que eram de quasi tres mil homens, entre soldados de primeira e segunda linha, guerrilhas e paizanos; nomearam seus commandantes e organisaram o estado maior da divisão, da qual frei Caneca só foi nomeado secretario depois do combate do *Couro d'Anta* do qual ainda nos occuparemos.

(21) O coronel José Maria Ildefonso quiz em seu manuscripto referir-se seguramente a frei Jeronymo de São José, frade franciscano da Bahia, capitão de guerrilha, que á testa de um bando de scelerados percorria aquellas paragens, commettendo roubos, estupros, mortes, incendios e outros attentados.

(22) A divisão republicana, além desse encontro no Limoeiro, do qual sahiram seis feridos e entre elles o major Manoel Joaquim Parahyba, sendo a perda da gente do governo de trinta soldados, teve occasião de enfrentar por differentes vezes com o inimigo.

A lucta mais renhida deu-se em *Couro d'Anta* no dia 29, sendo a divisão que ia desapercebida, apezar de avisada em *Bataria*, atacada por todos os lados, em uma passagem perigosissima. Cahiu morto o tenente José Candido, ajudante de ordens do commandante das forças, e foram feridos, este, o destemido capitão Antonio Carneiro e João Soares Lisboa.

De vinte feridos alguns morreram pouco tempo depois, sendo por todos lamentada a morte de Lisboa, portuguez de nascimento, amigo, porém, dos brasileiros.

Escreveu na capital o *Correio do Rio de Janeiro*, e foi, por sua linguagem favoravel á liberdade, degredado para *Buenos-Ayres*, de onde voltando esteve recolhido á prisão durante oito mezes, em consequencia da opposição feita aos Andradas.

Vindo para Pernambuco escreveu o *Desengano Brasileiro* em favor da liberdade das provincias do norte e pronunciou-se pela revolução de 1824, assistindo ás luctas nos bairros de *Santo Antonio* e do *Recife*, da fortaleza do *Brum*, e acompanhando as forças republicanas até *Couro d'Anta* onde perdeu a vida em combate.

Dos companheiros com quem partira frei Caneca de Olinda, restava apenas Francisco de Sousa Rangel, que conservou-se sempre fiel á causa liberal, até sua prisão na fazenda *Juiz*; processado pela commissão militar, não foi, por inexplicavel incoherencia dos juizes, reputado cabeça da rebellião, não obstante ter o considerando da sentença que lhe é relativo reconhecido ter sido elle soldado de guerrilha e uma das creaturas do rebelde Carvalho, ter assignado todas as actas do conselho revolucionario e ser aquelle que, na occasião de ser deposta a camara do Recife em 25 de março de 1824, recitou a fala constante de um dos documentos do processo.

Suspensas para esta provincia as garantias do § 8 do art. 179 da constituição do imperio, e nomeada a commissão militar que devia julgar summaria e verbalmente a Manoel de Carvalho Paes de Andrade e seus partidarios, por decreto de 26 de julho de 1824, carta imperial dirigida ao brigadeiro Francisco de Lima e Silva com data de 16 de outubro, foi declarado que deviam ser reputados chefes e cabeças da rebellião não só todos os chefes de corpos e guerrilhas, commandantes de fortalezas e reductos, como tambem os que proclamaram contra a autoridade imperial por escriptos insolentes e injuriosos, os que acintemente mataram os soldados da brigada encarregada de restabelecer a ordem publica, sem attenção a sua qualidade, empregos e graduação.

A commissão, por tanto, sem rasão considerou-se incompetente para julgal-o por não estar provado que elle pegasse em armas e se oppuzesse á entrada do exercito cooperador, e por existir em seu favor ter elle concorrido, no dia 22 de junho, para que não se effectuasse o massacre dos portuguezes que o povo suppunha terem tomado parte no ataque da barca de registro do porto pela guarnição dos navios do bloqueio de João Taylor; ao passo que serviço ainda mais relevante, prestado na mesma occasião por Agostinho Bezerra, lhe não valeu para minorar a pena, siquer, como instantemente haviam pedido os commerciantes do bairro do *Recife*.

O imperador no mesmo aviso de 7 de fevereiro de 1825, taxando de louca e incurial a pretenção do cabido de Olinda em favor de frei Caneca e decidindo que não havia motivo para minorar a pena de Agostinho Bezerra, mandava julgar Francisco de Sousa Rangel no



Na Parahyba (23) a revolução de 1824, bem como a de 1817, encontrou proselytos dedicados.

Logo que constou a dissolução da assembléa constituinte, foram presos os portuguezes residentes na capital, como fumentadores do systema absoluto e em conselho popular, reunido em 10 de janeiro, foi resolvida a sua deportação do Brasil, com excepção unicamente dos militares que se haviam distinguido na independencia e guerra da Bahia, e dos clerigos e religiosos recommendaveis por seu procedimento.

A 24 de maio organisou-se um corpo de tropas, composto de soldados de primeira linha, milicias, ordenanças e paizanos de todas as classes, em numero de quinhentos homens, com duas peças de artilheria sob o commando do coronel Estevão José Carneiro da Cunha, patriota pernambucano de 1817, irmão de Antonio José Victoriano Borges da Fonseca e que na Parahyba servia desde que fôra nomeado tenente coronel commandante da força de linha alli estacionada; afastou-se no movimento de 1824 das fileiras liberaes.

Essas tropas atacaram *Itabaiana*, onde se achava o governo revolucionario, eleito pelas villas do interior, defendido por mais de mil e quinhentos homens, dando-se um verdadeiro combate, com o maior encarniçamento de ambos os lados, no qual foram derrotadas as forças do governo que tiveram a perda de noventa homens; entre os vinte e tres liberaes mortos contaram-se o tenente Manoel Virginio da Silva, assassinado traiçoeiramente e o tenente de segunda linha Fabricio.

---

fôro ordinario, ficando sem effeito seu processo perante a commissão militar.

A via dolorosa percorrida pelos republicanos desde *Poço Comprido* de onde partiram no dia 23 de setembro atè a fazenda *Juiz*, pertencente aos benedictinos de Olinda, na qual chegaram no dia 27 de novembro, acha-se descripta com a mais completa minuciosidade no itinerario de frei Caneca.

Nesse trabalho, merecedor de detida leitura, encontra-se a narração dos soffrimentos e contrariedades porque passaram os valentes defensores das liberdades patrias.

(23) Apezar de não se occupar o curioso manuscripto do coronel

Itabaiana foi saqueada pelo corpo de ordenanças commandado por João Baptista do Rego. (24).

A 21 de julho, sete dias depois da proclamação da *Republica do Equador* no Recife, foi deposto o presidente Felippe Nery Ferreira e os partidarios de Manoel de Carvalho puzeram-se em campo sob a direcção de Felix Antonio Ferreira de Albuquerque, acclamado presidente da Parahyba no *Brejo de Areia* e nessa attitude se conservaram até a rendição da fazenda *Juiz*.

No Rio Grande do Norte foi muito menor o estremecimento causado pela idéa separatista partida de Pernambuco. Diversas camaras do interior, seguindo o exemplo patriotico da de *São José de Mipibú*, protestaram contra a dissolução da constituinte e comprometteram-se a acompanhar Pernambuco na paz e na guerra; a da capital foi a unica que não se conformou com a manifestação de hostilidade ao governo.

Os liberaes dessa provincia, depois das declarações a que acabamos de nos referir, entenderam-se com os do Ceará, com os quaes fizeram causa commum para realisar-se o systema da confederação.



O Ceará havia tambem adherido a revolução. O padre José Martiniano de Alencar, chegando do Rio de Ja-

---

José Maria Ildefonso, do qual extractamos o presente estudo, dos movimentos revolucionarios da Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará, pareceu-nos de utilidade dar delles uma noticia ligeira para comprehender-se melhor o lamentavel desfecho que teve a revolução na fazenda *Juiz*.

(24) O capitão-mor João Baptista do Rego Cavalcante de Albuquerque foi um dos mais ardentes perseguidores dos republicanos de 1824; vindo do centro da Parahyba com perto de dois mil homens em auxilio de Felippe Nery Ferreira, presidente daquella provincia, para batel-os em *Pedras de Fogo*, (*Missão Velha*) e em *Goyanna*, havia chegado até *Nossa Senhora do O'* duas leguas distante do engenho *Cargaú*.

Entretanto João Baptista do Rego foi um dos mais temiveis revolucionarios de 1817, sendo o primeiro que em *Itabaianna*, em 14 de março, proclamou a libertação de sua provincia, marchando logo depois

neiro, depois da dissolução da constituinte, assignou no Recife o protesto de que já fizemos menção na setima nota, com seu collega o padre Pimentel assistiu ao grande conselho de Olinda, em 23 de dezembro de 1823 e escreveu para o Ceará, fazendo propaganda contra o acto violento do imperador.

Para o mesmo fim partiram para aquella provincia, por ordem de Manoel de Carvalho, Domingos Gomes Parente e Francisco Alves Pontes; este de egual commissão já fôra encarregado por occasião da revolução de 1817.

Em 26 de agosto de 1824 na cidade da Fortaleza, reuniram-se no palacio do governo o presidente da provincia Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, acclamado em logar do presidente deposto Pedro José da Costa Barros, os vogaes do conselho, o governador das armas, os ouvidores das duas comarcas, o senado da camara da capital, os das villas de Aquiraz e Mecejana, os procuradores das demais camaras, os parochos ou seus procuradores, os chefes dos corpos militares, os eleitores da parochia, officiaes militares, homens bons em numero de quatro centos e cincoenta e cinco e o povo; propoz o presidente da provincia, que a vista dos perjurios de dom Pedro, (principe de Portugal (chamado imperador do Brasil) estava roto o pacto social, tantas vezes assegurado por elle e outras tantas violado publicamente, á face das nações, em affronta daquelles mesmos povos, dos quaes elle de motu proprio havia tomado o titulo de defensor perpetuo, não lhes tendo sido até agora sinão um oppressor encarniçado, não respeitando os fóros da liberdade do Brasil, quando despoticamente e á força d'armas aboliu a assembléa geral constituinte da nação inteira, prendendo, degredando ainda para reinos estrangeiros e despedindo com ignominia os seus representantes; arrogando a si o direito absoluto de legislar e constituir por si, como se viu do infame projecto de constituição, que não só deu mas tambem mandou arbitrariamente jurar por todas as camaras das provincias do Brasil, reputando-nos escravos ou propriedade sua, contra suas promessas e juramento; o que, além de todos estes motivos do mais descarado despotismo, accresciam mil traições visivelmente manifestadas em seus decretos, alvarás, avisos, manifestos e proclamações, com que pretendia sujeitar-nos novamente ao dominio portuguez, não cumprindo assim com as condições essenciaes, pelas quaes havia subido ao throno; propunha um plano de nova

forma de governo para ser discutida livremente, com immunidade de pessoas, de opinião, e ser ou não approvada pelo congresso. »

Foram estas as proprias palavras que extrahimos da acta escripta naquella occasião e por todos assignada, porque compendiam perfeitamente as queixas levantadas contra o imperador e que deram causa á revolução.

Approvados os doze artigos que constituiram o plano do novo governo, foi eleito o grande conselho executivo, sendo escolhidos para presidente Tristão Gonçalves de Alencar Araripe e para secretario o padre Gonçalo Ignacio de Albuquerque; por todos foi prestado o juramento de dar a *ultima gota de sangue* para manter e ser fiel á *Confederação do Equador*, que era a união das quatro provincias ao norte do *Cabo de Santo Agostinho* e das demais que para o futuro se fossem unindo debaixo da forma do governo que estabelecesse a *assembléa constituinte* que ia reunir-se em Pernambuco.

O exemplo dado pela capital do Ceará foi seguido por muitas camaras do interior, sendo no *Icó* proclamada a republica no dia 1º de outubro.

---

para a capital, onde depoz o governo de dom João VI o qual foi substituido por outro composto de seu filho Manoel Clemente Cavalcante de Albuquerque, João Luiz Freire, José da Cruz Gouveia e Ignacio Leopoldo de Albuquerque Maranhão.

Suffocada a revolução pelo modo que já temos exposto, foi preso João Baptista do Rego, carregado de ferros, atormentado cruelmente e remettido para o Recife, em uma sumaca de propriedade de Bento José da Costa, especialmente recommendado a Luiz do Rego como chefe perigoso da revolução.

A sumaca sahindo do *Cabedello* foi sacudida pelos ventos furiosos do sul para a costa do Ceará, onde esteve bem proxima a perder-se, e deixando o porto daquella provincia levou um mez para chegar do *Aracaty* á Parahyba.

Mandaram os restauradores portador expresso a Luiz do Rego, para que fizesse seguir de Pernambuco um barco de guerra que levasse o temivel revolucionario; e com effeito para esse fim foi á Parahyba o *Principe Real*, que ao deixar a barra de *Cabedello* foi atirado pelos ventos contrarios ao seu destino para muito além de *Fernando de Noronha*, e depois de andar pela costa mais de um mez tornou a entrar no porto de sua procedencia para esperar monção mais favoravel.

A' esse capricho dos ventos deveu João Baptista do Rego a salvação.

Estava no pensamento do novo governo do Ceará mandar a Pernambuco uma expedição sob as ordens do governador das armas José Pereira Filgueiras, que acompanhasse os representantes daquella provincia ao congresso em que deviam ser assentadas as bases da constituição republicana e fosse libertar o major Luiz Rodrigues Chaves, emissario de Tristão o qual havia sido preso na Parahyba. (25).

Filgueiras, sahindo da capital do Ceará em 3 de setembro, atravessou a provincia até ao *Crato* e dahi partiu para Pernambuco, tomando a estrada da Parahyba.

Eram passados mais de dois mezes e por ordem regia tinham sido suspensos os trabalhos da commissão militar, e creada em seu logar a grande alçada sob a presidencia do desembargador Bernardo Teixeira. Si escapou do cadafalso, não livrou-se, porém, da devassa aberta na Parahyba pelo corregedor André Alves Ribeiro Cirne que não podia esquecer João Baptista do Rego, contra quem foram ouvidas mais de cento e vinte testemunhas, e que foi, portanto, uma das victimas remettidas para a cadeia da Bahia, de onde voltou quando tiveram liberdade todos os complicados naquelle memoravel movimento.

Para a noticia que acabamos de dar sobre um vulto importante das duas revoluções de 1817 e 1824, nos servimos de notas ineditas que nos merecem inteiro credito.

Custa a crer que o patriota que tanto soffreu em consequencia de suas idéas liberaes, se tenha tão pouco tempo depois convertido em um feroz perseguidor de seus correligionarios!!...

(25) Luiz Rodrigues Chaves pertencia a uma familia importante da Parahyba, da qual ainda existem membros muito distinctos. Era filho de João Rodrigues Chaves que comsigo o levou para o Ceará, quando foi em 1810 nomeado escrivão da ouvidoria.

Contava ainda pouco tempo de praça e occupava o posto de ajudante do batalhão a que pertencia, quando em 1821 foi escolhido para ir ao Crato com a commissão de fazer reconhecer alli o governo provisorio, creado em 3 de novembro por uma sedicção militar, e de que eram membros o major Francisco Xavier Torres commandante da força de linha, o ouvidor Adriano José Leal, José Antonio Machado, Marianno Gomes da Silva, Marcos Antonio Bricio, Antonio José Moreira e Lourenço da Costa Machado, e secretario Henrique José Leal, todos portuguezes, em substituição do governador Francisco Alberto Rubin. A camara do Crato foi por esse official e pelo ajudante Manoel Antonio Diniz coagida a fazer o reconhecimento que lhe foi imposto, em 21 de novembro daquelle anno.

Em dezembro de 1822, marchou para o Piauhy, feito major em commissão, commandando uma força de primeira linha, por ordem do governador interino Francisco Xavier Torres, cujo reconhecimento tinha elle ido promover no Crato.

Depois de sustentar sangrentos combates em *Taboleiro Grande* e *Umary*, perdeu toda a vanguarda de seu exercito que era de duzentos homens, mortos á *ferro frio* no sitio *Picada*.

Frei Caneca descreve em seu itinerario essa hecatombe de Umary pelo modo seguinte:

« Sahimos daqui pela manhã a 21, e fomos pernoitar a Umariz, a seis leguas de distancia.

A estrada é má antes da Boa Vista por ter alguns fechados de matta e ser estreita. Não achamos resistencia em parte alguma.

Ao entrar em um logar chamado *Joazeiro*, ou por outro nome *Cajús Novos*, encontramos o campo, casa e curral cheios de cadaveres que se avaliaram em cento e cincoenta; e soubemos que tinham sido da guarda avançada de Filgueiras, commandada pelo capitão *Maxi*, homem de grande coragem, porém sofrego e imprudente que não querendo esperar que se annunciasse a sua gente, por julgar talvez que

---

Foi batido em *Genipapo* em 3 de março de 1823, depois do que reuniu-se ao exerc ·o de Filgueiras, com quem entrou no Piauhy e no Maranhão.

Em Caixias assistiu á capitulação no posto de tenente coronel em comㄲissão.

De volta ao Ceará ligou-se ao partido de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, presidente do governo republicano de 1824 e por isto foi encarregado de prender o juiz de fóra Joaquim Marcelino e seus correligionarios; elle assim o executou, facilitando a entrada dos revoltosos na capital e a depos·ção do presidente Pedro José da Costa Barros, em 29 de abril.

Precisando Tristão de uma pessoa de inteira confiança que viesse á Pernambuco pedir a Manoel de Carvalho armamento para suas tropas, nomeou o major Luiz Rodrigues Chaves, que partiu da Fortaleza no dia 2 de maio e chegando ao *Engenho do Meio*, á margem do rio *Parahyba* foi obrigado a demorar-se ahi, por causa da grande enchente do rio que não dava passagem e querendo aproveitar-se da occasião para visitar seus parentes de quem estava separado havia muitos annos, dirigiu-se para a capital onde elles residiam, sem ter o cuidado de disfarçar-se perfeitamente.

Sendo reconhecido ao chegar á casa de seu cunhado, o tenente coronel Trajano Antonio Gonçalves de Medeiros commandante das armas, foi immediamente chamado á presença do presidente da provincia, que era então Felippe Nery Ferreira, que o mandou recolher na forta-

o inimigo fugisse delle só pelo seu corajoso aspecto, e não por temer as armas, adeantou-se levando unicamente cada soldado tres cartuchos embalados; mas aconteceu que ao chegar áquella fazenda, entretendo-se os soldados a dar saque na casa, os inimigos que estavam de emboscada, sahindo rapidamente por todos os lados, cercaram-os e como presentissem que se lhes tinha acabado o cartuchame, carregaram sobre elles com todas as forças, e foram-os matando até a baioneta.

A tropa do animoso *Maxi* resistiu o quanto lhe foi possivel e tambem derrotou a muitos dos inimigos, porém succumbiu á grande força, e morreu quasi toda, escapando bem paucos.

Tal nos contaram a historia desta lamental catastrophe. »

Filgueiras voltou para o Icó a 23 de outubro; a 24 com

---

leza de Cabedello, onde foi conservado até a substituição de Nery pelo tenente coronel Seixas que o mandou pôr em liberdade.

Chegando a Pernambuco, quando a capital já se achava em poder do general Lima e Silva e havia Manoel de Carvalho embarcado para a Inglaterra, foi Chaves conduzido por um seu patricio á presença do general, a quem offereceu seus serviços contra os revolucionarios do Ceará, justamente quando naquella heroica provincia preparava-se uma expedição sob o commando de José Pereira Filgueiras, com o fim de proteger a viagem dos deputados á constituinte que devia reunir-se no Recife e libertar o major Chaves que ainda se suppunha estar preso na Parahyba, como já fica dito.

Chaves, para cumprir sua promessa feita á Lima e Silva, a quem havia vendido seus serviços, partiu para o Ceará e em 13 de outubro occupou o Aracaty, fez ahi a contra revolução e installou o governo provisorio, e no dia 20 do mesmo mez apossou-se de novo daquelle logar de onde havia sido expellido no dia 17 por seu antigo chefe Tristão Araripe.

Depois desse procedimento pouco honroso e tão deprimente de seu caracter, arrastou o resto da vida na obscuridade, e rallado de desgostos.

Seu ultimo feito militar foi para elle mais um desastre. Commandava, em 27 de dezembro de 1831, as forças liberaes expedidas contra os rebeldes, factores do motim do Crato, por occasião da abdicação de Pedro I, foi batido por Pinto Madeira, chefe dos antigos imperialistas, e forçado a abrigar-se no Icó.

Nas sombras carregadas de sua vida, da qual conserva-se memoria pouco lisongeira, destaca se um raio de luz que não deve ser esquecido.

bateu as forças do governo no *Joazeiro*, a 25 entrou na villa de *Lavras* e a 28 encontrou-se em *Missão Velha* com os imperialistas que haviam saqueado o Crato nos dias 25 e 26 de outubro.

A reacção tomava então grande incremento.

No dia 18 havia desembarcado na Fortaleza lord Cochrane, a quem pelo receio de bombardeio, submetteu-se José Felix de Azevedo que substituia Tristão na presidencia da provincia. O almirante sahindo de Pernambuco, percorria as costas do norte até ao Maranhão (26).

O grande patriota Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, que tão brilhante papel occupou na revolução de 1824 já estava com seu exercito summamente reduzido pela deserção dos proprios officiaes.

Achava-se no dia 31 de outubro de 1825 na povoação da *Santa Rosa*, trinta leguas distante do Aracaty, quando foi atacado pelas forças de Manoel Antonio de Amorim e de João Leão da Cunha; não desanimou deante do perigo; elle mesmo mandava carregar as peças e dirigia as pontarias.

Tudo, porém, foi baldado. Vendo-se abandonado por soldados e officiaes, despiu a farda e procurou atravessar o rio *Jaguaribe* e seguir á cavallo pela estrada de Quixeramobim. Quando procurava transpôr um barranco que o demorou em sua carreira, foi alcançado por José Leão, que de perto o seguia com uma escolta. Foi ferido mortalmente pela gente de José Leão, que não quiz privar-se do prazer selvagem de atravessar com a espada o corpo do seu antigo companheiro da expedição de 1822 contra Fidié que com força numerosa de linha oppunha-se á independencia do Piauhy e do Maranhão.

O cadaver de Tristão, escreve o illustrado historiador J. Brigido, privado da sepultura, como era uso fazer aos patriotas, mutilado *ignobilmente* e em completa nudez, foi atado a uma arvore onde mirrou ao calor do sol e foi muito tempo o ludibrio dos vencedores!

Foi Luiz Rodrigues Chaves que passando pelo logar com uma força em dezembro daquelle anno tristissimo de 1825, o mandou buscar alta noite e o sepultou na capella de *Santa Rosa*, pondo termo por esse acto piedoso, aos ultrages a que durante mais de um mez esteve exposto o cadaver de um dos mais venerandos filhos da provincia do Ceará, que elle disse em carta dirigida a Manoel de Carvalho, não ceder a Pernambuco em patriotismo e zelo da sua liberdade.

(26) Completando a noticia que sobre lord Cochrane demos em a nota undecima, diremos ainda o seguinte:

Sendo elle convidado para assumir o commando da esquadra brasileira, foi nomeado por decreto de 21 de março de 1823, primeiro almirante, vencendo de soldo annualmente 11.521$000, tanto em terra como no mar, e mais de comedorias, estando embarcado, 5.760$000, que eram os vencimentos que tinha no Chile; não devendo, porém, considerar-se almirante algum da armada com direito a ter accesso a esse posto

No dia 23 occuparam o Crato as forças *imperialistas* ao mando de Francisco Pereira da Fonseca e a 26 realisou-se a contra revolução no *Crato* e no Icó. O major Luiz Rodrigues Chaves, em missão de Tristão Araripe a Manoel de Carvalho, sendo preso na Parahyba e conduzido á presença de Lima e Silva em Pernambuco, passou para o partido do governo e fez a contra revolução no Aracaty em 13 de outubro.

Depois de tantas defecções teve logar a retirada das for-

---

de primeiro almirante, creado sómente em consideração a lord Cochrane.

Tendo este chegado ao Rio de Janeiro em 21 de março daquelle anno e arvorado seu pavilhão a bordo da náo *Pedro I*, partiu no dia 3 de abril para a Bahia com uma divisão composta de onze vasos de guerra, e no dia 4 de maio enfrentou no porto daque la capital com a esquadra portugueza, que contava trese navios de guerra e dez mercantes e depois de um bloqueio de quasi dois mezes, obrigou o general Madeira a evacuar a cidade com todos os portuguezes que se achavam de seu lado.

Cochrane seguiu a esquadra inimiga até ao Maranhão e João Taylor acompanhou a até ao Tejo.

O lord almirante firmou a independencia do Maranhão, e o mesmo se deu com o Pará, para onde enviou o capitão João Paschoal Greenfell.

Depois da capitulação de Fidié, que retirando-se do Piauhy, se havia fortificado em Caxias, sahiu Cochrane do Maranhão a 20 de setembro e chegou ao Rio de Janeiro no dia 9 de novembro, e já encontrou publicado o decreto de 12 de outubro que pelos serviços prestados na Bahia e no Maranhão lhe concedia o titulo de marquez do Maranhão.

Por decreto de 27 de julho de 1824 lhe foi permittido vencer por inteiro em quanto estivesse á disposição do Brasil, o soldo de sua patente, e que no caso de não querer continuar no serviço depois de finda a guerra da independencia, teria direito a metade do referido soldo como pensão, que seria extensiva, por sua morte, á sua mulher.

Era isso um adeantamento da recompensa a que devia ter direito pelos serviços que ia prestar em Pernambuco para onde sahiu no dia 1º de agosto daquelle anno de 1824; deixou em Maceió as forças commandadas pelo general Lima e Silva e continuou sua viagem para o Recife, cujo porto declarou bloqueado em 27 do referido mez.

Occupados os tres bairros do Recife pelas tropas *imperiaes*, deu Cochrane por terminada a sua commissão em Pernambuco, e percorrendo a costa do norte desembarcou na Fortaleza a 18 de outubro e chegou ao Maranhão que achava-se anarchisado e que pela segunda vez conseguiu pacificar.

Si grave foi a falta commettida pelo nobre conde de Dundsnard no principio da sua vida publica, e que deu causa á sua expulsão da

ças republicanas do Ceará para o *Exú* e sua dispersão na chapada do Araripe (27).

No dia 21 de novembro entraram em *Umary* as tropas revolucionarias de Pernambuco e as da Parahyba sob as ordens de Felix Antonio, com quem se havia reunido em *Poço Comprido* o major José Maria Ildefonso, depois de um tiroteio ferido com as forças commandadas por João André Teixeira Mendes, irmão do padre Felippe Benicio Mariz, presidente do governo temporario do *Icó*, e no dia 29 de novembro teve logar a capitulação a que nos temos referido. Felix

---

camara dos communs e a ser o seu nome riscado do quadro da marinha ingleza, como expuzemos na citada nota, a que praticou no Maranhão foi uma nodoa indelevel de seu caracter.

Feita a pacificação a que acabamos de nos referir, entendeu que por suas mãos podia pagar-se da importancia das presas por elle feitas na Bahia e no Maranhão, por occasião da guerra da independencia e como no thesouro não existia o numerario que elle reclamava, acceitou lettras sobre a alfandega e realizou o pagamento dellas, abusando do direito de pirata, que outro papel não representou elle nesse negocio, seguramente mais vantajoso do que aquelle que lhe adveiu da noticia adrede por elle espalhada da morte de Napoleão I

No dia 20 de maio de 1825 livrou elle o Brasil de sua presença já perniciosa, embarcando para a Inglaterra na fragata *Piranga*.

(27) Nestas jornadas dolorosas do Ceará muito se destinguiu o pernambucano José Calixto Telles de Menezes. Começou a manifestar suas sympathias pela causa da liberdade na revolução de 1824, assignando em Quixeramobim o manifesto de 9 de janeiro daquelle anno contra o acto da dissolução violenta da assembléa constituinte, com o protesto de constituir se uma fórma nova de governo.

Partindo Filgueiras da capital do Ceará para libertar o major Chaves, ao chegar ao *Crato* em 22 de setembro teve noticia das desordens do *Jardim*, onde Antonio Francisco de Mello, com cerca de tresentos homens, havia na vespera assassinado tres membros proeminentes do partido republicano; immediatamente resolveu seguir para ahi no dia 30, levando em sua companhia o padre Alencar, Alexandre Francisco Cerbelon Verdeixa, que depois ordenou-se, e José Calixto Telles de Menezes que era o instructor do batalhão 32 de caçadores de segundo de linha do Crato, sob o commando effectivo de Tristão e interino de major Pedro José de Carvalho Borburema.

Calixto desde o principio daquelle mez occupava-se em promover no Crato a resistencia que deviam os republicanos oppôr aos *imperialistas* do *Rio Peixe* que pretendiam marchar sobre aquella villa para onde em agosto havia conduzido armamento para o seu batalhão.

As forças de Filgueiras, tendo batido as avançadas dos *imperialistas*, entraram no dia 1 de outubro na villa do *Jardim*, onde os republicanos exerceram actos de verdadeira selvageria.

Antonio já não dispunha de recursos para manter-se nessa lucta penosa.

Foi promovida pelo major Bento José Lamenha Lins (28), commandante em chefe das forças do governo, idas de Pernambuco.

Achavam-se na fazenda *Juiz* o primeiro batalhão de caçadores, commandado pelo capitão João de Deus com duzentas praças, o dos pretos de que continuava a ser com-

---

A força expedicionaria de Filgueiras que era de perto de duas mil pessoas, demorou-se em *Umary*, de onde foi destacado Calixto com parte do exercito para *Santa Maria*; porém ao sahir desse logar, tendo conhecimento da matança feita na *Picada* na vanguarda do exercito republicano, voltou para ir vingar a morte de seus infelizes companheiros; encontrando, porém, o sitio inteiramente abandonado, voltou e foi reunir-se a Filgueiras que ali se conservava depois de *Umary* e *Taboleiro*.

Calixto acompanhou o exercito até ao *Icó* e partiu para *Lavras* onde chegou a 25; nesse logar assumiu o commando em chefe do exercito revolucionario Francisco de Arruda Camara que foi depois marechal do exercito, e que de Pernambuco fôra para Quixeramobim.

Ainda Calixto tornou-se, nessa guerra, notavel pelo encontro que no caminho do Icó teve com as forças do governo, que voltavam do saque do *Crato* nos dias 25 e 26 de outubro. Tomando com alguns companheiros os distinctivos dos imperialistas e com ramos verdes de que estes usavam em suas marchas, passou impunemente por meio dos inimigos; voltando, porém, pouco depois, os metteu entre dois fogos levou-os de vencida e os aprisionou.

Não conseguimos obter os esclarecimentos de que precisavamos para dar uma noticia mais demorada sobre José Telles de Menezes, como depois passou a chamar-se Sabemos apenas que voltando do Ceará depois da revolução de 1824, estudou preparatorios em Olinda e formando-se na academia de São Paulo, seguiu a carreira da magistratura. Nós o conhecemos desembargador da relação do Recife e chefe de policia interino da provincia. Era homem intelligente e de muito espirito.

(28) O pernambucano Bento José Lamenha Lins contava apenas dezeseis annos de edade, quando sentou praça em 1817, e ainda não era official quando tomou parte no movimento de Goyanna em 1821, para deposição do governador Luiz do Rego Barreto que teimava em não passar o governo de Pernambuco á junta que devia ser eleita nos termos do decreto de 24 de abril daquelle anno, depois da mudança de regimen da nação portugueza, como tudo fica exposto em nossa nota decima nona. Pelos serviços prestados nessa occasião foi elevado ao posto de alferes.

Seguindo para a Bahia em 1823, quando essa provincia gemia sob a oppressão do brigadeiro Luiz Ignacio Madeira de Mello, contrario á independencia daquella importantissima parte do novo imperio, distin-

mandante o benemerito major Agostinho Bezerra, o dos pardos pelo major Parahyba, o do *Brejo* pelo capitão João de França e a artilheria sob as ordens do capitão Antonio Affonso Vianna.

Os revolucionarios haviam sido atacados de um lado pelo major Pastorinha com tropas de milicias e de linha e com dois mil homens paizanos; e de outro por Lamenha com parte do primeiro batalhão de caçadores que se passara na villa do *Cabo* para o partido do morgado.

---

guiu-se por tal modo no combate de *Pirajá* que mereceu ter um posto de accesso, pelo general Labatut que commandava a sua divisão, e teve a gloria de entrar na capital, no dia 2 de julho commandando uma brigada das tropas bahianas que acampavam no *Cabrito*.

Em janeiro de 1824 o major Lamenha foi nomeado commandante do 1º batalhão de caçadores e era de tanta confiança do presidente da provincia Manoel de Carvalho Paes de Andrade, que foi escolhido para perseguir as praças do esquadrão de cavallaria commandado pela major Tota, que na noite de 11 daquelle mez de janeiro haviam desertado e se reunido a seu ex commandante o capitão Francisco José Martins, adversario de Manoel de Carvalho; por influencia, porém, do morgado Francisco Paes Barreto e de acordo com o major Antonio Correia Seara que commandava o 17 de caçadores, promoveu no dia 20 de março a sedição que tinha por fim a prisão do mesmo Manoel de Carvalho, como fica exposto na decima oitava nota.

Da nota nona constam os combates que se deram em *Barra Grande* entre o exercito de Manoel de Carvalho, commandado pelo tenente coronel José Antonio Ferreira e o do morgado sob o mando dos majores Lamenha e Seara, que depois de frustada a tentativa de deposição de Manoel de Carvalho, reuniram-se naquelle logar com praças do primeiro e do terceiro de caçadores que com elles desertaram e com os homens engajados pelo morgado

Expellidos os republicanos do Recife, foi o major Lamenha encarregado de os perseguir até a fazenda *Juiz*, onde effectuou-se a capitulação no dia 29 de novembro, a prisão dos chefes da revolução e sua conducção para o Recife, onde muitos pagaram com a vida o movimento patriotico em que se distinguiram.

Pelas dissenções politicas da epocha, manchou, em uma causa má, suas mãos no sangue de seus patricios pernambucanos, aquelle que havia combatido com tanta valentia, nos campos de *Pirajá*, contra os inimigos da independencia da patria e que em 1827 ia adquirir um nome glorioso na batalha de *Ituzaingo*.

Não nos parece inteiramente escusada uma noticia muito breve dos acontecimentos do Rio da Prata anteriores a esse grande feito.

Por occasião da independencia das colonias hespanholas da America, a qual teve seu inicio em 1810, quando resolveram em sua maioria eleger juntas governativas que substituissem os delegados da metro-

As propostas da capitulação foram levadas ao acampamento, onde se achavam José Victoriano Borba, Felix Antonio, frei Caneca e chefes das familias que tinham ficado em *Caicó*, villa do Rio Grande do Norte.

O major José Maria Ildefonso se oppôz a principio á capitulação, por lhe parecer que não havia ainda rasão para se desistir da lucta, da qual até então sómente tinham advindo vantagens de guerra para o seu partido; e nesse sen-

---

pole, então sujeita a José Bonaparte, ateou-se o facho da guerra civil, não sómente no antigo vice-reinado de Buenos-Ayres, como nas provincias visinhas, principalmente nas de Montevidéo e Paraguay, pelas quaes alastrou sua acção destruidora.

O Brasil, segundo uns no proposito muito louvavel de guardar as nossas fronteiras, na opinião de outros porque o principe regente dom João queria oppôr um paradeiro ás idéas ultra liberaes que ameaçavam invadir o territorio brasileiro, e no parecer, finalmente, de outros para proteger as pretenções da rainha Carlota Joaquina de Bourbon, que como princeza de Hespanha na ausencia de seu irmão Fernando VII prisioneiro do conquistador francez, queria para si a regencia daquelle reino e a restauração do vice-reinado de Buenos-Ayres, o Brasil, dizemos nós, fez partir do Rio Grande do sul, sob o commando em chefe de dom Diogo de Souza, o exercito, que se achava estacionado em Bagé, para o *Jaguarão* e dahi para *Maldonado* com o fim, merament apparente, de prestar ao general Javier Elio governador de Montevidéo o soccorro por elle pedido contra as tropas liberaes de Buenos-Ayres, a cujo governo se não quiz sujeitar.

De *Maldonado* partiu o nosso exercito em 1822 para as visinhanças de *Paysandú*, onde sustentou frequentes combates, sempre coroados de completa victoria.

Essa campanha, toda de exploração, terminou com o armisticio de 20 de outubro de 1811, promovido pelo ministro inglez no Rio de Janeiro lord Strongfort, favoravel á causa dos liberaes de Buenos Ayres e hostil ás loucas pretenções da ambiciosa Carlota Joaquina.

O nosso exercito voltou para o Rio Grande do Sul.

A segunda campanha, que pode ser considerada de occupação, começou em 1816, depois da proclamação da republica em Buenos-Ayres, quando o feroz caudilho José Artigas, dominando a *Banda Oriental*, *Corrientes* e *Entrerios*, não querendo fazer parte daquella republica, em suas correrias e depredações, ameaçava galgar as nossas fronteiras e, para prejudicar o commercio brasileiro, dava cartas de corso e exercia outros actos contrarios ao direito das gentes.

Dom João VI acclamado rei de Portugal, de que fôra simples regente até a morte de Maria I em março de 1816, mandou vir de Portugal uma divisão de seu exercito, sob o commando do general Carlos Frederico Lecor.

Esse exercito, composto de seis mil homens, partiu de Santa Ca-

tharina, onde estava estacionado, penetrou na *Banda Oriental* e chegou ao *Maldonado*, depois de varios encontros em que foram desbaratados os gaúchos de José Artigas, até a entrada triumphal de Lecor em Montevidéo no dia 20 de janeiro de 1817.

Seria longa e importuna a narração dos acontecimentos posteriores a essa data até a de 31 de julho de 1821, em que teve logar a annexação inteira da *Banda Oriental* que passou a ter a denominação de provincia *Cisplatina*, comprehendendo todas as terras banhadas em sua margem esquerda, pelos rios *Uruguay* e *Prata*.

Resta-nos a campanha da adversidade, em que está incluido o combate junto ao arroyo *Ituzaingo*, no qual coroou-se de gloria aquelle que é objecto da presente nota.

Não podia *Buenos-Ayres* ver com bons olhos a annexação de Montevidéo ao Brasil, e por isto não cessava de fomentar a revolta que em 1825 rebentou na provincia *Cisplatina*, soffrendo nossas armas o primeiro revez, depois de quatorze annos de predominio, em *Sarandy* onde perdemos duzentos homens, aprisionados pelos inimigos; a esse revez seguiram-se muitos outros, até que o marquez de Barbacena assumiu o commando em chefe do novo exercito, composto de dois mil homens, que occupava *Montevidéo*, com a intenção, de que não fez mysterio, de dentro de poucos dias se apossar de *Buenos-Ayres* que por sua parte dispunha de seis mil homens.

Os dois exercitos encontraram-se, no dia 20 de fevereiro de 1827, junto ao arroyo *Ituzaingo*, e depois de um combate de onze horas, no qual nossos soldados deram novas provas de valentia, sem que a victoria se tivesse ainda pronunciado por um dos dois lados, deu o commandante em chefe ordem de retirada!

A sorte, em razão dessa ordem inexplicavel, nos foi adversa, sendo o exercito brasileiro completamente batido por Alvear, que não cessou de perseguir os vencidos em sua retirada.

Foi nessa occasião angustiosa que se deu o feito glorioso que immortalisou o nome de Bento José Lamenha Lins, que apezar de gravemente ferido, não abandonou seu posto de honra a frente do batalhão que commandava, já reduzido a numero minguado pelas balas inimigas e pelo cansaço de uma lucta incessante; nem o fez desanimar a chegada de Lavaleja ao campo da batalha com tropas frescas.

Seu espirito varonil não vacillou deante do terrivel perigo que o ameaçava, e foi tão grande a admiração do general inimigo, que em vez de usar do direito de guerra que lhe concedia a victoria, não duvidou abater sua espada valente na presença daquelle que sabia sustentar com tanta dignidade o nome do soldado pernambucano, bem conhecido nas campinas do sul.

Foi mais bizarro o procedimento de Lavaleja, curvando-se respeitoso ante aquelle pugillo de bravos, do que si os levasse atados ao seu carro de triumpho como praticavam os antigos romanos!

Não nos preoccuparemos com o resto da vida militar de Lamenha, cuja estrella fulgurou pela ultima vez, nessa fatal lucta de *Cisplatina*, na batalha de *Santa Maria*, na qual commandou uma brigada, sendo apenas tenenente coronel

———

Si como brasileiros deploramos a queda das nossas armas nessa ultima phase das guerras do *Rio da Prata*, devida talvez á má politica do governo que se achava então na direcção do paiz, como liberaes applaudimos o desenlace dessas questões, por ter Montevidéo, depois de tantos annos de resistencia, conseguido sacudir o jugo extrangeiro e proclamar sua independencia em agosto de 1828.

Nomeado coronel em 1827, quando contava apenas vinte e seis annos de edade, foi commandante das armas no Rio Grande do Sul, em Santa Catharina e em Pernambuco. Aqui assistiu ás sedições de 5 de maio, em que se exigia a sua deposição, e dos dias 14, 15 e 16 de setembro de 1831 (a *setembrisada*), em que uma soldadesca desenfreiada de dois batalhões de linha, em numero superior a mil, sahindo dos quarteis levantou-se contra os officiaes, atirou contra o coronel Lamenha, que na qualidade de commandante das armas procurou oppôr se á revolta, derramou-se pela cidade do Recife arrombou os armazens e lojas, saqueou até as casas particulares, e praticou os mais revoltantes excessos, até que já embriagada e sem forças foi repellida pela população indignada; morreram nessa occasião mais de trezentos soldados e foram presos mais de oito centos revoltosos para Fernando de Noronha.

Lamenha commetteu um grave erro filiando-se no partido regressista que tinha por fim a restauração do governo do primeiro imperador, obrigado pela revolução de 7 de abril a abdicar a corôa em seu filho Pedro segundo, que por sua vez devia cincoenta e oito annos mais tarde deixar vago o throno, unico existente nas vastas regiões da America.

Dezesete annos depois de sua demissão de commandante das armas de Pernambuco, tornou Lamenha a occupar esse cargo em sua provincia, tendo nessa occasião o ensejo de prestar-lhe novos serviços quando nos dias 26 e 27 de junho de 1848 uma parte da população do Recife levantou-se contra os portuguezes, por ter um delles, negociante de carne secca na rua da *Praia*, atirado um peso de ferro sobre a cabeça de um estudante do Lyceu.

Felizmente para Lamenha foi elle dispensado do commando das armas, antes de pôr-se em campo a revolta de 1848, denominada *revolução praeira*, deixando por isto de mais uma vez tomar parte em uma guerra civil.

Coronel em 1827 era ainda coronel em 1862, quando desappareceu de entre os vivos depois de trinta e cinco annos de serviços nesse elevado posto e de quarenta e cinco de vida militar. Teve sorte egual a de seus companheiros de profissão José Maria Ildefonso e José de Barros Falcão de Lacerda; o primeiro foi coronel durante vinte annos e o segundo durante vinte e oito. A' quantos que contavam em seu tempo serviços inteiramente negativos, não prodigalisou a fortuna os seus favores?

Deveremos attribuir esse infortunio dos tres coroneis á mancha indelevel do *peccado original*—terem sido *contra seu rei*, Lamenha em 1821 e os outros dois nas revoluções de 1817 e 1824? Contra tão *grandes attentados* seria impossivel a remissão?

tido havia, sob sua unica responsabilidade, iniciado a resistencia disparando sobre as tropas imperiaes tres tiros de peça, e estendendo em linha as forças liberaes que tomaram posição de combate, promptas a fazer fogo sobre o inimigo. (29)

---

(29) Desejando dar aos leitores da *Revista* uma noticia exacta do major Pastorinha, de quem tão ligeiramente tratam frei Joaquim do Amor Divino Caneca em seu itinerario e o coronel José Maria Ildefonso Jacome da Veiga Pessoa e Mello no manuscripto sujeito ao nosso estudo, em boa hora nos dirigimos a um seu primo, nosso velho amigo o coronel Leopoldo Borges Galvão Uchôa, de quem obtivemos os seguintes esclarecimentos, ministrados por pessoa muito respeitavel por todos os titulos e digna de inteiro credito em rasão de seu proximo parentesco com o major Pastorinha:

« José Antonio da Fonceca Galvão, conhecido até a revolução de 1824 por *Pastorinha*, era filho legitimo de José Rodrigues da Fonceca Galvão e dona Anna da Fonc ca Galvão. Nasceu em 1802 no engenho *Santa Rita*, então da comarca de *Olinda* e hoje do municipio de *Iguarassú*.

O appellido de *Pastorinha* proveiu-lhe, segundo a versão de um parente, de ter a mãe o vestido de pastora, quando creança, para figurar em uma festa do natal, e segundo outros era esse a appellido da propria mãe, de quem o herdou, por costumar ella festejar o natal com um presepe em que appareciam meninos trajados por esse modo.

Sentou praça em 1817, sendo já morto o pae. Ignora-se quando passou a alferes; sendo, porém, certo que em 1824 era tenente de artilheria e foi um dos quatrocentos que em *Barra Grande* resistiram á revolução durante a qual fôra, como Lamenha e outros, elevado pelas proprias forças legaes ao posto de major. Seguiu sob as ordens de Lamenha, que era mais antigo, em perseguição dos revoltosos que foram presos no sertão do Ceará. O facto da prisão delles é narrado por frei Caneca em seu itinerario. Lamenha dividiu os prisioneiros, entregando uns a José Antonio da Fonceca Galvão, entre os quaes estava frei Caneca, conduzindo elle proprio os outros.

O modo porque esses prisioneiros vieram conduzidos por *Pastorinha* acha-se declarado no referido itinerario. Só uma vez queixa-se frei Caneca do major mas as proprias queixas demonstram a benignidade com que foram sempre tratados. Parece que o logar aonde se deu esse facto foi Goyanna (*), mas frei Caneca diz que ahi estava o commandante de *Pastorinha*, com quem este fôra jantar, deixando de o fazer com elles; que collocára sentinellas á porta da cadeia, não permittindo que alguem *subisse* para visital-os. Do que se conclue que o major *Pastorinha* até ahi jantava com elles, que lhes deixava a liberdade de

---

(*) Foi Campina Grande.

Foi forçoso, porém, ceder ao numero dos que opinavam de modo diverso, e, quiçá, ás exigencias da situação que não podia mais prolongar-se, principalmente depois que o capitão João de Deus, que commandava o primeiro batalhão de caçadores e o capitão Antonio Affonso, com uma peça de artilheria, se haviam passado para o acampamento de Lamenha.

---

communicarem com quem quer que fosse (o que aliás o proprio Caneca o diz anteriormente), e que finalmen e tinham sido recolhidos no andar superior da cadeia, por que emprega a palavra *subir*.

Convem notar que sendo essa a unica occasião de queixa, antes e depois desse ponto, essas precauções tomadas por *Pastorinha* não podiam ter outro motivo, sinão a presença de seu commandante no logar.

O que admira é que frei Caneca omittisse em seu roteiro a fuga de alguns comp-nheiros seus, pouco adeante desse logar. Porque calaria um facto tão palpitante como esse? (**)

O que a tradição refere é que o major *Pastorinha* relaxára a vigilancia para que frei Caneca fugisse, e este não o tendo feito, foi em pessoa perguntar-lhe porque não fugia tambem, tendo em resposta que não era criminoso nem o queria comprometter: ao que lhe retorquira *Pastorinha*, que fugisse porque compromettido já estava com a evasão dos outros.

Ha mezes passados fallando o autor dos apontamentos com a doutor Arminio Coriolano Tavares dos Santos a respeito deste successo, disse-lhe o mesmo doutor que sabia até quem fôra que conduzira o cavallo para Caneca fugir e que elle não o quiz acceitar; fôra um tio seu. O que é certo é que o major *Pastorinha* passou por um conselho de guerra, inimizou-se com o general Lima, e Pedro I não lhe quiz confirmar a patente de major, como fez a outros officiaes. Talvez nos archivos da presidencia ainda se encontre o conselho de guerra, do qual deve constar o nome dos que fugiram e talvez alguma particularidade que interesse á historia.

Depois desses acontecimentos seguiu *Pastorinha* para a Parahyba do Norte, onde então residia sua mãe sob a protecção de um irmão delle, o capitão Manoel da Fonceca Galvão, senhor dos engenhos *Capellinha* e *Santo Antonio*; commandava elle uma companhia de caçadores.

A junta governativa depuzéra o commandante das armas, conhecido por *Vizeu* e parecia tramar uma contra-revolução para fazer voltar, pelo menos aquella parte do Brasil, a Portugal. *Pastorinha* uniu-se ao tenente Oliveira que depois foi lente da escola militar, tomaram conta da cidade e repelliram a junta e o novo commandante das armas

---

(**) Essa declaração acha-se feita no itinerario do dia 15 de dezembro.

para o interior, mas dando-se deserções e não tendo elles tido a previdencia de se apoderarem do thesouro publico, viram-se sem meios de satisfazer as necessidades da força, fugindo *Pastorinha* em uma jangada para o Rio Grande do Norte, de onde depois seguiu para o Rio de Janeiro. Que seu acto não deixára de ser legal, parece incontestavel, visto que Pedro I não ousou infligir lhe castigo.

A narração que ahi fica destoa um pouco de certos documentos officiaes da Parahyba, obra sem duvida da junta; até as datas deixam de combinar; porém o exposto está de perfeito acordo com a informação de pessoa competente, da casa da mãe de *Pastorinha*.

Nesse tempo luctava o Brasil para recolonisar a antiga provincia de *Cisplatina* que havia se sublevado. Foi elle então mandado para alli, onde se demorou até a conclusão da paz, voltando para Sergipe com o batalhão a que fôra ligado.

Em 1846 foi chamado ao Rio de Janeiro, já então era major effectivo, e serviu na guarnição da côrte até 1849, data em que passou a commandar o batalhão no Ceará, no posto de tenente coronel do corpo fixo.

Em 1853 foi nomeado commandante das armas do Pará, na occasião em que os flibusteiros norte americanos tentaram uma invasão no Amazonas.

Voltando mais tarde a São Paulo, foi em 1856 promovido a coronel commandante do batalhão do deposito de Santa Catharina. Em 1859 foi nomeado commandante das armas da Bahia, em 1861 para egual cargo em Pernambuco, na vaga do barão da Victoria que havia fallecido. Resentido por um acto do marquez de Caxias, pediu demissão e foi commandar o batalhão de Minas Geraes

Declarada a guerra com o Paraguay, seguiu com uma brigada a fazer juncção com as forças do coronel Drago em Uberaba. Este coronel era o commandante da expedição, mas vendo-se o governo coagido a demittil-o, entregou o commando de todas as forças a José Antonio da F. Galvão, que teve de atravessar com ellas centenas de leguas por uma região completamente deserta, regada por largos e caudalosos rios, que nas enchentes tornavam-se temerosos, curtiu fome, dormiu por muitos dias sobre terrenos alagadiços ou pantanosos, teve de combater a epidemia de bexigas que appareceu durante a marcha, mas conseguiu por seu exemplo e firmeza manter a disciplina, que em eguaes situações sempre rompe-se. Afinal exhausto de cançaço, e tendo sido assaltado de uma entoxicação palustre, morreu nas margens do *Rio Negro* em 13 de junho de 1866; as forças, porém, estavam salvas; pisavam terreno já abastecido e proximo do seu ponto objectivo o Coxim, onde tinham de estacionar para impedir correrias dos Paraguayos sobre a provincia de Matto Grosso.

O itinerario dessa viagem foi narrado succintamente pelo *Jornal do Commercio*; apezar dos traços ligeiros com que é feito, póde-se avaliar dos soffrimentos dessa força.

José Antonio da Fonceca Galvão tinha varias condecorações e medalhas militares. Durante a marcha foi promovido a brigadeiro.

As propostas levadas por um parlamentario, o tenente Rego que apresentou-se de bandeira branca em punho, foram discutidas por todos, sendo por Lamenha acceitas as modificações indicadas por frei Caneca. Uma das condições era que toda a tropa dos republicanos seria logo reunida ás forças do governo. .(30)

O major Pastorinha teve ordem de seu chefe para conduzir escoltados os liberaes para a villa de *Lavras*, doze leguas distante do *Juiz* e ahi foram desarmados e declarados presos os seguintes: tenente coronel José Victoriano Delgado Borba Cavalcante de Albuquerque, commandante em chefe, Felix Antonio Ferreira de Albuquerque, presidente revolucionario da Parahyba, seu irmão padre Ignacio d'Avila Cavalcanti e seu concunhado tenente coronel José da Costa Machado, commandante do batalhão de milicias do *Brejo de Areia*, major José Maria Ildefonso Jacome da Veiga Pessoa, considerado um dos chefes da revolução, major Agostinho Bezerra Cavalcanti e Souza, major Emiliano

---

Assumiu o commando dessa força o coronel Camisão, que teve ordem para invadir com ella o Paraguay pelo lado do rio *Apa*, afim de operar uma diversão que coadjuvasse os que invadiam pelo lado do *Rio da Prata*. Infelizmente já estava muito reduzida, e depois de alguns successos favoraveis, teve de retirar. Esta retirada, com todas as suas tristes peripecias, feita em ordem tal que constitue uma das mais brilhantes paginas da nossa historia militar, foi descripta por Escragnolle Taunay, que fazia parte dellas no posto de primeiro tenente de engenheiros, em uma obra que intitulou—*Retraite de la Laguna*— a qual foi vertida para o allemão por ordem do respectivo governo. Tanto ella impressionou aquella grande nação militar! »

A essa interessantissima noticia de personagem tão importante da nossa historia, cumpre-nos accrescentar que do illustre general José Antonio da Fonceca Galvão são filhos o marechal visconde de Maracajú, e o finado marechal barão do Rio Apa, que tão relevantes serviços prestaram ao paiz, e o muito honrado desembargador Manoel do Nascimento da Fonceca Galvão, juiz do superior tribunal de justiça deste Estado.

(30) Pela lealdade devida ao illustre autor do manuscripto, não devemos deixar desconhecido o seu juizo á respeito da revolução de 1824, da qual foi um dos corypheus.

Eis suas proprias palavras:

« José Victoriano encontrou em Nasareth, ja no meio da tropa, a frei Joaquim do Amor Divino Caneca, frei Joaquim das Mercês, frade do Carmo da Bahia, lente de philosophia da cidade da Parahyba, mestre

Felippe Benicio Munduruců, capitão Antonio Carneiro Machado Rios, distincto commandante da guerrilha da *Boa Vista*, capitão Manoel do Monte, commandante da guerrilha do *Cabo*, João de França Camara, commandante interino do batalhão do *Brejo de Areia*, frei Joaquim do Amor Divino Caneca, secretario do commandante em chefe, frei João da Cruz, monge do Carmo, frei Antonio Joaquim das Neves, padre João Barbosa Cordeiro, vigario de *Campina Grande* e secretario da junta da provincia da Parahyba, aquem coube passar o governo a Felippe Nery Ferreira, os dois irmãos Veras, Francisco de Souza Rangel, o boticario Vieira que foi estabelecido na praça da *Boa-Vista*, e um outro cujo nome escapou á memoria do autor do manuscripto ; ao todo dezoito cidadãos que iam ser entregues á vingança de um governo cruel.

Fizeram a mais dolorosa travessia por *São João do Rio do Peixe* e fazenda Acauã do padre Luiz José que foi revolucionario de 1817 e recebeu perfeitamente seus antigos com-

---

da mocidade patriotica da mesma cidade e o grande Lisboa que morreu em *Couro d'Anta*, enviado pelas lojas maçonicas do Rio de Janeiro, que morava com Manoel de Carvalho na rua do *Collegio*, hoje do *Imperador*, e que no dia 12 de setembro, dia da entrada das tropas imperiaes em *Santo Antonio*, deu graças a Deus poder ganhar o convento de São Francisco, onde se escondeu até atravessar a maré em frente do convento, embrulhado em um capote escossez, até *Santo Amaro*, ora á nado e ora tomando pé, onde chegou todo ferido, de onde partiu no dia 13 para Olinda.

Foi elle quem metteu em cabeça de Manoel de Carvalho proclamar a *Federação do Equador*, o que á muitos pareceu de proposito, para o fim de deitar abaixo a causa de Pernambuco, a qual era a convocação da constituinte dissolvida em12 de novembro.

Eram esses os sentimentos geraes e firmes em que estavam todas as provincias do norte, da Parahyba até o Maranhão, e assim obrigar o imperador Pedro I a ser constitucional ; pois que ninguem o acreditava, apezar de ter mandado publicar o projecto da *santa* constituição que hoje nos rege, e todos julgavam que elle seguia o mesmo plano de seu pae dom João VI em Portugal ; ninguem queria saber de republica. Si Pernambuco a quizesse a teria proclamado, quando chegaram os deputados das provincias do norte, depois de dissolvida a constituinte com o que muito se exarcebaram ; porém foi sempre intuito de todos obrigar o imperador Pedro I a receber uma constituição monarchica e não republicana. »

Em uma outra passagem de sua memoria, escreveu o coronel José

panheiros de prisão da Bahia, major José Maria Ildefonso, frei Caneca, padre João Barbosa Cordeiro e Monte.

O itinerario indicado no manuscripto de que nos occupamos termina com a chegada dos revolucionarios nessa fazenda Acauã; é, porém, perfeita a narração de frei Caneca, da qual faremos menção para que não fique incompleta a noticia do modo porque terminou a heroica revolução de 1824.

***

Não se acha em inteiro acordo com a relação dos presos nomeados pelo coronel José Maria, a que consta do itinerario de frei Caneca, que deu como presos por Lamenha na fazenda *Juiz* os revolucionarios seguintes:

O presidente da Parahyba Felix Antonio.
Frei Joaquim do Amor Divino Caneca.
O capitão França.
Antonio Carneiro.

Maria Ildefonso o seguinte, tratando da organisação do exercito republicano em *Poço Comprido*:

« Cumpre-me aqui declarar que antes de me incumbir desta organisação de tropas, declarei minha opinião perante todos: que eu me prestava a marchar com o fim tão sómente de obrigar o imperador a convocar uma assembléa constituinte, que nos desse uma constituição com o governo monarchico, como tinhamos jurado na casa da camara do Recife perante o grande povo pernambucano, quando se proclamou a independencia do Brasil; foi o que todos juraram e não confederação do *Equador*, que esta era só para Manoel de Carvalho e bem poucos de seu grupo, como eu mesmo já lhe havia dito, quando elle pela sua proclamação a declarou, estando eu commandando a fortaleza do Brum. Dali sahi logo que li essa proclamação e dirigi-me á rua do *Collegio*, onde elle morava, para dizer-lhe que na fortaleza do Brum não se arvoraria essa bandeira emquanto eu a commandasse. Chegando á sala de detraz de sua casa, ahi encontrei sómente o Lisboa, o Rangel e outros de cujos nomes me não recordo, e lhes disse, que meu fim procurando a Manoel de Carvalho era declarar-lhe que me considerasse inimigo da *Confederação do Equador*. O Lisboa procurou abraçar-me dizendo que ia mostrar-me a nossa bandeira que foi buscar á alcova. A resposta que dei-lhe foi descer de escadas abaixo, e subir mais adeante na casa da quina, para fallar com o doutor Manoel Ignacio de Carvalho e com o doutor Brito que moravam juntos no primeiro andar da casa de Bastos, a qual hoje é o sobrado novo em que mora o doutor Portella: e aos doutores, que eram conselheiros do presidente Manoel de Carvalho, perguntei como haviam elles consentido na proclamação de semelhante

Rangel.
José Maria Ildefonso.
Frei Antonio Joaquim das Mercês.
Agostinho Bezerra.
Veras.
O Vieira.
Major Joaquim José Alves.
Emiliano.
Padre Ignacio Bento d'Avila.
Capitão Monte.
Capitão Lazaro.
Capitão Taveira Canelludo.
Tenente José Gonçalves.
Frei João.

Esses presos foram entregues ao major Fonceca por antonomasia *Pastorinha*, para os conduzir a Pernambuco, escoltados por dezeseis praças de caçadores, um sargento e um alferes por nome *Tapiti*.

Sahiram de Lavras no dia 1 de dezembro. Passaram pela villa de *São João*, *Rio do Peixe* (villa de Souza); nesse ultimo logar encontraram a tropa da Parahyba, composta de duzentas praças sob o commando de Joaquim Moreira Lima.

Na fazenda Acauã tiveram do padre Luiz José o agasalho descripto pelo coronel José Maria Ildefonso.

Ao *Pombal* chegaram na noite de 4 de dezembro, e á *Patos* na manhã de 7. Atravessaram a serra do *Borburema* a 9 e a 12 chegaram a *Campina Grande*.

---

systhema; responderam-me que de nada sabiam, porque Manoel de Carvalho não os tinha consultado, ouvindo apenas os de seu circulo, Lisboa autor do *Desengano Brasileiro*, Emiliano, Agostinho Bezerra, José Joaquim de Oliveira Maciel e alguns outros que não se tiravam da casa de Manoel de Carvalho.

E como elles me dissessem que este já se achava em palacio e que nem ao menos tinha subido para dar-lhes parte do seu projecto, e me convidassem a ir ter com elle, dirigi-me para palacio e entrando na sala da presidencia onde encontrei Manoel de Carvalho só, disse-lhe com franqueza e de um modo um pouco rude tudo quanto sentia.

Commandante das artilherias, como elle costumava chamar me desde muito tempo, você está muito agastado, disse-me elle procurando acalmar-me a exaltação. Perante os empregados da secretaria, e perante o Quintella que era o official-maior repeti tudo quanto já lhe ha-

A 14 passaram por *Itabaiana* e a 15 por *Goyana*, indo pernoitar em *Bujary*, engenho do padre João Alvares de Sousa. Na madrugada de 16, quando os prisioneiros se preparavam para seguir viagem, deram por falta de Felix Antonio, capitão França, Emiliano, Veras, Monte, Vieira e frei João de Santa Miquelina.

Sahiram a 16, atravessaram o engenho *Araripe*, *Iguarassú*, onde foram hospedados na casa da camara que era um excellente edificio que já começava a arruinar-se e foi depois por terra, sem que o governo procurasse evitar, com pequeno custo, a perda de um importante edificio publico.

A uma hora da tarde entraram os prisioneiros no Recife e foram levados á presença do general Lima e Silva que não os quiz ver. Frei Caneca, Rangel, frei Mercês, Antonio Carneiro, José Maria Ildefonso, Agostinho Bezerra e o padre Ignacio Bento foram para a cadeia publica e os demais recolhidos na fortaleza do Brum.

« A expedição mallograda do Ceará, (escreve J. Brigido em seu excellente *Resumo Chronologico*), de quasi duzentas leguas é o maior sacrificio que se fez á politica no Brasil; a retirada mais difficil que já se executou; a prova de fogo da bravura dos homens de Pernambuco e Parahyba. »

O calabouço da cadeia publica em que foram encerrados os martyres supra indicados, com treze palmos de comprimento e seis de largura, com o pavimento alagado do alcatrão escapado de um barril estragado, sobre o qual foi necessario collocar duas ordens de esteiras que mal impediam

---

via dito, accrescentando, que elle havia deitado a perder a grande causa constitucional monarchista e lhe perguntei como dispunha elle da vontade e sentimentos do povo pernambucano. O certo é que se desistiu da idéa de apresentar a bandeira da *Confederação do Equador*.

Talvez esse meu procedimento fosse a causa de me fazerem sahir quanto antes da fortaleza do Brum, afim de acompanhar o commandante das armas coronel José de Barros, para *Barra Grande*, conduzindo a bagagem de que já fallei; foi publicada uma ordem do dia em que era eu nomeado major commandante de toda a artilheria da provincia com muitas vantagens, das quaes nunca recebi um só vintem, e sómente as de meu posto de capitão commandante da artilheria enviada para *Barra Grande*; devendo eu sempre conservar-me ao lado de José de Barros que assim o exigiu.

Depois desta minha manifestação feita em *Poço Comprido*, pedi a frei Caneca meu amigo, que se fizesse um termo de tudo quanto eu acabava de declarar. »

que nelle se emporcalhassem os infelizes alli atirados, era tão escuro que elles, apezar de conchegados uns aos outros, não se avistavam, e apenas de vinte quatro em vinte quatro horas se *lhes vendia* um rolo de que se serviam unicamente durante o jantar para enxergarem os pratos.

Esse horrivel calabouço era o lugubre logar em que se depositavam as cabeças dos enforcados.

Logo no dia seguinte ao da chegada dos presos, começaram os trabalhos da commissão militar. No dia 20 foram conduzidos perante esse terrivel tribunal, frei Joaquim do Amor Divino Caneca, Francisco de Sousa Rangel e Agostinho Bezerra Cavalcanti e Sousa.

No dia 26 foram elles tirados da masmorra e levados para a sala livre da cadeia; a 10 de janeiro foi lida a frei Caneca a cruel sentença que o condemnava á morte. Elle a ouviu sem perder a côr, apezar de não esperar que fosse tão brutal a decisão da sanguinaria commissão.

« Com o que julgo, dizia o martyr terminando seu itinerario, que a commissão julgando este meu processo com olhos de rectidão e humanidade, jámais me poderão sentenciar como incurso em o crime supposto de rebellião, para o qual jámais desejei concorrer e nem de todo este Pernambuco jámais houve nesta epocha tal imaginaria rebellião. Salvo si representar o povo de uma provincia ao imperador contra um homem, que não queira por presidente, apontando legitimas rasões de sua inhabilidade, é ser rebelde. Salvo si o procurar confederação e unir-se com as outras provincias limitrophes, para pedir instantemente ao imperador, que cumpra a sua palavra e juramento que subindo ao throno solemnemente prestou, de permittir ao povo brasileiro o fazer livremente, por meio de seus representantes em côrtes, que elle sem justa causa e incompetentemente dissolveu, uma constituição inteiramente liberal, é rebeldia. Salvo, finalmente, si é ser rebelde o fugir para evitar a morte em companhia de um exercito, que marcha por todos os logares debaixo da sombra do mesmo verde louro estandarte do imperio dado pelo mesmo imperador, proclamando por todos os termos dos mais interiores sertões vivas ao mesmo imperador constitucional, liberal, etc. »

« No mesmo dia, são estas as ultimas palavras escriptas por frei Caneca, no mesmo dia foram responder egualmente á commissão o Rangel e o major Agostinho, e das suas respostas e defezas analogas collige-se o não haverem de sahir

comprehendidos em setença ao menos de pena ultima: pois não existe o tal imaginario crime de rebellião, de que falsamente se lhes argue. »

Prova de que achava-se elle convencido de que não poderia perder a cabeça no patibulo por ser amante de sua patria, deu-a elle em Goyanna, onde recusou tenazmente seguir com seus companheiros que fugiram do poder de Pastorinha: não fujo porque não sou criminoso nem o quero comprometter!!...

« Tres dias, (escreve seu illustrado biographo), esteve elle no oratorio, sempre mostrando na serenidade de seu semblante um ar alegre e intermediando suas patrioticas conversas com algumas historias divertidas; e como lhe trouxessem religiosos franciscanos algum tanto estupidos e outros que taes manigrepos e barbadinhos, para lhe fazerem a costumada assistencia religiosa e o confortarem com praticas devotas, elle com ar de dignidade e de prudencia os despediu, dizendo-lhes, ficava summamente agradecido ao seu religioso obsequio, porém, que por ora não necessitava de instrucções sobre uma materia de que elle se achava assaz instruido; e que quanto ao dever que tinha a preencher da confissão, elle tinha com quem melhormente confessar-se, que era o seu provincial dos carmelitas turonenses a cuja religião pertencia e que mandaria chamar. »

O cabido de Olinda, de cruz alçada e acompanhado dos religiosos de diversas ordens existentes entre nós dirigiu-se, no dia 12, á commissão militar para pedir-lhe que demorasse a execução de frei Caneca até que fosse levada á presença do imperador uma supplica em favor do martyr; não foi admittido em palacio, de cujas portas foi despedido!

O imperador, em aviso de 7 de fevereiro de 1825, assignado pelo ministro Clemente Ferreira França, mandou declarar á referida commissão que approvava o seu procedimento relativamente á *louca e incurial* pretenção do cabido e clero do Recife no retardamento da execução de frei Joaquim do Amor Divino Caneca, a titulo de recurso e supplica ao imperador, pois por nem um pretexto se devia demorar nem suspender a execução da sentença da sobredita commissão militar.

O preso pardo Agostinho Vieira, designado para servir de carrasco, resistiu com a maior coragem ao barbaro castigo que lhe foi infligido por não se querer prestar a tal serviço e o mesmo aconteceu com dois pretos levados á couce

d'armas para o pé da forca ; a commissão militar mandou fusilar a frei Caneca aquem não faltou o animo nesse momento terrivel e angustioso em que já via abertas deante de si as portas da eternidade pavorosa e incomprehensivel ! Elle mesmo ensinou ao alcaide o melhor meio de atal-o ao poste em que ia ser alvo das pontarias ! ! !

Antes de sua execução teve logar a tristissima ceremonia da degradação de suas ordens sacras, na egreja do *Terço* de conformidade com a provisão de 31 de julho daquelle anno infeliz, assignada pelo bispo do Rio de Janeiro e capellão-mor do imperador, dom José Caetano da Silva Coutinho. Leiam os curiosos a descripção minuciosa do modo porque se passou a scena tão lugubre a que nos referimos, de Fernando José Martins, publicada no numero 41 da *Revista*.

No livro da antiga cadeia foram lançados os seguintes assentos tão atrozmente laconicos :

17 de dezembro de 1824

« José Maria Ildefonso, capitão de artilheria. Foi alliviado a 27 de dezembro do segredo. Frei Joaquim do Amor Divino Caneca. Foi ao patibulo a 13 de janeiro de 1825.

Frei Antonio das Mercês. Foi embargado, escrivão Arruda, 3 de janeiro de 1825. Foi solto por alvará de 13 de janeiro de 1825.

Padre Ignacio Bento de Avila.

Foi alliviado do segredo a 17 de janeiro de 1825. Solto por ordem do ajudante general. Embargado, escrivão Posthumo, em 23 de dezembro de 1825.

Antonio Carneiro Machado Rios. Foi alliviado em 24 de dezembro, ficando incommunicavel Foi alliviado da incommunicabilidade em 6 de fevereiro de 1825. Foi solto por alvará de 4 de fevereiro de 1826.

Francisco de Sousa Rangel. Foi para o hospital em 4 de janeiro de 1825. Embargado pelo escrivão Posthumo a 23 de abril de 1825. Foi alliviado a 20 de dezembro de 1824. Voltou ao hospital em 5 de fevereiro. E Agostinho Bezerra, capitão de Montabrechas, remettidos do quartel general, entregues pelo commandante geral da policia. Entrou para o segredo e foi para o patibulo a 21 de março de 1825.

Existe no processo a seguinte certidão :

« Certifico que o réo frei Joaquim do Amor Divino Caneca foi conduzido ao lugar da forca das Cinco Pontas, e ahi pelas nove horas da manhã padeceu morte natural em cumprimento da sentença da commissão militar que o jul-

gou ; depois de ser desauthorado das ordens na igreja do Terço, na forma dos santos canones ; sendo atado a uma das hastes da referida forca, foi fusilado de ordem do exm. senhor general e mais membros da dita commissão, visto não poder ser enforcado pela desobediencia dos carrascos ; o que tudo dou fé, sendo este acto presidido pelo vereador mais velho do senado desta cidade, o doutor Antonio José Alves Ferreira, arvorado em juiz de fóra. Recife de Pernambuco 13 de janeiro de 1825.—O escrivão do crime da relação *Miguel Archanjo Posthumo do Nascimento.* »

***

Para que renovar mais a tristeza profunda que de ordinaria provoca a recordação dessas nefandas execuções, verdadeiros assassinatos, tratando-se de crimes politicos ?

Dos condemnados á morte pela commissão militar foram executados, além de frei Joaquim do Amor Divino Caneca no dia 13 de janeiro de 1825, os seguintes patriotas :

Lasaro de Sousa Fontes, no dia 20 do mesmo mez.

Antonio Macario de Moraes no dia 3 de fevereiro.

Agostinho Bezerra Cavalcanti e Sousa no dia 21 de março.

Antonio do Monte, Nicoláu Martins Pereira e Jaime Heide Rodgers no dia 12 de abril.

Francisco Antonio Fragoso no dia 12 de março.

No dia 17 desse mesmo mez de março de 1825 foram enforcados no Rio de Janeiro, Joaquim da Silva Loureiro, João Metrowik e João Guilherme Ractclif, de quem tratámos em a nota nona.

Para esse processo em juizo especial foi expedida a ordem contida no decreto de 10 de setembro de 1824, referendado por *Clemente* Ferreira França.

Nesse decreto declarava o *piedoso* governo do imperador, tão *clemente* como seu ministro da justiça, que tendo o presidente da provincia da Bahia remettido presos para a côrte os réos pronunciados no summario a que mandou proceder por occasião da chegada do brigue *Guadiana* ao porto daquella cidade, dirigido pelo chefe dos rebeldes de Pernambuco, Manoel de Carvalho Paes de Andrade, com o fim de fazer espalhar *infames* proclamações, e incutir, por meio de seus emissarios, nos incautos animos dos cidadãos pacificos da mesma provincia, as suas *perniciosas* e *perigosissi-*

mas doutrinas, bem como os commandantes da escuna *Maria da Gloria* e do brigue *Constituição ou Morte*, e o segundo deste João Guilherme Rattlif, apresados pela corveta de guerra *Maria da Gloria*, como tudo se manifestava do referido summario, officios do mesmo presidente e mais papeis dirigidos pela secretaria de estado dos negocios da marinha, e exigindo a segurança publica, a salvação do imperio e sua integridade, tão *atrozmente* ameaçada por aquella *execranda* facção, que réos de tanta gravidade fossem promptamente processados: se ordenava que os comprehendidos no summario e officios do presidente da provincia da Bahia, e mais documentos que os acompanhavam, fossem logo processados pela prova constante dos mesmos, procedendo-se egualmente a summario contra os mais apresados nos sobreditos brigue e escuna, para serem uns e outros breve, verbal e summarissimamente sentenciados, sem outra alguma formalidade, na fórma, em taes casos, e tão criticas circumstancias, decretada pelo art. 179 tit. 8 § 35 da Constituição.

Por se acharem ausentes os condemnados á morte pela mesma commissão: Manoel de Carvalho Paes de Andrade, coronel José de Barros Falcão de Lacerda, tenente coronel José Antonio Ferreira, doutor José da Natividade Saldanha (31.) capitão José Francisco de Pinho Carapeba, An-

---

(31) José da Natividade Saldanha era natural de Olinda, em cujo seminario fez seus primeiros estudos. Na universidade de Coimbra, onde deixou seu nome vantajosamente conhecido como poeta mavioso e um dos mais distinctos estudantes de seu tempo, formou-se em direito em 1823, tendo vinte e sete annos de edade.

Chegando a Pernambuco nesse mesmo anno, foi logo nomeado auditor de guerra, e entregou se á advogacia. Poucos dias, porém, teve elle de socego nessa vida independente e que tão brilhante futuro lhe promettia. Nomeado secretario da junta governativa eleita em 13 de dezembro de 1824 e da qual era presidente Manoel de Carvalho Paes d Andrade, dedicou todo seu tempo aos interesses do partido e ao serviço da *Confederação do Equador*.

Não partilhou da sorte tristissima reservada aos patriotas que promoveram a revolução, porque teve occasião de escapar á furia da soldadesca de Lima e Silva, que entrando no Recife em 12 de setembro, se não esqueceu de varejar a casa daquelle que occupava posição tão elevada entre os republicanos e estragou lhe os moveis existentes em sua residencia na rua das *Trincheiras*.

Em novembro desse mesmo anno chegou Saldanha aos Estados-Unidos, de onde partiu para a França, e dahi seguiu em 1825 para a

tonio de Albuquerque Montenegro, tenente Mendanha, capitão Francisco Leite, capitão José Gomes do Rego Casumbá e major Emiliano Benicio Munducurú, foram elles banidos, affixando-se editaes para que qualquer pessoa os podesse livremente matar!!

Ao major José Maria Ildefonso e a outros complicados na revolução, da qual entretanto não poderiam deixar de ser considerados chefes, aproveitou o decreto de 7 de março daquelle anno, tambem assignado pelo ministro Clemente Ferreira França; nesse decreto se determinava:

1· Que fossem promptamente executados todos os réos que já estivessem sentenciados pela commissão militar, e que esta sentenciasse immediatamente os ausentes, uma vez que estivessem comprehendidos no decreto de 26 de julho e carta imperial de 16 de outubro do anno de 1824, ficando extincta a commissão;

2· Que todos os mais réos, que estivessem pronunciados, quer presentes quer ausentes, fossem remettidos ao fôro ordinario, para alli serem competentemente julgados;

3· Que ficavam amnistiados todos que não estivessem pronunciados pelo crime de rebellião, em que se imporia perpetuo silencio, lançando-se um véo de esquecimento sobre as opiniões passadas.

Inglaterra. Em 1826 achava-se em Caracas, capital de Venezuela, onde padeceu os maiores soffrimentos e privações.

Foi ahi que o encontrou nosso illustre conterraneo, o general José Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima, que servia no exercito daquelle paiz no mesmo posto de capitão de artilheria que tinha entre nós.

Abreu e Lima achava-se preso na Bahia, em 1817, por crime de ferimentos e resistencia praticado em Pernambuco, quando teve logar a execução de seu pae, o padre Roma, cuja historia na revolução daquelle anno é bem conhecida; a essa execução foi obrigado a assistir pelo barbaro conde dos Arcos. Cruelmente impressionado por tão horrivel espectaculo, deixou a patria e emigrou para Venezuela, onde pelos relevantissimos serviços chegou ao posto de general, ao qual foi promovido por Simão Bolivar cognominado *El Liberador*.

Saldanha obteve a protecção de Abreu e Lima a cujas recommendações deveu sua nomeação de professor em *Bogota*.

Tendo noticia de sua condemnação á morte pela commissão militar de Pernambuco, em rasão dos acontecimentos de 1824, remetteu ao juiz Thomaz Xavier Garcia de Almeida, que na qualidade de relator havia lavrado a nefanda sentença a seguinte originalissima procuração, que figura como um dos documentos curiosos da epocha.

Na provincia do Ceará foram executados os seguintes revolucionarios, condemnados pela commissão militar composta á principio do tenente coronel Conrado Jacob Niemyer que esteve com os liberaes de Goyanna em 1821 (nota 19) e com o partido do morgado em *Barra Grande*; era o presidente da commissão; do ouvidor Manoel Pedro de Moraes Mayer como relator, do major José Gervasio de Queiroz Carneviva, dos capitães Luiz Maria Cabral de Teive e João Sabino Monteiro e do engenheiro João Bloem que fez parte da esquadra de Cochrane no bloqueio da Bahia; seus trabalhos começaram no dia 22 de abril de 1825; e depois ainda de Conrado como presidente, de Mayer como relator e dos capitães Manoel Joaquim da Fonceca, Manoel Antonio Diniz, Manoel Ignacio de Carvalho Mendonça e Fernando da Costa, como vogaes:

1· Coronel João de Andrade Pessoa *Anta* (32), o padre Gonçalo Ignacio de Loyola Albuquerque Mello *Mororó*, no dia 30 de abril.

2· Francisco Miguel Pereira *Ibiapina* no dia 7 de maio.

3· Major Luiz Ignacio de Azevedo *Bolão* em 16 de maio.

4· Feliciano José da Silva *Carapinima* em 28 de maio.

« Pela presente procuração, por mim feita e assignada, constituo por meu bastante procurador na provincia de Pernambuco ao meu collega o doutor Thomaz Xavier Garcia de Almeida, para em tudo cumprir a pena que me fôr imposta pela commissão militar, podendo até morrer enforcado, para o que lhe outorgo todos os poderes que por lei me são conferidos. Caracas, 3 de agosto de 1825. — *José da Natividade Saldanha.* »

O illustre pernambucano, que tanta honra poderia ter feito á patria, prestando lhe serviços na altura de sua grande intelligencia. si não fosse della afastado tão cedo, perdeu a existencia em terra estranha e de modo mysterioso. Pôz termo á sua vida preciosa uma queda desastrosa nas ruas de Caracas ou o suicidio, a que o levaram profundos desgostos?

(32) Por occasião da independencia do Brasil, adoptaram os patriotas mais exaltados sobrenomes de cousas do paiz. Tristão tomou o de *Araripe*, o padre Gonçalo o de *Mororó*, Francisco Miguel o de *Ibiapina*, João de Andrade o de *Anta*, e Feliciano Silva o de *Carapinima*.

O illustrado historiador J. Brigido nos refere em uma de suas obras, que é desse tempo que datam os sobrenomes de *Jatahy*. *Sucupira*, *Quinderé*, *Tamanduá*, *Areré*, *Buriti* e outros que se introduziram nas familias cearenses.

O padre José Martiniano de Alencar foi absolvido; a sentença foi confirmada pelo imperador.

O decreto de 23 de julho de 1824 suspendeu as sentenças de morte proferidas contra os réos frei Alexandre da Purificação, Antonio Bezerra de Sousa e Menezes e José Ferreira de Azevedo, até nova ordem, e ordenou que a commissão continuando a julgar todos os demais réos, não désse execução ás sentenças, sem que estas fossem remettidas á presença imperial.

A pena de frei Alexandre da Purificação foi commutada em degredo para o *Rio Negro* e depois em prisão em seu convento; a do coronel Antonio Bezerra de Sousa e Menezes em degredo para o interior do Maranhão; falleceu antes de seguir para o seu destino e a de José Ferreira de Azevedo na de degredo tambem para o *Rio Negro* onde falleceu.

José Pereira Filgueiras tendo fugido para o Rio de Janeiro, afim de pedir perdão ao imperador, foi preso em *São Romão*, da provincia da Bahia, e ahi morreu.

Do fim desastroso do chefe da revolução no Ceará, Tristão Gonçalves de Alencar Araripe já demos noticia em nossa nota vigesima segunda.

***

Com relação á alguns factos que ahi ficam brevemente expostos, entendeu o nosso illustrado consocio Antonio Joaquim de Mello, de saudosa memoria, que seria conveniente dirigir o seguinte questionario ao coronel José Maria Ildefonso Jacome da Veiga Pessoa e Mello, que sendo um dos patriotas que fizeram a celebre revolução de 1824, podia dar-nos esclarecimentos de valor para a historia patria.

A. A. DE LUNA FREIRE.

QUESTIONARIO

I

Com que força marchou d'aqui o coronel José Maria Ildefonso Jacome da Veiga Pessoa e Mello?

II

Onde acampou; que choques teve com os inimigos, em que logares e qual a perda de ambos os lados?

III

Manoel de Carvalho embarcou com sciencia e approvação de todos?

IV

Quem lhe procurou o jangadeiro que o devia conduzir a Olinda?

V

Em que logares se estendeu o ultimo combate da *Boa Viagem*, e que perda se deu de parte a parte?

VI

Que meios foram offerecidos a frei Caneca para fugir, em Goyanna ou em outro qualquer logar?

VII

Houve conselho de officiaes sob a presidencia do commandante das armas José de Barros, antes da sahida para Olinda e ataque da *Boa Vista*?

VIII

Como se operou a dissolução do nosso exercito em Olinda? Quem arrecadou o armamento?

IX

Qual o comportamento do tenente coronel Silva que não quiz tomar parte no combate da *Boa Vista* ?

X

Onde morreu e como o padre João Ribeiro ?

XI

Domingos Theotonio Jorge de quem era filho; com quem casou e quaes de seus descendentes ainda existem ?

XII

Que viagens fez Domingos Theotonio ao Rio de Janeiro e a outras provincias, por ordem de quem e para que fim ?

RESPOSTAS

I

Da longa exposição que acabo de fazer e que não podia ser laconica, resulta o conhecimento do modo porque se formou a força com que marchámos ; e agradeço a maneira delicada por que se me fez a pergunta, por quanto, afinal, por força das circumstancias, é fóra de duvida que vim a ser o chefe que salvou a tantos outros chefes e familias, das quaes ainda hoje muitas pessoas se mostram extremamente agradecidas.

II

Contém esta pergunta o complexo de tres. Principiando da villa do Limoeiro, onde entrámos debaixo de fogo que não parou até dez horas do dia, apenas podemos contar com a boa disposição da guerrilha de Antonio Carneiro Machado Rios, composta de moços da *Boa Vista* ; alli des-

cançámos um pouco, não dando tempo ao frade que foi fortificar-se no *Riacho Escuro* com pouco mais de cem calambolas (nome dado aos matutos das guerrilhas) que de dentro do matto nos fizeram fogo durante todo o dia. Sahimos da villa para *Riacho Escuro*, de onde tambem expellimos o frade que fugiu para o outro lado do rio *Capibaribe*, atirando-lhe eu uma bala de artilheria contra a casa em que havia elle se refugiado. Durante toda nossa marcha não cessou o fogo por parte do frade e de sua gente que atirava principalmente sobre o centro do nosso exercito, onde se achava grande numero de mulheres, as cargas, os carros, os cofres que continham munição, o que muito nos demorava a marcha; tinham elles o proposito de roubar-nos a carga em algum logar apertado por onde fossemos obrigados a passar. As senhoras, pertencentes á familias importantes, como a do presidente rebelde Felix Antonio Ferreira de Albuquerque que conduzia até uma creança no berço, escravos e bahus, iam sob a guarda do major Agostinho Bezerra que com seu batalhão tomára a frente do exercito.

Fizemos alto na fazenda do padre Paschoal Martins, irmão do capitão mor Joaquim Martins, em *Pedra Tapada*, onde esperámos pelo resto da tropa e bagagem que avançavam morosamente por causa do fogo das guerrilhas inimigas que não cessava.

No dia seguinte fomos á povoação de *Malhadinha*, e dahi á fazenda de Carlos Leitão que havia sido meu companheiro, assim como do padre Joaquim e do padre João Barbosa Cordeiro, na cadeia da Bahia. Elle nos informou muito circumstanciadamente do que se havia passado no Recife.

Dahi por deante refiro-me ao itinerario de frei Caneca, apezar de muitas faltas e inexactidões, que eu poderia corrigir si me propuzesse a isto. Com relação ao que elle escreveu sobre a republica, devo declarar que sempre me pronunciei contra ella, e que a bandeira imperial não deixou de tremular em nossas tropas, e tanto foi assim que a entreguei ao major Lamenha, quando teve logar a rendição no *Juiz*.

III

Desde que na *Venda Grande* declarei a Manoel de Carvalho que pela ponte de *Motocolombó*, onde combati, nada mais se podia fazer, não só por estar a ponte abaixo e a ma-

ré muito cheia, como por já se acharem as tropas imperiaes dentro do bairro de *Santo Antonio*, respondendo-me elle que ia embarcar para a fragata ingleza, da qual saltaria em Olinda para atacar os inimigos na *Boa Vista*, eu me puz em marcha com o batalhão do Mello e a peça para fazer juncção com José de Barros onde o encontrasse, o que deu-se á meia noite, quando o commandante em chefe estava a espera do batalhão do major Silva que chegou pouco depois, pondo-se todo o exercito em movimento para o engenho *Peres* e outros como fica dito.

IV

Manoel de Carvalho, depois da declaração de que iria atacar no dia seguinte o bairro da *Boa Vista*, o que de todos mereceu approvação, partiu para as *Candeias* em busca de um jangadeiro que o levasse á fragata: foi essa a ultima vez que o vi.

V

O logar em que se travou o primeiro combate da *Boa Vista*, foi a *Soledade*, avançando o Carapeba pelos *Quatro Cantos* e rua da *Gloria*. Eu dirigi-me ao *Corredor do Bispo*, de onde voltando para a *Soledade*, encaminhei-me pela rua do *Sebo*, e coadjuvado pelo major Santiago, por autonomasia o *Engole-cobra*, chegámos até o pateo da *Santa Cruz*. Ainda houve outro ataque que foi o de José Candido pelo beco dos *Ferreiros*. Emquanto aos mortos refiro-me ao que já disse.

VI

Desde que chegámos á villa do *Ingá* os meus parentes e os de Felix Antonio, entre os quaes havia muitos poderosos e do partido *imperialista*, procuraram pôr em execução os meios de favorecer a fuga; nos logares em que nos aquartelavamos, achavam-se sempre portadores promptos com bons cavallos, para partirmos a qualquer hora da noite. Frei Joaquim, pelos muitos conhecimentos e bons amigos que tinha pela provincia inteira da Parahyba, desde que com meu sobrinho frei Francisco de Orito Pessoa, prior do convento do Carmo daquella provincia, fazia grande assistencia no engenho *Itapuá*, depois vendido pelos frades a Felix Antonio, adquiriu todas essas relações. Os portadores eram moços muito distinctos e patriotas.

Quando chegámos ao engenho *Bujary* de Goyanna, quizeram me obrigar a fugir, juntamente com frei Joaquim e outros. Já em *Itabayanna* havia-me recusado a escapar do poder da escolta, no dia em que passei em casa de minhas tias, irmães de minha mãe. Meu tio João Baptista do Rego, *imperialista* e restaurador frenetico, não me encontrando mais alli, correu em meu seguimento até *Pedras de Fogo*, para me tirar á força do poder de Pastorinha que nos conduzia, e não me alcançou ; porém apresentou-se de novo á uma hora da noite acompanhado de diversas pessoas. Nesse tempo os patriotas não eram trahidores como hoje. Fugiram os dois Veras, o França, Felix Antonio e Emiliano do engenho *Bujary*, onde foram hospedados pelos filhos de Paulo Francisco, negociante em Goyanna, os quaes por pertencerem ao partido de Manoel de Carvalho, achavam-se então occultos no engenho *Japumin*, para escaparem á perseguição de Estevão José Carneiro, commandante de Goyanna, onde se achava com as tropas trazidas da Parahyba. A gente de Pastorinha tomou parte na festa de *Bujary*, onde tocou-se, cantou-se e dansou-se até as nove horas da noite, quando se deu o ajuste da fuga.

Esses filhos do senhor de engenho foram do numero daquelles que mais se empenharam pela fuga de frei Joaquim e de Agostinho Bezerra que se recusaram.

Monte fugiu em Olinda, onde embarcou no varadouro.

VII

Não houve conselho de officiaes com José de Barros ; si houve, nelle tomaram parte sómente Carapeba, o major Silva e José Antonio Ferreira em *Cruz das Almas*, onde eu de volta de Olinda, os encontrei, e fiz voltar as forças liberaes para a *Boa Vista* em execução das ordens de Manoel de Carvalho e do proprio José de Barros, que, no engenho *São Francisco* ou *Curado*, recommendou-me tanta urgencia que não podendo passar pelo *Rosarinho* e *Belém*, procurei o caminho de Beberibe para chegar a Olinda, de onde parti com uns duzentos rapazes, com os quaes ataquei as forças de Lima e Silva com tal violencia, que as obrigámos a abandonarem todo *Rosarinho* e *Belém* até a *Soledade* e lhes aprisionámos uns vinte soldados de cavallaria muito bem montados. Depois do que encontrámos José de Barros com quem tivemos grande contestação, na qual tomaram parte

os moços que me acompanhavam desde Olinda e que foram de opinião que devia ser a *Boa Vista* atacada de preferencia. O que se fez sem plano algum, dando causa ao infeliz resultado dos ataques que se seguiram. José de Barros, José Antonio Ferreira, Carapeba e Silva não cessavam de repetir que fossemos para Olinda, afim de atacarmos o bairro do Recife, seguindo-se para isto o plano que fosse adoptado. Durante essa discussão gritava a tropa: vamos a *Boa Vista* já, resgatar nossas familias.

VIII

A resposta a este quisito está contida na exposição do que se deu depois da fuga de José de Barros.

IX

A pergunta está respondida tambem com o que acabo de expôr.

X

O padre João Ribeiro morreu em 1817 no engenho *Paulista* e não em 1824; todavia respondo, que tomando elle veneno e não morrendo logo, rasgou a coxa, onde introduziu nova dose do mesmo veneno. Depois subiu a uma cadeira ao pé do altar e morreu de joelhos; foi assim que o encontramos na capella.

XI

Domingos Theotonio era filho de minha tia dona Maria Jacome Bezerra Pessoa, irmã de meu pae o capitão-mór Luiz da Veiga Pessoa e do vigario do Recife Antonio Jacome Bezerra, casada com Domingos Martins, senhor do grande engenho *Piabas de Cima* no Rio Formoso, com uma lusida fabrica de oitenta escravos, e filho de um portuguez Domingos Martins, proprietario e senhor de todo o *Gamella*, cujo terreno tirou por sismaria e nelle levantou mais de um engenho. Ambos, pae e filho, eram muito amigos do vigario Manoel Jacome Bezerra, irmão de dona Josepha mãe de meu pae e do irmão vigario de *Porto Calvo*; foi quem celebrou o casamento da sobrinha.

XII

Casou-se Domingos Theotonio com minha irmã dona Anna Elisa Pessoa; esse casamento foi promovido por meu tio o vigario do Recife Antonio Jacome que criou Domingos Theotonio desde seu nascimento, e teve a infelicidade de perder a mãe, que sendo senhora de muito juizo dominava o marido. Domingos Martins pae, casando-se segunda vez com uma irmã de Felix José Tavares de Lyra e do padre José Felicio, perdeu toda sua fortuna. Domingos Martins filho, de seu casamento com minha irmã, teve dois filhos, Silvino que morreu muito moço e dona Maria Theotonia que ainda vive em minha companhia.

Em 1815 Domingos Theotonio foi ao Rio de Janeiro e esteve na Bahia; consta que frequentou as lojas maçonicas onde é provavel que se tratasse da politica do governo que era então de dom João VI, de quem eram ministros o marquez de Aguiar, dom Fernando de Portugal, o conde de Galveias dom João da Menezes e o conde Silvano dom Rodrigo de Sousa, tendo cada um delles tres pastas. Alguma cousa se passou então, por que quando appareceu a revolução de 1817, esperava-se que a Bahia acompanhasse o movimento de Pernambuco; o que deixou de acontecer por ter o conde dos Arcos tomado muitas providencias, entre as quaes a morte do padre Roma, e depois a do padre Miguel Joaquim, lente do seminario de Olinda por antonomasia o *rhetorico*.

INDICE DAS NOTAS

INSCRIPÇÕES EM ROCHEDOS DO BRASIL

E' por demais vergonhoso que as antiguidades do Brasil tenham merecido até agora tão pouca ou nenhuma attenção, quando a ethnologia do paiz é em extremo interessante; sendo ao mesmo tempo para desejar que se investigue a historia de suas numerosas tribus. O abandono dessas antiguidades ha sem duvida nascido da comparativa raridade de taes reliquias e da difficuldade de explorar o paiz. Em todo o imperio tem se encontrado utensilios de pedra; a louça antiga apparece em muitas localidades, especialmente nos cemiterios indios e existem Kjokkenmoddings na costa, como em Santa Cruz na provincia do Espirito Santo, na Bahia do Rio de Janeiro, em Santos e em outras partes. Porém muito pouco tem elles attrahido a attenção, posto sejam accidentalmente mencionados pelos diversos viajantes.

Durante a excursão que fiz ao Amazonas, pelo ultimo verão, não perdi nenhuma opportunidade de estudar as antiguidades do paiz e consegui reunir alguns dados importantes. No rio Tocantins, perto das mais baixas cachoeiras, achei figuras gravadas nas rochas e, dos penhascos da Serra do Ereré, copiei grande numero de figuras grosseiras e signaes desenhados com tinta encarnada. Meu bom amigo, o Sr. Ferreira Penna, residente no Pará, dignou-se de dar-me uma serie de desenhos da Serra de Obidos, localidade que não visitei, de par com o M. S. original e o relatorio official, a respeito de certos desenhos de indios existentes á margem do rio Oyapock.

Mandei um de meus ajudantes, o Sr. Barnard, examinar um cemiterio da Ilha de Marajó e elle trouxe-me uma pequena collecção de objectos de louça, que apresentam alguns caracteristicos interessantes. No presente artigo limitar-me-hei a descrever as inscripções que reuni; esperando em outro fazer o mesmo com relação á louça e ás demais reliquias.

As inscripções do Tocantins são em Alcobaça, paragem á margem esquerda do rio, perto das primeiras cachoeiras e cerca

de cem milhas da respectiva foz. Aqui, pelas margens, acham-se expostas, durante o verão, camadas de um quartzito, de um bello granulado, muito duro, de côr vermelha escura ou parda; tendo os estratos sómente uma tenue espessura. Essas camadas são divididas, por juntas, em grandes blocos, que, as mais das vezes, jazem no proprio lugar, porém, ao longo de uma parte da praia, elles se acham confusamente amontoados. Durante alguns mezes do anno, quando o rio está cheio, a localidade fica debaixo d'agua, como acontece em relação a iguáes rochas esculpidas existentes em Serpa, no Amazonas. Meu guia disse-me que aqui havia *letreiros*, ou inscripções de indios e eu fui bastante feliz, não só por achar diversos, como por poder trazer commigo dous daquelles pequenos blocos. As figuras foram cavadas na rocha por meio de algum instrumento de ponta não muito aguda. Ellas são tão grosseiras e irregulares que não vejo razão para que uma pedra aguçada não pudesse fazer o mesmo. Os sulcos são ordinariamente largos e não muito profundos. Observa-se que uma ou outra vez a mão de quem nelles trabalhou, por impericia, errou o traço, estragando as figuras. Estas são de ordinario talhadas nos lados dos blocos de rocha e mostram estarem bastante gastas; muitas são difficeis de traçar e a maior parte acha-se mais ou menos coberta por uma brilhante crosta negra de manganez, depositada pela agua. A superficie de um de meus especimens, est. 2, fig. 5, tem um lustre metallico, semelhante ao de uma chaminé bem ennegrecida.

Dessas inscripções, a da est. 2, fig. 1, que tem cerca de dezeseis pollegadas de extensão e está um tanto mal conservada, parece representar uma figura humana, como que decapitada. E' possivel talvez que se pretendesse representar algum animal inferior. A posição dos braços e das pernas é semelhante ao typo, que ordinariamente adoptam os indios para representarem a forma humana, como veremos mais adiante.

As outras são na mor parte espiráes, mais ou menos complicadas, est. 2, fig. 2, 4, 5, 7 e 11. Uma destas, est. 2, fig. 4 póde representar a face humana: sendo as linhas divergentes superiores as sobrancelhas, a que desce no meio dellas o nariz e as espiráes os olhos. Representações da face, igualmente grosseiras, occorrem em outras partes.

Cerca de meia milha acima da localidade, em que se vêem as figuras e nas superficies superiores de diversas

massas de grés encontrei pontos já gastos pelo attrito. Alguns destes eram circulares, cerca de um pé de diametro, muito pouco profundos e com uma proeminencia convexa no centro ; indicando ter sido alli afiado, por meio de um movimento circular, qualquer instrumento: provavelmente algum machado de pedra. Umas dessas cavidades é representada na est. 2, fig. 6. Outras eram cavidades pouco profundas, ovães, de um pé ou mais de extensão, produzidas pelo roçar do instrumento, ora para traz, ora para diante. Vi tambem um sulco extenso, estreito e um tanto profundo, gasto talvez pela afiação de pontas de settas. Essas superficies pareceram-me inteiramente differentes das que se prestam para aguçar instrumentos de metal. Releva notar que no Tocantins é este quasi que o unico lugar, em que apparecem os grés. Como já observei em outra parte, não sómente o Amazonas, mas o Brasil, em geral, resente-se, em grande escala, da falta de grés duros, proprios para se amolar ou afiar a pedra. Essa localidade devia ser provavelmente frequentada pelos selvagens para o fim de ahi aguçarem e fazerem seus instrumentos de pedra. Não vi entretanto no lugar nenhum fragmento. Deve-se ter em mente, porém, que a localidade fica, todos os annos, completamente inundada. Em Jequerapuá, algumas milhas mais abaixo, do mesmo lado do rio, achei nos rochedos a espirál, representada na est. 2, fig. 3; perto della se via uma cavidade de fórma conica.

Figuras gravadas deparam-se em outras partes do Brasil: no baixo S. Francisco (William e Burton) na provincia da Parahyba (Koster) no rio Negro etc.

A Serra do Ereré é situada ao norte do valle do Amazonas, em distancia de quinze ou mais milhas do rio principal porém perto do rio Gurupatuba e a oeste da villa de Monte Alegre. E' uma cordilheira estreita, muito irregular, de cerca de 800 pés de altitude, na direcção approximada de este a oeste e tendo de extensão cerca de quatro a cinco milhas. E' composta de grés, de camadas muito densas, que se inclinam para sudoeste. Esses grés formam uma linha truncada de penhascos, que correm ao longo do lado occidental proximo ao cume, abaixo do qual a rocha apresenta um declive muito irregular. Sobre essa especie de muralhas de rocha, na extremidade occidental da Serra e perto della, ora junto á sua base, ora no alto, em posição saliente e de difficil accesso, existe grande numero de caracteres e figuras grosseiras, na mor

parte pintadas de encarnado, umas isoladas, outras em grupos. Algumas superficies da rocha estão cobertas de um sem numero dellas, sendo muitas lavadas pelas chuvas e desfiguradas pelo fogo, a ponto de não se poder reconhecel-as, e outras claras e frescas : o que indica que não foram todas executadas ao mesmo tempo. Justamente adiante da linha de penhascos, a alguma distancia ao oriente da extremidade occidental da Serra, eleva-se uma massa de grés semelhante a uma torre, pintada não sómente na base como no alto e em cada lado, emquanto que os penhascos, tanto atraz como de ambos os lados, estão cobertos de figuras. Todas essas localidades são muito salientes e algumas em tão grandes proporções que se avistam na distancia de mais de uma milha.

Não longe da extremidade oriental da Serra existe amontoada uma enorme massa isolada de grés, restos de uma camada quasi inteiramente removida, a qual é distinctamente visivel da planicie que lhe fica abaixo, do lado do norte. A muralha irregular que forma essa massa de grés, na sua parte occidental, é coberta de figuras.

Os desenhos do Ereré comprehendem diversas classes de objectos. D'entre estes os mais importantes parecem representar o sol, a lua e as estrellas. Na extremidade occidental do Ereré, no penhasco proximo ao cume, existe uma grosseira figura circular, est. 4, fig. 17, de perto de dous pés de diametro. A sua côr, em geral, é de um amarello pardacento. No centro ha uma grande mancha de ocre encarnado, ao passo que em torno da circumferencia corre uma larga orla da mesma côr. Alguns dos indios civilisados do Ereré chamam a isto o sol, outros a lua.

Sobre um penhasco muito proeminente, a alguma distancia a leste da massa de grés acima descripta, ha outra figura semelhante, de cerca de tres pés de diametro. No centro desta vê-se uma mancha de um vermelho côr de tijolo, em seguida uma larga facha de um amarello decomposto, acompanhada de outra vermelha tambem como tijolo, fóra da qual existe uma igualmente de um amarello de ocre alterado. A' direita desta, observam-se duas figuras circulares menores, em cuja parte superior as linhas e o centro são vermelhos, sendo a facha interior de uma tinta amarella já desfeita. Essas figuras estão situadas a alguns dez pés da base do penhasco. Desenhos semelhantes compostos de dous ou mais circulos concentricos, com ou sem a mancha central, divisam-se, em grande numero, no Ereré. Estou inclinado a

pensar que se teve em vista representar a lua, visto como elles são desprovidos de raios (1). Uma figura, est. 4 fig. 2, existente no penhasco da extremidade occidental da Serra, representa, sem duvida, esse corpo celeste (2). Além das fórmas, acima descriptas, ha uma grande quantidade de figuras raiadas. Algumas vezes ellas consistem n'um circulo só ou em diversos circulos concentricos, sendo apenas raiado o exterior; porém, do lado da grande rocha do cume da Serra, ha uma figura de um pé de diametro (est. 5, fig. 10) muito distincta, formada de dous circulos concentricos, cada um provido de grandes raios, em forma de dentes. Parte dessa figura está obliterada. Na mesma localidade ha outra que consiste n'um circulo com raios semelhantes aos dentes de uma serra e uma só mancha no centro.

Não raro sobre a rocha pintada da extremidade occidental da Serra, occorrem circulos, simples ou duplos, algumas vezes com um nucleo, que contem raios sómente na parte superior. (est. 5 fig. 12, est. 6 fig. 1). Ha tambem espiráes raiadas, (est. 4 fig. 3.) Algumas destas parecem representar estrellas. Ou são desenhadas ou impressas. Em alguns casos vê-se que a palma da mão e os dedos foram cobertos de tinta ainda humida e calcados sobre a rocha. Ha duvida sobre si essas figuras representam sempre estrellas. Na extremidade occidental da Serra existe uma curiosa cabeça, cheia de raios e ornada, no alto, de alguma cousa que se assemelha a uma cauda, parecendo indicar um cometa. Na mesma localidade é notavel a fig. 9 da est. 4, de tres pés e meio de altura, a qual dir-se-hia representar a personificação do sol. Justamente a oeste da massa de grés em fórma de torre, está coberta a face da rocha de um grande numero de figuras, que parecem de corpos celestes. Ellas são representadas na est. 5 (3) fig. 1; são de grandes proporções

---

(1) Achei em voga, no Pará, o boato de que algumas dessas figuras tinham sido mutiladas pelo major Coutinho, companheiro de Agassiz no Amazonas. O boato é falso, visto como as figuras não estão mutiladas.

(2) Figuras semelhantes encontram-se em outras partes. Seeman, Memorias da Sociedade Anthropologica de Londres, vol. 2, pag. 279, offerece-nos dous exemplos, um em Veraguas, Nova Granada, outro em Inglaterra.

(3) Aliás 6.
Nota do traductor.

e distinctamente desenhadas. Todo o grupo tem uns seis ou sete pés de extensão. De objectos animados são a forma e a face humana as que frequentemente se vêem delineadas. Todas ellas são muito grosseiras e parecem-se exactamente com as figuras que os meninos gostam de desenhar. Algumas vezes o corpo e os membros são representados por uma só linha, como as fig. 3 e 8 da est. 3.

E' notavel que as figuras humanas não sejam nunca desenhadas de perfil, como costumam fazel-o os indios da America do Norte (Catlin). Só os olhos e a bocca são de ordinario representados, sendo muitas vezes um dos olhos menor que o outro. Quasi sempre não se representa o nariz ou então desenha-se sobre os olhos uma curva em fórma de V, cujo apice, projectando-se mais ou menos entre elles representa o nariz, como na est. 3 fig. 1, est. 4 fig. 12 e 15. (*)

Em alguns objectos de louça antiga, que deverão ser descriptos em futura publicação, observa-se a mesma particularidade na representação da cabeça humana, formando as sobrancelhas e o nariz um risco proeminente em fórma de T. Como a maior parte dos bustos de terra cotta mostra a cabeça achatada de diante para traz, poder-se-hia suppor que os indios que fizeram os desenhos do Ereré e a louça de Marajó tivessem achatado a cabeça, como fazem hoje os Omaguas e Cabeças Chatas, e que dessem ás sobrancelhas uma proeminencia maior do que nos craneos regularmente conformados.

E' interessante a posição rigida e angular dos braços e pernas das figuras; notando-se que os braços estão em angulo recto com o corpo e o ante-braço em angulo igual e quasi sempre para cima. As pernas são muito separadas uma da outra e frequentemente a coxa estende-se direita para fóra do corpo. As figuras de ordinario estão erectas, porém uma, a fig. 2 da est. 7 e que se vê na extremidade occidental da Serra, é representada como se estivesse deitada de lado. Abaixo desta acha-se figurada uma cobra; parecendo tudo commemorar a morte de alguem a quem ella tivesse mordido. Algumas cabeças são raiadas, como a fig. 1 da est. 3. Estas podem talvez representar o sol ou a lua. De-

(*) Aliás 13 e 18.
Nota do traductor.

senhos grosseiros da face humana são feitos nas projecções angulares da rocha, como a fig. 10 da est. 4, onde a extremidade aguda representa o nariz. Outra face é formada pelo traçado de linhas, em roda de duas depressões contiguas circulares, figurando os olhos, e abaixo dellas por uma linha recta, que traça o nariz.

E' interessante observar que as mãos e os pés são sempre representados por linhas que se irradiam; sendo de ordinario desenhados sómente tres dedos para cada mão e cada pé. Tanto quanto tenho observado, o numero de dedos raras vezes chega a quatro e nunca a cinco. A explicação disto está talvez em que muitas tribus do Brasil não podem contar além de tres ou quatro. Dos animaes inferiores são representados diversos, porém de modo tão grosseiro que, na maioria dos casos, é difficil determinar-lhes a especie. O indio que me servia de guia chamava *mucura*, uma sorte de opossum, a grande figura 6 da est. 5 e jacarés aos animaes de quatro pernas e cauda comprida da est. 9. (1) Raramente são representados os passaros. Na est. 9 (2) ha duas figuras, *b* e *d*, que talvez representem esses animaes. Ha diversos desenhos da *guarauá* ou vacca marinha fig. 3 (3) da est. 4, 3 da est. 5, 7 da est. 7. De peixes existem dous pelo menos, as fig. 8 da est. 5 e 4 (4) da est. 6. E' notavel que não appareçam desenhos do cão, do boi ou do cavallo; sendo que eu não tive occasião de ver nenhuma figura de plantas. O Sr. Penna, em um M. S., diz que algumas vezes são representadas arvores juntamente com « canôas, remos, bancos e outros objectos de uso commum », porém nunca vi taes figuras no Ereré, embora possam apparecer em outros lugares.

Nas estampas, annexas a este trabalho, apresento muitos exemplares de desenhos de significação duvidosa. A especie de voluta, fig. 5 e 7 da est. 4, 4 da est. 5, depara-se frequentemente e tambem o desenho da fig. 8 da est. 7, que varia alguma cousa em differentes esboços. A complicada

---

(1) Aliás 8.
(2) Aliás .10
(3) Aliás 14.
(4) E' mais provavel que seja a fig. 3.
Notas do traductor.

figura rectilinea, 2ª da est. 6, é pintada no lado da massa de rocha isolada do cume da Serra e tem cerca de dezeseis pollegadas de altura. (5) As gregas occorrem uma ou duas vezes no Ereré e são muito frequentes na louça de Marajó.

A tinta encarnada, usada nas inscripções, é, segundo creio, annatto, e talvez tambem argilla. Ella é mui toscamente besuntada na superficie grosseira do grés, algumas vezes quando está elle inteiramente secco. Ha desenhos, em que se estendeu a tinta, como si se houvesse banhado ligeiramente a rocha. Julgo que a pintura foi em grande parte executada com os dedos. A rocha conserva ainda manchas nos lugares em que os indios serviam-se das mãos para subirem. A côr amarella foi preparada com a argilla.

Os desenhos do Tocantins e do Ereré estão cuidadosamente copiados. As figuras das estampas passaram directamente dos meus esboços originaes para a madeira. Não tenho a pretenção de exigir para ellas a exactidão photographica; porém estou certo que traduzem fielmente a idéa que os indios tiveram em vista representar. As inscripções originaes são mesmo mais grosseiramente acabadas do que se póde inferir das estampas. No rio Uaupés (Wallace) apparecem figuras exactamente semelhantes ás do Tocantins e do Ereré, as quaes foram cavadas sobre a dura rocha granitica (gneissic?)

Na estampa 9 apresento reducções exactas das copias das figuras da Serra da Escama, que o Sr. Penna teve a bondade de passar ás minhas mãos. Diz uma nota, que acompanha os esboços, que os desenhos foram achados em sete pedras do cume da Serra da Escama, a cerca de 400 braças distante da cidade de Obidos. A maior parte dessas figuras me é completamente inintelligivel. Uma dellas, a fig. 2, parece representar o sol e outra a lua ou o sol.

Reza a tradição que Bento Maciel, primeiro donatario da antiga capitania do Cabo do Norte, plantou marcos fixando as fronteiras entre a sua capitania e a Guyana Franceza: porem esses marcos, quando depois surgiu a questão de limites, não puderam ser encontrados. Em 1727 o capitão João Paes do Amaral, que estava a serviço no norte, referiu tel-os descoberto no rio Oyapock. Tão importante

(5) Na estampa o lado *direito* é a parte *inferior* desta figura.

foi essa noticia que o Governador do Pará immediatamente mandou o alferes Palheta com um destacamento para apresentar um relatorio sobre a descoberta. Essa expedição foi mal succedida e em 1728 enviou-se outra, sob o commando do capitão Pinto da Gaya. Este capitão descobriu os suppostos marcos no cimo de um outeiro, chamado Mont d'Argent, e ficou desapontado de nada mais achar alem de desenhos de indios. Elle os copiou cuidadosamente com tinta e submetteu-os ao conhecimento do governo, acompanhando-os do seu relatorio. O Sr. Penna fez o obsequio de entregar-me os papeis originaes e os esboços. De uma das series de desenhos eu fiz, por meio da photographia, uma reducção exacta na est. 10. As figs. 2, 3 e 4 da mesma estampa são de outra serie de esboços, annexos ao relatorio acima. Essas figuras em muitos pontos parecem-se com os desenhos executados pelos indios do Brasil ; porem a espiral quadrada recorda alguns ornamentos mexicanos.

E' indubitavel a antiguidade das pinturas e esculpturas existentes nas rochas da parte oriental da America do Sul e ellas são mencionadas por muitos dos antigos escriptores, bem como por Humbold e outros em epochas mais recentes. Conhece-se perfeitamente que os desenhos do Ereré e os de Obidos, que tentamos descrever, existem ha mais de duzentos annos. Não póde haver duvida de que elles são anteriores á civilisação do Amazonas e, com toda a probabilidade, alguns, pelo menos, foram feitos anteriormente á descoberta da America. (*) Tenho como mais provavel que as pinturas e esculpturas em rochas foram executadas por tribus que habitaram o Amazonas antes da invasão dos Tupis. Supponho que as esculpturas são mais antigas que as pinturas. Creio que esta é tambem a opinião do Sr. Penna. Para mim as figuras do Ereré têm uma profunda significação. Um povo, que se deu ao arduo trabalho de desenhar figuras do sol e da lua sobre os penhascos dos cumes das montanhas, deve ter ligado grande importancia a esses objectos naturaes e julgo que taes figuras exprimem uma

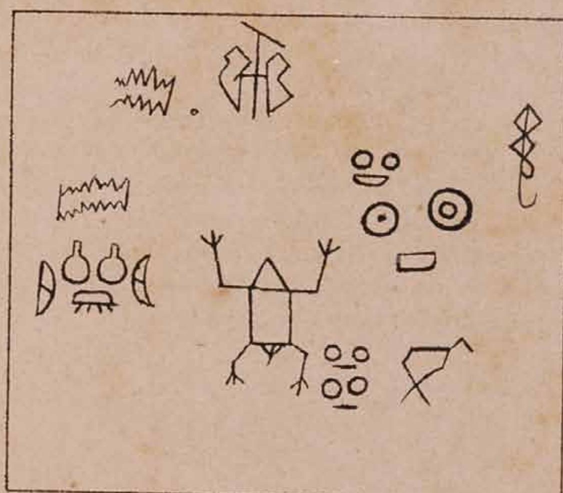
---

(*) No Ereré encontra-se o symbolo I. H. S., meio obliterado, e a data 1764, (est. 4) que evidentemente foram feitos pelos Jesuitas. Essas ultimas inscripções são muito recentes e pintadas de um encarnado mais claro sobre a superficie ennegrecida pelo lichen, ou esbranquiçada, de modo a escurecerem as inscripções mais antigas.

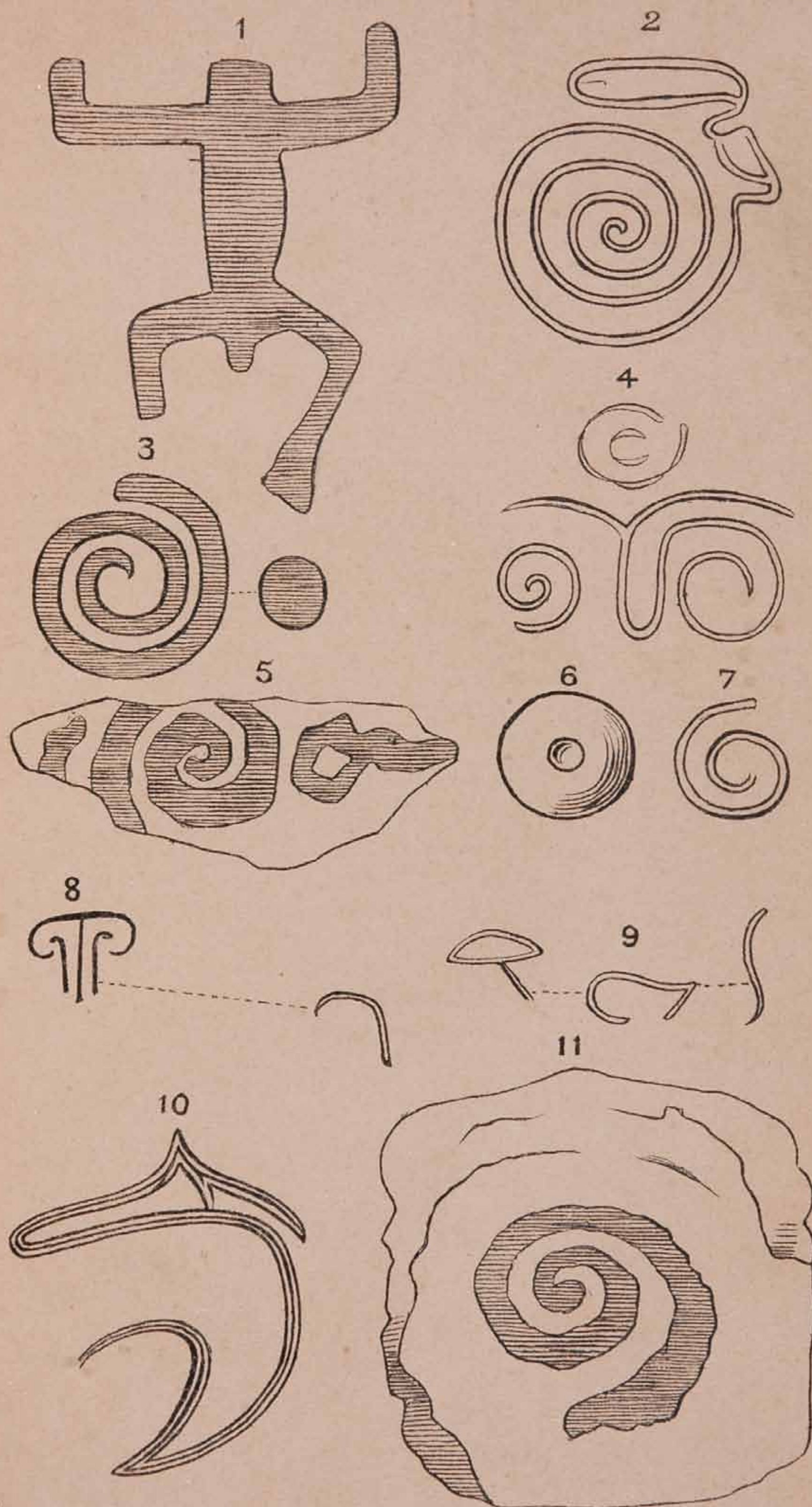
adoração do sol pelas tribus que as executaram. A agglomeração das inscripções em lugares proeminentes e especialmente sobre e na visinhança da rocha do Ereré, que se assemelha a uma torre, parece-me indicar que esses lugares tinham um quer que fosse de caracter sagrado, e que eram muito frequentados. Varias figuras dir-se-hia caprichosamente feitas por visitantes, como, por exemplo, as faces humanas desenhadas sobre as projecções angulares da rocha. Algumas das formas animaes podem ter tido um caracter sagrado.

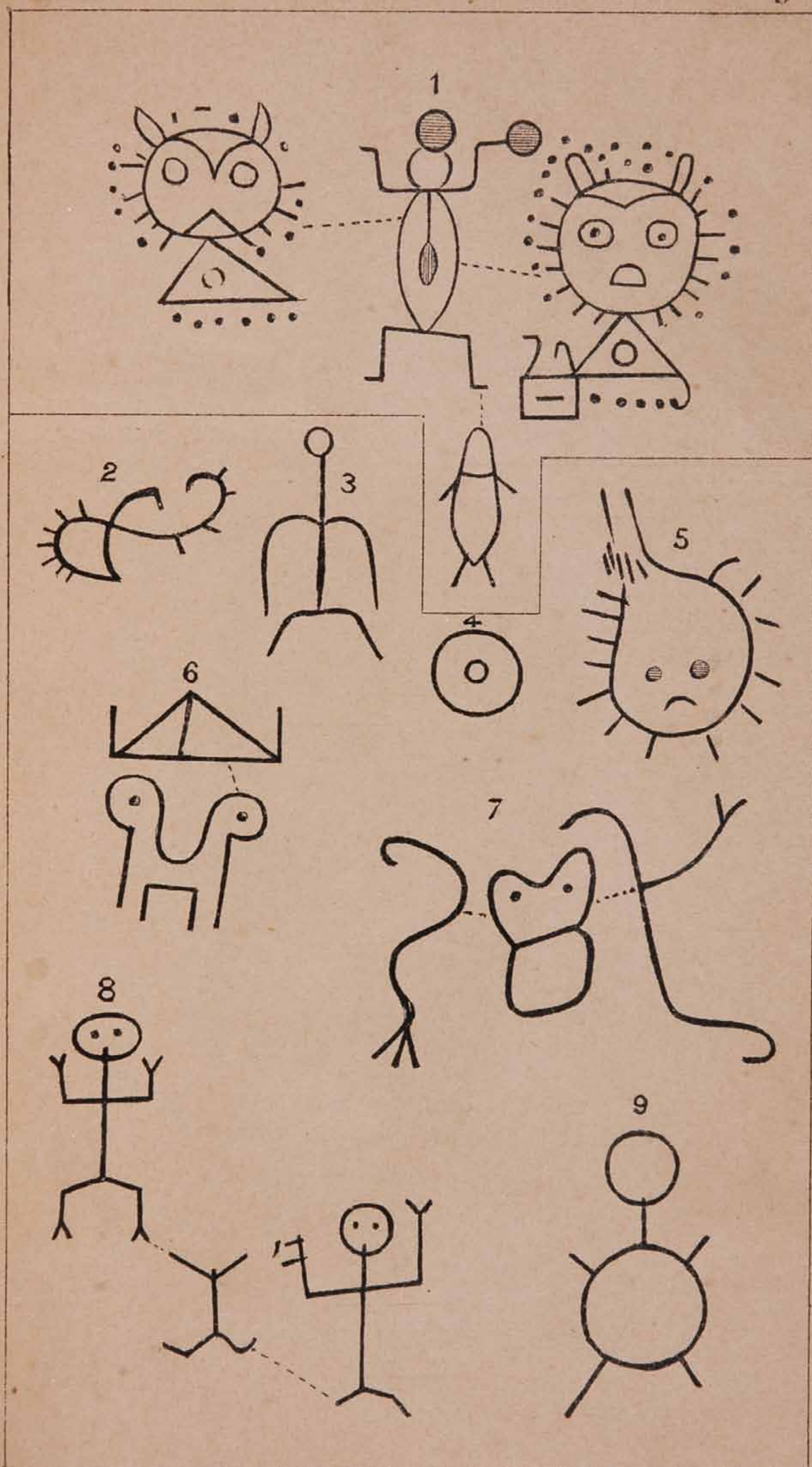
Entre os actuaes indios não civilisados do Pará não conheço nenhum vestigio de adoração do sol, nem elles executam, nos rochedos, pinturas ou inscripções. A maior parte dos indios brasileiros, como os Tupis, os Botocudos etc. parecem não haver tido idéa alguma de um Deus, nem qualquer forma de culto. Não possuimos nenhuma relação historica da adoração do sol entre os antigos indios do Amazonas. Nos cemiterios de Marajó encontram-se pequenas figuras de argilla, que parecem idolos. E' mais que provavel que as tribus, que antigamente habitavam o Amazonas, fossem mais adiantadas em idéas religiosas do que os indios do Brasil, de que a historia nos dá noticia.

———

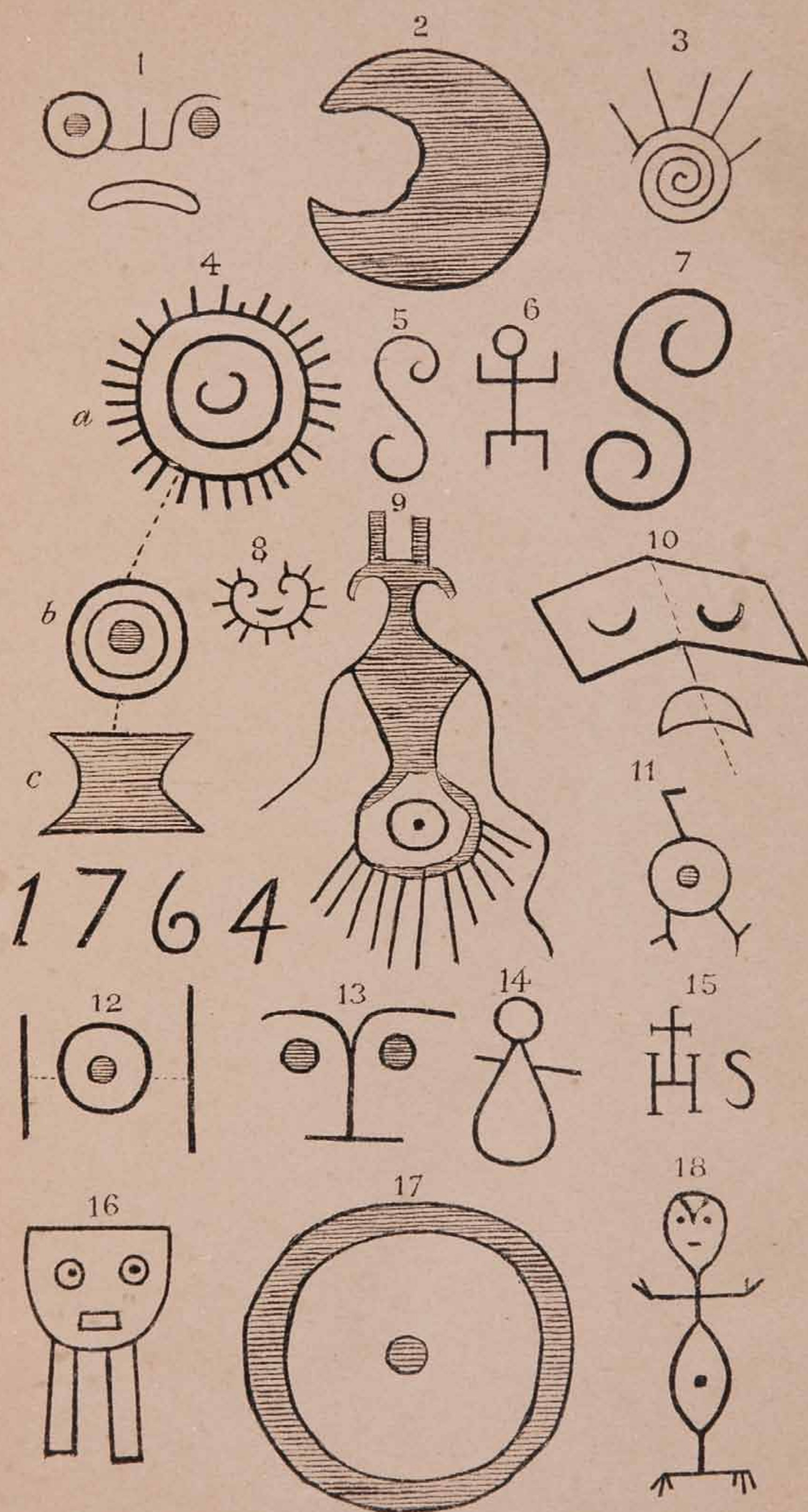


Grupo de pinturas em rochedos
no Ereré.

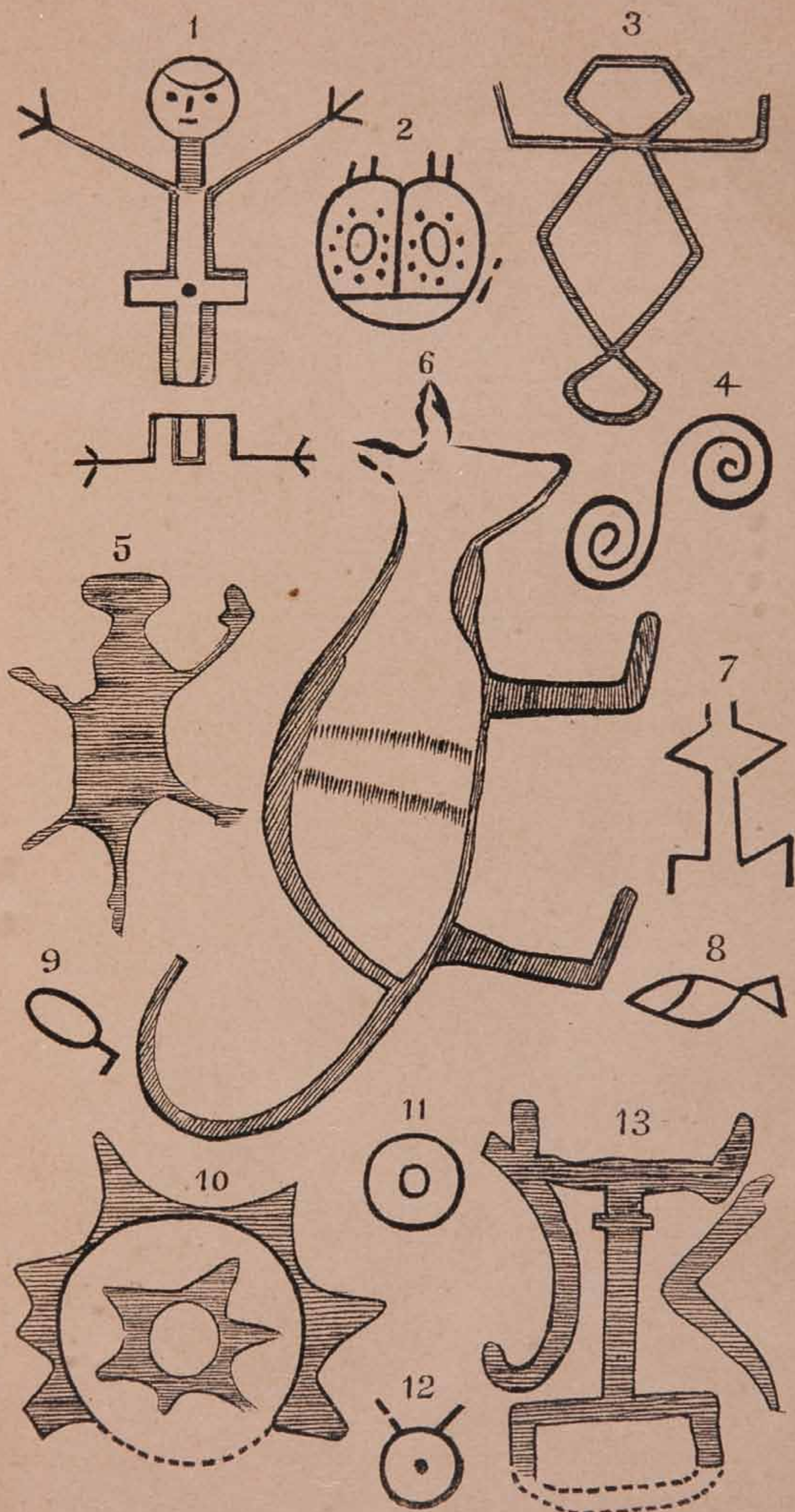

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11



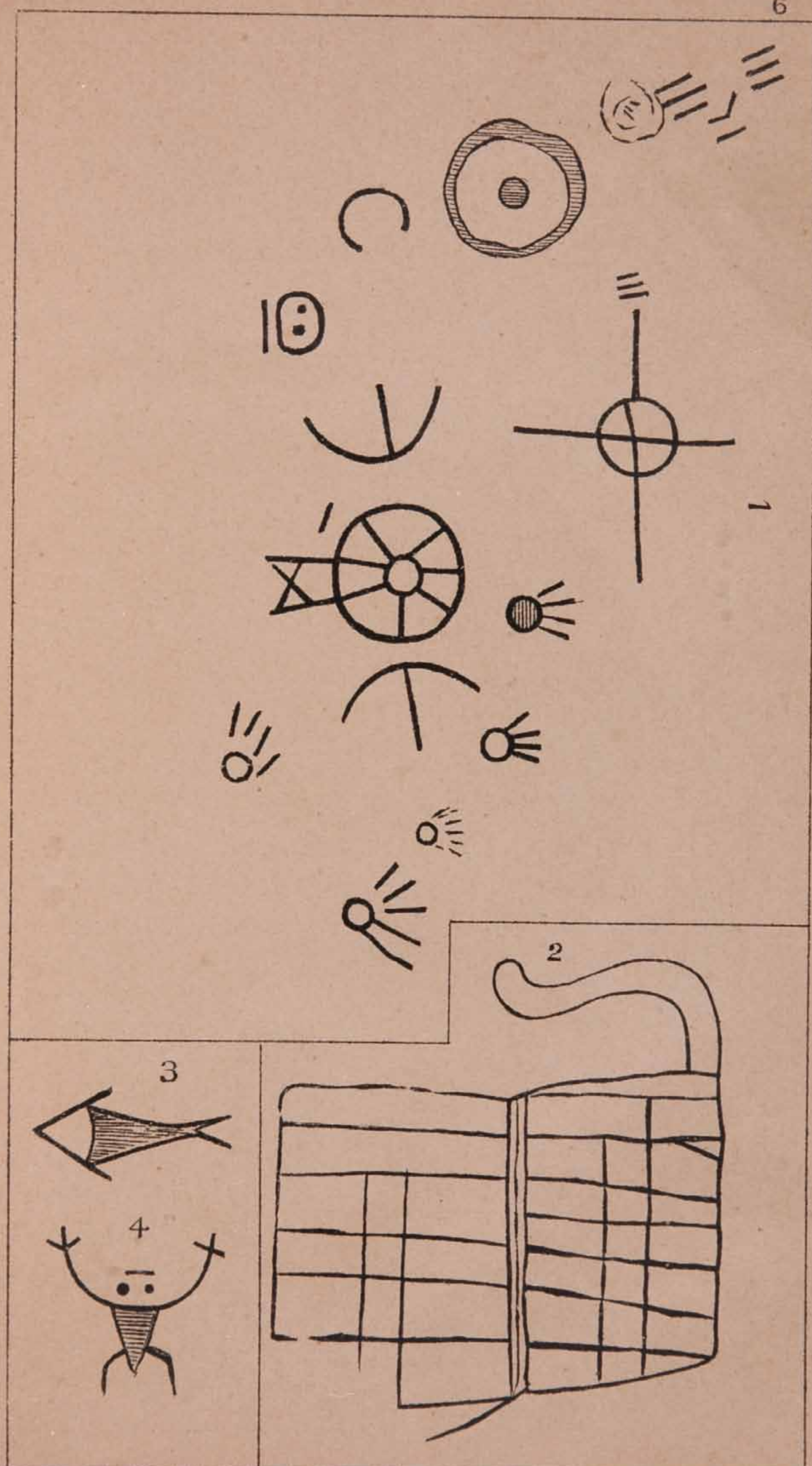
PINTURAS EM ROCHEDOS NO SEPRÉ

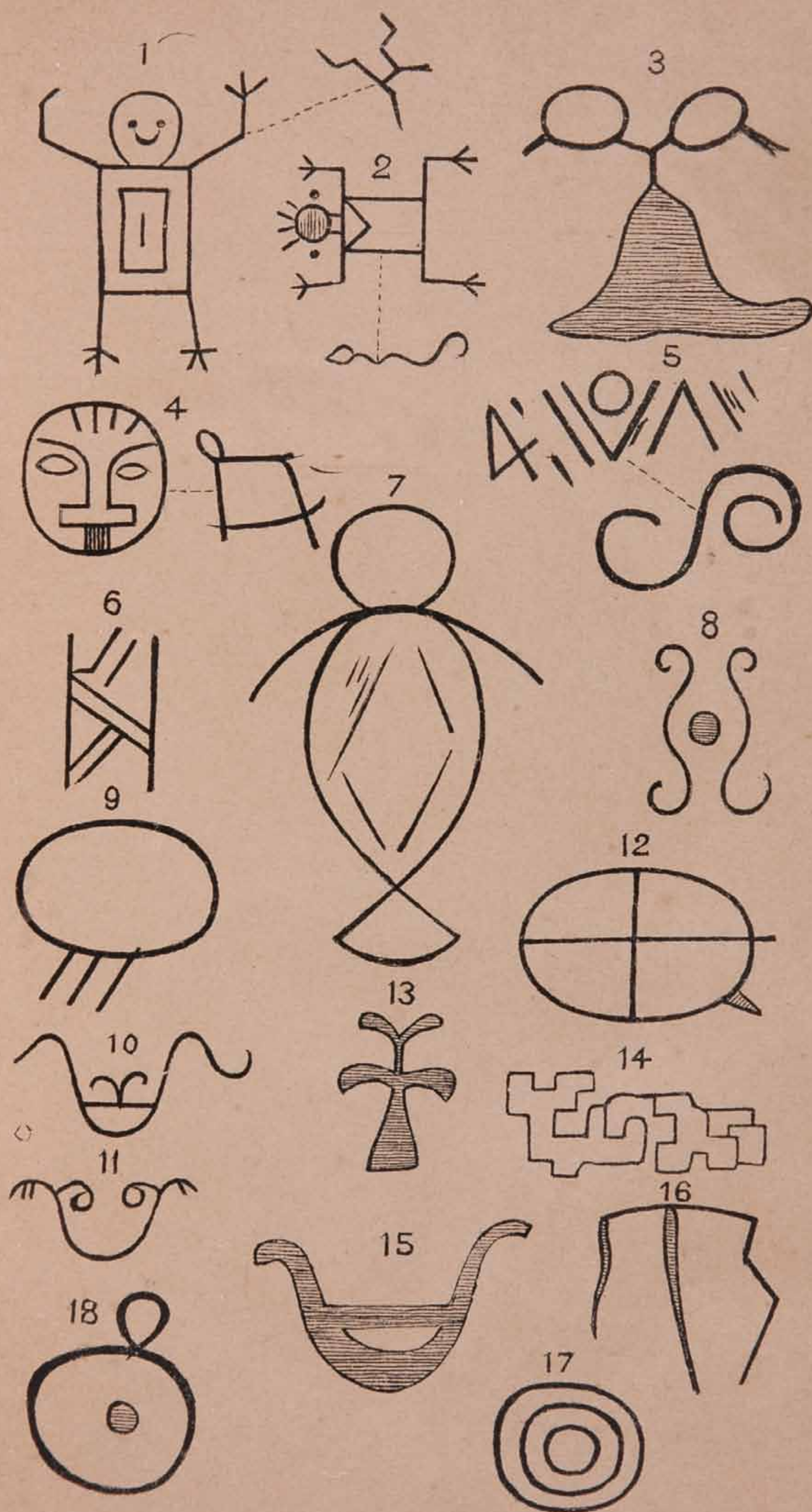


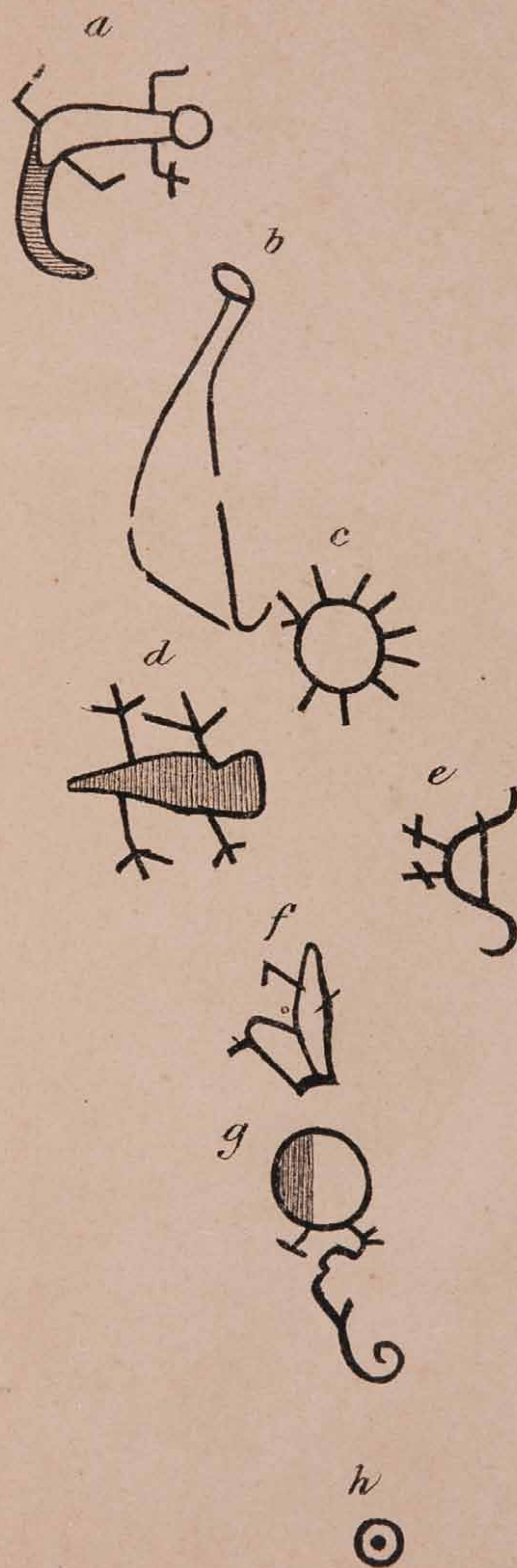
PINTURAS EM ROCHEDOS NO ERERÊ



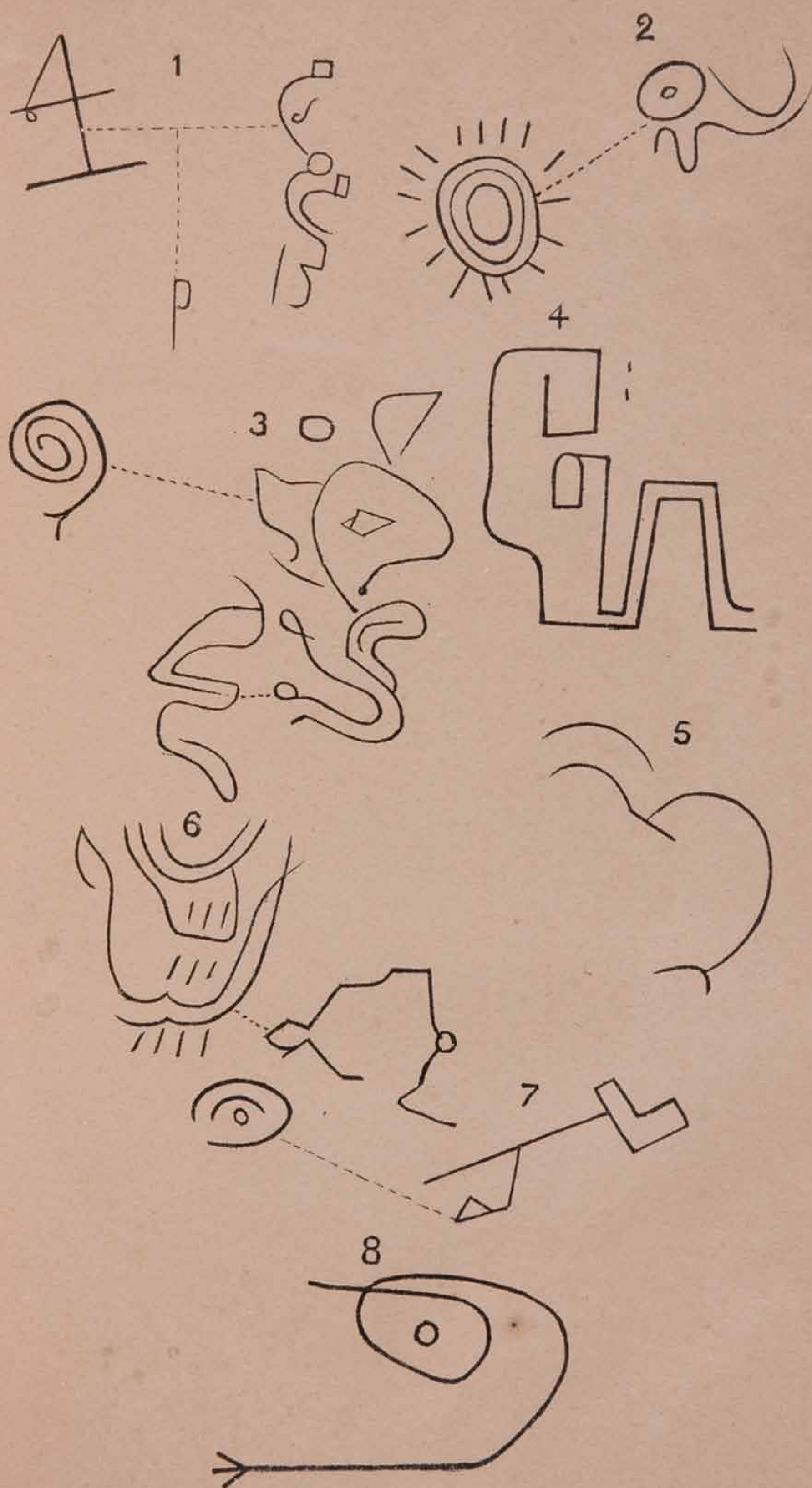
PINTURAS EM ROCHEDOS NO [illegible]


1
2
3
4

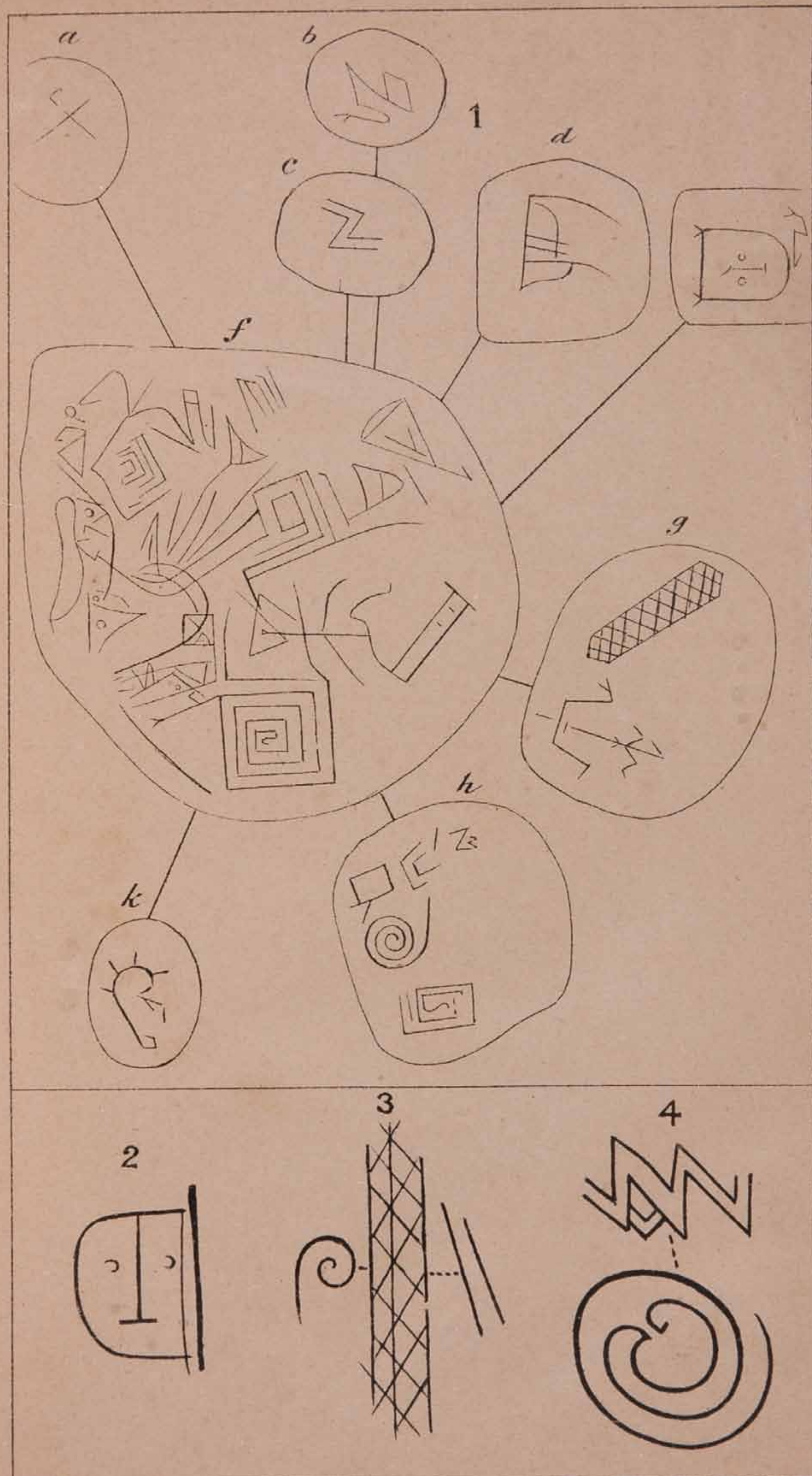

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18



PINTURAS EM ROCHEDOS NO ERERÉ



INSCRIPCÕES EM ROCHEDOS. SERRA DA ESCAMA, OBIDOS



INSCRIPCÕES EM ROCHEDOS. MONT D'ARGENT, RIO OYAPOCK.

A FIGURA DE PEDRA

DA

CASA N. 64 DA ANTIGA RUA DA CRUZ

E A

LENDA POPULAR (*)

Foi sempre tradição antiga e legendaria neste Estado, que uma figura de pedra, que ainda se conserva collocada em uma especie de nicho, na frente da casa n. 64 da antiga rua da Cruz, representava o emblema da antiga capitania de Pernambuco.

Levado por essa crença popular o nosso illustrado co-estadano, Antonio Pedro de Figueiredo, de saudosa memoria, não duvidou, quando no anno de 1857 escreveu uma serie de artigos no *Diario de Pernambuco*, em forma de folhetins denominados —*Carteira*,— afiançar, que essa figura, que ainda ali se vê collocada nessa especie de nicho, indicava ter sido essa casa a primeira que nesse bairro se havia edificado, e a figura representava o emblema da antiga capitania de Pernambuco, ainda que teve a cautela de dizer que essa tradição popular não se fundava em prova alguma historica.

Voltando sobre o mesmo assumpto no *Diario* de 12 de outubro daquelle anno de 1857, disse que essa figura tinha na parte superior uma inscripção quasi apagada pelos portuguezes depois da restauração do dominio hollandez; porquanto, na planta desta cidade, que vem na obra de Barleus, se vê representando esta capitania um vulto de mulher, tendo na mão direita uma canna de assucar, e na esquerda um espelho, symbolo que á cidade Mauricia dera o seu fundador, o conde Mauricio de Nassau, e que, não querendo os restauradores conservar aquelle signal do dominio hollandez, a transfiguraram dando-lhe as feições varonis, que hoje representam.

(*) Memoria lida na sessão de 30 de maio de 1895.

Esta noticia deu logar a que o finado doutor Joaquim de Aquino Fonseca viesse pela imprensa contestando que essa figura do mappa de Barleus tivesse na mão esquerda um espelho, quando é uma f ice o que ella tem nessa mão!

Isto deu causa a que o illustrado autor da *Carteira*, querendo pôr termo a contenda, e tirar a limpo a verdade, se resolvesse a subir por uma escada até chegar á figura, e ahi copiar fiel e litteralmente a inscripção que alli existe na parte superior da mesma figura, em hollandez antigo, e levando a effeito o seu intento, se dirigiu com a copia da inscripção ao senhor *Brander a Brandis*, que a esse tempo exercia aqui o cargo de vice consul da Hollanda, o qual teve a bondade de a traduzir; dando elle publicidade na referida *Carteira*, tanto da inscripção como da sua traducção, que é a seguinte: « *Jacob Bin id genaent* — Jacob é o meu nome. »

Ficou desde então liquido, que essa figura não representa o emblema da antiga capitania de Pernambuco, como até então era crença geral, e sim que ella exprimia simplesmente uma entidade de nome Jacob, de cuja explicação adiante tratarei.

Não ha por conseguinte razão, para o nosso illustrado consocio o doutor Francisco Augusto Pereira da Costa, vir ainda hoje affirmar no seu trabalho, que corre impresso no n. 45 da nossa revista — *A Inquisição. Sua influencia em Pernambuco* — que essa figura de pedra representa a estatua de São Tiago! E tanto mais admiro, por que sou o primeiro a reconhecer o seu merito na perseverança e paciencia com que procura fazer escavações nos nossos archivos, que tanta luz nos tem trazido para o descobrimento da verdade historica de nossa patria.

Tambem não é exacto, que essa casa n. 64 tivesse servido de synagoga aos judeus, como ainda affiança o nosso illustrado consocio no seu trabalho, e muito menos que fosse essa casa a doada pelo general Barreto de Menezes a João Fernandes Vieira.

A casa que serviu de synagoga aos judeus, e que foi doada a João Fernandes Vieira, não é essa, e sim aquella que hoje tem o n. 26, situada na mesma rua, a qual se acha reedificada, em consequencia de ter sido a primitiva devorada por um incendio. Nella funcciona actualmente o Banco de Credito Real de Pernambuco.

A noticia desta casa e da doação que o general Barreto

de Menezes fez a João Fernandes Vieira, consta do inventario dos predios que os hollandezes edificaram nesta cidade, durante o seu dominio neste Estado; inventario que corre impresso por autorisação do poder legislativo provincial, no qual, a pag. 6, se vê a declaração de que foi essa casa a que serviu de synagoga aos judeus: contendo a seguinte verba: — « Estas casas acima se entregaram ao governador *João Fernandes Vieira* por uma provisão passada pelo mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes, em nome de sua magestade, como consta deste livro a fl. 216, e posse que lhe deu o tabellião Sebastião Torres, das ditas casas em 28 dias do mez de maio de 657, de que puz esta verba em 21 de fevereiro de 659.—*Luiz de Siqueira.* »

Não póde haver nada mais claro e positivo.

A casa n. 64 dessa rua e que tem a figura de pedra, tambem se acha escripta e relacionada nesse inventario a pag. 11, e consta do seu lançamento « que foram fabricadas de novo por um flamengo, de nome *Baire* » e nella se aquartelou João Fernandes Vieira; bem como a declaração seguinte: « Estas casas conteudas neste termo se entregaram por ordem do provedor da fazenda o doutor Simão Alves de Lapenha a João de Oliveira, por justificar serem suas, com condição de que pagaria o valor das bemfeitorias, que nellas se acharam obradas pelo flamengo; e outro sim os alugueis dellas, em caso que sua magestade não houvesse por boa esta entrega; a qual se fez ao dito João de Oliveira em ... dezembro de 659, em virtude da sentença, que o dito provedor deu sobre o caso, e que está neste cartorio, a que me reporto.—*Silveira.* »

Já se vê pois que esta casa foi entregue a João de Oliveira, em virtude de uma sentença, e não a João Fernandes Vieira, como affirma o illustre consocio.

Com relação a entidade que representa essa figura que alli ainda se conserva: existem no archivo deste *Instituto* uns autos findos de libello civel, nos quaes figura como autor o mencionado João de Oliveira Espinosa (como alli se vê) e ré D. Maria Cezar, viuva de João Fernandes Vieira, provando o autor Espinosa ter sido a mencionada casa edificada pelo hollandez Jacob Baire (nome que se acha no rosto dos autos) em um terreno que pertencia a seu pae, de quem era successor, conforme havia justificado na provedoria da fazenda, a quem indemnisára as bemfeitorias feitas pelo flamengo em dita casa; em virtude do que obtivera sentença,

conforme consta do respectivo processo ; e sendo occupada pelo governador João Fernandes Vieira, no dia da restauração, nella se havia conservado, durante a sua vida, recusando-se a entregal-a a pretexto de que lhe fôra doada pelo referido flamengo.

A ré D. Maria Cezar defendeu-se allegando essa doação feita a seu finado marido, desde o dia da restauração em que a occupou, por não ter aquella que serviu de synagoga as acommodações de que precisava o seu marido para nella se estabelecer ; sendo que o seu finado marido havia reconstruido de novo a dita casa, por ser a que então existia de construcção fragil, etc.

Tendo afinal o autor Espinosa obtido sentença a seu favor, D Maria Cezar abriu mão da posse e dominio que tinha em dita casa, conforme consta dos referidos autos, por mim vistos e examinados, nos quaes encontrei noticias importantes do que era então o bairro do *Recife*, bem como outras noticias de valor historico.

Quanto a entidade que representa essa figura de pedra, que se denomina—*Jacob*—; é bem natural que, si ella não representa o antigo pastor e grande patriarcha de que nos falla a sagrada escriptura, sem duvida representa a individualidade desse hollandez *Jacob Baire*, que edificou a mencionada casa de que nos temos occupado.

O illustre consocio deixou se levar pelo que escreveu Varnhagen no seu livro *Historia das luctas com os hollandezes no Brasil* a pag. 99, onde, tratando de uma força de 800 homens, commandada por um dos membros do conselho, *Jacob Stachower*, que bateu em São Lourenço da Matta ao bravo Francisco Rabello, diz em uma nota o seguinte : « Morava *Stachower* no Recife em umas casas da rua da Cruz n. 62 e 64 detraz do Corpo Santo, casas que depois passaram a João Fernandes Vieira.

« Ainda na fachada se vê um busto de *Santiago*, por baixo do qual se lê (em hollandez) chamo-me—*São Tiago* (Jacob bin ick genaent), a imagem alludia sem duvida ao dono primitivo da casa por nome Jacob. »

São estas as suas textuaes palavras.

Foi sem duvida guiado por esta falsa noticia que o illustre consocio, apezar de pesquisador, se deixou levar de boa fé pela affirmativa de um cego pertinaz que o levou ao abysmo do erro.

Como se vê e tenho provado, não ha em toda essa no-

ticia uma só verdade, e como esta, outras muitas que se encontram em seus escriptos.

A rua que teve o nome da *Cruz* e hoje do *Bom Jesus*, chamava-se no dominio hollandez rua dos *Judeus*, e a casa a que se refere o illustre escriptor, bem como as demais dessa rua, não tinha numeração alguma, e não eram duas e sim sómente uma, que tem actualmente a numeração de 24; (nella funcciona hoje o Banco Popular), segundo se vê do inventario a que me tenho referido; nunca foi habitada, e muito menos edificada por *Jacob Stachower*, e sim pelo flamengo *Jacob Baire*, que nella morou; tambem não foi a doada a João Fernandes Vieira, conforme fica provado com o mesmo inventario; a inscripção que existe nessa figura não está collocada por baixo della, como affirma, e sim na parte superior; como é visto a olhos nús por todos quantos alli passam ainda hoje.

E foi assim que este senhor escreveu a *Historia das lutas com os hollandezes no Brasil!*

Não tem por tanto razão, e menos desculpa o illustre consocio em se deixar levar cegamente pelo que escreveu Varnhagen, de cujos erros tem sido aqui convencido em respostas que lhe deram os illustres consocios doutor Aprigio Guimarães, de saudosa memoria, e desembargador Luna Freire; respostas que correm impressas em nossas revistas; e principalmente por não ser esta a primeira vez em que o illustre consocio naufraga por ter seguido cegamente o que escreveu esse escriptor, que o fez emporcalhar uma das paginas do seu *Diccionario Biographico*, estampando nella uma injuria, e propositalmente calumniando a memoria do preclaro patriota e eminente *madeirense* a quem Pernambuco deve a sua restauração do dominio hollandez, e com ella o Brasil inteiro, por ter sido elle e o sangue pernambucano os que firmaram e mantiveram a integridade deste vasto e rico territorio que hoje se denomina *Estados Unidos do Brasil*: assumpto de que opportunamente me occuparei.

Todavia não serei eu que me atreva a pôr em duvida o grande merecimento do illustre escriptor, que tão bons serviços prestou ás lettras patrias na colheita que fez nos archivos que consultou em suas viagens a Europa, na importante messe de documentos com que veiu enriquecer o estudo da nossa historia patria; mas é força confessar que como escriptor, nem sempre se guiou pela verdade historica, e

sim pelo seu capricho, como por mais de uma vez tem sido aqui convencido.

Não devo concluir sem pedir venia ao illustre consocio, esperando da sua bondade a desculpa da presente rectificação a essa parte de seu importante trabalho, attendendo que a fui levado pelo zelo que devemos ter pelo credito das nossas revistas, que são sempre lidas e apreciadas, como a expressão da verdade historica; e sendo assim não é rasoavel, que corra como verdade aquillo que é um erro. E' para nos auxiliarmos que aqui nos achamos reunidos e congregados, afim de que se acerte sempre com a verdade.

Si o trabalho do illustre consocio tivesse sido publicado em algum dos jornaes desta cidade, sem o cunho proprio do Instituto; por certo que eu me não daria ao trabalho de o rectificar, como tenho feito com outros que se tem publicado.

Não me tenho em conta de mestre e nem aspirações a sel-o, pela edade avançada em que me acho; sou apenas um dilettanti das glorias de minha patria; e por isto não estou disposto a perder o pouco tempo que me resta da minha vida laboriosa, para sustentar polemicas pela imprensa, com prejuiso de tempo e da minha bolsa.

Communico ao Instituto que já obtive permissão da proprietaria do predio para que seja restaurada a inscripção em hollandez, que alli existe, quasi extincta, pelas differentes borraduras por que tem passado, a fim de que de uma vez para sempre se desvaneça a crença popular.

Recife, 30 de maio de 1895.

José Domingues Codeceira.

INDICE DO N. 47

ERRATA

PAG.	LINHAS	ERROS	EMENDAS
211	6	1824	1821
213	31	dia seguinte	no dia 26 de setembro
»	36	de outubro	de setembro
»	47	24	23
221	4	com	como
228	16	2	3
»	«	1824	1823
243	34	viagem	viajar
270	27	1822	1812

Na paginação deu-se o seguinte erro:
Na folha setima repetiu-se a numeração de 241 a 246.

Typ. do « Jornal do Recife. »